



HISTORIA

de

Antº Pereira de

Carvalh:

y

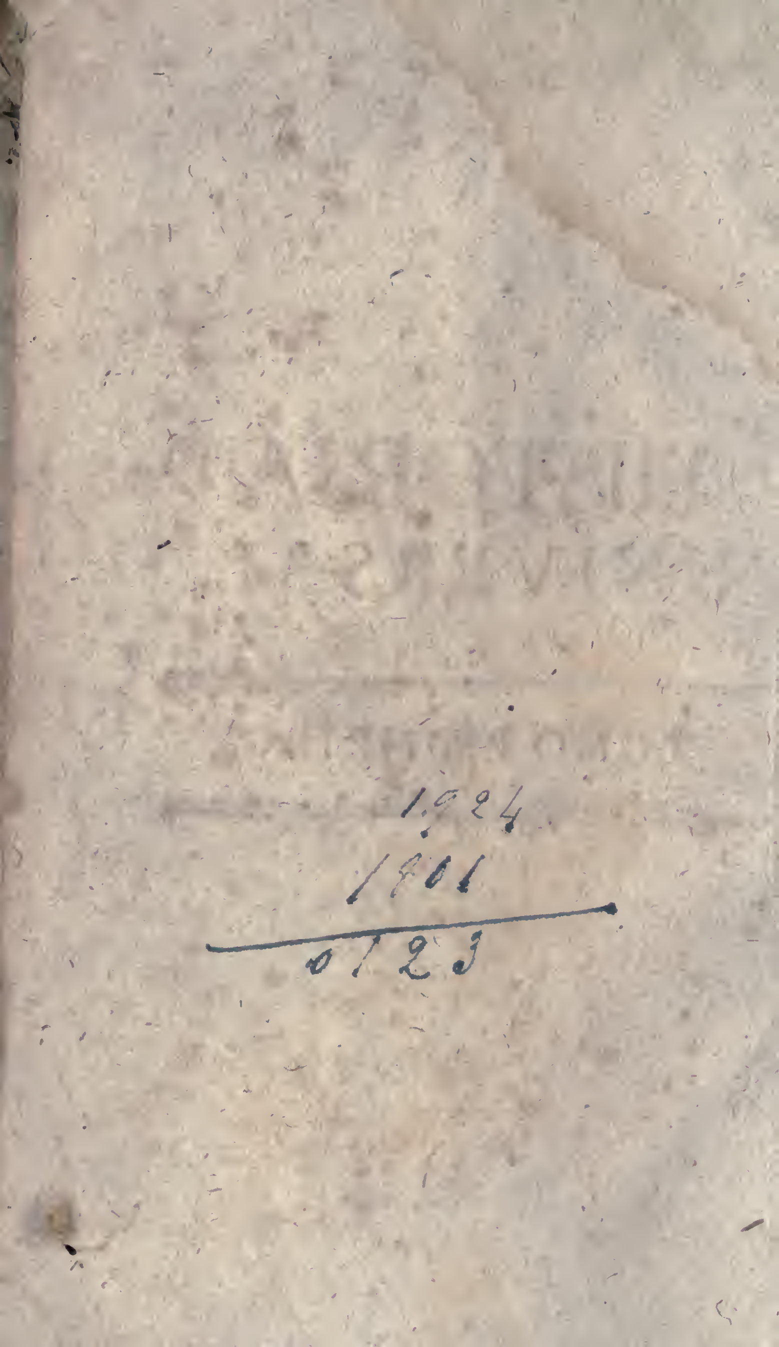
[illegible]



HISTORIA UNIVERSAL.

TOMO PRIMEIRO.

Comprei esta obra por
[illegible], no Seminario de
Coimbra a 28 de Janeiro
de 1878. Antonio [illegible]
[illegible]


1924
1801
0123

HISTORIA UNIVERSAL.

PRIMEIRA PARTE.
HISTORIA ANTIGA.

ESCRITA EM FRANCEZ

PELO ABBADE MILLOT;

E TRADUZIDA EM VULGAR

POR J. J. B.

Professor de Lingua Franceza no Real Collegio de Alcobaça.

Segunda Ediçaõ, correcta, e emendada.

TOMO PRIMEIRO.

LISBOA,

NA TYPOGRAFIA ROLLANDIANA.

1801.

Com Licença da Meza do Desembargo do Paço.

Historia Testis temporum; Lux veritatis; Vita memoriæ; Magistra vitæ; Nuncia vetustatis.

Cicero.

PREFAÇAÕ
DO
EDITOR.

SE deve ser contado no numero de hum verdadeiro, e util Patriota aquelle Cidadaõ, que de dia, e de noite naõ concebe pensamento, naõ executa acçaõ, naõ traça systema, naõ urde maquinas que naõ seja para polir, aformosear, aperfeiçoar, e desabusar a sua Naçaõ; em que classe se alistará aquelle, que naõ sendo Patriota, se afouta ainda com propria, e particular despeza a adestrar todos os soccorros necessarios para que o Paiz onde habita, avulte em sciencia entre os demais Paizes? Todo aquelle que generosamente se esmera em utilizar aos outros homens, he digno de immortal louvor.

Entranhado no bem, no interesse dos seus socios naõ poupa fadigas,

naõ

naõ despreza trabalhos, naõ recea despezas, e bizarramente se arremeça ás mais perigosas, e arriscadas emprezas, só com o maravilhoso fim de arredar dos seus iguaes a ignorancia, apagar, e suffocar o abuso. Afadiga-se desvelado em estancar todas as alluviões de contrariedades, com que os Partidistas da ignorancia descaradamente intentaõ empecer os bons talentos, e juizos dos homens. Derrama ás maõs cheias doutrinas seguras, e sólidas. A Patria, os Cidadãos della saõ a sua abastecida casa, os seus carinhosos filhos; para ella só olha, nella só cuida, della se enamora. Galharda, e porfiadamente lhe sacrifica os talentos, os estudos, os trabalhos, as riquezas, e a mesma propria vida. A tanto monta o amor da Patria, e o conhecimento de quanto devemos ser uteis aos nossos iguaes!

Esporeado daquelle constante, e inalteravel preceito natural, que todo o homem deve ser util, e provei-

toso

toso aos outros homens, desenterra carcomidas, e mirradas Historias, do que apenas tinhaõ huma incerta noticia; desenvolve do intrincado montaõ da Antiguidade costumes santos, e nativos do Paiz que se adoravaõ só pela lembrança. Tece novas composições, em que desperta briosos ciumes, para que apressurada, e desempeçadamente se engolfem em bons, e depurados Estudos, pulaõ, e adelgacem o seu entendimento, criem em seu coraçaõ espiritos mui levantados, e merecidamente grangeem o honroso nome de homens desabusados. Naõ ha vicio que deslustre, e menoscabe mais a qualquer, do que a manhosa ambiçaõ. Esta ou se considere aferrolhando em chapeados cófres amoedado ouro, com o qual se deve soccorrer a miseraveis, gastado em acções uteis, e honestas; ou occultando aos outros aquellas Doutrinas, e Sciencias que põem tanta differença entre os que as professaõ, e as ignoraõ,

quan-

quanto se dá do homem ao animal.

Hum homem apossado de bens, ou abalizado em litteratura, de que serve, se elle naõ aligeira todo o modo de ser util aos outros; he bem como a Estatua esculpida com todas as regras da Arte, semelhante ao natural, em que se divisa hum ar nobre, magestoso, e engraçado; porem só nos contenta a vista, de nada nos serve. Todo o homem que naõ ama a sua Patria, que naõ estima os seus iguaes, he monstro, he traidor. A Patria, que naõ agasalha terna e carinhosamente a seus Cidadãos, he ingrata, e nunca elles lhe poderáõ ser uteis já nas Armas, já nas Letras, já no Commercio, já na Agricultura, santos, solidos, e incontrastaveis alicerces dos bem regulados Estados; sem os quaes arruinar-se-hia todo o edificio que se quizesse erigir. Deve pois haver huma reciproca correspondencia entre a Cidade, e os Cidadãos de maneira que a nada mais olhem, senaõ

pa-

para o que faça ao Paiz, e ſeus habitadores conhecidos, respeitados, e temidos dos mais Póvos; se naõ descubra a sua necessidade, nem a sua ignorancia. Que bem aventurado naõ sería aquelle Eſtado, em que eſtas verdadeiras maximas fossem pontualmente executadas! De que paz, de que quietaçaõ naõ gozaria!

Mas que mal pensaõ huns poucos de animos apoucados, e encanecidos em huma sofrega mesquinharia de espirito, que desasisadamente apostaõ a empuxar os outros para a frouxidaõ, e para a ignorancia; tapando-lhes todas as veredas por onde podiaõ desassombrada e denodadamente conseguir grandes, e úteis conhecimentos.

Que louvores se naõ devem cantar á invençaõ da Typografia, esta proveitosa Arte de traspassar de seculos a seculos as antigas memorias, os costumes dos Póvos, os seus usos, e abusos, a sua Religiaõ, e o

co-

conhecimento do Commercio? se naõ fosse esta incomparavel Arte certamente estariamos hoje como aquellas Nações, onde desembuçadamente reina a ignorancia; onde os homens vivem aferrados aos seus caprichos, e paixaõ propria: onde finalmente se afamaõ mais, quando em demasia usaõ de maiores desatinos, e crueldades; e os seus sequazes desgabaõ tudo o que naõ he derramar sangue, e assolar Cidades; esmeraõ-se por serem esfaimados, e carniceiros lobos dos miseraveis humanos, e naõ será maior afflicçaõ, e lastima estarem abertas as portas das Sciencias, e naõ havér quem por ellas conduza aos que dellas se quizerem aproveitar? A Natureza naõ he avara em criar grandes talentos, falta as vezes sim quem os entenda; e por esta causa se desconhecem grandes Scipiões, e se perdem uteis Patricios. Apreciaõ muitas vezes os homens talentos rasteiros sendo aduladores, e homens atilados, e de abaliza-

lizada litteratura ſoterraõ-ſe, deſampáraõ a patria; finalmente rotos, e famintos acabaõ os ſeus triſtes dias mendigando de porta em porta o eſcaſſo, mas neceſſario ſuſtento com baſtante descredito das Letras, e vergonha da Humanidade.

Cahindo-me pois nas mãos *a Historia Universal* que o Abbade *Millot* compôz com tanto credito ſeu, e honra das letras para o uso dos Estados do Sereniſſimo Duque de Parma; e ſabendo a geral acceitaçaõ, que tem tido em todo o Mundo inſtruido, naõ quiz, animado da particular affeiçaõ, que tenho a Naçaõ Portugueza, e do deſejo que ſempre tive que eſta florentiſſima, ſábia, e religiosa Naçaõ, onde tiveraõ o berço os mais illuſtres Eſcritores, os Juriſconſultos mais conſummados, famoſos Poetas, bons Oradores, que naõ ſó atroáraõ Portugal, porém ainda as Univerſidades mais cultas da Europa, onde pública, e honroſamente enſináraõ, caminhaſſe com agigantados, e apreſ-

ſados

ſados paſſos para a gloria, naõ quiz, pois, perder a occaſiaõ de lhe publicar huma Traducçaõ deſta meſma Hiſtoria, conhecendo a falta de a naõ haver na sua Lingua, e ſer maior o numero dos que naõ ſabem Francez?

Que homem de razoado juizo haverá que ſoffra, que haja alguem que diga que o ſaber Hiſtoria, e Hiſtoria Univerſal he inutil? Já houve lingua navalhada, e inficionado que naõ ſó o diſſe, porém atreveo-ſe a eſcrevello. Quando conſidero que hajaõ homens taõ damnados, que intentaõ porſiadamente offuſcar o entendimento dos outros homens, traçando-lhes fantasmas com que ou timoratos de conſciencia, ou receoſos de perderem o tempo, ſe amedrentaõ, ſe aſſuſtaõ, e largaõ taõ util eſtudo, arripiaõ-ſe-me os cabellos na cabeça, horrorizo-me. Naõ poſſo peſquizar porque motivo ſe intereſſaõ em quererem que os outros vivaõ em cegueira. Indigna condiçaõ de homens!

mens! Peſte contagioſa das Republicas!

Ora hum Eſtudo taõ util, hum conhecimento taõ neceſſario para a vida humana ſerá deſprezado? A Hiſtoria, eſta Sciencia dos factos, usos e coſtumes, eſte Mappa, ſeja-me licito dizello aſſim, onde os homens vem ao primeiro olhar tudo o que ſe paſſou antes delles, no ſeu tempo, he taõ preciſa ao homem, que jámais poderá algum conſeguir com verdade o respeitavel nome de homem ſabio, ſem que profundamente eſteja poſſuido de taõ importante Eſtudo. Pela Hiſtoria conhece o homem a ſolidez da verdadeira Religiaõ: desmascara a falſa; vê todas as etiquetas dos Governos Politicos, e Civís; ſabe as suas Conſtituições, e Leis fundamentaes; deſcobre os meios que houveraõ para o augmento, ou decadencia dos Eſtados; como as Sciencias, e Artes ſubíraõ ao cume de gloria, e de felicidade em huns Eſtados, e em outros ſe arruináraõ; como o Commercio

mo-

moderado com ordem, e methodo concorreo a enriquecer humas Nações; e como o seu máo estabelecimento foi a causa de empobrecer outras; qual foi a sólida Politica deste Monarca, e o desordenado proceder daquelle; os homens grandes que houveraõ, as excellentes Composições que apparecêraõ; as guerras que justa, ou injustamente se perpetráraõ; os saques que se deraõ, as Cidades que se assoláraõ; as pazes que se traçáraõ. Na Historia, quer Geral, quer Particular achaõ os homens hum espelho vivo, onde pódem concertar as suas acções, governar a sua vida, e serem uteis aos outros. He na verdade (1) a Historia a luz dos tempos, a depositaria dos successos, a fiel, e abonadora testemunha da verdade, a fonte pura, donde brotaõ em perennes borbotões os bons conselhos, e a prudencia; a reforma, e a saudavel norma dos costumes. Ignorar

(1) Cicer. Lib. 2. de Orat. num. 36.

rar eſta neceſſaria (2) Sciencia, e tudo o que nos precedeo, he ſermos meninos. Finalmente he a Historia a eſcola (3) commum do Genero Humano, igualmente aberta, e util aos Grandes, aos pequenos, aos Principes, e à todos. E que combinações de idéas, que conhecimentos proveitoſos naõ alcança o homem pela liçaõ da Hiſtoria? Que emenda ſurda naõ recebe aos ſeus deſordenados coſtumes pelo motejo, e reprehenſaõ que acha nos Livros? Só hum louco me poderá negar eſta propoſiçaõ, e ſó por acinte provará falſamente o contrario.

Debalde paſſariaõ os dias, e as noites curvados ſobre os Livros o cuidadoſo, e deſvelado Canoniſta, e o pio Theologo revolvendo os Sagrados Codigos, buscando a genuina intelligencia do Texto, ſe a Hiſtoria Sagrada, e Eccleſiaſtica lhes naõ aplanaſſe o caminho, e lhes naõ mon-

(2) O mesmo in Orat. num. 12.
(3) Seneca *de Clementia*. Lib. 1. Cap. 19.

mondasse os abrolhos, e espinhos, com que estes Escritos estaõ muitas vezes cobertos, ou por culpa dos Impressores, e Copistas; ou por falsos Commentadores, que muitas vezes sem principios cegamente se precipitaõ, e precipitaõ tambem aos outros? Que fadigas, que desassocegos, que erros, que contradicções, e poucos, ou nenhuns conhecimentos naõ teria o sólido, e critico Jurisconsulto na verdadeira interpretaçaõ das Leis, ou já Civis Romanas, ou Praticas, se o necessario Estudo da Historia, da Jurisprudencia Romana, e Patria lhe naõ houvesse enchido o seu entendimento de conhecimentos, de noticias, da origem das Leis, e disposto o seu espirito para distinguir, e equilibrar a justiça com a equidade, que nestas Leis confusamente se achaõ baralhadas pela occasiaõ de futeis, e extravagantes Expositores, que huns por ignorancia, outros por systema, e por hum espirito de elevaçaõ, e su-

pe-

perioridade torcêraõ, e adulteráraõ o verdadeiro sentido da Lei gastando immenso papel, e tempo em huma ridicula interpretaçaõ grammatical de huma ou outra palavra: arredando-se sempre da razaõ, e da verdade, chegando por ultimo a fallar muito, porém nada pertencente ao caso? Como naõ confundiria, e arruinaria os interesses da propria Naçaõ, como naõ perderia as Regalias da Coroa, os Privilegios, as independencias aquelle homem público, que naõ soubesse a Historia Antiga do seu Paiz, a Antiga, e Moderna das mais Nações? De que desordens, de que abusos, de que quimeras naõ estaria recheado o pensamento daquelle que estivesse falto destes taõ necessarios conhecimentos?

He pois a Historia quer Geral, quer Particular a todos necessaria, convem a todos. E como se reputa a Mestra da Vida (4), e por tal se

 de-

(4) Sousa na Vida de D. Barthol. dos Mart. Livro 1.

deva ler, e estimar, segue-se que se deve ler de maneira que naõ seja para passar ociosamente o tempo, e por Livros máos, superficiaes, e quiméricos; mas sim em Livros desabusados, verdadeiros, criticos, e orthodoxos; em Livros em que seus Authores tenhaõ por alvo a verdade, e a Critica, esta Mestra, esta redemptora da Literatura. E naõ saõ estas razões assás forçosas para sólida, e radicalmente persuadir, e convencer que ninguem deve desprezar o Estudo da Historia? Eu naõ sei que possa alguem entrar em qualquer estudo, em qualquer contrato, e associaçaõ, sem que primeiro trilhe o delicioso caminho da Historia! He esta huma verdade taõ seguida, e abraçada, de maneira que as irrefragaveis testemunhas nada menos saõ do que o commum systema de todas as Nações cultas da Europa, onde com os primeiros rudimentos logo se ensaiaõ nos principios da Historia por abreviados Compen-

dios

dios para lhes introduzir o gosto deste Estudo, e a sua importancia, e naõ ignorarem as noticias que correndo o tempo acharem nos Livros; o uso de todas as Universidades da Europa, onde os seus Sabios Estatutos estaõ recommendando a necessidade da Historia, e regulando que ella seja sempre o Preliminar da Sciencia que se aprende, para mais facil, e seguramente se entender, e se radicar; a geral voz de todos os Sabios que tem escrito sobre esta importantissima materia.

E amortecerá em peitos desejosos de gloria o louvavel ciume de saber a Historia? Naõ; espero que o gosto que alcançarem na liçaõ desta Traducçaõ criará em seus corações huns nobres estimulos que talvez (em alguns de mediana instrucçaõ) estivessem apagados, para se applicarem fructuosamente a taõ importante, e indispensavel Estudo. Naõ devem afracar em taõ deliciosa liçaõ. Este he aquelle ditoso seculo, em

que reina por toda a Europa a sã, e sólida Filosofia; conhecem-se os embaidores, e corruptores das Letras, e se desprezaõ. Ninguem quer parecer cobarde em deixar de suffocar taõ atrevidas linguas, em arrançar a posse de que vergonhosamente estavaõ todos aquelles, que intentaõ abalar o throno das Sciencias. E deixaria eu de concorrer com este meio taõ util, taõ necessario? Deixaría de mostrar hum caminho taõ ameno, e delicioso que conduz os homens sólidamente para a gloria? E ainda haverá quem afincadamente empéça os bons talentos de tantos Portuguezes que com ansia, e gosto se applicaõ ás Sciencias? Ah, naõ permitta a Providencia que costumes máos, e abusivos desembuçadamente grassem, e se apossem dos seus espiritos. Leiaõ, e releiaõ naõ por vaidade, mas por quererem profundamente instruirem-se em semelhantes Escritos, e conseguiráõ com bastante esplendor o honroso nome

de

de homens sabios. O Monarca, o Ministerio, os homens sabios do Paiz agasalhaõ, e estimaõ quem se quer applicar, e desabusar; naõ lhe sejaõ ingratos, moldem-se com a sua vontade, e desejo. Saiba toda a Naçaõ. Occupe o Povo as horas vagas do trafego da sua vida, naõ só em espectaculos, e divertimentos uteis, e honestos; mas tambem na liçaõ de bons Livros. Divirtaõ o corpo, divirtaõ o espirito. Deste modo evitaráõ a ociosidade, os vicios, os roubos, as mortes, e a desordem. Reinará a justiça, e a humanidade nos Póvos Portuguezes, e será o resto da Naçaõ semelhante aos Grandes, aos Nobres, aos Sabios. Naõ se conhecerá em Portugal a macilenta, triste, e melancolica face da atrevida, e petulante ignorancia.

IN-

INTRODUCCAÕ.

§

DIANTE de nós se abre hum caminho immenso. O espaço dos seculos, e do Universo he aquelle por onde nós devemos viajar; o conhecimento do Genero Humano he o termo das nossas indagações; nenhum objecto merece, sem duvida, ao homem maior curiosidade; o qual póde contemplar com fruto em os fenomenos do Ceo, em as pruducções da Terra, em todas as riquezas, em todas as formosuras da Natureza, e em aquelle magnifico espectaculo, onde brilhaõ a grandeza, e a sabedoria do Creador. Porém o nascimento, os progressos, a ruina das Nações, e dos Imperios, os effeitos prodigiosos das paixões, e do genio; a variedade maravilhosa das Leis, dos costumes, dos usos, e das opiniões, os successos que tantas vezes mudáraõ a face do Mundo; em huma palavra, os objectos que a Historia lhe expõe á vista, tem correlações mais intimas com elle mesmo. O homem, ignorando-as, estaria como estrangeiro na sua Patria; naõ conheceria a Humanidade, e por consequencia as luzes lhe faltariaõ para cumprir o destino, que o une com os seus

Quanto he interessante á Humanidade a Historia.

A Historia faz conhecer o homem.

Lux veritatis, magistra vitæ. Cic. de Orat. 2. 9.

seus semelhantes. A Historia, diz Cicero, he a luz da verdade; a qual ensina a arte de bem viver. Este elogio faz conhecer todas as suas utilidades.

Seus effeitos a respeito do entendimento, e do coraçaõ.

Com effeito, ha por ventura algum erro, e alguma preoccupaçaõ nociva de que a Historia naõ possa preservar-nos com a descripçaõ das illusões, e das loucuras que desviáraõ, e perdêraõ os homens? Acaso ha algum vicio do qual naõ pinte em huma multidaõ de exemplos, a deformidade, e as infelicidades? alguma virtude, cujo amor naõ inspire, consagrando a memoria das pessoas virtuosas? alguma circunstancia unica da vida, para a qual se naõ appliquem utilmente as suas lições? e desde o Throno dos Reis até ao Gabinete do Filosofo, onde se achará hum Estado, que naõ tenha mais, ou menos que aproveitar das suas luzes?

Duas regras deste estudo: procurar a verdade, e limitar-se na utilidade.

Porém todos se perderiaõ na immensidade destes caminhos, se caminhassem por elles á ventura, e sem principios. Duas regras importantes dirigiráõ o nosso Estudo. A primeira será de procurar em tudo a verdade; a segunda de nos limitar na utilidade. De outro modo a mesma Historia chegaria a ser huma fonte de erros, e tudo quanto inclue de excellente se desvaneceria com a mistura das couzas frivolas.

Ain-

Ainda que todos os Historiadores façaõ profissaõ de escrever a verdade, a maior parte das Historias antigas estaõ cheias de fabulas. A mentira ainda algumas vezes se reproduz na penna dos Escritores modernos. Basta que hum Author conhecido publique fabulas, para que outros as repitaõ com huma cega confiança. A sua authoridade impõe; preferem antes crer do que examinar. Assim, todas quantas imposturas tem produzido, e acreditado o interesse, a vaidade, a superstiçaõ, a ignorancia, o espirito de partido, e as preocupações populares se achaõ de tal sórte incorporadas com o veridico, que juntamente passaõ de hum para outro seculo. Naõ vemos nós todos os dias relações contraditorias do mesmo facto, pinturas oppostas da mesma pessoa, falsidades palpaveis, que circulaõ pelas conversações, e que achaõ lugar em os Livros? Julguemos por este meio dos innumeraveis erros, que a Antiguidade nos transmittio. Sómente a Revelaçaõ he essencialmente verdadeira; tudo o mais tem sido muitas vezes misturado com falsidades.

Erros innumeraveis, de que está mesclada a Historia Antiga.

Se todos os Historiadores tivessem sido judiciosos, attentos, illustrados, e sinceros bastaria ajuntar as principaes passagens das suas Obras, para formar huma des-

Origem dos erros, e das fabulas em a Historia.

descripçaõ fiel das Nações, e dos successos, que descrevêraõ. Infelizmente huns procuráraõ agradar com maravilhas; outros lisonjear os seus Concidadãos com quimeras; aquelles fomentar as superstições de cujas elles mesmos se aproveitavaõ; estes satisfazer odios nacionaes, ou pessoaes; huns loucamente credulos publicáraõ com boa fé todas as tradições recebidas; outros artificiosamente politicos cobríraõ com sombras as verdades contrárias aos seus interesses, e ao seu partido. Finalmente faltáraõ á maior parte soccorros, e a muitos sinceridade, e rectidaõ. He necessario pois acautelar-se sempre, consultar continuamente a critica, e a razaõ, ou seja para se preservar do erro, ou seja para averiguar, sobre tudo, entre as fabulas, e as preoccupações antigas, o que merece lugar em a Historia. Estas fabulas pódem entrar em a Historia, porém como huns monumentos da fraqueza do entendimento humano, e como provas da necessidade do exame a respeito de todas as materias, onde o sello da Verdade Divina naõ está impresso.

He necessario pois examinar, e escolher.

Demais disso em facto de Historia o Scepticismo naõ sería menos irracional do que huma credulidade cega. Acaso por

O Scepticismo taõ pouco racional como hum excesso de credulidade.

por haver muitas ficçõès será pois necessario naõ admittir nada de certo? porventura basta para negar hum facto, que tenha pouca verosemelhança? naõ saõ a qualidade, e o número das testemunhas, que devem confirmar o tesremunho? Será possivel que huns contemporaneos illustrados, desinteressados, enganar-se-haõ, ou poderáõ enganar o Universo a respeito de huns successos publicos? finalmente naõ ensina a experiencia, que igualmente sè abusa, assim nada crendo, como crendo tudo? os Annaes Egypcios, que Herodoto nos transmittio, em parte saõ fabulosos. Logo parece, que igualmente se deve desconfiar do que Herodoto refere a respeito dos monumentos do Egypto. Com tudo as Pyramides ainda duraõ, passados tantos seculos, as quaes depõem o favor do Historiador. Os seus Sacerdotes o tinhaõ induzido para os erros com as suas quimericas tradições; porém tudo o que o mesmo Herodoto vio era verdadeiro, e com verdade o descreveo. Sem discutir huma materia taõ fecunda, sómente accrescento que todos se pódem instruir, discorrendo mesmo sobre huns factos provaveis, cuja certeza naõ está estabelecida. Quanto aquelles factos saõ superiores ás ficções fabulosas?

Herodoto he a prova.

Tanto importa procurar a verdade, quan-

Deixar aos Sabios as indagações da erudiçaõ.

quanto he necessario limitar-se na utilidade; segunda regra do nosso estudo. Que as pessoas eruditas se entreguem ao gosto de indagações, penetrem as profundidades da erudiçaõ com todas as individuações historicas: talvez que de tudo façaõ huma compilaçaõ de utilidades pouco sólidas; porém sempre saõ os arbitros do seu descanço, e os seus trabalhos devem-se respeitar, desde que resulta delles hum augmento de conhecimentos em o Mundo literario. Os Antigos Eruditos, cujas Obras presentemente saõ desprezadas, fizeraõ serviço ao Público, arroteando terras incultas, onde hoje nascem preciosas colheitas. Os Sabios modernos, fazendo maior uso da Critica, nos procuráraõ riquezas mais verdadeiras. Resta sómente tirar dos seus trabalhos todo o fruto possivel, e pôr em obra, para as nossas precisões, aquillo mesmo, que outros naõ tomaõ senaõ como o pasto de huma vã curiosidade.

Naõ obstante, os seus trabalhos saõ proveitosos.

Ordinariamente a memoria he muito fraca para se carregar de huma vasta erudiçaõ, e o entendimento muito limitado, para perceber distinctamente huma grande multidaõ de objectos confúndidos juntamente. Além de que, as obrigações do Estado, ou da Sociedade deixaõ a poucas pessoas o tempo

Naõ apréder senaõ o que he possivel, e util para se conservar.

po de seguir a Historia em as suas dilatadas contrariedades. Querer aprender mais do que se póde conservar he o meio de naõ saber nada, ou de saber mal, que vem a ser a mesma cousa. E quando se podesse conservar tudo, naõ vale mais aprender a pensar? raras vezes se une a exactidaõ do discernimento com os prodigios da memoria. Todos os que desejaõ instruir-se para seu bem, devem prescrever para si a ignorancia de muitas cousas, das quaes consolar-se-haõ se forem sabios.

Critica do plano dos estudos de Langlet.

Naõ posso conceber o Plano de Estudos proposto pelo douto Langlet Dufresnoy, na frente dos seus *Indices Chronologicos*. Langlet pretendeo, que se leiaõ todos os Authores originaes (boa regra quando se póde seguir). Depois mede o tempo, que aquelle estudo requer, o que faz com huma rara economia. Para Herodoto, por exemplo, consigna doze dias; dez para Thucydides; seis para Xenofonte; vinte para Tito Livio, com os supplementos; dez para Polybio; outros tantos dias para Tacito, &c. Dir-se-hia que todos estes Historiadores se pódem ler como Novellas agradaveis; e que depois de os ter folheado do principio até ao fim, deve o Leitor tellos na cabeça bem comprehendidos, e bem digeridos.

Mas

Mas além de naõ serem os Originaes para a capacidade, e intelligencia de todos, que effeitos produziriaõ humas leituras taõ rapidas sem hum milagre de facilidade, e de penetraçaõ? Huma superfluidade de idéas confusas, e de palavras, as quaes longe de illuminar o entendimento, e o bom discurso, o suffocariaõ. A simples sciencia do Mundo he digna de se preferir áquella sciencia pedantesca, da qual só se pódem esperar obstaculos para a Sociedade.

Objectos os mais dignos de attençaõ.

Quando se alcança a felicidade de se poder remontar ás proprias fontes, e estudar os Originaes, importa tambem muito preferir o que he util aos objectos de pura erudiçaõ. Que será, se os meios, e o tempo nos faltaõ para hum estudo de maior extensaõ? entaõ he que a necessidade nos deve sobre tudo determinar os limites? Logo o conhecimento dos homens, e de tudo quanto interessa, principalmenve o Genero Humano; os artificios das paixões, e as variedades da fortuna; os vicios, e as virtudes dos Póvos, e das Pessoas célebres; a influencia das Leis, e dos Costumes, a Natureza dos Governos, os principios, e as considerações da Politica, as causas da grandeza, e da decadencia dos Estados; as revoluções produzidas ou pelo tem-

po,

po, ou pelas armas, ou por causas moraes; os successos acompanhados de grandes effeitos; os monumentos da loucura, e os monumentos do talento, e da sabedoria; eis-aqui o que geralmente todos tem interesse de conhecer, pois que nada ha mais proprio para formar o entendimento, e o coraçaõ, e para descobrir assim os talentos, como as virtudes sociaes. Cada qual particularmente procurará em a Historia instrucções relativas directamente ao seu estado. Porem antes de tudo, todos saõ homens, todos Cidadãos. Aperfeiçoemos estas primeiras qualidades, e as outras naõ ficaráõ por cultivar.

Incerteza dos systemas Chronologicos.

Conformando-nos com os nossos principios, e limitando-nos em cousas uteis, e verdadeiras, naõ perderemos o tempo em seguir huma multidaõ de Authores sabios, os quaes consumiraõ o seu tempo em as trevas da Chronologia antiga. O projecto de ajustar juntamente os diversos Historiadores, e de conciliar as Antiguidades profanas com a Historia Santa, deo a luz mais de setenta Systemas, cujo numero sómente mostra a pouca solidez; porque se possivel fosse desenvolver estes cáos, por ventura tanta erudiçaõ, e tantos calculos naõ parariaõ senaõ em huns Systemas contradictorios?

A dif-

Differença entre os tres Texto da Historia Sagrada.

A differença que se acha entre o Texto Hebraico dos Livros Sagrados (a Vulgata), o Texto Samaritano, e a Versaõ dos Setenta, serve de fundamento para as supposições, e para as conjecturas. Usserio, celebre Inglez, conformando-se com o Texto Hebraico, determina o principio da Era Christã, ou o Nascimento de Nosso Senhor Jesu Christo, em o anno do Mundo 4004. A maior parte dos sequazes do Samaritano, entre outros muitos, os Authores Inglezes da Historia Universal, assentaõ esta epoca em o anno de 4309. Os exemplares ordinarios dos Setenta, a determinaõ em o anno de 5270; e o Padre Pezron, amplificando o calculo dos Setenta, a põe em o anno de 5873. Deste modo, entre os Setenta de Pezron, e o Hebraico de Usserio, a differença he de 1869 annos, em menos de seis seculos. Os Chronologicos mais preoccupados dos seus Systemas erraõ mais em os provar solidamente, do que em destruir os dos seus adversarios. Todos tem infinitas objecções para resolver. O grande Newton, que se empenhou em aquella carreira, e que diminue ainda a duraçaõ do Mundo, já taõ breve, o mesmo Newton só póde augmentar muito as nossas duvidas.

Quan-

Quanto mais se imaginarem hypotheses, segundo algumas passagens dos Livros Sagrados, quanto mais as dúvidas se multiplicaráõ. A Providencia determinou que a Revelaçaõ fizesse Santos, e naõ Sabios. Adoremos os seus Oraculos; adoremos os seus Mysterios; mas naõ intentemos explicar o que achamos inexplicavel. Temamos cahir logo em o absurdo, assim como o sabio Padre Petau, o qual comprimido pelos limites do Texto Hebraico, e povoando a Terra segundo a sua imaginaçaõ muito fecunda, lhe dá em menos de tres seculos depois do Diluvio cento e sincoenta vezes mais habitadores do que hoje se suppõem. (*Doct. temp. liv.* 9. *c.* 14.

A Revelaçaõ deve fazer santos, e naõ sabios.

Idea quimerica do P. Petau.

As Historias profanas concorrem com a Biblia, para provar huma destruiçaõ quasi total, e hum novo nacimento do Genero Humano. Quasi todas representaõ as Nações ao principio ferozes, adquirindo pouco a pouco as Artes mais necessarias, e chegando-se para as Sciencias depois de huma dilatada barbaridade. Vê-se tambem a infancia daquellas, que pretendem remontar a seculos infinitos; o que basta para satisfazer huma curiosidade racionavel. Porem quando principiou o Mundo? quando despovoou o Diluvio a Terra? quando, e como se formáraõ

Novidade do Mundo provada com todas as Historias, ainda que as épocas sejaõ incertas.

as novas Nações? Em vaõ se esforçariaõ de o saber, pois que nenhum Monumento nem sagrado, nem profano determinou exactamente estas épocas.

O methodo de Bossuet he susceptivel de critica em quanto ás épocas.

O illustre Bossuet, seguindo o exemplo de seus predecessores, põe com tudo a data da Creaçaõ do Mundo, e faz passar toda a Historia Antiga debaixo des épocas tiradas principalmente dos Livros Santos, o Diluvio, a vocaçaõ de Abrahaõ, Moysés, ou a Lei Escrita, &c. O mesmo Bossuet vence as immensas difficuldades, de que acabamos de fallar, e seguindo á Chronologia do Texto Hebraico, com Usserio suppõe que tudo se coordina por si mesmo em hum espaço taõ estreito. Porem, por muito respeitavel que seja a authoridade destes grandes homens, naõ he menos difficultoso sustentar o seu systema Chronologico: ainda que fosse o mais provavel, naõ passará de ser senaõ hum systema; logo que necessidade ha de o ter? Em toda a materia, principalmente na Historia, confessemos sinceramente a nossa ignorancia, antes do que dar por verdadeiras humas cousas pelo menos duvidosas.

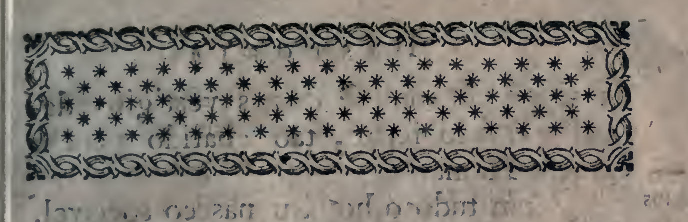
Se he conveniente misturar a Historia Santa com a profana.

Demais disso, a mistura da Historia Santa com a profana, he talvez taõ mal entendida, como a da Theologia he com a Filosofia. De huma parte tudo he sobrenatu-

natural, da outra tudo he natural; em aquella exercita-se a Fé; nesta a razaõ; he necessario estudar em a Biblia a sua Religiaõ com huma humilde docilidade; e em os Historiadores he necessario instruir-se com huma critica livre, e valerosa. Confundindo dous estudos taõ desiguaes, deve-se temer tanto alterar a simplicidade da Fé, como mudar a Historia em frivolas conjecturas.

Para evitar dous precipicios, naõ poremos as datas nem da Creaçaõ, nem do Diluvio; naõ fallaremos dos Judeos, senaõ quando for necessario que entrem em nossso Plano geral; exporemos succintamente, sem ordem Chronologica, e sem confundir os objectos, tudo quanto merece maior observaçaõ em os Povos antigos, até aos Gregos, e aos Romanos; cuja historia nos conduzirá para a das Nações modernas, a qual sobre tudo nos interessa. Plano desta Obra.





HISTORIA. UNIVERSAL.

HISTORIA ANTIGA.

PARTE PRIMEIRA.

Observações geraes a respeito dos Povos antigos.

A MAIOR parte das Tradições antigas fallaõ de hum tempo, em que os homens espalhados, vagamundos pelos matos, cercados de perigos, e de necessidades, unicamente occupados em os meios de prover a sua subsistencia, e a sua conservaçaõ, estavaõ quasi reduzidos ao instincto dos animaes, e seguiaõ brutalmente a inclinaçaõ da Natureza, sem conhecer nem Regras, nem Leis, nem subordinaçaõ, nem Artes, nem vinculo algum de Sociedade permanente. Ain-

Os homens ao principio ferozes em muitas Regiões.

da

da se vê em muitos Paizes vestigios daquelle estado feroz, taõ abatido para o Genero Humano.

Principios da Sociedade.

Com tudo o homem nasceo sociavel. Hum sentimento natural o chega para os individuos da sua especie. A affeiçaõ a huma mulher, e aos filhos o dispõe para humas Sociedades, e uniões mais extensas. As necessidades, e os soccorros reciprocos unem de huma, e outra parte hum numero daquelles ferozes, humas vezes para se defenderem contra a crueldade das féras, outras vezes para procurarem para si proprios o alimento necessario. Quanto mais vaõ vendo as vantagens daquella uniaõ, tanto mais vaõ apertando os seus vinculos. Humas convenções tacitas formaõ os seus primeiros empenhos; huns costumes grosseiros lhes servem de politica. Ainda isto naõ he mais que hum principio grosseiro da Sociedade, o qual naõ destróe a barbaridade, e naõ forma os costumes; tudo se refere, tudo se limita em necessidades fysicas. Se a fome sollicita comer carne humana, se o costume faz tomar o seu gosto, todos seráõ talvez antropofagos sem escrupulo. A Historia das quatro partes do Mundo traz mais de hum exemplo deste horroroso attentado contra a Natureza. A quantos excessos se naõ costu-

Antropofagos.

tuma o homem, quando he incitado pelas circunstancias, e a quem naõ reprime freio algum?

Para transformar pequenas Povoações soltas em Nações, para fazer dellas Imperios, em huma palavra; para civilizár os homens, foi necessario que muitas Artes nascessem humas depois de outras, e conduzissem a Agricultura, verdadeira origem das Leis Civis. Foi nessario antes, que se pozesse hum freio á fogosa paixaõ do amor, e que o cazamento fosse solidamente estabelecido; que se tivessem já as noções, e a pratica de alguma forma de Governo; que as linguas tivessem nascido, e os conhecimentos multiplicados até hum certo ponto; finalmente, que se tivesse sahido da barbaridade feroz, em que ainda hoje vivem quasi todos os Americanos. Que grande distancia naõ ha depois disto até á invençaõ da Escritura, ou da Arte de conservar a lembrança dos factos, e dos mesmos pensamentos? Esta arte he sem contradiçaõ hum dos maiores esforços do engenho cultivado com outras artes. Os primeiros Historiadores profanos naõ pudéraõ pois escrever senaõ muito tempo depois do nascimento dos Estados; naõ pudéraõ ter para materiaes senaõ Tradições vagas, e confusas. Esta a razaõ por que

As Nações civilizadas com o cazamento, com a Agricultura, e com as Artes.

A Escritura inventada muito tarde: prova da incerteza das Historias Antigas.

que sómente publicáraõ hum grande numero de fabulas a respeito das antiguidades da sua patria.

Os Gregos amantes das fabulas.

Aquellas Fabulas compiladas, e amplificadas sem duvida pelos Gregos, mais amantes das maravilhas que da verdade, desfiguráraõ inteiramente a Historia Antiga. Apoderemo-nos das poucas verdades importantes que encerraõ; e renunciando as discussões inuteis, principiemos pelos Egypcios, naõ porque estes sejaõ os Povos mais antigos; mas porque offerecem huma materia mais abundante de instrucções.

EGYPCIOS.

CAPITULO I.

Historia antiga do Egypto.

Vantagens do Egypto.

O Egypto situado entre o vigesimo quarto, e o trigesimo terceiro gráo de Latitude Septentrional, he hum dos Paizes mais favorecidos da Natureza. O Ceo sereno, a terra fertil, as plantas, e os frutos taõ agradaveis, como salutiferos formaõ a formosura daquelle continente. Porem foi necessario haver prodigios de industria

dustria, para que hum Povo todo nelle habitasse. O Nilo inundando o Egypto, lhe procura todas as suas riquezas, e supre as chuvas de que he privado. Aquelle rio tem sua origem em hum monte da Abyssinia, donde chega ao Egypto depois de se ter precipitado por sete cascatas com tanto estrondo, que se ouve ao longe de algumas legôas. O Nilo principia a ter a sua enchente desde o mez de Maio, e por hum crescimento quasi logo insensivel, chega áquella altura necessaria para a inundaçaõ, que dura desde o fim do mez de Junho até Outubro. Os Antigos ignorando as causas da inundaçaõ, imagináraõ humas causas falsas, como sempre succede quando se pretende substituir as conjecturas aos factos. Sabemos hoje que na Ethiopia chove sinco mezes no anno, desde Abril até Setembro. Este he todo o segredo das inundações do Nilo. O precioso lodo que depõe pelos campos, produz a fertilidade do Egypto. Deste modo chegaõ a ser humas terras aridas, e areentas, as melhores que ha no Mundo; e basta sómente semear quasi sem cultura para colher em pouco tempo todas as producções naturaes. Depois de ter visto o Egypto no Veraõ, como hum mar, semeado de Cidades, de Villas, e de bosques; especta-

culo

O Nilo.

Causas, e effeitos das inundações do Nilo.

Espectaculo singular do Egypto.

culo unico, e maravilhoso; no Inverno he visto como huma planicie risonha, e coberta de gado, de lavradores, de arvores odorificas, de larangeiras, limoeiros, &c. cujas flores perfumaõ o ar de todas as partes. Os Viajantes modernos fazem pouco mais ou menos a mesma descripcaõ do Egypto, que os Antigos.

Chronologia fabulosa dos Egypcios.

Esta bella, e formosa Regiaõ, huma das primeiras habitações do Genero Humano civilizado, devia ser a Regiaõ das fabulas. A Chronologia antiga dos Egypcios chega a seculos innumeraveis. Na verdade os Sacerdotes de Thebas, segundo a relaçaõ de Herodoto, o qual se tinha instruido em os proprios lugares; davaõ sómente onze mil trezentos e quarenta annos de duraçaõ á sua Monarquia. Porem outros apenas se contentavaõ com cem mil annos. Desde o seu primeiro Rei até Sethon contavaõ-se exactamente 341 Gerações, 341 Reis, e 341 Pontifices; calculo, cujo absurdo parece sensivel sómente pela repetiçaõ do mesmo numero. Manethon, Sacerdote do Egypto, o qual escrevia quasi tres seculos antes da vinda de Jesu Christo, e cuja authoridade parece respeitavel ao proprio Historiador José, relata que o Egypto foi governado ao principio por Deoses,

As dynastias de Manethon, reprovadas por huns, e recebidas por outros.

ses, e por Semideoses. Vulcano, o primeiro de todos, reinou, segundo o mesmo Manethon, nove mil annos. A estas Divindades quimericas faz succeder trinta e huma Dynastias, nomeando os Principes de cada huma, e suppondo que reináraõ successivamente em todo o Egypto por espaço de mais de sinco mil annos. Petau, e outros Sabios reprovaõ aquellas Dynastias como fabulosas. Marsham, e Pezron as admittem como verdadeiras. Elles conjecturaõ que em lugar de serem successivas, foraõ collateraes; isto he, que reináraõ ao mesmo tempo, e empregaõ toda a sua erudiçaõ para os conciliar com a Chronologia da Escritura. Porém, acaso huns Annaes cheios de nomes, e quasi inteiramente faltos de factos, podem merecer estudo taõ profundo? Os Eruditos, como os Geometras, procuraõ muitas vezes fazer-se notaveis com humas combinações prodigiosas, que naõ produzem mais que admiraçaõ. Ao menos os ultimos mostraõ a verdade dos seus calculos, em lugar que os primeiros apenas fazem provaveis as suas conjecturas, quando se entregaõ ao abysmo dos seculos. O Egypto no tempo de Abrahaõ já era hum Reino, e os Hebreos nem ainda hum corpo de Naçaõ faziaõ. Esta prova de Antiguidade he bastan-

Quanto he esteril a respeito deste objecto o trabalho dos Sabios.

Antiguidade do Egypto, segundo a Escritura.

tantemente persuasiva, tanto mais, que a Vulgata põe sómente quatrocentos vinte e seis annos entre a vocaçaõ de Abrahaõ, e o Diluvio.

Isis, Osiris, Hermes, &c. deificados pelos seus serviços.

Passemos pelas fabulas de Isis, de Osiris, de Tyfon, e de Hermes (chamado por outro modo Mercurio, Thoth, e Trismegistes), a quem os Egypcios attribuem quasi todas as Sciencias, e todas as Artes, cujos Livros, segundo Manethon, eraõ mais de trinta e seis mil e quinhentos. (1) Basta observar que Osiris conforme os Egypcios, tinha estabelecido a politica em huma Naçaõ ainda feroz; que Isis sua mulher, e sua irmã, repartia com elle as honras Divinas; que aquelle Deos tendo emprendido civilizar os outros Póvos com os encantos da Eloquencia, da Poezia, e da Musica, foi morto por seu irmaõ Thyfon, quando voltou de suas gloriosas viagens; finalmente, que os Deoses principaes foraõ homens divinizados, por terem feito grandes serviços ao Genero Humano.

Intervallo desde Menes.

Desde Menes, primeiro Rei do Egypto (a quem graves Authores suppõem ter sido filho de Cham, e Neto de Noé), até ao celebre Sesostris achamos hum inter-

(1) Os Sabios julgaõ que no Egypto houveraõ tantos Hermes, quantos foraõ os Zoroastres na Persia.

tervallo immenso, em que se collocaõ os Reis pastores Arabicos; os quaes conquistáraõ o Egypto. Além de que aquelle espaço de tempo só merece attençaõ pelo palacio, ou sepultura de Osymandias, e pelo lago Meris. Em o palacio de Osymandias estava a Livraria mais antiga do Mundo, com esta inscripçaõ: *Remedio da alma*; inscripçaõ verdadeira, e sublime, com tanto que seja applicada ás Obras boas, sendo as outras mais depresa veneno do que remedio. O Lago cavado por ordem de Meris, em cujo centro se levantavaõ duas Pyramides, recebia as aguas do Nilo, ou para obviar os inconvenientes de huma inundaçaõ muito grande, ou para suprir a huma inundaçaõ muito pequena; porque he necessario, que o Nilo ao menos suba quinze covados, para que naõ haja falta das cousas necessarias. Se dermos credito á Herodoto, e a Diodoro de Sicilia, a quem seguio Bossuet, aquelle Lago tinha tres mil seiscentos estadios, ou cento e oitenta legoas de circuito, e trezentos pés de profundidade; exageraçaõ incrivel! Pomponio Mela, hum dos melhores Geografos da Antiguidade, reduz a vinte mil passos toda a circunferencia do Lago Meris; e as Relações dos Viajantes modernos lhe daõ sómente doze, ou quinze le-

Livraria de Osymandias.

Lago Meris muito mal descrito pelos Antigos.

Viagem de Lucas t. 3.

legoas. Aqui se vê a que erros nos expõem os Antigos, quando se admitte sem exame o seu testemunho.

Fabulas publicadas a respeito de Sesostris.

Tudo quanto elles referem de Sesostris naõ he mais digno de credito. O Pai daquelle Conquistador, avisado por hum Oraculo do destino de seu filho, lhe dá huma educaçaõ propria para delle fazer hum Heroe. Todos os meninos nascidos em o mesmo dia, em que nasceo Sesostris saõ educados nos exercicios violentos, e nos trabalhos militares. Apenas Sesostris sobe ao Throno, depois da morte de seu Pai, logo emprende a Conquista do Mundo. Mil setecentos seus companheiros moços (1) chegaõ a ser os Capitães das suas tropas; seiscentos mil infantes, vinte e quatro mil cavalleiros, e vinte e sete mil carros de guerra compõem todo o exercito. Huma frota numerosa cobre o mar, posto que os Egypcios aborreçaõ a marinha por superstiçaõ. Sesostris sobjuga logo a Ethiopia, passa á Asia, penetra as Indias mais do que Baccho, e Hercules; acommette os Scythas, Colchos, e Thra-

Suas Conquistas.

(1) O Author da *Origem das Leis*, &c. prova com calculo judicioso, que se aquelle numero fosse certo, segundo a supposiçaõ de Diodoro, devia haver no Egypto 60 milhões de habitantes; onde se contavaõ sómente 7 milhões.

e Thracia. Obrigado Sesostris a retroceder, ainda que sem nenhum fruto das suas victorias, acha huma conspiraçaõ tramada contra elle por seu irmaõ Danao, ou Armais; Sesostris dissipa aquella conspiraçaõ, e sómente se occupa em fazer felices os seus Estados, depois de ter levado taõ longe a destruiçaõ, e os horrores da guerra. Templos magnificos, canaes innumeraveis, vastas calçadas, sobre as quaes se edificaõ Cidades, e particularmente boas Leis, saõ Monumentos da sua profunda sabedoria. Observa-se tambem, que Sesostris aprendêra de Mercurio a Politica, e a arte de reinar.

Sua volta, e suas obras.

Com tudo acrescenta-se, que quando Sesostris hia ao Templo, mandava puchar o seu carro pelos Principes vencicidos, onde mostrava a sua grandeza. Antes seria esta a prova de huma insigne barbaridade. Tambem se diz, que Sesostris para poupar o seu Povo, mandára que os Estrangeiros, e os cativos trabalhassem nas suas Obras. Por este principio mereceria maiores elogios, se a Humanidade naõ lhe reprehendesse tantas victimas de huma injusta ambiçaõ.

O seu barbaro orgulho.

Sesostris manda sómente trabalhar os Estrangeiros nas suas Obras.

Como as menores Relações bastaõ algumas vezes para os Sabios combinar hum Systema, o Padre Tournemine, e Rol-

Conjectura frivola a respeito de Sesostris.

Rollin depois delle julgaõ, que Sesostris he provavelmente aquelle Rei do Egypto, o qual foi o primeiro que opprimio os Israelitas com trabalhos. Que apparencia póde haver, para que hum Conquistador taõ altivo, e taõ formidavel, tenha podido dizer dos Israelitas: *Elles saõ mais fortes do que nós.* (Ex. 2. 1.) Parece-me que tudo quanto podiaõ affirmar, he que os Egypcios tiveraõ hum Sesostris; que aquelle Principe fez cousas memoraveis, que foi Conquistador, e Legislador; porem que a respeito da extensaõ das suas Conquistas, e das circunstancias da sua vida sómente se encontraõ Fabulas contradictorias. Depois de Sesostris, o Reino sempre foi em decadencia: fruto ordinario das grandes Conquistas.

Psammetico. Illustra-se a Historia do Egypto.

A continuaçaõ da Historia do Egypto tal como se acha em Herodoto, instruido pelos Sacerdotes do Egypto, he igualmente fabulosa. As trevas dissipaõ-se alguma cousa no Reinado de Psammetico, 670 annos antes da vinda de Jesu Christo. Este Principe franqueou os seus portos aos Estrangeiros, a Naçaõ entrou em commercio com os Gregos. Neste lugar he onde Herodoto põe, naõ obstante, hum absurdo singular. Certifica Herodoto que Psammetico curioso de saber qual era a Naçaõ mais antiga do Mun-

Conto de Herodoto a respeito da lingua mais antiga.

Mundo determinou mandar criar dous meninos de modo, que naõ ouvissem proferir huma unica palavra. Em a idade de dois annos, os meninos exclamáraõ juntamente, e proferiraõ *beccos*, que em Frygio significa paõ, e desde entaõ os Egypcios cederaõ o passo aos Frygios a respeito da antiguidade: experiencia muito extraordinaria, diz Rollin, *se com tudo este facto deve parecer digno de fé.* Pouco falta para que o Author Francez naõ adopte a Fabula de Hérodoto, cujas circunstancias amplamente refere. Hum Sabio chamado Goropio Beçano disse mais, o qual tira da mesma Relaçaõ huma próva, que a lingua da Alemanha alta he a lingua mãi, porque *becker* em aquella lingua significa o padeiro.

Nechos, filho de Psamméticо, emprende hum canal de communicaçaõ do Nilo com o Mar Vermelho. Este grande projecto attribue-se à Sesostris. A sua execuçaõ teria chegado a ser fatal, se for verdade, como alguns Authores pretendem, que o nivel do Mar Vermelho seja mais alto, que o terreno do Egypto. Néchos, segundo dizem, largou aquelle projecto depois de ter perdido cento e vinte mil homens em os trabalhos. Em o tempo do seu Reinado, e por sua ordem, huns navegantes Fenicios giráraõ a Africa.

Emprezas de Néchos.

Amasis, celebre em o anno de 570 antes da vinda de J. C. Solon, e Pythoras no Egypto.

Apriés, seu filho, foi privado do Throno por Amasis, cujo Reinado he célebre, por favorecer o commercio, e attrahir os Gregos para o seu Reino. Solon o visitou; Pythagoras quasi em o mesmo tempo aprendeo os Mysterios dos Egypcios. Amasis, naõ obstante estar firme em o Throno, vio que a escuridade do seu nascimento o expunha á huma especie de desprezo. He notavel a liçaõ que Amasis deo para dissipar esta preoccupaçaõ. De huma bacia de ouro, em que Amasis lavava os pés, e que servia tambem para os seus convidados se lavarem, mandou fazer huma Estatua de Divindade, a qual foi logo hum objecto de culto, e de adoraçaõ. Amasis, tendo depois ajuntado os Egypcios, e tendo-lhes dito, que o Deos que adoravaõ antecedentemente tinha sido hum vaso destinado para os usos mais vís, concluio, que todos o deviaõ respeitar como Rei, qualquer que fosse a sua origem. A sabedoria do Governo contribuio sem duvida mais para determinar a veneraçaõ dos Póvos.

Subtileza de Amasis para se fazer respeitar.

O Egypto sujeito pelos Persas.

O Reinado de Psamménito, filho de Amasis, he a época da sujeiçaõ daquella famosa Monarquia. Cambyses, Rei da Persia, filho de Cyro, a subjugou, como trataremos em outro lugar, quasi em o an-

anno de 525 antes da nossa éra. O Deos Apis foi morto, os Templos reduzidos a cinzas, e os Sacerdotes açoutados ignominiosamente. O Egypto ficou quasi sempre escravo, e tributario aos Persas, até que Alexandre derribou o Throno de Cyro. Depois o Egypto formou huma nova Monarquia, da qual trataremos a seu tempo.

Passemos ao objecto o mais curioso, e o mais util. O Governo, as Leis, a Religiaõ, os Costumes, as Artes, e as Sciencias dos Egypcios, saõ objectos verdadeiramente dignos das nossas attenções. Examinemo-los como homens, que procuraõ antes principios, do que factos.

CAPITULO II.

Governo, e Leis dos Egypcios.

QUANDO os homens ferozes se uniraõ, e formáraõ Sociedades; quando a experiencia lhes ensinou que podiaõ adquirir forças, sujeitando-se a humas regras, e que com menor liberdade teriaõ maior felicidade; entaõ elegêraõ hum Chéfe, cujo poder foi limitado com certas convenções. Entre todos os Povos an-

Nascimẽto do Governo civil.

Governo Monarquico, o mais natural.

antigos, encontra-se, e acha-se o Governo Monarquico. A sua simplicidade o conformava com os costumes, e com as necessidades daquelles primeiros tempos. Parece que a authoridade paternal foi a origem deste Governo. Muitas familias formando huma Sociedade, governavaõ-se como huma unica familia. Qualquer Rei devia defender, e conduzir os seus vassallos, assim como hum Pai defende, e conduz os seus filhos. Finalmente era necessario alguem que mandasse: sujeitáraõ-se aos Reis.

Progressos da Monarquia.

Porem o Reinado ao principio naõ foi mais do que huma sombra do que ao depois devia ser. Tanto mais se estabelecêraõ bem os Povos em o Governo, quanto mais doceis foraõ geralmente á obediencia. De huma parte a força, e a Politica; de outra parte o bem commum, e o consentimento dos vassallos, augmentáraõ pouco a pouco o Poder Real. Aquillo mesmo, que algumas vezes foi usurpaçaõ na origem, chega a ser justo com o sello das Leis, e com a uniaõ das vontades. Voluntariamente naõ se supporta o jugo da Tyrannia; porem acostumaõ-se a servir de boa vontade a hum Senhor, para quem se olha, como para hum Protector. A Coroa, ao principio electiva, pois que era huma dadiva do Po-

Coroa hereditaria.

Povo, naõ podia deixar de ser algum dia commummente hereditaria, porque a tranquillidade publica requeria huma ordem de successaõ. Herdou-se o Direito precioso de governar huma Naçaõ inteira, assim como tambem se herdou o Direito de succeder aos Dominios Paternaes; e posto que nisto houvesse inconvenientes, parecêraõ com razaõ supportaveis, para evitar maiores infelicidades.

O Rei do Egypto sujeito as Leis.

Deste modo he que se estabeleceo no Egypto a Monarquia desde tempo immemorial. Ella ahi teve as Leis para fundamento, cujo Imperio se estendia até a respeito das menores acçoẽs do Principe. A sua Corte devia compôr-se sómente de pessoas de hum reconhecido merecimento: excellente meio, se fosse por muito tempo praticado, para desterrar da Corte o vicio, e a lisonja. Os guizados da sua meza, o emprego do seu tempo, tudo se regulava com huma rigida prudencia. O Rei era demasiadamente respeitado para se atreverem a darlhe reprehensoẽs, no caso de máo procedimento; porém era advertido indirectamente das suas culpas. Todos os dias pela manhã, quando o Rei chegava ao Templo, o grande Sacerdote pronunciava hum discurso a respeito das Virtudes Reaes, pintando com as cores mais vi-

Como o advertiaõ das suas obrigaçoẽs.

vas

vas os excessos, a que podiaõ arrastar o Principe a ignorancia, e a sorpreza, suppondo-o incapaz de cahir nelles voluntariamente, e amaldiçoando a todos aquelles, que o obrigassem a cahir nelles com funestos conselhos. Depois do sacrificio tambem o instruiaõ com a liçaõ das melhores Maximas, e com passos da Historia os mais proprios para inspirar a virtude.

Poder da Religiaõ

A Religiaõ muito respeitada no Egypto podia fazer aquelle methodo efficacissimo. O mais bello triunfo da Religiaõ era sujeitar á obrigaçaõ o proprio coraçaõ altivo dos Soberanos. Aqui se póde já observar que os Sacerdotes tinhaõ regulado quasi tudo em o Reino.

Uso de julgar os mortos, sẽ exceptuar os proprios Reis.

O uso de julgar os Reis depois da sua morte, do mesmo modo que julgavaõ os menores Cidadãos, he geralmente louvado, como huma instituiçaõ admiravel. Todos tinhaõ direito de entrar em aquelle juizo como accusadores; o Povo era Juiz: se as provas pareciaõ decisivas contra o morto, era privado da sepultura. Por este meio os Soberanos se achavaõ realmente responsaveis das suas acções para com os seus vassallos, e a idéa de huma sentença, a que estavaõ expostos, lhes devia fazer respeitar os homens, e os seus deveres: supposto com tudo (o que me parece muito duvidoso) que se

atre-

atrevessem a anniquilar a memoria de hum Principe máo, quando o seu Successor se interessasse em a defender.

A pesar da impressaõ, que póde produzir o temor de deixar depois de si a deshonra, aquelle saudavel costume tirava talvez a sua utilidade principalmente de huma opiniaõ frivola, e absurda. Os Egypcios acreditavaõ, segundo dizem, que as almas ficavaõ unidas com os corpos até á sua putrefacçaõ: olhavaõ para a sepultura como essencial para a felicidade; e esperavaõ, com o soccorro dos balsamos, sobreviver a si proprios seculos inteiros em as suas sepulturas. Muitas vezes o Mundo se governa com as preoccupações. Que vantagem naõ seria, se ao menos as dirigissem para o bem publico? a persuasaõ, que a felicidade, ou a infelicidade podiaõ depender dos vivos, chegava a ser por este modo hum dos primeiros moveis do Governo Politico, ligado com hum Systema Religioso.

Preoccupaçaõ que fazia util este costume.

Attribue-se a Sesostris a distribuiçaõ do Egypto em trinta e seis *nomes*, ou divisões, as quaes Sesostris confiava aos homens mais dignos de governar. Nada he mais necessario em hum grande Estado, onde os olhos do Principe necessitaõ de outros muitos olhos. As terras eraõ

O Reino dividido em repartições.

Repartiçaõ das terras.

eraõ repartidas entre o Rei, entre os Sacerdotes, e os Soldados. Huma repartiçaõ semelhante annuncia antes o despotismo, e a superstiçaõ, do que a rectidaõ do Governo. Era conveniente sem duvida que os defensores da Patria fossem pessoalmente interessados na sua defeza. A sua propriedade era hum motivo de valor. Porem huma propriedade taõ extensa tambem devia inspirar a brandura. Os Egypcios foraõ hum povo cobarde, e quasi sempre subjugado. Huns officiaes jornaleiros, sujeitos a huma boa disciplina, valeriaõ mais do que aquelles Soldados, os quaes nasciaõ de algum modo menos para combater, do que para folgar.

Grande poder dos Sacerdotes.

Em quanto aos Sacerdotes, os seus vastos dominios pareciaõ taõ sagrados, que pretendiaõ tellos recebido da maõ da propria Isis. A terça parte das terras, junta com o respeito, que a Religiaõ lhes inspirava, e com a isençaõ de qualquer imposto, e de qualquer encargo, os fazia muito poderosos, para que a authoridade do Sacerdocio tivesse hum contrapeso em a authoridade civil. Razaõ, por que ninguem póde deixar de vêr as instituições publicas, senaõ como obra sua. Os Sacerdotes governavaõ os Reis, e os Povos, e estavaõ sempre á testa do Conse-

selho. As primeiras Dignidades, a administraçaõ da Justiça, os Archivos, e os Annáes; em huma palavra, as Leis, e as Opiniões se achavaõ de algum modo em as suas mãos. Deixo para julgar, se as suas tradições, compiladas pelos Gregos, merecem muita confiança.

Contradição a respeito dos tributos.

Alguns Historiadores certificaõ, que nem as terras dos Soldados, nem as dos Sacerdotes, estavaõ sujeitas a algum tributo. Sobre quem cahiaõ pois os tributos? naõ os haveria? Por outra parte, refere Herodoto, que Sesostris tinha repartido as terras, e tinha imposto hum tributo, conforme a quantidade de terreno, que cada qual possuia. Perderiamos o nosso tempo, se pretendessemos aclarar humas contradicções semelhantes, taõ frequentes em a Historia Antiga.

Tribunal principal: modo de administrar a Justiça.

Os Egypcios conhecêraõ, que a felicidade dos Povos bem governados depende sobre tudo da Administraçaõ da Justiça, sem a qual o crime naõ castigado arrastaria logo a ruina commum. O seu Tribunal principal compûnha-se de trinta Juizes eleitos em as tres Capitaes, Heliopolis, Memphis, e Thebas (porque o Egypto dividia-se em tres partes). O Principe, quando lhes dava a posse, ordenava que jurassem de lhe naõ obedecer, se mandasse dar alguma sentença in-

jus-

justa. O Principe provia á sua subsistencia, para que defeito algum do interesse naõ podesse manchar huma profissaõ taõ nobre. Os negocios tratavaõ-se por escrito com receio, que a força, e os artificios da Eloquencia naõ triunfassem da equidade. O mesmo modo de pronunciar as sentenças tinha hum naõ sei que de augusto, e de santo; o Presidente tocava com huma figura da Verdade em aquelle, cujo direito era reconhecido. Naõ se duvidava, que a Verdade naõ dictasse a sentença. Tal he a pintura delineada pelos Historiadores, se naõ conforme a natureza, ao menos apparentemente conforme os principios, e as regras ordinarias. Quando tratarmos dos costumes deste Povo, levantar-se-haõ duvidas a respeito dos elogios, feitos prodigamente aos seus Magistrados. A Magistratura, o proprio Sacerdocio, participaõ sempre do contagio publico.

Leis do Egypto.

De todos os bens da Sociedade, as Leis saõ, sem contradiçaõ, o primeiro bem, como o manancial de todos os outros. Em o tempo em que quasi Naçaõ alguma tinha policia, já as Leis do Egypto estavaõ em vigor. Honrava-se Menes por causa do estabelecimento do Matrimonio.

Casamento de irmaõs com irmãs.

O irmaõ, e a irmã podiaõ casar juntamente; porque Osiris, e Isis tinhaõ dado o ex-

o exemplo de huma semelhante uniaõ. Deste modo as idéas supersticiosas consagraõ aquillo mesmo, que os bons costumes deveriaõ proscrever. Permittia-se a Polygamia, excepto aos Sacerdotes. Com tudo parece certo, a pesar da pratica commum dos Orientaes, que a Polygamia naõ se une nem com o voto da Natureza, nem com o interesse da Sociedade; porque o numero das femeas he quasi igual ao numero dos machos, e a educaçaõ dos filhos requer que o Pai, e a Mãi sejaõ intimamente unidos. O adulterio se castigava severamente, como hum crime dos mais perniciosos, por causa dos seus effeitos, pois que destroe o fundamento da ordem civil. O homem que o tivesse commettido, era condemnado a mil açoutes, e a mulher, a ter o nariz cortado. Os Soldados culpados de cobardia eraõ castigados com a nota de infamia; devendo ser mais terrivel para o Militar a vergonha, do que a morte. O calumniador soffria a mesma pena, que soffreria o accusado, se tivesse sido convencido. Cortavaõ-se as mãos aos falsarios, e aos falsos moedeiros. Sendo o primeiro objecto da Legislaçaõ a segurança dos homens, castigava-se de morte o homicidio, ainda que fosse commettido em qualquer escravo. Todo aquelle que po-

Polygamia.

Castigo do adulterio, da cobardia, da falsidade, &c.

podesse livrar qualquer homem acommettido por matadores, e o naõ fizesse, era condemnado igualmente á morte. Se o Homicidio naõ se tivesse podido impedir, devia-se denunciar o culpado sob pena de ser açoutado. A Cidade mais proxima do lugar em que se achasse o cadaver, era obrigada a fazer-lhe exequias custosas; novo motivo para vigiar na conservaçaõ dos homens. Qualquer Pai, que matasse seu filho, era sómente condemnado a estar abraçado com o cadaver tres dias, e tres noites consecutivas no meio da guarda, que o cercava: julgava-se sem duvida, que a Natureza, e opprobrio seriaõ os seus algozes. As mulheres prenhes naõ eraõ executadas, senaõ depois dos seus partos, como pedia a Humanidade. As Leis ordenavaõ conservar, e educar todos os filhos. Veremos Povos inhumanos a este respeito sem escrupulo algum, ou seja pela difficuldade da subsistencia, ou seja por outros motivos.

Penas cõtra o Homicidio, e o Patricidio.

Educaçaõ dos filhos.

Todos os particulares se contemplavaõ, e se consideravaõ, como membros pertencentes ao Estado. Por consequencia os bens, e naõ a pessoa do devedor, respondiaõ pela divida; e naõ se conheciaõ aquellas violencias, que causáraõ tantas perturbações na antiga Roma. Asychis

Leis a respeito dos devedores.

chis achou meio efficaz para manter a segurança do Commercio, ordenando que o Devedor empenhasse ao Credor o corpo embalsamado de seu Pai, e que se morresse sem ter desempenhado aquelle penhor, elle mesmo sería privado da sepultura: o que era prender os Egypcios com o seu maior interesse, huma vez que a opiniaõ tivesse entre elles todo o poder.

Lei contra a ociosidade, e contra o máo procedimento.

Huma das melhores Leis he a Lei de Amasis, pela qual todos eraõ obrigados a declarar todos os annos ao Governador da Provincia a sua profissaõ, e os meios com que subsistiaõ. Havia pena de morte para todo aquelle, que naõ podia dar conta do seu procedimento, nem mostrar que vivia por modos licitos. A pena sem duvida era excessiva, pois que naõ se poderiaõ castigar de outro modo os maiores crimes, porém o fim desta Lei era excellente; a qual impunha a necessidade de ser util, desterrava a preguiça, a fraude, e as outras pestes da Sociedade, e fazia o Cidadaõ responsavel á Patria das suas acções. Solon fez huma semelhante Lei em Athenas. Seria pois acaso impossivel reduzir hoje em dia a hum trabalho decente tantos miseraveis, aos quaes sómente a ociosidade faz preguiçosos? e sem os castigos com pena de morte, contra

tra o Direito da Natureza, castigando-os com outra qualquer pena, delles naõ se poderiaõ tirar serviços realmente verdadeiros?

Abusos das profissões hereditarias.

A Lei antiga que estabelecia diversas classes de Cidadãos, inteiramente distinctos, e que obrigava aos filhos a seguir a profissaõ de seus Pais, certamente naõ merece todos os elogios, que se lhe tem dado? *Obrava-se melhor*, diz Bossuet, *o que sempre se vira fazer*, *e o que unicamente se exercitára desde a infancia.* Obrava-se melhor? Sim, se tivessem as disposições necessarias, e se seguissem bons modelos. Por ventura hoje em dia vê-se, que o melhor Artifice, o Artista mais famoso he aquelle que teve por berço o seu Laboratorio? que direi dos Estados, onde o estudo, a reflexaõ, e os talentos saõ de huma necessidade mais indispensavel? Huma Lei semelhante na Europa eternizaria os abusos, poria, como no Egypto, hum obstaculo invencivel para a perfeiçaõ em todo o genero, e escureceria a maior parte dos talentos, que illustráraõ, ou honráraõ o Genero Humano. A Politica verdadeira naõ cativa a emulaçaõ; pois anima bastantemente as Artes necessarias, sobre tudo a Agricultura, para naõ recear, que as desprezem; avalia tambem os talentos, e a to-

A emulaçaõ incompativel cõ a distinçaõ das classes.

todos assignala a ordem conveniente; porém longe de levantar huma barreira odiosa entre as classes dos Cidadãos, procura com mais diligencia unillos em hum mesmo corpo; quanto mais que huma classe muito multiplicada far-se-hia funesta áquellas, que fossem muito pouco numerosas. A confusaõ dos Estados parece hum mal necessario em as grandes Monarquias; pertence aos Legisladores prevenir os seus inconvenientes principaes. Conforme alguns Escritores, todas as profissões no Egypto se honravaõ. Outro erro. No Egypto abominava-se a profissaõ de pastor, posto que houvesse grande numero de rebanhos, e a vida pastoril fosse taõ agradavel aos primeiros homens.

Lei favoravel para os Ladrões.

Poderiamos observar outros muitos abusos em a Legislaçaõ daquelle Povo taõ celebre. Diodoro de Sicilia refere, que os Ladrões tinhaõ hum Chefe, depositario de todos os roubos, que faziaõ. Dirigindo-se a elle, e especificando a natureza, e as circunstancias do furto, havia a segurança de recuperar o que se considerava perdido: sómente custava a quarta parte do seu valor. Este costume havia passado em Lei. Eis-aqui pois o roubo de algum modo authorizado, e recompensado. O testemunho de Diodó-

ro he suspeito em infinitas cousas. Porém acaso os admiradores da sabedoria Egypciaca recusaõ aquelle testemunho? confessemos, que o bem, e o mal saõ igualmente duvidosos em muitos pontos essenciaes.

Resta-nos a examinar os abusos ainda mais estranhos, como saõ os da superstiçaõ.

CAPITULO III.

Religiaõ, e Costumes dos Egypcios.

Utilidade da Religiaõ.

QUANDO a Religiaõ sómente se considerasse como hum dos laços mais fortes da Sociedade, e hum dos motivos mais poderosos para inclinar a affeiçaõ ao cumprimento dos deveres justos, parece devia ser muito respeitavel, independentemente do amor, e do reconhecimento, que pede a Divindade. Infelizmente a superstiçaõ a abate, a degenera, e produz as maiores desgraças, abusando do maior bem. A Historia nos subministrará innumeraveis exemplos da superstiçaõ, sobre os quaes naõ se póde insistir demasiadamente, pretendendo-se curar os homens de huma especie de enfer-

fermidade contagiosa, de que quasi todos saõ as victimas.

A supersticaõ altera a Religiaõ, e fazse funesta.

A Suprema Intelligencia manifesta-se em as suas obras. Basta contemplar na formaçaõ do Universo, na organisaçaõ dos seus habitantes, na ordem, e harmonia dos seus globos immensos, para se conhecer o seu unico Author, e para o adorar. Com tudo a primitiva Religiaõ, taõ pura, e taõ simples, foi suffocada por toda a parte debaixo de hum aggregado confuso de monstruosas extravagancias. O' entendimento humano em vez de se humilhar na presença do Ser infinito, que naõ póde comprehender, substitue em seu lugar os fantasmas. A impostura, o terror, e a imaginaçaõ realizaõ esses mesmos fantasmas, e os multiplicaõ continuadamente. Algumas vezes tambem o absurdo, com o nome augusto de Religiaõ, subjuga talentos superiores, e os abate á miseravel, e arrastada multidaõ do vulgo. Como cada qual fabrica para o seu culto Deoses ridiculos, e naõ taõ bons como malfazentes, por isso tambem se impõem, ou para lhes ser gratos, ou para os socegar, obrigaçõe ridiculamente barbaras. Finalmente a superstiçaõ diversificada por mil modos, he o opprobrio, e o flagello do Genero Humano.

A idéa do Supremo Ser, conservada no Egypto, a pesar da superstiçaõ. *De Isid. & Osir.*

Alguns entendimentos illustrados entre os Egypcios conservavaõ a idéa de hum Ser Supremo, que denominavaõ com differentes nomes, e cujos attributos representavaõ debaixo de diversos symbolos. Plutarco refere esta Inscripçaõ de hum Templo do Egpyto: *Eu sou tudo aquillo que tem sido, he, e será; mortal algum ainda naõ levantou o veo que me cobre.* A seguinte Inscripçaõ ainda subsiste: *A ti, que sendo huma, es todas as cousas, a Deosa Isis.* A unidade de Deos era hum dos Mysterios, que se ensinava no Egypto aos iniciados nos Mysterios da sua Religiaõ; porém he igualmente certo, que as fabulas insensatas do Paganismo tiveraõ a sua origem no Egypto onde o Culto Divino se manchava com infames loucuras, e a superstiçaõ chegava ao ponto de tontice, e de furor.

Hist. Universal. I. 373.

Idolatria Egypciaca.

Principiou-se provavelmente pelo culto dos Astros, sobre tudo do Sol, e da Lua, indicados com os nomes de Osiris, e de Isis. Esta he a origem mais natural da Idolatria. Logo que se perdia a memoria do Creador, facilmente se podiaõ tomar os Astros pelos Arbitros da Natureza, a qual os mesmos Astros animaõ, e fecundaõ. A admiraçaõ, ou o reconhecimento deificou depois os mortaes. Acaba-se adorando-se animaes; e este culto,

to, visto debaixo de qualquer ponto que seja, he o ultimo termo do delirio superscticioso. O silencio dos Historiadores naõ permitte dar credito a Juvenal, quando accusa os Egypcios de adorar as mesmas plantas, taes como a cebola.

O boi Apis, Divindade principal, que representava Sesostris, era hum touro preto com certas malhas. As honras, que se lhe rendiaõ, as despezas para o alimentar, a desesperaçaõ depois da sua morte, e o ardor em lhe procurar successor, pareciaõ incriveis, se em semelhante caso alguma cousa devia parecer incrivel. O gato, o rato da India, o caõ, a cegonha, o falcaõ, o lobo, e o crocodilo se incluiaõ no numero dos Deoses. Conservavaõ-os magnificamente, nada se poupava para o seu alimento; as pessoas da primeira classe tinhaõ grande gloria em os servir; a pompa das suas exequias correspondia a taõ loucas profusões.

Animaes Deoses.

Matar, ainda involuntariamente, qualquer dos animaes sagrados, era dos maiores crimes. O culpado naõ se livrava da morte. Hum Soldado Romano foi despedaçado pelo Povo, a pesar da intercessaõ do Rei, e do terror do nome de Roma, por ter morto hum gato involuntariamente. Diodoro, que nos refere

Excessos de zelo por estes animaes.

 es-

este facto, accrescenta que em huma fome, os Egypcios mais depressa se comiaõ huns aos outros, do que tocar em algum daquelles animaes.

Dissensões causadas pelo culto.

Os Egypcios tambem tinhaõ a infelicidade de se desunirem nas suas opiniões, e nas suas praticas Religiosas. Alli adorava-se o crocodilo; aqui o rato da India, inimigo do crocodilo: em huma Provincia receava-se matar hum carneiro, e sómente se comiaõ cabras; em outra respeitava-se supersticiosamente a cabra, e vivia-se com a carne de carneiros. Daqui nascem os vituperios de impiedade, os odios, e as disputas. Segundo Diodoro, este era o fruto de hum Rei prudente, o qual para prevenir as rebelliões, semeou a discordia pelas Provincias, dando a todas hum Deos particular. Supposto o facto, aquelle Principe sómente deve reputar-se inimigo do seu Povo. Entregando-o ás disputas da Religiaõ, o expunha a huma guerra intestina, e irreconciliavel.

Diversas superstições dos Egypcios.

Quando a superstiçaõ está arraigada entre os homens, mostra-se, e reproduz-se debaixo de mil formas horrendas. Os Egypcios, em os principios, sacrificavaõ victimas humanas. Obrigavaõ-se a naõ comer nem favas, nem trigo, e o seu paõ era de *Olyra* (provavelmente de ar-

arroz.) Aborreciaõ certos animaes por immundos, sobre tudo o porco. Olhavaõ com huma tal aversaõ religiosa para os Estrangeiros, que naõ se atreviaõ a comer com elles, nem a servir-se de qualquer movel que lhes pertencesse, nem a metter na boca qualquer pedaço de carne, cortada com a sua faca. Os Egypcios, assim homens, como mulheres flagellavaõ-se em qualquer festa de Isis, e em qualquer festa de Diana commettiaõ horrorosas indecencias. Os mesmos Egypcios consultavaõ os seus animaes Deoses, como Oraculos. Praticava-se no Egypto a circuncisaõ desde tempo immemorial; Pythagoras foi obrigado a sujeitar-se á circuncisaõ para conversar com os Sacerdotes.

Poder excessivo dos Sacerdotes do Egypto.

Aquelles Sacerdotes, os quaes podiaõ fazer grandes serviços, por causa da cultura dos costumes, prendiaõ, e governavaõ o Povo com a superstiçaõ. Como unicos depositarios da Sciencia, faziaõ crêr tudo quanto queriaõ. O seu poder excessivo mostra, que fabricáraõ os eixos do Governo, ou que os sujeitáraõ a hum movel superior, para o interesse da sua ordem. Assim que a familia reinante se extinguia, era necessario collocar hum Sacerdote no Throno: pedia-se eleger qualquer Militar, porém o eleito devia

ser

aggregado ao Corpo Sacerdotal. Sethon, Sacerdote de Vulcano chegando por este modo ao Reinado, desprezou imprudentemente o Militar, a quem despojou dos seus privilegios. Algum tempo depois necessitou do serviço Militar. Officiaes, e Soldados naõ o quizeraõ defender. Conforme as Fabulas do Egypto, Vulcano salvou Sethon por meio de hum milagre.

Sacérdote Rei.

Sem duvida, que os Sacerdotes do Egypto geralmente conheciaõ a ridicularia de huma parte dos erros, que ensinavaõ. A sua Theologia occulta, ainda que cheia de fingimentos, era muito superior á crença popular. Tambem tinhaõ idéas sublimes do Ser infinito. Porém de que serve huma doutrina occulta, de cuja instrucçaõ se priva o Publico? qual he a razaõ de occultar ao Povo as verdades mais importantes? para que he deixallo, como bruto, em huma funesta cegueira? de que serve deshonrar a Deos com loucuras, e atormentar os homens com quimeras? Politica falsa, ou cruel! Concedo que era difficultoso illustrar hum Povo taõ supersticioso, e querendo curallo daquella superstiçaõ, podia-se recear offendello, e enfurecello. Com tudo, com sabias, e prudentes cautelas, a benefica verdade insinua-se, por toda a par-

Politica destes Sacerdotes.

Os Sacerdotes occultavaõ a verdade por interesse.

parte produz o seu effeito. Naõ se póde duvidar, que os Sacerdotes fizessem hum Mysterio da sua doutrina, senaõ unicamente porque as superstições estabelecidas lhes eraõ uteis. O pequeno numero dos iniciados nos Mysterios da Religiaõ, ao qual os Sacerdotes se dignavaõ instruir, só chegavaõ a obter aquella graça, depois de dilatadas experiencias. Pretendia-se, segundo as apparencias, certificar-se do sujeito, e dar maior valor aos Mysterios.

Experiencias dos iniciados nos Mysterios da Religiaõ.

Os costumes dos Egypcios eraõ taõ extravagantes, como a sua Religiaõ. O respeito aos Pais, e Mãis, e aos Velhos, o reconhecimento dos beneficios, os sentimentos pacificos, e o amor dos antigos costumes eraõ as suas principaes virtudes, ás quaes accrescentavaõ grandes defeitos, e muitos vicios. Preguiçosos, e cobardes, passavaõ o tempo a fiar, ao mesmo tempo que as mulhères, Senhoras em casa, se occupavaõ em os negocios exteriores. As filhas, e naõ os filhos, eraõ obrigadas a ter cuidado de seus Pais. Os Estrangeiros eraõ desprezados, e aborrecidos. Sómente se imaginava bom, e bello, tudo o que se praticava na sua terra: preoccupações injuriosas geralmente para os homens, e evidentemente contrarias ao bem Público.

Costumes dos Egypcios.

Vaidade nacional; odio das novidades.

Em-

Em vaõ celebra Plataõ esta extrema aversaõ pelas novidades; em vaõ grandes engenhos nos dizem ainda com enthusiasmo: *Hum costume novo no Egypto era hum prodigio, onde tudo sempre era o mesmo; e a exactidaõ que havia em guardar, e observar as cousas pequenas, mantinha as grandes. Razaõ por que nunca houve Povo algum, que conservasse tanto tempo os seus usos, e as suas Leis.* (Bossuet, *Discurso sobre a Historia Universal.*) Que merecimento de ter conservado as más Leis juntamente com as boas, os usos ridiculos com os costumes respeitaveis, as grosseiras superstições com os sentimentos Religiosos! Para refutar este paradoxo só basta o exemplo do Egypto, sobre o qual se pretende sustentar. No Egypto tudo era sempre o mesmo. Esta he a razaõ, porque alli se obravaõ tantas cousas mal. Os abusos naõ se corrigem, os costumes, as Leis, e as Artes naõ se aperfeiçoaõ senaõ com as mudanças. A novidade muitas vezes perniciosa, tambem he muitas vezes necessaria. Sem a novidade, nem os Egypcios, nem Povo algum teria sahido da barbaridade; sem a novidade, de que nos serviria a razaõ, cujos progressos successivos devem dirigir-se á felicidade da Sociedade? O ponto principal he innovar com prudencia,

A novidade he muitas vezes necessaria.

e

e com sabedoria; porque muitas vezes o abuso peior he reformar mal os abusos.

Hum uso estabelecido no Egypto, conforme Herodoto, naõ fará julgar favoravelmente dos costumes da Naçaõ. Para os banquetes, e divertimentos trazia-se hum esquife, em que estava huma figura de defunto, feita de páo, e segundo alguns Authores, era hum verdadeiro cadaver. Aquella figura se apresenta a cada hum da companhia, dizendo-lhes ao mesmo tempo: *Bebe, e alegra-te, porque eis-aqui o que serás algum dia.*

Figura de defunto, que traziaõ para os banquetes.

CAPITULO IV.

Artes, e Sciencias dos Egypcios.

OS Egypcios devem a sua celebridade especialmente ás Artes, e ás Sciencias. Elles foraõ certamente os seus inventores, e a Europa lhes deve a origem dos seus conhecimentos. Attribuia-se a Osiris a invençaõ do arado, instrumento, que tem sido mais util para o Genero Humano, do que todos os sabios descobrimentos, pois que a Agricultura he a mãi da Sociedade. Sendo de

As primeiras Artes inventadas no Egypto.

O arado.

de páo os primeiros arados, sem ferro, nem outro algum genero de metal, conforme a observaçaõ de M. Goguet, a Agricultura em nenhuma outra parte podia ter principio, senaõ no Egypto, por causa da leveza das suas terras.

O ferro muito tẽpo incognito.

Observemos aqui hum facto admiravel, o qual depende das Artes, e da industria. De todos os metaes, o ferro foi o ultimo que se achou, e que se pôz em obra. O cobre temperado supria o ferro; as armas faziaõ-se de cobre; a mesma prata chegava a ser ordinaria, quando o ferro destinado pela natureza para tantos usos preciosos, estava ainda incognito, e encoberto. He porque as operações metallurgicas para o ferro saõ muito mais difficultosas a inventar do que as outras.

Reflexões a respeito da origem das Artes.

Esta observaçaõ convida a fazer algumas reflexões. Acostumados demasiadamente a gozar das vantagens que se achaõ ás nossas mãos, naõ pensamos em os esforços da industria, que foi necessaria para as produzir, nem em a multidaõ prodigiosa de homens, que dellas foraõ privados. Com tudo houveraõ seculos, e ainda ha vastas Regiões, e Paizes tambem florentes, onde nunca se conheceo o alimento mais ordinario, o paõ. Quaes foraõ os admiraveis progressos, por onde

so

os homens pudéraõ levantar-se daquelle estado feroz, e infeliz, para o estado de cultura, de commodidade, e de perfeiçaõ, do qual gozaõ a maior parte sem o pensar? A necessidade os fez industriosos. Para se alimentar, vestir, e cobrir-se das injurias do tempo, inventáraõ logo meios grosseiros, aos quaes insensivelmente succedêraõ os melhores methodos. O acaso favorecéo a industria, e lhe abrio muitas vezes o caminho. Naõ imaginemos, como hum Filosofo antigo (Possidonio) que se descobríra o segredo de fazer paõ, considerando, que os grãos de trigo comidos sem preparo se moiaõ primeiramente com os dentes; que a sua substancia se desfazia depois com a saliva; e que revolvidos em aquelle estado, e tornados a ajuntar por meio da lingua, desciaõ ao estomago, onde recebiaõ o gráo conveniente de cozimento. Segundo este Systema engenhoso, a arte de moer, a arte de amassar, e a arte de cozer no forno, nasceriaõ repentinamente de huma combinaçaõ subtil de idéas! Era necessario ajuntar-lhes a invençaõ do fermento, mais difficultoso ainda de conceber.

As Artes nascêraõ da necessidade, e da industria.

Falso Systema de Possidonio a respeito da invençaõ do paõ.

Semelhantes Systemas saõ meramente subtilezas do entendimento. Primeiro que se reflectisse sobre a natureza, e effei-

O acaso contribuio para os descobrimẽtos.

feitos das operações animaes, soube-se provavelmente fazer a farinha, desfazella na agua, reduzilla em massa, e cozella de qualquer modo. Huma especie de instincto, antes do que o discurso produzio as Artes de necessidade. Primeiramente foraõ provas grosseiras, as quaes de experiencia em experiencia chegáraõ vagarosamente a methodos vantajosos. Sem hum concurso de felizes acasos, talvez que naõ se tivessem achado as cousas mais necessarias.

O uso do fogo se ignorou por muito tẽpo.

O mesmo fogo faltou por muito tempo aos homens, ou por melhor dizer, o meio de o conservar, e de o reproduzir. Os Gregos o suppunhaõ vindo do Ceo; testemunha a Fabula de Prometheo. Em 1525 quando Magalhães aportou ás Ilhas Mariannas, os Salvagens tomáraõ este elemento por hum animal, que comia páo. Tendo-o tocado, e tendo-se queimado, naõ se atrevêraõ a olhar para elle senaõ de longe: receavaõ ser feridos, ou com as suas mordeduras, ou com a sua violenta respiraçaõ. Deste descobrimento para a Metallurgia, sobre tudo para a arte de empregar o ferro, que he necessario fundir, derreter, bater, aquentar, e tornar a bater, antes de forjar com elle alguma ferramenta, o intervallo parece horroroso. Em o Perú, e no Mexico,

co, onde o ferro he abundante, naõ se conhecia, posto que o ouro brilhasse em os templos, e servisse á magnificencia dos Principes. Em huma palavra, aquillo que nos parece muito simples, e facil, e que effectivamente o chegou a ser pelo costume, deve-se admirar na origem, ou como hum dom precioso da Natureza, ou como hum prodigio da industria.

As Artes cultivadas no Egypto desde tempo immemoriavel.

Com tudo, a qualquer distancia que na Historia se chegue, ao mesmo tempo dos Pratiarcas, achaõ-se no Egypto as Artes do luxo, e do appetite. As finas sedas, os bordados, os vasos preciosos, finalmente o apparato da magnificencia, annunciavaõ os talentos do Egypcio, o qual se distinguia sobre tudo pela arquitectura, posto que com pouco gosto, como diremos em outro lugar. O que os Antigos contaõ das suas obras, pareceria exaggeraçaõ, se naõ subsistissem ainda Monumentos, de que passo a dar huma idéa em poucas palavras.

As Pyramides.

As famosas Pyramides, que muitos Escritores suppõem edificadas antes do Diluvio, resistem ainda aos rigores do tempo, que tem destruido tantos Imperios. Daquellas Pyramides conservaõ-se tres, distantes algumas legoas do Cairo, onde antigamente ficava Memphis. A

maior

maior faz hum quadrado de dous mil seiscentos e quarenta pés de circuito, tendo cada lado da base seiscentos e sessenta pés. A sua altura perpendicular he quasi de quinhentos pés Huma plataforma quasi de dezaseis pés, de cada lado, termina a summidade. Varias pedras deste prodigioso edificio tem trinta pés de comprimento, quatro de altura, e tres de largura. Pretende-se que as obras subterraneas eraõ muito mais consideraveis. Cem mil officiaes, conforme a relaçaõ de Herodoto, trabalháraõ trinta annos consecutivos, ou em preparar os materiaes, ou em construir a obra; e huma Inscripçaõ relatava, que em quanto aos legumes com que os tinhaõ alimentado, se tinha despendido mil e seiscentos talentos, avaliados perto de dous milhões, e oitocentos mil crusados da nossa moeda.

A Superstiçaõ, e a Politica contribuiraõ para a construcçaõ das Pyramides.

Plinio o Naturalista, e outros muitos declamaõ contra a louca vaidade, a qual, se lhes dermos credito, inspirára aos Soberanos aquellas ruinosas emprezas. Alguns Escritores menos judiciosos imagináraõ, que aquellas Pyramides eraõ huns armazens, edificados por José, para o trigo dos sete annos da abundancia. Eis-aqui talvez hum daquelles sonhos que caracterizaõ melhor os eruditos por Systemas. As Pyramides eraõ certamente

se-

sepulturas, onde se conjectura, que os Reis, inteirados das preoccupações da Naçaõ, queriaõ eternizar a sua vida, segurando aos seus cadaveres huma habitaçaõ inaccessivel, e exposta á experiencia dos Seculos. Com aquella superstiçaõ se unio provavelmente o motivo de prevenir Guerras Civís, impondo ao Povo hum trabalho dilatado. Talvez tambem, que sendo natural dos Egypcios o gosto dos grandes corpos de materia solida, bastasse hum primeiro exemplo para ter imitadores. Seja qualquer que for o motivo, observa-se utilmente que aquelles Monarcas, que mandáraõ edificar as Pyramides, fizeraõ-se taõ odiosos por causa do tributo do trabalho sem salario, com que opprimíraõ os seus vassallos, que naõ podêraõ gozar das suas sepulturas, nem fazer memoraveis os seus nomes. Naõ he necessario pois julgar do Governo do Egypto pela idéa, que delle daõ os Escritores, seguindo algumas Leis boas, que muitas vezes naõ se observavaõ.

Os Edificadores abominados por causa das suas vexações.

O supersticioso desejo de conservar os cadaveres era huma das mais fortes paixões dos Egypcios. Razaõ porque ninguem já mais os igualou na Arte de embalsamar os mortos. Os seus corpos embalsamados duravaõ sempre; dos quaes estaõ cheias as grutas abertas nas rochas.

Corpos ẽbalsamados dos Egypcios.

Que

Que cousas naõ inspira a preoccupaçaõ? Respeitar até as cinzas de seus Pais he hum sentimento louvavel, e natural; porém aqui obra muito mais a superstiçaõ do que o sentimento. Rollin diz a este respeito, *que o uso de queimar os corpos he cruel, e barbaro, pois se apressaõ a destruir o que fica das pessoas as mais amadas.* O mesmo Rollin considera, que naõ se imaginou cousa melhor do que os enterros ordinarios: como se houvesse maior humanidade em entregar aquelles restos preciosos aos bichos, e á podridaõ. Tantos juizos falsos saõ uteis para se observar; os quaes nos devem ensinar a usar da nossa razaõ, sem sermos escravos das opiniões alheias.

Preoccupaçaõ a respeito da sepultura.

Tambem he huma preoccupaçaõ muito ordinaria, louvar o gosto dos Egypcios. Conforme Bossuet, *os Egypcios sómente amáraõ hum atrevimento regulado; só procuráraõ a novidade, e a admiraçaõ na infinita variedade da Natureza.* Porém a sua paixaõ para os Colossos, acaso naõ desmente aquelle elogio? Ainda se vê huma cabeça de Esfinge, a qual tem trinta a sinco pés de circuito, e vinte e seis de altura. Em aquelles espantosos corpos de materia sólida, que o tempo respeitou, naõ se acha nem risco, nem proporções, nem belleza. O seu principal me-

Os Egypcios naõ tinhaõ gosto.

merecimento consistia em fazer tudo agigantado.

Labyrintho.

Naõ descreveremos o Labyrintho, Palacio famoso, cuja construcçaõ se attribue a doze Reis, os quaes reinavaõ ao mesmo tempo, quasi no anno de 600, antes da vinda de Jesu Christo. Em hum circuito sómente se incluiaõ, segundo dizem, tres mil salas, communicando-se todas humas com as outras por meio de infinitos rodeios. Os Obeliscos saõ mais conhecidos. Em o Egypto haviaõ muitos feitos inteiriços de cento e oitenta pés de altura. O Obelisco de Ramessés, muito maior, tinha sido trabalhado por vinte mil homens, se dermos credito aos Antigos. Este Obelisco vê-se em Roma, para onde o mandou transportar o Imperador Constancio, e onde Sixto V. o restabeleceo. Em quanto ás maravilhas, que se contaõ da Cidade de Thebas, e as cem portas, que lhe dá Homero, por cada huma das quaes podiaõ sahir dez mil Soldados (posto que Herodoto só conta quarenta e hum mil Soldados em todo o Egypto), he esta huma exageraçaõ fabulosa, que deshonraria a Historia. Contentemo-nos em admirar huma cousa verdadeiramente admiravèl, a industria dos Egypcios em tirar do centro das montanhas as pedras prodigiosas, que empre-

Os obeliscos.

Thebas.

Industria em transportar enormes pedras.

gavaõ, em as transportar para muito longe, por meio dos canaes do Nilo, e em as suspender no ar com muito menos soccorros, que nós temos.

Sciencias.

Os progressos em as Artes, provaõ habilidade em as Sciencias. Entre humas, e outras ha huma uniaõ intima, e huma correspondencia necessaria. Onde florecem as Artes, hum numero de engenhos felizes excitaõ-se para as meditações, e para as profundas indagações, em que consagraõ o seu tempo com ardor, e adquirindo luzes, as quaes logo se espalhaõ, abrem para as Artes novas origens de perfeiçaõ, e de riquezas. Naõ se póde duvidar, que os Egypcios naõ tivessem principios de Mecanismo, de Geometria, e de muitas partes das Mathematicas, quando os vemos medir justamente as terras, distribuir as aguas do Nilo por infinitos canaes, medir exactamente o crescimento daquelle rio, fabricar, e empregar todas as qualidades de maquinas, e sobre tudo medir o tempo, e calcular a revoluçaõ dos Astros.

As Sciencias unidas com as Artes.

Necessidade da Astronomia.

Se a Astronomia teve a sua origem entre os Egypcios, ou entre os Caldeos, ou em outra qualquer parte, he questaõ certamente impossivel de decidir, e que importa pouco examinar. Os dous Povos, os mais antigos, cultiváraõ aquel-

la

la Sciencia necessaria, naõ sómenre para a Geografia, para a Navegaçaõ, e para a Chronologia, porém para a Agricultura, e para a ordem da vida civil; porque tanto as operações do Lavrador, como os negocios da Sociedade, e os exercicios do culto, naõ se regulaõ senaõ por huma divisaõ exacta do tempo, e pelo conhecimento do movimento periodico dos Corpos Celestes. Parece que os Egypcios foraõ os primeiros que tiveraõ o anno de doze mezes. A observaçaõ das fazes da Lua produzio facilmente aquelle descobrimento. Logo ao principio, o anno foi puramente Lunar, de trezentos sincoenta e quatro dias, taõ differente do verdadeiro anno Solar, que em menos de dezasete annos a ordem das Estações se transtornava absolutamente. Foi necessario consultar o Sol, observar a sua volta para certas Estrellas fixas; foi necessario medir o anno pelo curso deste Astro. Como era difficultoso acertar, fez-se o anno de trezentos sessenta dias sómente, dando-se trinta dias a cada mez. No fim de trinta e quatro annos humas Estações tinhaõ tomado o lugar das outras. Finalmente, depois de novos estudos, formou-se o anno de trezentos sessenta e sinco dias, e os Astronomos do Egypto descobríraõ que a revoluçaõ do Sol era

Anno Lunar, e anno Solar, descobertos pelos Egypcios.

maior algumas horas. Os Egypcios conheciaõ o Zodiaco, o qual dividíraõ em doze Signos de trinta gráos; descobrimento taõ antigo, como difficultoso. Os mesmos Egypcios eraõ instruidos do movimento dos Planetas, e da causa dos Eclipses; calculavaõ os Eclipses do Sol, e figuravaõ ser a Lua como huma terra etherea. Provavelmente tinhaõ adquirido a idéa da pluralidade dos Mundos, e do movimento da Terra; pois que os Pythagoricos, instruidos na sua Escola, nos transmittiraõ as noções daquelles dous Systemas. Huma prova ainda subsistente das suas instrucções, he que os lados da Pyramide principal correspondem precisamente aos quatro pontos cardeaes.

Até onde se estendia a sua Astronomia.

Quantos mais motivos ha para admirar, que os homens, sem oculos, sem pendulas, e sem algarismos Arabicos, tenhaõ podido elevar-se a taõ altos conhecimentos; quanto menos se concebem as nescias preoccupações, que offuscavaõ a sciencia dos Egypcios. Ainda que attribuissem a Isis a invençaõ dos mastros, e das vélas, com tudo abominavaõ por huma vã superstiçaõ o Mar, e a Marinha. Os Egypcios viaõ em o Mar o emblema de Tyfon, o inimigo de Osiris. De hum semelhante delirio Theologico, nascia a aversaõ áquelle Elemento. Os Sacer-

A superstiçaõ lhes fazia aborrecer o mar.

cerdotes tinhaõ tal horror ao Mar, que naõ comiaõ nem peixe, nem sal. Logo he huma conjectura provavel, que as Colonias Egypciacas passáraõ para a Grecia em navios Phenicianos. Sesostris, segundo a Historia, foi o primeiro que se atreveo a vencer esta preoccupaçaõ, armando huma frota. Aquelle Conquistador mandou levantar o Mappa dos Paizes, por onde tinha viajado. Sem Sesostris, a Geografia, hum dos principaes estudos dos Sacerdotes, comprimir-se-hia em os limites do Reino. Por ventura, naõ he natural pensar que humas opiniões taõ ridiculas tivessem hum fim de Politica? Communicando-se com os Estrangeiros, podiaõ-se mudar os costumes: podiaõ chegar a ser menos flexiveis ao jugo dos Sacerdotes.

Geografia cultivada no Egypto.

O genio supersticioso dos Egypcios se encontra até na sua Medicina; a qual consistia ao principio em diversas receitas, as quaes se transmittiaõ de Pais a filhos, e que se applicavaõ sem dúvida á sorte. Os enfermos eraõ expostos, a fim que os passageiros os podessem soccorrer com os seus conselhos. Recolhendo-se, e depositando-se em os Templos as receitas, fez-se destas hum corpo de Medicina. Livros Sagrados continhaõ os preceitos, que era necessario seguir para o curativo das enfer-

A sua Medicina supersticiosa.

fermidades. Se os Medicos se apartassem delles, e os seus enfermos morressem, eraõ castigados com pena de morte. Sómente esta Lei devia matar huma grande quantidade de enfermos. Era prohibido, conforme o testemunho de Aristoteles, abalar os humores, ou purgar antes do quarto dia. Operações magicas punhaõ o cumulo áquelles abusos; ao menos tudo contribue para se crer.

Os Egypcios naõ se atreviaõ a anatomizar os cadaveres.

A Arte de embalsamar os corpos taõ aperfeiçoada no Egypto, mostra que a Botanica era cultivada com successo; porém naõ a Anatomia, por mais que digaõ a seu favor os Panegyristas dos Egypcios. Os cadaveres naõ eraõ anatomizados, nem taõ pouco se abria a cabeça para os embalsamar; olhavaõ para elles religiosamente, sem procurar conhecimento algum util. Ainda mais, qualquer que tocasse em corpo humano, era digno de horror; e os que faziaõ a operaçaõ, fugiaõ desde logo, temendo que os matassem. Esta preoccupaçaõ ainda se conserva entre os Chinezes, dos quaes observaremos a singular semelhança com os Egypcios. A Historia dos Povos he quasi sempre a da fraqueza do entendimento humano, a pesar dos prodigios de sagacidade, e de industria que nos offerece.

Da-

Da Filosofia Egypciaca sabe-se pouca cousa. Humas vezes se confundia com a Theologia, outras vezes unia-se com a Moral, mais importante que todas as especulações. A sua Filosofia remontava até ao primeiro Ser. Os Egypcios o representavaõ em a figura de hum homem com o Sceptro na maõ, e de cuja boca sahia hum ovo. Aquelle ovo, Symbolo do Mundo, se encontra entre os Caldeos, os Persas, os Indios, os Gregos, e os Chinezes. Huma idéa taõ singular passou provavelmente de Povo em Povo. Todos podéraõ reconhecer por meio da razaõ o Arquitecto do Universo; porém representar a sua obra na figura de hum ovo, he o que a propria imaginaçaõ naõ póde inventar em muitos Paizes.

Filosofia.

Ovo, Symbolo do primeiro Ser.

Antes de concluir este Artigo, digamos huma palavra da invençaõ admiravel, por meio da qual se pintou o pensamento, e a palavra, se conservou a memoria das cousas antigas, e se communicou a todos os seculos hum montaõ de verdades, e de erros, dos quaes estaõ cheios os Arquivos do Mundo. A Escritura na sua origem, foi huma representaçaõ dos objectos materiaes. Delineava-se a figura de huma arvore para expressar huma arvore, e differentes figuras, para expressar huma acçaõ com-

Invençaõ da Escritura.

pli-

plicada, ou huma mistura de muitas cousas. Este methodo naõ podia ser de grande uso. Foi necessario que resumissem, e simplificassem aquelle methodo, inventando sinaes, que expressassem os movimentos da alma, as operações do entendimento, &c. finalmente Symbolos, que fossem communs para diversos objectos.

Jeroglyficos.

Taes eraõ os Jeroglyficos. Por espaço de muito tempo naõ se conheceo outra Escritura. Os Sacerdotes Egypcios conserváraõ o seu uso ainda depois da invençaõ dos caracteres alfabeticos, a fim de poder occultar a sua Sciencia aos olhos do vulgo.

Caracteres alfabeticos.

Nada ha mais simples na apparencia, nem de mais engenhoso com effeito do que esta ultima invençaõ. Hum numero pequeno de sinaes, representando separadamente cada vogal, e cada consoante, exprime sem trabalho todos os pensamentos, e inclue distinctamente em hum espaço muito pequeno, o que infinitos Jeroglyficos só podiaõ fazer com muita confusaõ, e com muita escuridade.

Conjectura-se q̃ os caracteres alfabeticos nascem todos da mesma origem.

Ignora-se a epoca do seu descobrimento, donde segue-se ser muito antigo; porém conjectura-se, que todos os caracteres alfabeticos se derivaõ da mesma origem, naõ obstante a sua grande differença. As nossas letras modernas vem dos Latinos;

as

as Latinas dos Gregos; as Gregas dos Phenicios, cujos caracteres saõ os mesmos, que os dos Samaritanos. Todas aquellas Linguas tem hum alfabeto, o qual segundo as apparencias tambem era o alfabeto do Egypto. (Vid. *a Origem das Leis, das Artes, e das Sciencias*, Part. I.)

Os Egypcios foraõ muito admirados.

Combinando as individuações que acabamos de examinar, concluir-se-ha, que os Egypcios tinhaõ o genio da invençaõ, porém pouco gosto, e pouco discernimento; que depois de ter dado grandes passos nas Artes, e nas Sciencias, ficáraõ no meio do caminho sem nunca alcançar o fim; que foraõ os Mestres da maior parte das Nações, e escravos dos seus proprios usos; que tinhaõ Leis boas confundidas com abusos enormes; que a sua Religiaõ degenerava em absurda superstiçaõ, o seu amor da paz em cobardia, a sua estimaçaõ da Patria em nescio orgulho; as suas idéas falsas de grandeza só produziaõ commummente cousas agigantadas; finalmente julgando-se com imparcialidade, devem-se abater muito os elogios, que lhes deraõ prodigamente os Gregos, e os seus Copistas. Porém acaso póde-se dizer juntamente com hum Author moderno, *que nesta Naçaõ só haviaõ duas cousas mediocres; a pri-*

Hum Moderno abate os Egypcios demasiadamente.

primeira he, que os que adoravaõ hum boi, nunca quizeraõ constranger a mudar de Religiaõ aquelles que adoravaõ hum macaco; a segunda he, que sempre fizeraõ sahir frangãos dos ovos em fórnos? Huma galantaria naõ desfaz os Monumentos da Historia. De mais disso, entre obrigar a qualquer homem a mudar de Religiaõ, e o aborrecer por naõ seguir o mesmo culto; ou o despedaçar por matar involuntariamente hum gato, hum caõ, &c. a differemça he muito pequena, para com ella se honrarem os Egypcios.

Dict. Phil. Artigo *Apis.*

CHINEZES.

Antiguidade prodigiosa que os Chinezes se attribuẽ.

AS correlações singulares dos Chinezes com os Egypcios, nos offerecem neste lugar huma materia curiosa de observações, as quaes só tocarei. Tanto as Antiguidades da China, como as do Egypto perdem-se em hum abysmo de fabulas; onde se vê huma serie de periodos, e de Dynastias imaginarias, que incluem milhões de annos. Antes de Fo-hi, o Fundador da Monarquia, vê-se na China os

os homens vivendo como brutos, andando vagabundos de huma, e outra parte pelos matos, sómente cuidando em dormir, e em fartar-se, devorando até as pennas, e pello dos animaes, cujo sangue bebiaõ; ignorando o Matrimonio, e toda a qualidade de Leis, e de Sciencias. Naõ obstante a origem das Artes na China remonta além dos tempos conhecidos.

Quanto he suspeita a sua Historia antiga.

Hoje os verdadeiros Sabios da China naõ adoptaõ huma Chronologia fabulosa. Confessaõ que no anno 213 antes da vinda de Jesu Christo, hum dos seus Imperadores (Chi-hoam-ti) mandou queimar todos os Livros Historicos, porque os Eruditos tiravaõ delles exemplos contra o seu fasto, e contra as suas construcções. Hum corpo completo de Historia appareceo cento sincoenta annos depois daquella época. O Author da Obra naõ dissimula, que naõ pôde achar certeza alguma, além do termo de oitocentos annos. Com tudo, as observações Astronomicas, reprovadas por huns, e sustentadas por outros, remontaõ a muitos annos mais. Os Chinezes põem a primeira de todas cento sincoenta annos antes de Yao, hum dos seus Imperadores, cujo Reinado, segundo M. Fréret, precedeo a nossa éra quasi 2145 an-

A sua primeira observaçaõ Astronomica.

nos

nos (1). Sem entrar nestas discussões, sem pronunciar sobre a authenticidade dos annaes Chinezes (taõ respeitaveis aos olhos dos Authores Inglezes da Historia Universal, os quaes confundem Noé com Fo-hi, o primeiro Monarca da China), exponhamos aqui outro systema mais interessante, porém que naõ passa de ser hum systema.

Systema de M. de Guignes, que faz dos Chinezes huma Colonia Egypciaca.

Mr. de Guignes, da Academia das Inscripções, e Bellas Letras, sustenta que huma Colonia Egypciaca se estabelecêra na China em o anno de 1122 antes de Jesu Christo; que lhe transportára a Historia do Egypto, que se enxertou com a Historia verdadeira Chineza; e que as duas primeiras Dynastias dos annaes da China saõ aquellas dos Reis de Thebas, em o Egypto superior. De Guignes observa que o Fundador da terceira se representa como hum conquistador, que divide as Provincias, que dá soberanias a Capitães, e aos seus amigos; accrescentando que, pela confissaõ propria dos Chinezes, ha Povos para o Occidente, e além do mar Caspio, cuja origem lhes

(1) Esta Observaçaõ chegaria ao Diluvio, seguindo a Chronologia do Hebreo, o qual o colloca em o anno 2348 antes da nossa éra. Porem conforme o Samaritano, ser-lhe-hia posterior quasi 700 annos.

lhes he commum. Finalmente insiste sobre a conformidade dos caracteres Chinezes com as letras Egypciacas, e Fenicias, pretendendo que aquelles caracteres saõ humas especies de Monogrammos formados daquellas letras

Semelhãça dos Chinezes com os Egypcios.

Seja o que for (porque outros Sabios acommettêraõ particularmente o ultimo Artigo do seu systema), naõ se póde negar, que ambos os Povos naõ tenhaõ entre si huma semelhança notavel em muitas cousas. A Escritura Chineza he com pouca differença da mesma natureza, que os Jeroglyficos antigos do Egypto; os costumes, e os usos Chinezes saõ muito mais semelhantes aos dos Egypcios. O mesmo respeito para os Reis, para os Pais, e Mãis; a mesma prevençaõ a favor do merecimento nacional, e contra os Estrangeiros; a mesma applicaçaõ á Agricultura, os mesmos progressos nas Artes, e nas Sciencias, sem gosto, nem perfeiçaõ; o mesmo amor da tranquillidade, e da paz; a mesma civilidade, cheia de ceremonias indispensaveis; o mesmo amor supersticioso para os usos antigos, e por consequencia os mesmos embaraços no genio. Assim os Chinezes, como os Egypcios, só admiraõ o que elles fazem, e fazem sempre o que tem feito desde tempo immemorial.

Em

Testemunho de Anson a respeito dos Chinezes.

Em a viagem do Cavalleiro Anson se lem particularidades, que pintaõ o seu caracter. Assim que aquelle Almirante chegou ás costas da China, hum numero incrivel de barcos de pescadores rodeáraõ a náo, superior a todas as forças navaes do Imperio, sem que ninguem daquella gente parecesse dar attençaõ a hum objecto digno certamente de os admirar. O Author assevéra que os Chinezes deraõ mais de huma prova semelhante de indifferença. *Eu naõ sei, diz o dito Cavalleiro, se aquella disposiçaõ da alma he entre elles hum effeito de temperamento, ou de educaçaõ; porém seja qual for a sua causa, parece-me ser o sinal de hum caracter muito baixo, e muito desprezivel, e naõ concorda com os elogios, que tantos Authores daõ ao genio daquella Naçaõ, e que por isso os julgo muito excessivos.* Anson descreve depois os Chinezes como hum Povo velhaco, hypocrita, ladraõ, e cobarde; cuja Moral, e Governo saõ mais dignos de vituperios que de louvores. Escritores judiciosos pensaõ hoje do mesmo modo, naõ obstante os magnificos elogios, que diversos Missionarios deraõ prodigamente aos Chinezes.

Viagem do Cavalleiro Anson, L. 3. c. 6.

Ibid. c. 10.

Em a China ha bons principios; porém malabraçados.

Sem attribuir esta semelhança com os Egypcios a huma causa muito duvidosa, ao estabelecimento de huma Co-

lo-

lonia Egypciaca nos confins da Asia, observo ainda hum ponto importante. Em o Governo Chinez ha, assim como tambem em o Governo do antigo Egypto, principios admiraveis de sabedoria; e se o Monarca, e os Mandarins cumprissem com o seu dever, a China poderia servir de modelo a todas as Nações. Porém em primeiro lugar, a Seita de Foe, prégada pelos Bonzos (especie de Monges do Paiz), corrompeo por meio de huma louca superstiçaõ a Moral sã, e a Religiaõ pura de Confucio. Em segundo lugar os Mandarins, aquelles Governadores, aquelles Magistrados taõ famosos, desprezados continuamente por interesseiros, fazem hum commercio infame da justiça, e do bem público. Tudo depende do Imperador, as mesmas Leis, das quaes só elle he o interprete. O Imperador, conforme Montesquieu, he hum despotico, a quem mais depressa a força dos usos antes do que a força da Legislaçaõ impede ser tyranno.

Causas da antiga estabilidade do Governo Chinez.

Se o Imperio da China, o mais rico do Universo, subsiste ha milhões de annos, sempre governado pelos mesmos principios, ainda que conquistado duas vezes pelos Tartaros, eis-aqui as razões principaes daquella maravilhosa estabilidade. A opulencia do Imperador, cujas rendas importaõ

taõ em quatrocentos milhões de cruzados, naõ lhe deixa desejo algum de mudar a constituiçaõ, nem motivo algum de commetter injustiças escandalosas. Os Letrados, os quaes saõ os unicos, que conseguem os Cargos, estaõ sujeitos a hum estudo frivolo; pois que a vida humana naõ basta para conhecer os caracteres da Escritura, em numero quasi de oitenta mil. Aquelles Letrados naõ pódem pois ter grandes intentos: ordinariamente limitaõ-se em fazer a sua corte como escravos, e talvez a sua fortuna, como ladrões. Finalmente o Povo, occupado todo na Agricultura, em ganhos fracos, em ritos, e em ceremonias; inclinado por gosto aos usos antigos, por costume, e por principios ao antigo Governo; faz consistir a sua felicidade em viver, e em obedecer; incapaz de se mover, com tanto que lhe deixem os seus costumes, e os seus modos, os quaes unem, e ligaõ a constituiçaõ do Estado. Os Chinezes fazem hum espectaculo unico no Mundo, ou por causa da duraçaõ do seu Imperio, ou por causa da diversidade das suas Maximas. Porém o seu exemplo, e o dos Egypcios provaõ que a servil sujeiçaõ dos costumes nacionaes, contribue para perpetuar em huma Naçaõ toda a qualidade de abusos, e para a pri-

a privar de infinitas vantagens. (Vide Mably, *Duvidas a respeito da ordem natural, &c.*)

Para naõ perder a occasiaõ de dar a conhecer hum grande homem, honrado ha mais de dois mil annos em a sua patria, e cujos descendentes tem unicamente a nobreza hereditaria, accrescentaremos neste lugar algumas palavras a respeito de Confucio, Filosofo o mais respeitado, que tem existido no mundo, pois que nelle fez o maior bem possivel. Confucio nasceo de huma Familia illustre, quasi 550 annos antes de Jesu Christo. Desde a idade de quinze annos preferio o Estudo das Letras, e da Filosofia a todos os prazeres da Mocidade. O seu merecimento o elevou ás honras. Feito Mandarino, e Ministro de Estado, vio de perto os vicios de huma Corte voluptuosa, e naõ lhe podendo dar remedio com os conselhos, retirou-se para ensinar a Moral a huns homens dignos de a ouvir. Em pouco tempo teve, segundo dizem, mais de tres mil discipulos, muitos dos quaes adquiríraõ grande reputaçaõ de sabedoria. A sua Filosofia consistia menos na especulaçaõ, do que na prática: razaõ porque deitou mais depressa Sabios, que Discursistas. Algumas das suas Maximas daráõ idéa da sua Filosofia. Eu as tiro da

O Filosofo Confucio.

Encyclopedia, artigo *Chinezes*, sem as poder contestar.

Maximas de Confucio.

1 O Filosofo he aquelle, que tem hum profundo conhecimento das cousas, e dos Livros, que péza tudo, que se sujeita á razaõ, e que caminha com passos certos, e seguros pelos caminhos da Verdade, e da Justiça.

2 Ha huma certa razaõ, ou rectidaõ Celeste, cuja foi dada a todos: ha hum supplemento humano áquelle dom, quando se perdeo. A razaõ Celeste he do Santo; e do Sabio he o supplemento.

3 O Sabio he o seu Censor mais severo; he a sua testemunha, o seu accusador, e o seu juiz.

4 A caridade he aquelle amor, constante, e racionavel, que nos sacrifica ao Genero Humano, como se naõ fizesse comnosco senaõ hum só individuo, e que nos acompanha, ou nas suas infelicidades, ou nas suas prosperidades.

Se os Chinezes tivessem sido conhecidos pelos Gregos, occupariaõ huma grande parte na Historia Antiga, onde com tudo naõ se achaõ nomeados. Remetto para a Historia Moderna algumas individuações a respeito daquelle Povo, hoje em dia célebre.

AS-

ASSYRIOS, E BABYLONIOS.

CAPITULO I.

Antiguidades destes Póvos.

AS trévas, que cobrem a Historia do Egypto, naõ saõ nada em comparaçaõ das trévas, que escondem as Antiguidades dos primeiros póvos da Asia; onde apenas se vê apparecer huma sombra de verdade. Se nos referirmos á multidaõ dos Historiadores, Ninive, e Babylonia, posto que pouco remotas huma da outra, eraõ duas Cidades immensas, Capitaes de dois grandes imperios. Porém se, remontando as origens, pezarmos os testemunhos, e consultarmos a Crítica sem prevençaõ, nem teima, mostrar-se-ha, que os Assyrios, e os Babylonios foraõ logo confundidos, e formáraõ huma só Naçaõ, unidos debaixo do mesmo Imperio, e ambos aquelles nomes naõ indicavaõ muitas vezes senaõ o mesmo Estado.

Os Assyrios, e os Babylonios, confundidos em hum mesmo Estado.

Para espalhar, e perpetuar Fabulas, bastou em todo o tempo, que hum Au-

Ctesias Author das Fabulas a respeito da Assyria.

thor famoso as publicasse, e que outros Escritores, como succede sempre, depois as repetissem. Ctesias de Gnide, Medico de Cyro o Moço, he o pai de todas as falsidades, tantas vezes escritas a respeito do Imperio Assyrio. Diodoro de Sicilia, contemporaneo de Cesar, copiou as Relações de Ctesias; varios Historiadores, que depois se seguíraõ, copiáraõ Diodoro; huma origem corrupta infestou quasi todos os canaes da Historia. Que valor póde pois ter a authoridade do Medico de Cyro? Aristoteles o julgava indigno de credito. Todos confessaõ, que a sua Historia da India estava cheia de ficções, as quaes attestava afoutamente como testemunha ocular. Convencido de imposturas a este respeito, naõ as devia impôr pelo que pertence a outros objectos, e tanto menos o devia, que a sua propria Historia de Assyria tinha caracteres cheios de conhecidos absurdos. Ouçamos por hum instante Ctesias, e Diodoro: ponhamos de parte toda a preoccupaçaõ, e naõ temamos ser nós mesmos os Juizes.

Copiado por Diodoro.

Relaçaõ de Ctesias, e de Diodoro a respeito de Nino.

Nino, possuido do furor das Conquistas, sobjuga Póvos infinitos desde o Egypto até á India. Suspende as suas expedições para fundar Ninive, a que Diodoro colloca naõ sobre o Tigre, porém so-

sobre o Eufrates: erro do Copista talvez, que merece observar-se. Ninive levanta-se rapidamente; as suas muralhas tem cem pés de altura; mil e quinhentas torres altas ornaõ, e defendem aquellas muralhas; a circunferencia da Cidade he de quatrocentos e oitenta estadios, avaliados em vinte sinco, ou trinta legoas. Seguindo tambem a reducçaõ dos estadios proposta por Mr. de l'Isle, Ninive he ainda sete vezes maior que París.

A respeito de Semiramis, e de Babylonia.

Depois de acabada aquella obra, Nino torna a tomar as armas, na frente de hum milhaõ de Combatentes. Semiramis, mulher de hum dos seus Officiaes, distingue-se no Exercito por causa das suas heroicas façanhas. O Rei casa com Semiramis, e lhe deixa a Coroa. A ambiciosa Princeza tambem pretende immortalizar-se; edifica Babylonia em poucos annos: Babylonia mais soberba do que Ninive, tem muralhas taõ grossas, que seis carros podem rodar por ellas emparelhados. Os caes, e a ponte sobre o rio Eufrates, os jardins suspensos, os prodigios de Arquitectura, e Escultura, o Templo de Belo, em o qual havia huma Estatua de ouro de quarenta pés de altura; tudo he obra de Semiramis. A mesma Semiramis manda edificar outras

Ci-

Cidades; vai conquistar Reinos; marcha contra o Rei da India, com tres milhões de homens de Infantaria, quinhentos mil de Cavallaria, cem mil carros, &c. Para suprir os elefantes que lhe faltaõ, imagina o seguinte, e admiravel estratagema. Mataõ-se por ordem sua trezentos mil bois pretos; com ás suas pelles preparadas, e feitas com a fórma de elefantes, cobrem-se outros tantos camelos, que se fazem marchar em ordem de batalha. O estratagema naõ teve bom exito; a Heroina foge derrotada, e ferida; morre algum tempo depois nos seus Estados.

Nada de memoravel na Historia da Assyria depois de Ninyas.

Ninyas seu filho, só he fantasma de Rei. Depois deste Principe, naõ se apresenta hum só facto digno de se citar, em o espaço de mais de oitocentos annos, até ao Reinado do voluptuoso Sardanapalo. Este Principe, sitiado por Arbace, Governador dos Medos, queimou-se, segundo dizem, com as suas mulheres, e com os seus thesouros juntamente. Aqui acabou a Monarquia dos Assyrios, á qual Ctesias, e Diodoro daõ quatorze seculos de duraçaõ, ao mesmo tempo que Herodoto só lhe dá quinhentos e vinte annos. Supprimo toda a reflexaõ a respeito daquella Relaçaõ, porque julga-se ter lido contos de fadas.

Nem-

Nemrod, bisneto de Noé, fundou, segundo a Escritura Sagrada, o Imperio de Babylonia. Como Berose, Sacerdote Caldeo, o qual escrevia, assim como tambem Manethon, no seculo de Alexandre, dá a este Imperio huma prodigiosa, e incrivel duraçaõ, jactando-se de ter descoberto memorias, que chegavaõ a cento e sincoenta mil annos. Porém Berose, em lugar de factos, enche os seus Annaes sómente de nomes suppostos de Principes; e a fim de dar huma côr á sua impostura, diz que Nabonassar na consideraçaõ de passar pelo primeiro Soberano de Babylonia, supprimio todas as Historias da Naçaõ.

Antiguidades de Babylonia, conforme Berose.

A época de Nabonassar se fixa no anno de 747, antes de Jesu Christo: em cujo tempo principiaõ as Observaçóes Astronomicas dos Caldeos, que Ptolomeo nos transmittio. As Observaçóes que se pretende terem sido mandadas por Callisthenes a Aristoteles, e que abraçavaõ hum espaço de 1907 annos, parecem muito duvidosas. Os Astronomos antigos naõ fallaõ dellas. Simplicio, Filosofo do sexto seculo, sómente faz dellas mençaõ sobre a fé, e a palavra de Porfyrio. He para admirar, que Rollin admitta as suas Observaçóes; as quaes em a sua Chronologia chegariaõ ao tempo do Diluvio.

Época de Nabonassar 747 annos antes de J.C.

Observaçóes Astronomicas.

Os

O Imperio Assyrio pouco antigo, segundo os Inglezes.

Os Authores Inglezes da Historia Universal pretendem que a Historia verdadeira da Assyria, só se deve tirar da Biblia, e principia em Phul, o qual fundou o Reino 771 annos antes de Jesu Christo. Os seus Successores, particularmente Salmanasar, e Sennacherib foraõ os flagellos da Judéa. Os mesmos Sabios conjecturaõ, que Nabonassar he o Nino de Ctesias; que Semiramis (supposto ter havido huma Rainha deste nome) era sua mulher; e que he necessario attribuir ás grandes obras de Babylonia a Nabuchodonosor, taõ célebre por causa da tomada de Jerusalem, e pelos prodigios, que a Escritura refere a seu respeito. Porém acaso póde-se dar credito, que as tradições a respeito da Antiguidade daquelle Imperio sejaõ inteiramente falsas, pondo sobre tudo, os Livros Santos assim a fundaçaõ de Ninive, como a fundaçaõ de Babylonia, pouco tempo depois do Diluvio?

Tudo o que os Sabios imagináraõ, ou para averiguar a verdade, que póde haver entre as Fabulas antigas, ou para conciliar os Historiadores Profanos com os Livros Santos, nos opprimiria o entendimento com huma inutil, e pezada erudiçaõ. Depois de Sardanapalo, desapparece quasi em a Historia Profana, o

Im-

Imperio dos Assyrios, e Babylonios; entaõ he que exactamente Ninive, e Babylonia apparecem claramente na Historia dos Judeos. Só esta difficuldade deo materia para se publicarem innumeraveis Volumes de Systemas, e de conjecturas, sem que por isso esteja nem mais exhaurida, nem mais illustrada. Consagraremos o nosso tempo ás indagações mais uteis. Tudo quanto a Providencia encobrio com trévas impenetraveis, naõ he da importancia do Genero Humano.

CAPITULO II.

Religiaõ, Sciencias, Costumes dos Babylonios.

A Mesopotamia, situada entre o Tigre, e o Eufrates em hum dos melhores climas da terra, disputa ao Egypto a vantagem de ter sido o berço das Artes, e das Sciencias. As vastas planicies de Babylonia, debaixo de hum clima puro, e agradavel, no centro de todas as riquezas da Natureza, eraõ particularmente favoraveis para as Observações Astronomicas. Tambem os Babylonios, ou por melhor dizer os Caldeos, seus Sacerdodotes, dos quaes a Caldea tomou o nome,

A Astronomia antiquissima entre os Caldeos.

me, passaõ communmmente pelos primeiros Astronomos, a pezar das pretenções dos Egypcios, os quaes se attribuiaõ a superioridade em todo o genero, aos quaes os Gregos a concedêraõ sem pensar, porque se haviaõ instruido em as suas escolas. Pois que a Mesopotamia foi naturalmente povoada antes do Egypto, e naõ sendo inundada como elle, alguma razaõ ha para se lhe suppôr a origem dos conhecimentos scientificos em preferencia a outra qualquer terra.

Culto dos Astros estabelecido nesta Regiaõ.

Tal he infelizmente a inclinaçaõ do espirito humano para a superstiçaõ, que os seus primeiros passos em o caminho das Sciencias, quasi sempre o conduziraõ áquelle principio. Os Caldeos adoráraõ logo os Astros, como Deoses. O Povo, sem duvida, por taes os julgava; a gente instruida os suppunhaõ governados por algumas Divindades subalternas. Dava-se ao Sol o nome de Belo (1), e á Lua o nome de Nebo. Estas eraõ as Divindades principaes.

Astrologia Judiciaria.

Daquelle culto devia nascer a opiniaõ, que os Astros tinhaõ huma influencia necessaria sobre o destino, e a conducta dos homens. A Astrologia Judiciaria foi huma consequencia daquelle princi-

(1) *Belo*, ou *Baal*, significaõ *Senhor*.

cipio; Sciencia absurda, que foi acreditada pelos Sacerdotes, com taõ grande vigilancia, que lhes dava hum imperio seguro sobre o entendimento dos Póvos. As suas Observações Astronomicas se referiraõ quasi unicamente áquella opiniaõ. Razaõ porque Képler descreve judiciosamente a Astrologia Judiciaria, como a filha insensata de huma mãi sábia, e prudente, de huma mãi, que della necessitava para se sustentar. Huma curiosidade preguiçosa, e huma credulidade estupida, fizeraõ a fortuna da Astrologia. Pretendia-se saber o futuro, livrar-se das infelicidades, com que eraõ ameaçados, ou procurar os bens, que se desejavaõ. Todos pois concorriaõ aos Sacerdotes, cujas operações magicas promettiaõ infinitos milagres.

Progressos dos Caldeos na Astronomia.

A Astronomia, cultivada nesta consideraçaõ, só póde ser defeituosa. Os Caldeos, conforme Diodoro, naõ eraõ bastantemente habeis para prognosticar os Eclipses do Sol. Com tudo chegáraõ a conhecer o movimento proprio dos Planetas, do Occidente para o Oriente; a dividir cada Signo do Zodiaco em trinta gráos, e cada gráo em trinta minutos; a compôr o anno de trezentos sessenta e sinco dias, aos quaes tambem accrescentavaõ as sinco horas, e alguns minutos de mais; e a observar os Cometas, como

mo Planetas muito excentricos á Terra. Os Caldeos tambem calculáraõ, segundo dizem, que hum homem caminhando sempre em hum bom passo, seguiria o Sol ao redor do Globo, e chegaria ao mesmo tempo ao ponto Equinoccial. Effectivamente a huma legoa por hora, faria o homem oito mil setecentas e sessenta legoas em trezentos sessenta e cinco dias: logo a circunferencia do Globo he quasi de nove mil legoas (1). Tambem se attribue aos Caldeos a invençaõ dos Quadrantes, ou dos Relogios do Sol, que se encontraõ desde o tempo de Achaz, sinco annos antes da éra de Nabonassar. Se a doutrina dos Caldeos se representa differentemente por diversos Authores, he porque as suas Escolas naõ concordaõ entre si, e porque huma opiniaõ particular algumas vezes toma-se pela doutrina geral. Huma torre alta no centro do Templo de Belo, lhes servia de Observatorio. (Veja-se a *Origem das Leis*, *&c. part.* 3.)

A circunferencia da Terra.

Quadrantes Solares, ou Relogios do Sol.

Observatorio.

Naõ contentes de observar os Astros, e a Natureza, os Caldeos esforçavaõ-se a chegar até á origem das cousas, a qual naõ se póde conhecer senaõ por huma Revelaçaõ certa. A sua Cosmogonia era hum

Cosmogonia dos Caldeos.

(1) Achilles Tacio, que refere este facto, he pouco antigo para o estabelecer.

hum tecido de extravagancias; a qual suppunha, que Belo depois de ter formado o Mundo, e produzido os animaes, se tinha feito cortar a cabeça; e que com o sangue da sua ferida, os outros Deoses desfizeraõ o barro, donde sahíraõ os homens dotados de intelligencia, e com huma porçaõ da Divindade. Conforme Berose, todas as Fabulas dos Caldeos, eraõ huma Allegoria mysteriosa para explicar o modo, como o cháos se desenvolvêra, e se ordenára, donde resulta, que o Deos Supremo empregára outro Deos para a formaçaõ do Universo; doutrina quasi geral em todo o Oriente.

As suas Fabulas eraõ allegoricas.

O que se póde especialmente reprehender aos Caldeos, he a cega sobmissaõ que rigorosamente pretendiaõ dos seus Discipulos, obrigando-os a pensar como elles. Diodoro, neste particular, os põe superiores aos Gregos, aos quaes a liberdade de pensar, fazia fluctuosos, e indecisos. Resta a saber, se vale mais descançar na escravidaõ das preoccupações, do que exercitar a sua razaõ, e procurar a verdade por si mesmo, com o perigo de se enganar, como os seus Mestres. Sem huma sábia ousadia, o entendimento humano seria ainda o divertimento de todas as quimeras antigas. *Os Discipulos devem crer.* O Chanceller Ba-

Os Caldeos exigiaõ huma sobmissaõ cega de seus Discipulos.

con

con naõ desapprova aquella Maxima; á qual pretende que se ajunte a seguinte: *Depois do ensino, deve-se usar da sua razaõ.* (1)

O Diluvio de que trata Berose.

Observemos, que Berose falla de hum grande Diluvio, succedido no tempo do decimo Rei de Caldea; do qual refere algumas circunstancias muito semelhantes ás da Escritura. Aquelle Rei construio huma Náo por ordem de Saturno, em a qual se encerra assim elle, como a sua familia, com os animaes, e os provimentos necessarios. Depois do Diluvio, deixa voar os passaros, os quaes tornaõ em quanto naõ achaõ terra secca, e habitavel. Eis-aqui huns passos singulares de huma Tradiçaõ muito espalhada.

As Artes, o luxo, e os vicios unidos.

As Artes floreciaõ em Assyria, e em Babylonia, desde tempos immemoriaes. O luxo, a effeminaçaõ, e os vicios reinavaõ igualmente; ou porque a cultura das Sciencias, e das Artes viesse depois da corrupçaõ dos costumes, ou porque contribuisse de hum modo indirecto, pelo abuso que dellas fazem os homens viciosos. Huma prática infame deshonrava aquelle mesmo culto, se dermos credito a He-

(1) *Oportet discentem credere.* —— *Oportet jam edoctum judicio suo uti.* De augment. Scient.

a Herodoto, e a Estrabaõ. Todas as mulheres, dizem elles, eraõ obrigadas pela Lei, a prostituir-se huma vez com algum estrangeiro no Templo de Mylitta, ou de Venus. Porem esta infamia, taõ reprehendida aos Babylonios, e que Voltaire nega como absurdo, e impossivel, Goguet à representa mais depressa como huma prova de cegueira, do que de dissoluçaõ; e julga, conforme os Antigos, que huma preoccupaçaõ supersticiosa a estabelecêra na consideraçaõ de conservar a virtude das mulheres; porque naõ ha extravagancia alguma, que a superstiçaõ naõ produza, e naõ consagre. Venus se reputou por huma Divindade malfeitora, e inimiga da honra do sexo; a qual pretendiaõ pacificar por meio daquelle sacrificio. O estrangeiro, a quem qualquer mulher se abandonava religiosamente, devia dizer, dando-lhe alguma moeda de ouro, ou de prata: *Imploro a Deosa Mylitta em teu favor.* Herodoto certifica, que os Babylonios depois de ter dado satisfaçaõ á Lei, eraõ modelos da castidade conjugal. Justino diz o mesmo das mulheres de Chypre, e Eliano das mulheres de Lydia, onde a mesma Lei estava em vigor. Apressavaõ-se em as casar. Os costumes corrompêraõ-se prodigiosamente em Babylonia, depois da conquis-

Lei vergonhosa da prostituiçaõ.

Motivo desta Lei.

Herod. l. 36.

quista de Cyro, e a indigencia foi a sua causa principal.

Costumes dos Babylonios.

As mulheres de Babylonia, contra o uso dos outros Póvos da Asia, viviaõ familiarmente com os homens, e comiaõ com os estrangeiros. Os costumes da Naçaõ eraõ mais suaves para elles. A horrorosa descripçaõ, que delles se vê na Escritura, parece contradizer o testemunho dos Historiadores Profanos; porém os rigores, que os Judeos haviaõ soffrido em Babylonia, davaõ motivo para a força das suas queixas. Conforme Berose, os Babylonios celebravaõ cada anno huma Festa de cinco dias; em a qual os escravos se faziaõ Senhores, com direito de mandar, e de serem servidos pelos seus mesmos Senhores.

Uso singular no cazamento das mulheres.

Para favorecer a Povoaçaõ, objecto importante da Politica, vendiaõ-se em leilaõ as mulheres mais formosas, depois offerecia-se huma quantia de dinheiro a quem quizesse cazar com as feias, com rebate; de forma que estas cahiaõ sempre no poder daquelles, que se contentavaõ com o menor preço. Sem duvida, que isto se deve entender unicamente da infima plebe. Todas as mulheres se achavaõ casadas por este meio. He difficultoso ter bom agouro daquelles casamentos, que se fazem pelos destinos sem consul-

sultar a razaõ, e sem conhecer as pessoas. Porém que devemos pensar dos nossos, quando o dinheiro unicamente os decide, e quando o merecimento sem dote de nada vale? Entre os Babylonios, se os corações naõ se podessem unir, separavaõ-se tornando a dar a quantia recebida. Os Babylonios naõ imaginavaõ, que huns laços indissoluveis se podessem formar levemente. Tinhaõ hum Tribunal estabelecido para casar as mulheres, e para castigar os adulterios: o que prova que a uniaõ conjugal era sagrada entre elles, e que os costumes naõ se podiaõ corromper senaõ desprezando as Leis.

Divorcio. Castigo do adulterio.

Em a Historia dos Persas trataremos ainda de Babylonia. Sería inutil fallar dos Syrios. Sem algumas passagens da Escritura, ignorar-se-hia que existíraõ antigos Reis da Syria, e particularmente Reis de Damasco, Capital daquella Regiaõ. A Historia Profana confunde a Syria com a Assyria, até á destruiçaõ do Imperio de Alexandre. Sabe-se sómente por huma Obra de Luciano, quaes eraõ as superstições, que nella se praticavaõ. Os Sacerdotes da Deosa da Syria faziaõ-se voluntariamente eunucos; os quaes saõ famosos debaixo do nome de *Galli*. A sua Deosa, segundo alguns Sabios, era a Ve-

Syria.

Superstições Syriacas.

nus celeste de Babylonia ; conjectura que nada nos póde interessar.

FENICIOS.

Idéa das Nações commerciantes.

HUM dos mais bellos espectaculos da Historia, quando se preferem as Artes pacificas ás sanguinolentas expedições dos Heroes, he vêr hum Povo industrioso vencer os obstaculos da Natureza ; suprir com o seu animo, e com o seu genio a tudo o que lhe nega huma terra ingrata ; domar o mais terrivel dos elementos ; abrir huma estrada por meio das ondas, e fazer de algum modo tributarias as Nações remotas, naõ sómente sem usar de violencia a seu respeito, mas ainda trazendo-lhes effeitos incognitos. Taes foraõ os Fenicios, chamados na Escritura Cananeos, isto he, Mercadores ; Povo célebre pela sua antiguidade, pelo seu commercio, pelas suas emprezas maritimas, e os quaes com tudo a maior parte dos nossos Historiadores se contentaõ de apenas nomear.

Necessidade do commercio.

Sem o Commercio naõ subsistiría a Sociedade. O superfluo de huns deve servir para o alimento dos outros. Com as

cou-

cousas que ha demasiadas, se compraõ aquellas de que se carece; ou naõ havendo nada, vende-se seu trabalho, e vive-se do que este produz. Em os primeiros tempos, em que assim os desejos, como as necessidades, estavaõ comprimidos com limites muito apertados, todo o negocio consistia em trocas simplices. O Pastor dava ao Lavrador algumas rezes do seu gado; o Lavrador dava ao Pastor alguma parte da sua colheita, e os mais á proporçaõ. Fazendo progressos o negocio, empregáraõ-se materias de pequeno volume para representar as fazendas, e para servir de preço commum. Para este fim eraõ sobre tudo proprios os metaes, como mais duraveis, e mais faceis para se transportar: os quaes chegáraõ a ser os sinaes representativos dos verdadeiros bens, que a terra dá, e que a industria põe em praxe: já desde o seculo de Abrahaõ vemos os metaes destinados para semelhante uso. Porém huma Arte mais maravilhosa devia estender, e animar o Commercio. Esta he a Navegaçaõ.

Seus progressos.

Os Fenicios praticavaõ a Navegaçaõ desde tempos immemoriaes. Habitadores de huma terra esteril, sobre as costas do Mediterraneo, sentíraõ a necessidade de conservar, e de poupar os seus re-

A Navegaçaõ antiquissima entre os Fenicios.

recursos. Concebêraõ que o Mar, o qual separa as Nações, tambem as podia unir; e depois de differentes ensaios expuzeraõ a sua vida, sobre hum lenho fragil, á discriçaõ dos ventos, e das ondas, para irem buscar a outros Climas, o que a Natureza em os seus lhes negava. Os bosques do Monte Libano, e a commodidade dos seus portos eraõ vantagens preciosas, das quaes souberaõ aproveitar-se. Naõ se duvída, que o seu Commercio fosse já extenso em os primeiros Seculos depois do Diluvio; o que he tanto mais admiravel, que a Navegaçaõ suppõe quasi sempre progressos na Astronomia, e em muitas Artes difficultosas. Os Fenicios naõ podiaõ ter outros guias senaõ os Astros. Applicáraõ-se logo á Ursa grande, e finalmente a huma Estrella da Ursa pequena, muito mais visinha do Pólo. Quem podería crer, que algum dia, os Navios se dirigiríaõ sobre o Oceano por meio de huma agulha? Que transportassem os navegantes de humas para outras terras, já era hum grande prodigio.

A Observaçaõ dos Astros os dirigia.

Ao mesmo tempo, que os Egypcios aborreciaõ o Mar supersticiosamente, os Fenicios o corriaõ com audacia, e com a maior utilidade. As Ilhas de Chypre, e de Rhodes, a Grecia, a Sicilia, e a Sardenha, víraõ multiplicar as

Grande extensaõ do seu Cõmercio.

Co-

Colonias dos Fenicios; os quaes chegáraõ até ás costas Meridionaes da Hespanha; passáraõ o estreito, e penetráraõ no Oceano. Cadiz chegou a ser o depósito das suas mercadorias. A Betica, e o resto da Hespanha lhes deraõ immensas riquezas; dalli tiravaõ o mel, a cera, o pez, o ferro, o chumbo, o cobre, o estanho, &c. Os Fenicios foraõ obrigados a pôr nas suas ancoras, em lugar do chumbo, que havia nellas, prata, que lhes sobejava. Pouco tempo depois da guerra de Troia, conforme Estrabaõ, os Fenicios já tinhaõ estabelecimentos nas Costas Occidentaes da Africa. A Escritura falla das frequentes viagens, que as Frotas de Salomaõ faziaõ, conduzidas pelos Fenicios para a terra de Ophir, e de Tharsis (as quaes se julgaõ ser do Reino de Sofala na Ethiopia), donde voltavaõ no fim de tres annos, carregados de oiro, de prata, de marfim, de pedras preciosas, e de outras qualidades de mercadorias. Negociadores de todos os Póvos conhecidos, occultavaõ com cuidado o segredo da sua Navegaçaõ, cujo lucro receavaõ dividir. Ciume natural dos Negociantes, porém contrario ao bem commum da humanidade.

Á sua viagem á roda de Africa, no tempo de Nechos.

Nada he mais memoravel, que a empreza, que os Fenicios executáraõ em o an-

o anno de 610, antes de Jesu Christo, para satisfazer a curiosidade de Nechos, Rei do Egypto. Aquelle Principe mandou que partissem do Mar Vermelho, com ordem de costear as Costas de Africa sobre o Oceano, e de entrar no Mediterraneo pelas Columnas de Hercules, ou estreito de Cadiz. Em o terceiro anno, chegáraõ com effeito á embocadura do Nilo.

Fórma dos seus Navios.

Os seus Navios mercantes eraõ quasi redondos; porque apartando-se das Costas o menos que possivel fosse, naõ se lhes podia dar huma certa profundidade, á qual era necessario suprir com a largura. Os Fenicios tinhaõ outros Navios compridos, e pontudos, para as expedições navaes. Naõ sei o que merece maior admiraçaõ, se a superioridade prodigiosa da nossa Marinha a respeito daquella deste antigo Povo, se a grandeza das suas emprezas maritimas, executadas com meios taõ fracos, e por meio de tantos obstaculos.

Tintura dos Fenicios.

Sabe-se quanto eraõ preciosas as sedas, e as tintas dos Fenicios. A sua purpura, foi para assim dizermos, huma dadiva da sórte. Hum caõ de gado, opprimido pela fome, quebra hum marisco; o sangue que delle sahe, lhe tinge a guela; aquella côr admiravel salta aos olhos;

olhos; chega-se ao fim de a pôr na seda, e a reservaõ para o ornamento dos Monarcas. Huma multidaõ de descobrimentos importantes nascem de huma semelhante origem. A observaçaõ da Natureza produzirá sem dúvida outros muitos descobrimentos. A Natureza he inexhaurivel.

Suas Sciēcias.

Quanto temos dito á respeito das Sciencias dos Egypcios, deve-se applicar em parte aos Fenicios. Hum Povo navegante, e commerciante naõ podia deixar de ter conhecimentos da Geometria, da Mecanica, da Arithmetica, da Geográfia, &c. Pouco a pouco as adquiríraõ, e sem dúvida que huma prática muito imperfeita supria á sua Theorica. Commummente se attribue aos Fenicios a invençaõ da Escritura alfabetica. Finalmente os mesmos Fenicios parecem superiores aos Egypcios pela força do engenho. Estes, escravos das suas preoccupações, e dos seus costumes, suspendêraõ-se no mesmo ponto, em que tudo parecia convidallos para a perfeiçaõ, e descobrimentos: aquelles fizeraõ continuamente novos esforços para chegar ao seu fim, e todos os seus passos foraõ de algum modo bem succedidos.

Os Fenicios mais industriosos, que os Egypcios.

Effeitos do insaciavel desejo do lucro.

O insaciavel desejo do lucro contribuio talvez tanto para este fim, como o seu

seu modo de discorrer. Esta paixaõ offende os costumes; inspira a má fé, como se vê entre os Fenicios, da qual saõ accusados: e as riquezas, que amontoa, produzem muitas vezes a corrupçaõ. Porém a insensibilidade, e a miseria naõ produzem menores desgraças. Se os vicios reinaõ em huma Naçaõ industriosa, e rica pelo meio do Commercio, a humanidade consola-se ao menos á vista dos prodigios, que o trabalho nella obra, dos recursos, e dos prazeres, que lhe procura, e finalmente da felicidade que espalha pelos Estados, ainda os mais penosos, e na apparencia as mais infelizes.

A preguiça he peor.

Sidon, primeira Capital da Fenicia, teve por muito tempo o Imperio do Mar. Succedeo-lhe a famosa Tyro. Em outro lugar fallaremos de Carthago, Colonia de Tyro, fundada em o anno de 890, antes de Jesu Christo. Carthago foi devedora do seu nascimento á crueldade, e á avareza de hum Principe. Pygmaliaõ, Rei de Tyro, tendo mandado matar ao esposo de Elissa, ou Dido, sua irmã, para se fazer senhor dos grandes bens, que possuia, aquella valerosa Princeza fugio com os thesouros de seu marido, e fundou nas Costas de Africa a famosa Cidade, a qual veremos fazer tremer a mesma Roma. Os Carthaginezes prospe-

Sidon, Tyro.

Fundaçaõ de Carthago.

rá-

ráraõ assim como os Fenicios, por causa do Commercio; porém a sua ruina servirá de exemplo ás Nações commerciantes, que entregando-se ao gosto das conquistas, se expõem a acabar totalmente.

Superstições dos Fenicios.

A actividade do negocio naõ preservou a Fenicia das superstições, posto que pareça ter sido menos sujeita a ellas que o Egypto. O culto de Venus em Byblos, era misturado com toda a qualidade de vicios. Sacrificios hũmanos eraõ huma prática Religiosa. Adoptavaõ-se Tradições absurdas a respeito de Adonis, por outro nome Osiris, ou Thammuz. Quando o rio Adonis apparecia tinto de sangue, fenomeno muito natural, pois que algumas vezes arrasta huma qualidade de barro vermelho, as mulheres choravaõ amargamente a morte do Adonis de Venus; e mostravaõ a sua dor com sacrificios funebres, e tambem com flagellações. Em o dia seguinte, suppondo-o resuscitado, e subido ao Ceo, rapavaõ-se a cabeça, como os Egypcios, quando tinhaõ perdido o seu Deos Apis. As mulheres que quizessem conservar os seus cabellos, deviaõ, segundo dizem, prostituir-se, e o producto do vicio applicar-se para o Templo.

Culto de Adonis.

Os exemplos da sú-

A verdadeira Religiaõ faz o homem superior a elle mesmo, e a superstiçaõ

perstiçaõ uteis para applicar á verdadeira Religiaõ.

tiçaõ faz o mesmo homem inferior aos brutos. Mil exemplos semelhantes nos incùlcaráõ aquella maxima, da qual devem resultar duas vantagens: A primeira, de nos applicar ao culto perfeito, que o Christianismo ensina; e a segunda, de nos preservar das illusões, e das loucuras, que ultrajaõ a Divindade, degradando a Natureza Humana.

Obra de Sãchoniatõ, a mais antiga depois das de Moysés.

Sanchoniaton de Beryta em Fenicia, Author o mais antigo, depois de Moysés, de quem se conserva alguma Obra, escrevia as Antiguidades da sua Terra, no tempo quasi de Josué, segundo os melhores Escritores; e chegava até á origem do Mundo. Em a sua Cosmogonia, taõ fabulosa, como todas as que saõ a obra da imaginaçaõ humana, se achaõ alguns luminosos raios de luz. Sanchoniaton admitte hum cháos tenebroso, e hum espirito, o qual põe a ordem em o Universo (*Pneuma*). As suas idéas a respeito de tudo o mais, nada tem de commum com a Biblia. Este Author naõ falla nem da decadencia do Homem, nem taõ pouco do Diluvio, nem da dispersaõ dos Povos. Tem-se pois adiantado muito levemente que Sanchoniaton tivesse conhecimento dos nossos Livros Sagrados. Eusebio, o qual conservou hum Fragmento precioso da sua Obra, traduzido por Phi-

Sua Cosmogonia.

Opiniões perigosas a respeito deste Author.

Philon de Byblos, o accusa de se inclinar para o Atheismo: cem Escritores repetíraõ a mesma cousa, sustentando naõ obstante, que o seu intento era acreditar a Idolatria. Estas duas accusações parecem contraditorias; e he mais provavel que o Author referisse simplesmente as opiniões Theologicas do seu Paiz, taes quaes elle mesmo as cria. Sanchoniaton falla de hum primeiro Homem, e de huma primeira Mulher, muito differentes de Adaõ, e de Eva: attribue aos seus descendentes a invençaõ das Artes; a hum, de fazer o fogo, a outro, de edificar cabanas; e assim da caça, da pesca, dos instrumentos de ferro, &c. A sua Historia funda-se sobre os Escritos de Thaaut, a quem os Gregos chamáraõ Hermes, e os Latinos Mercurio. A sua Obra se reputa hoje como authentica; e entre tantas Fabulas, ou Allegorias escuras, se vê nella com interesse a infancia do Mundo. Veja-se a *Origem das Leis*, *&c.* Dissert. 1.

Infancia do Genero Humano, ſegundo Sãchoniaton.

HE-

HEBREOS, OU JUDEOS.

Principio da Naçaõ Judaica.

OS Hebreos naõ formáraõ hum corpo de Naçaõ, e naõ tiveraõ estabelecimento fixo, senaõ muito tempo depois dos Povos, de que acábamos de fallar. Até á sua sahida do Egypto, tinhaõ sido pastores vagabundos, ou escravos. Os seus Livros saõ a base da Fé Christã; em os quaes devemos humildamente adorar as maravilhas do Creador, e os Mysterios incomprehensiveis da sua Providencia. Este he o primeiro estudo do Christaõ. Porém nem o Pentatheuco, nem as outras partes da Biblia, pódem, como já assima fica dito, misturar-se indifferentemente com as Historias Profanas, sem que todas as idéas se confundaõ. Hum Governo Theocratico, dirigido por ordem immediata do Supremo Ser; huma continuaçaõ de milagres, que transtornaõ a ordem da Natureza; huma serie de acçóes extraordinarias, cujas se explicaõ com principios sobrenaturaes, por ventura saõ proprios para exercitar o Discurso, e a Critica, e para dar idéas justas da Politica humana, e da vida soçiavel? Os Judeos por mui-

Governo theocratico totalmente diverso dos outros.

muito tempo mettidos na escuridade, confinados em hum pequeno canto da terra, separados por principios dos outros Povos, quasi sempre escravos de qualquer que os accommettia; objecto do desprezo, e da aversaõ dos seus visinhos; Naçaõ grosseira, barbara, superSticiosa, e infiel ao verdadeiro Deos, que a cumulava de suas graças. Os Judeos, com luzes, e com Leis vindas do Ceo, mereciaõ com tudo apenas ser comprehendidos no numero das Nações civilizadas.

Obscuridade dos Judeos, ẽtre as Nações antigas.

Seu caracter.

Considerando os Hebreos em o ponto de vista o mais interessante para o entendimento humano, he necessario limitar-se em alguns pontos singulares das suas Leis, e dos seus costumes. Naõ he este o lugar para fallar daquelles Preceitos Divinos, que todos conhecem desde a infancia.

As Leis da Religiaõ estavaõ unidas com as Leis civís; ou para melhor dizer, tudo era dever de Religiaõ, porque tudo era prescrito da parte de Deos, ou por melhor dizer, por elle mesmo. Porém como o temor de Deos, aquelle freio salutifero, naõ reprime sempre as paixões, e os Judeos naõ se conduziaõ senaõ pelos sentidos, e naõ dilatavaõ as suas idéas para a vida futura, haviaõ terriveis amea-

Leis da Religiaõ misturadas cõ as Leis civis.

ças, e grandes penas contra os transgressores. Aquelle que violasse o Sabbado era apedrejado; o qual era violado naõ sómente permittindo-se algum trabalho, porém comprando alguma cousa, ou accendendo lume. Os filhos que desobedeciaõ obstinadamente a seus Pais, eraõ castigados com pena de morte. Qualquer adultero podia ser no mesmo instante apedrejado, sem forma alguma de processo. Semelhantes execuções chamavaõ-se, *Sentenças de zelo*: acaso aquellas sentenças naõ chegariaõ a ser algumas vezes sentenças de odio, ou de fanatismo? Os devedores que naõ podiaõ pagar, eraõ reduzidos a ser escravos. (1) A pena de morte era ordinaria para culpas, que em outra qualquer parte seriaõ leves culpas.

Severidade das Leis Judaicas.

Ceremonias legaes em grãde numero.

Expiações infinitas, ceremonias legaes, e preceitos, cujo fundamento ignoramos, serviaõ para subjugar aquelle Povo inconstante. Era prohibido comer varios animaes, taes como o porco, a lebre, o coelho, os insectos rasteiros, e os peixes sem barbatanas, e sem escama. Aquelles animaes se reputavaõ por impuros, e todo aquelle que tocasse nelles depois de mórtos ficava manchado. As cinzas de huma vitelinha russa deviaõ ne-

(1) Porém aquella escravidaõ cessava em cada Jubileo.

necessariamente ser empregadas em a maior parte das expiações. Aquillo que se chamava as *aguas de ciume*, em uso, quando qualquer homem suspeitava sua mulher de infidelidade, parece ter muita correlaçaõ com as nossas provas judiciaes antigas. Hervas amargosas misturadas com agua santa, huma fórma de Maldiçaõ, e Ceremonias Religiosas faziaõ inchar, e arrebentar os culpados (*Num.* 5. 24. &c.) Todas aquellas práticas se aboliraõ pela Lei da Graça, assim como tambem a circuncisaõ, ordenada taõ expressamente aos Judeos; entre os quaes se encontraõ sacrificios humanos, como entre outras muitas Nações.

Aguas de ciume.

O seu anno Sabbatico cahia de sete em sete annos: em cujo anno se suspendiaõ os trabalhos da Agricultura; as colheitas se abandonavaõ aos pobres, aos orfãos, e aos estrangeiros; dava-se liberdade aos escravos; e perdoavaõ-se as dívidas aos Israelistas. O mesmo succedia no tempo do Jubileo, que se celebrava de sincoenta em sincoenta annos. Todos naquella época tornavaõ a entrar na posse dos seus bens, de qualquer modo, que tivessem sido alienados. O desejo de perpetuar as familias era o motivo daquella Lei, a qual naõ se podería conciliar em huma Naçaõ populosa, e rica, com o

Anno Sabbatico; e Jubileo.

cur-

Cidades de refugio.

curso dos negocios civís. Havia seis Cidades de refugio, as quaes porém naõ serviaõ senaõ para preservar dos rigores da justiça, no caso de homicidio involuntario. Os assassinos deviaõ ser arrancados do mesmo Altar, para soffrer a pena de morte. Que os asylos tenhaõ chegado a ser a protecçaõ do crime, he hum abuso incomprehensivel.

Repartiçaõ dos Sacerdotes.

Posto que a Tribu de Levi estivesse dispersa entre as outras, segundo a Profecia de Jacob, e que os Sacerdotes, e os Levitas naõ podessem ter para sua repartiçaõ senaõ os dizimos, as offertas, e o resgate dos primogenitos, conforme huma Lei do Deuteronomio, parece que os Ministros da Religiaõ tinhaõ realmente boa repartiçaõ; pois possuiaõ quarenta Cidades, e recebiaõ varias especies de dizimos; as primicias, e as offertas eraõ consideraveis. Podiaõ-se commutar em dinheiro as Promessas feitas a Deos, excepto o gado, as terras, e os frutos da terra. Aquelles votos augmentavaõ as riquezas Sacerdotaes. O Summo Sacerdote tinha huma excessiva authoridade, até em os negocios civís. Moysés ordena, que em todas as difficuldades se recorra aos Sacerdotes, e ao Juiz, e que todos estejaõ pela sua decisaõ, sob pena de morte. (*Deuter*. 17. 8. &c.) De todos aquelles

Sua authoridade.

les diversos Regulamentos proprios para a theorica, tiráraõ-se muitas consequencias falsas, e contrarias ao Governo Politico; como se a Lei Nova fosse a Lei de Moysés, e como se fosse necessario ser Judeo para ser Christaõ.

Ignorancia dos Judeos em as Sciencias.

Todos os Estrangeiros, a sua Lingua, as suas Artes, as suas Historias, e as suas Sciencias, eraõ para os Judeos hum objecto ou de desprezo, ou de horror. Os mesmos Judeos ignoravaõ inteiramente a Navegaçaõ, e a Astronomia, ainda depois que voltáraõ de Babylonia; e olhavaõ para os Eclipses supersticiosamente, e naõ tinhaõ palavras, que expressassem aquelle fenomeno. Com tudo naõ se póde duvidar, que naõ tenhaõ tirado do Egypto huma parte dos seus conhecimentos naturaes, e dos seus costumes.

Os Judeos occultavaõ os seus Livros Sagrados.

Os Judeos occultáraõ sempre os seus Livros Sagrados a todas as mais Nações. Quando Ptolomeo Filadelfo obteve huma Versaõ delles, estabelecêraõ jejuns em memoria daquella pretendida infelicidade. Huma barreira invencivel parecia separar os Judeos de todas as partes do Mundo, onde a Razaõ, e a Politica se haviaõ cultivado.

Origem da Poesia.

Ha algum motivo para se crer, contra o sentimento mais commum, que a Poesia dos outros Póvos naõ proce-

deo da Religiaõ; pois que as Canções dos Salvagens só celebraõ os louvores; e as façanhas dos seus Compatriotas; e tambem se citaõ Nações pequenas sem culto, onde se encontraõ Poetas. A Poesia provavelmente foi inventada ou por causa das vivas paixões, ou por causa do desejo de imprimir os Fastos na memoria. Porem os Hebreos logo consagráraõ a Poesia para uso mais santo. Os seus Canticos, e os seus Psalmos elevaõ a alma até ao Throno do Eterno. A maior parte dos Sabios naõ pensaõ como o Clero, que aquelles Poemas fossem versificados.

Se o Hebraico he a lingua mãi.

Naõ ha taõ pouco provas sufficientes, que o Hebraico seja a lingua mãi do Mundo todo; esta opiniaõ foi estabelecida, segundo a observaçaõ de Falconet, por hum zelo de Religiaõ mal entendido. O Commercio antigo dos Fenicios, a dispersaõ dos Judeos, as Conquistas dos Arabes, e finalmente as Cruzadas, tem provavelmente introduzido em as Linguas Occidentaes as palavras Orientaes, que nellas se encontraõ. (*Memorias da Acad. das Inscripç. t.* 20.)

Os Póvos, com quem os Judeos tiveraõ guerra, Moabitas, Amonitas, Madianitas, Edomitas, Amalecitas, Cananeos, e Filisteos, merecem ser pouco co-

conhecidos. Quasi todos, posto que Idolatras, estavaõ sujeitos á circuncisaõ.

MEDAS, E PERSAS.

CAPITULO I.

Dos Medas antes de Cyro.

AMBAS estas Nações se devem unir em hum unico Artigo, porque formáraõ no tempo de Cyro hum unico Imperio muito célebre. Antes de Cyro, tudo saõ trévas, tudo incerteza. Os Gregos em materia de Antiguidades saõ pouco dignos de credito. Vãs Tradições, ás quaes muitas vezes ajuntavaõ os seus proprios delirios, chegavaõ a ser em as suas penas Monumentos Historicos. Se Ptolomeo, insigne Geografo, dava ao Mar Caspio vinte tres gráos e meio do Oriente para o Occidente, posto que tivesse menos de quatro gráos em a sua maior extensaõ; quantos erros devêraõ com maior razaõ inundar a Historia, quando esta se escrevia, sem exame, e sem critica, á

Historias antigas fabulosas antes de Cyro.

satisfaçaõ de todos aquelles, que proviaõ de Fabulas os Escritos.

Os Medas sacodem ò jugo dos Assyrios.

Naõ nos demoremos em aquellas que Ctesias, e Diodoro, seu copista divulgáraõ a respeito dos antigos Medas. Huma unica observaçaõ nos será sufficiente. Ou seja porque Arbace, Governador da Media, sujeita aos Assyrios, se tenha aproveitado da negligencia de Sardanapalo para excitar huma rebelliaõ contra aquelle Principe; ou seja porque outra qualquer causa tenha produzido o mesmo effeito, os Medas sacudindo o jugo, vivêraõ logo em a Anarchia, taõ funesta quasi como a escravidaõ. Os mesmos Medas naõ tardáraõ muito tempo, que naõ sentissem, que huma liberdade sem freio, he huma origem inexhaurivel de infelicidades: e para as evitar, elegêraõ hum Juiz chamado Dejoces, o qual dissipou as perturbações, e restabeleceo a boa ordem por meio das Leis, e da Justiça. Depois de huma sabia, e prudente administraçaõ, Dejoces retirou-se repentinamente, talvez com a idea de se fazer desejar, e de se elevar muito mais. A liberdade naõ deixou de arrastar logo as antigas desgraças; e vendo que sómente Dejoces era capaz de as dissipar, o elegêraõ Rei em o anno de 600, antes de Jesu Christo.

Os Medas elegem Dejoces para Juiz, e depois para Rei.

So-

Soberbo entaõ Dejoces da sua grandeza, ou julgando necessitar do Despotismo para conter os seus vassallos, affectou huma grande severidade; fechando-se em hum Palacio inaccessivel, ordenou, conforme Herodoto, que o Privilegio de o verem, sómente fosse concedido aos seus criados; que outra qualquer pessoa se dirigisse aos seus Ministros, e que se castigasse todo aquelle, que se atrevesse ou a escarrar, ou a rir na sua presença. Montesquieu observa, que aquelle era o meio de fazer respeitar naõ o Rei, mas sim o Caracter, e a Dignidade Real. Por ventura naõ era aquelle tambem o meio de fazer aborrecer o Rei, e o Reinado?

O seu Despotismo.

Ecbatana, Capital do Reino, edificada por Dejoces, tinha, segundo dizem, sete circulos de muralhas, as quaes se levantavaõ humas sobre outras, da altura das ameias; cujas ameias eraõ de differentes cores, brancas, pretas, encarnadas, azuis, alaranjadas, e as ultimas prateadas. Esta descripçaõ de Herodoto parece-me da mesma natureza, que aquella, que se vê em Diodoro da montanha de Bagistaõ na Media; montanha aberta artificiosamente, e lavrada com grande quantidade de figuras, por ordem de Semiramis, a qual era representada no meio de cem guardas.

Fabulas a respeito de Ecbatána, e a respeito do monte Bagistaõ.

Dio-

Diodoro dá huma lista dos Reis Medas, dos quaes Herodoto naõ falla. Dir-se-hia que ambos estes Authores escreviaõ Historias totalmente diversas. Pouco nos importa ter conhecimento daquelles Principes até Cyro.

Immutabilidade das Leis.

Os costumes, as Leis, e a Religiaõ dos Medas, eraõ pouco mais ou menos semelhantes aos Costumes, ás Leis, e á Religiaõ dos Persas, dos quaes farei a descripçaõ. Huma cousa, em que os primeiros se distinguem, he que entre elles a authoridade Real naõ podia mudar, nem revogar humà Lei já estabelecida, e que a educaçaõ dos Principes se confiava sómente ás mulheres, e aos Eunucos. Por este modo era immudavel hum abuso mudado em Lei! por este modo, a educaçaõ dos Principes os devia, por assim dizer, converter em mulheres! A Polygamia entre os Medas era naõ sómente permittida, mas tambem se ordenava. Estrabaõ refere, que nos Paizes montanhezes os Medas eraõ obrigados a sustentar ao menos sete mulheres: e que huma mulher, para naõ ser desprezada, devia ter ao menos sinco maridos. (*Estrab. l.* 11.) Porem como he possivel que lhe póssamos dar credito, sem suppôr as mulheres, e os maridos communs? e neste caso, qual he a apparencia que fica

Educaçaõ dos Principes.

Polygamia estranha.

de

de casamento? Por muito tempo se deo credito a tudo quanto os Antigos dizem: hoje em dia se formaõ as dúvidas a cada passo.

CAPITULO II.

Imperio dos Persas; Cyro, e os seus primeiros Successores.

Os Persas saõ huma das Nações mais antigas, pois que já no mesmo tempo de Abrahaõ, segundo os Eruditos, faziaõ huma Potencia. Porém naõ se fizeraõ célebres, e verdadeiramente formidaveis senaõ no tempo de Cyro. O seu Reinado he huma grande época, no anno do 560 antes de Jesu Christo. Parece, que nada deveria ser melhor conhecido; e com tudo a incerteza reduplica, até ao extremo que o nascimento, as expedições, e a morte deste Conquistador, saõ huns Problemas Historicos, que naõ se podem resolver.

Antiguidade dos Persas.

Época de Cyro, no anno de 560, antes de J. Christo.

Herodoto, Ctesias, e Xenofonte, os quaes escreviaõ hum seculo quasi depois de Cyro, se contradizem como a respeito de huns factos remotos de muitos seculos. A quem se dará credito?

Nada ha mais incerto do que a sua Historia.

A

Cyropedia de Xenofonte. — A Cyropedia de Xenofonte he evidentemente antes a Obra de hum Filosofo, do que de hum Historiador; especie de Novella Moral, e Politica, composta para a instrucçaõ dos Principes, e dos Homens de Estado. Naõ se deixa de tirar della o fundamento de huma Historia; os seus factos saõ suppostos certos, porque o Author teve a vantagem de se instruir em o mesmo Paiz, e sobre tudo, porque as suas Relações concordaõ melhor com o Texto da Escritura. Porem estas razões

Naõ se lhe póde dar credito. — reduzem-se a humas fracas probabilidades muito remotas da certeza. Por ventura, naõ he cousa bem singular, lisonjear-se de descobrir certamente a verdade em huma Obra, cheia em parte de ficções? Seguindo o douto Freret, accrescento que a conformidade de Xenofonte com a Escritura he imaginaria; que antes lhe he opposto; e que a sua Historia da expediçaõ de Cyro o Moço destroe a sua mesma Cyropedia, provando que Cyro tomára o Imperio dos Medas por huma victoria, que alcançára contra Astyage seu avô: o que se conforma com a relaçaõ de Herodoto, e de Ctesias. (*Mem. da Acad. das Inscr. t. 7.*)

Consequentemente, recommendando-se muito a leitura da Cyropedia, cujo extracto fez Rollin em a Historia Antiga,

tiga, e os Inglezes em a Historia Universal, naõ a posso admittir juntamente com elles, como huma origem de individuações Historicas, dignas de fé. Algumas Observações justas saõ preferiveis a relações incertas.

Factos principaes, a respeito de Cyro.

Cyro, a quem se julga ser filho de Cambyses, Rei da Persia, e de Mandane, filha de Astyage, Rei dos Medas, foi certamente o fundador de hum vasto Imperio estabelecido com as suas Conquistas. Cyro derrotou os Babylonios na famosa batalha de Thymbrea: e derrubou a sua Monarquia, apoderando-se de Babylonia depois de hum dilatado sitio: o mesmo Cyro tendo desviado as aguas do Eufrates, penetrou pelo canal deste rio até ao centro da Cidade, onde achou tudo engolfado nas delicias de huma festa. Em 536 antes de Jesu Christo, Cyro publicou o famoso Decreto a favor dos Judeos, captivos havia setenta annos, aos quaes permittio que voltassem para Jerusalem. Adiantando depois as suas Conquistas, limitou o seu Imperio para o Oriente, no rio Indo; para o Norte, no Mar Caspio, e no Mar Negro; para o Occidente, no Mar Egeo; e para o Meiodia, na Ethiopia, e no golfo da Arabia: Imperio o mais vasto que se conheceo até aquelle tempo.

Este

Contradicções a respeito da morte de Cyro.

Este Heróe, conforme Xenofonte, morreo na sua cama, depois de hum glorioso Reinado de trinta annos. Segundo Herodoto, Cyro foi derrotado, e morreo em huma batalha contra Tomyris, Rainha dos Massagetas, a qual mergulhou ella mesma a sua cabeça em huma pia cheia de sangue: *Farta-te de sangue*, disse ella, *pois que sempre tivestes sede delle.* Diodoro de Sicilia, refere que aquella Princeza o mandára crucificar. Ctesias, diz que morrêra de huma ferida que recebêra, para a parte da Hyrcania. Outros Escritores mataõ a Cyro de outro differente modo. Eis-aqui o que he a Historia, quando sómente tem por fundamento as Tradições.

Cyro totalmente diverso em Xenofonte, e em Herodoto.

O Cyro de Xenofonte he o modelo dos homens, e dos Principes. Cyro só combate pela defeza de seu tio Cyaxares, filho de Astyages, com cuja filha unica se desposa; e ganha todos os corações por causa da sua moderaçaõ. Panthea, sua prisioneira, Princeza moça, e agradavel, encontra em Cyro hum protector da sua virtude, e o reconhecimento attrahe ao Rei Abradate, marido de Panthea, a servir debaixo dos seus Estandartes. O Cyro de Herodoto he todo diverso. Cyro arma-se contra Astyages, seu avô, e lhe tira a Coroa violentamente.

De-

Depois de vencer a Creso, Rei de Lydia, o condemna sem humanidade a ser queimado vivo. Creso exclama no cadafalso, *Solon*, *Solon*! Perguntaõ-lhe a quem invoca; Creso responde, que hum Filosofo chamado *Solon*, lhe dissera em outro tempo, á vista das suas immensas riquezas, que *nenhum homem se póde chamar feliz em quanto vive, por naõ poder prever o que lhe succederá antes da sua morte.* Verdade, accrescenta Creso, que horrorosamente experimento. Aquellas palavras penetraõ a Cyro, reflectindo sobre a instabilidade da fortuna, revoga huma sentença barbara, cuja idéa era sufficiente para rebellar o seu coraçaõ. O Cyro de Herodoto he, como quasi saõ todos os Conquistadores, hum flagello do Genero Humano; o Cyro de Xenofonte he o Bemfeitor das Nações, por elle mesmo vencidas.

Creso.

Talvez que o verdadeiro Cyro tenha sido hum ambicioso astuto, homem sufficientemente Grande, e Principe sufficientemente bom, para merecer elogios, a pesar das injustiças da ambiçaõ. A disciplina que Cyro introduzio nas suas Tropas, as armas, que lhes deo para combater de perto em lugar do arco, e da frecha, das quaes antes delle se serviaõ, contribuíraõ sem duvida muito para as suas Conquistas.

O que se póde conjecturar do caracter de Cyro.

Se

Se examinarmos como Criticos a Historia dos seus primeiros Successores, achar-se-haõ nella tambem Fabulas, que a fazem muito incerta. Indicaremos sómente os factos mais notaveis.

Conquista do Egypto em o anno de 525.

Cambyses.

Raras vezes a gloria dos Pais chega aos filhos; porém a mesma gloria cobre estes com infamia, quando elles a denigrem com as suas acções. Cambyses, filho de Cyro, parece hum monstro no mesmo Throno, em que seu Pai havia brilhado. Nenhuma cousa se vê no seu procedimento, senaõ hum furor insensato. O seu odio contra Amasis, Rei do Egypto, inspira-lhe o intento de assolar, e de sujeitar aquelle Reino. Cambyses, chegando á fronteira, sabe a morte de Amasis, a quem succedeo Psammenito. Continúa a sua marcha, alcança huma grande victoria contra os Egypcios, e faz-se aborrecer por causa dos seus excessos. Herodoto diz ter visto as caveiras de que ainda no seu tempo estava juncado o campo da batalha; as caveiras dos Egypcios duras como pedras, porque rapavaõ as cabeças dos meninos, para que os ossos se endurecessem com o Sol; e as caveiras dos Persas molles, e frageis, porque traziaõ turbantes desde a infancia. Porem nada suprio ao valor, que faltava aos Egypcios.

A

A superstiçaõ adiantou a sua ruina, se he possivel referir-se á Historia daquelles tempos. Diz-se, que Cambyses, querendo tomar Pelusa de assalto, pôz na primeira fileira das suas Tropas huma multidaõ de gatos, de cães, e de outros animaes sagrados no Egypto. Os Egypcios, temendo offender os seus Deoses, naõ atiráraõ sobre o inimigo, e a Praça foi tomada sem resistencia. Huma idéa supersticiosa bastava para extinguir os sentimentos mais vivos da Natureza, o amor da Patria, e o desejo da sua propria conservaçaõ. O Egypto foi sempre ao depois escravo dos Estrangeiros, que desprezava.

A superstiçaõ dos Egypcios adiantou a sua ruina.

Cambyses, resoluto a subjugar tambem a Ethiopia, Paiz barbaro, onde a força do corpo era o maior merecimento, mandou espias disfarçadas com o titulo de Embaixadores. Porém o Rei da Ethiopia, penetrando o seu intento, mandou partir os Embaixadores, aos quaes pedio, que levassem da sua parte o seu arco a seu amo, ao qual aconselhassem de declarar a guerra aos Ethiopes, quando os Persas fossem assaz fortes para armar aquelle arco taõ facilmente, como elles. *Dai graças aos Deoses*, accrescentou elle, *de naõ introduzir em os nossos corações o desejo de nos estender*. Cambyses, transporta-

Expediçaõ da Ethiopia.

tado de colera, marchou logo, sem provimentos, sem ordem, e foi obrigado a retroceder vergonhosamente.

Casamento incestuoso de Cambyses, approvado pelos Juizes.

Cambyses mandou assassinar seu irmaõ Smerdis, o qual unicamente tinha podido armar o arco do Rei da Ethiopia. Cambyses casou com sua propria irmã, depois de ter consultado, por formalidade, a respeito daquelle incestuoso casamento, os Juizes do seu Reino, cuja servil baixeza naõ podia deixar de condescender com os seus desejos. A sua resposta foi, *que na verdade naõ havia Lei alguma, que permittisse ao irmaõ casar com a irmã; porém que havia huma Lei, a qual permittia aos Reis da Persia fazer tudo quanto quizessem.*

Crueldade de Cambyses, e baixeza de hum valido.

O seguinte passo descreve ainda melhor o Despotismo, e a escravidaõ. Cambyses pergunta hum dia ao seu valido, que discursos se faziaõ a seu respeito em as conversações particulares. *Admiraõ-se as vossas grandes qualidades*, respondeo *Prexaspes*, (este era o nome do Cavalleiro) *porem pretende-se que vós gostais excessivamente de vinho. Imaginaõ-se sem duvida*, replicou o Rei, *que o vinho me faz perder a razaõ: tu mesmo logo o julgarás.* Cambyses no mesmo instante bebe com excesso. Depois ordena ao filho de Prexaspes, que se ponha no fim da sala, com a maõ esquerda

da na cabeça. Pega em hum arco, arma-o, e adverte-lhe que olhe attento para o coraçaõ do mancebo, e depois de o traspassar effectivamente, diz para o Pai de hum modo triunfante: *Acaso tenho a maõ certa?* Aquelle vil Cortesaõ responde, como se fora insensivel: *Apollo naõ teria acertado melhor.*

Cambyses voltava para a Persia, quando soube que huns conjurados lhe tinhaõ dado hum Successor. Cambyses respirava vingança. A sua propria espada o ferio accidentalmente, e livrou o Mundo de huma horrorosa tyrannia. O novo Rei era hum Mago, hum Sacerdote indigno do Throno; o qual se annunciava pelo Principe Smerdis, aquelle irmaõ de Cambyses, ao qual o mesmo Cambyses mandára matar. A impostura se descobrio Alguns Cavalleiros tendo formado huma conspiraçaõ, matáraõ cruelmente o falso Smerdis; e Dario, filho de Hystaspes, hum dos Conspiradores, chegou a ser Senhor do Imperio. Por ventura póde-se dar credito, segundo o parecer de Herodoto, que o rinchar do cavallo de Dario, fosse quem decidisse da sua sorte?

Morte de Cambyses, no anno de 522.

O falso Smerdis.

Aquelle Monarca sitiou Babylonia, a qual levantára o Estandarte da rebelliaõ. A desesperaçaõ inspirou aos sitiados huma atroz resoluçaõ. Extermináraõ todas

Dario I. Zopyro contribue para que Dario tome Babylonia em o anno de 510.

das as bocas inuteis, mulheres, crianças, e velhos. Dario estava quasi para renunciar a empreza, quando Zopyro, hum dos principaes Cavalleiros Persianos, se dedicou, segundo dizem, com huma generosidade sem exemplo, á gloria, e ao interesse de seu amo. O mesmo Zopyro tendo cortado o nariz a si mesmo, as orelhas, e despedaçado todo o seu corpo, refugiou-se á Cidade, como huma victima da crueldade de Dario. Os Babylonios entregando-lhe a sua confiança o puzeraõ na frente das Tropas. Zopyro derrotou quinze, ou dezaseis mil Persas em diversas sortidas, e finalmente entregou as portas de Babylonia, cujas rendas lhe foraõ concedidas pelo Rei.

Tyrannia de Dario.

Dario naõ merecia semelhantes sacrificios, julgando por huma acçaõ tyrannica, que refere depois Herodoto. Tendo a ambiçaõ armado a Dario contra os Scythas, que habitavaõ entre o Tanais, e o Danubio, hum velho respeitavel, por nome Ebaso, lhe pede, que lhe deixe para sua consolaçaõ hum dos seus tres filhos, em quanto os outros dous combatessem em aquella guerra. *Hum só naõ te basta*, responde Dario, *eu tos deixo todos tres*, e desde logo os mandou matar. Com que zelo se serviriaõ huns tyrannos, que se divertem com a vida dos seus vassallos?

Os

Os Scythas (hoje em dia Tartaros) eraõ huma Naçaõ pobre, valerosa, e indomavel, fazendo consistir a sua ventura em a sua liberdade. Conta-se, que os Scythas mandáraõ a Dario hum passaro, hum rato, huma rã, e sinco frechas. Hum Cavalleiro do Exercito explicou o enigma do modo seguinte: *Se os Persas naõ voarem como os passaros, ou naõ se occultarem na terra como os ratos, ou naõ se metterem na agua como as rãs, naõ escaparáõ ás fréchas dos Scythas.* No Oriente se costumava empregar figuras allegoricas; porém he evidente que ésta figura foi inventada tarde, e nada da melhor a conhecer a inclinaçaõ dos Historiadores da Antiguidade para as Fabulas, e para as Maravilhas. Seja como for, a imprudente expediçaõ de Dario foi com effeito infeliz. Obrigado a retirar-se, depois de ter perdido muita gente, Dario aprendeo que os homens livres naõ se subjugaõ taõ facilmente, como se opprimem os escravos.

A sua infeliz expediçaõ contra os Scythas.

A Historia dos Persas se achará daqui em diante unida com a Historia da Grecia, onde referiremos os successos mais célebres. Fica-nos para descrever aquella Naçaõ, a qual he hum dos principaes espectaculos da Antiguidade.

CAPITULO III.

Governo, Leis, Usos, e Costumes dos Persas.

O Despotismo teve a sua origem na Asia.

NA Asia, especialmente entre os Medas, e os Persas, he onde se vê nascer o Despotismo, aquelle Governo odioso, em o qual a fortuna, e a vida de todos estaõ sujeitas á vontade absoluta de hum só homem. A Monarquia temperada com Leis sábias, cuja execuçaõ se conserva pelo Monarca, e das quaes elle mesmo faz a regra da sua conducta, he o melhor, como o mais antigo de todos os governos, se o julgarmos pela tranquillidade dos Póvos. Os Platões, os Aristoteles, e os Plutarcos naõ pódem deixar de o reconhecer, naõ obstante as prevenções Republicanas. Porem que qualquer homem se erija como Deos, que pize aos seus pés os outros homens, e que faça das suas fantesias a Lei Suprema, sem respeito aos Direitos naturaes da Humanidade: he o mais alto ponto da violencia, e da usurpaçaõ; e he a obra, ou da espada sempre prompta pará degollar, ou da cobardia infame sempre

pre prompta para receber as cadeias.

Por ventura, póde existir huma forma de Governo, em que os Póvos estejaõ a discriçaõ do Principe, de modo que naõ haja nem propriedade determinada, nem segurança pessoal? O despotismo, sem dúvida, encontra por toda a parte alguma barreira, se naõ em as Leis fundamentaes, ao menos em os usos, em os costumes, em o interesse geral, e em o seu particular interesse. Sem duvida, que tambem a paixaõ dos Gregos pela liberdade, e o seu odio aos Persas, os fizeraõ exageradores a respeito do Despotismo Asiatico. Com tudo ha muita verdade entre aquellas mesmas exagerações. O Estado actual da Asia confirma, a diversos respeitos, o testemunho dos Antigos.

Se este Governo póde existir sem limites.

O Despota dos Persas (porque naõ se póde designar por outro nome) fazia-se intitular *o Grande Rei*, *o Rei dos Reis*. Era necessario prostrar-se na sua presença, como na presença de qualquer Divindade. Temos visto até que extremo de baixeza estavaõ reduzidos os seus Cortesaõs. Qualquer leve desattençaõ os expunha ao ultimo supplicio. Xenofonte refere que Cyro, o Moço, mandára matar dous Cortesãos, por terem tirado na sua presença as mãos das suas mangas. Comparando-se

Idea do Despotismo Persianno.

Quanto he superior hum bom Rei a hum Despota.

áquelles Idolos terriveis, hum Principe affavel, e benefico; cercado de seus vassallos, como hum Pai da sua familia; inspirando com a sua vista tanto amor como respeito; extrahindo da santidade das Leis a força do seu Governo; naõ empregando o terror senaõ contra o crime; e recebendo antes as homenagens do coraçaõ, do que as da obrigaçaõ: facilmente se julgará de qual parte existe a imagem do Ser Supremo, o qual tendo creado os homens iguaes, naõ quiz estabelecer alguns homens arbitros dos outros, senaõ para fazer a todos felices.

Boa educaçaõ dos Principes na Persia.

Com tudo a educaçaõ dos Principes destinados para o Throno, tal como Plataõ a descreve, devia produzir homens grandes, e bons Reis. Na idade de sete annos formavaõ-se os Principes nos exercicios do corpo, depois que os principaes Eunucos, ou Officiaes do Palacio tinhaõ introduzido na sua alma os primeiros principios dos costumes. Na idade de quatorze annos se entregavaõ ao poder de quatro homens distinctos pela sua sabedoria. O primeiro ensinava-lhes a *Magica*, ou a Religiaõ, e a sciencia do Governo; o segundo exercitava-os a dizer a verdade, e administrar a justiça; o terceiro a domar as suas paixões com a temperança; e o quarto a elevar-se por meio

meio do valor, e a naõ temer os perigos. (*Plat. in. Alcib.* 1.)

Causas que faziaõ inutil aquella educaçaõ.

Sem examinar se valia mais separar aquelle objectos de instrucçaõ, do que os unir em hum bom Systema de Politica, e de Moral; he certo que os frutos de huma educaçaõ semelhante, supposto que della se usasse depois de Cyro, (o que me parece incrivel) se perdia logo com a paixaõ cega do Despotismo, no centro do luxo, da frouxidaõ, da sensualidade, e no meio dos objectos os mais proprios para corromper o entendimento, e o coraçaõ. Os Reis da Persia engolfados em o orgulho, e nos prazeres, esqueciaõ-se inteiramente de que eraõ homens. Elles mesmos se adoravaõ, pretendendo a adoraçaõ dos seus escravos. A Xerxes attribue-se hum Decreto, pelo qual promettia huma grande recompensa a qualquer que inventasse algum prazer incognito. Se hum Decreto semelhante pôde existir, por elle vemos que cousa he hum Despota, concentrado no seu serralho, onde se contempla como o centro do Universo.

Decreto infame de Xerxes.

Satrapas, estabelecimento dos correios.

Em quanto ao Governo, e á Legislaçaõ dos Persas, haviaõ cousas excellentes, as quaes o Despotismo certamente fez degenerar em abusos. O Reino se dividia em Provincias. Os Governadores

ou

ou Satrapas deviaõ receber directamente as ordens do Rei, e dar-lhe conta de tudo. Para facilitar a correspondencia, tinhaõ-se estabelecido correios, os quaes levavaõ os despachos de dia, e de noite. Cyro se reputa ser o Author do estabelecimento das Postas, o qual se conheceo muito tarde no Ocidente. Veremos a Universidade de Pariz no mesmo tempo da sua grande fama sustentar correios, muito antes que os Reis os tivessem para os negocios de Estado.

As Provincias visitadas pelo Rei, ou por Commissarios.

O Rei da Persia, receando que os Satrapas abusassem da sua authoridade, visitava as Provincias em pessoa, ou mandava illustres Commissarios, aos quaes ordinariamente davaõ o nome de *olhos, e ouvidos do Principe.* Pratica admiravel, com tanto que a relaçaõ daquelles olhos, e daquelles ouvidos fosse ao mesmo tempo fiel, e efficaz. Hum Official da Corôa se encarregava de dizer todas as manhãs ao Monarca, quando o acordava: *Principe, levanta-te, e cuida nas funções para as quaes Oromazes* (1) *te collocou no Throno.* Estas excellentes formalidades nada provaõ. Quando no coraçaõ naõ falla o dever, naõ se ouvem as lições da Sabedoria.

Advertécia feita todos os dias ao Rei.

Os

(1) Oromazes, ou Orosmades, era o nome de Deos entre os Persas.

Administraçaõ dos contratos, e das rendas Reaes.

Os contractos, e as rendas Reaes se contemplavaõ justamente como hum objecto essencial da administraçaõ politica: sem as quaes tudo afrouxa, e se dissolve em hum grande Estado. Cada Provincia tinha o seu Thesoiro, para onde se conduziaõ as contribuições, que eraõ immensas, se julgarmos pelas quantias, que Alexandre achou em muitos lugares; por exemplo, em Suza, sincoenta mil talentos de prata em barras. Em os Reinados de Cyro, e de Cambyses, o Povo se taxava vuluntariamente para a conservaçaõ do Rei, e do exercito. Dario, filho de Hystaspes, impôz tributos annuaes, por causa dos quaes lhe deraõ o nome de *Mercador*. As terras dos Persas naõ pagavaõ impostos; porem tirava-se dinheiro, e frutos das Provincias (provavelmente das Provincias conquistadas). Rollin observa, que aquelle uso de receber em effeitos huma parte das contribuições, indica muita sabedoria, moderaçaõ, e humanidade; porque as terras remotas do Commercio naõ pódem reduzir os seus frutos a dinheiro senaõ com grande perda. A oberváçaõ poderia ser justa, suppondo-se que se tirasse sómente dos Povos aquillo que requeressem as necessidades reaes do Estado. He difficultoso de o suppôr; pois que duas Pro-

Natureza dos impostos.

Provincias, em tempo de guerra, foraõ taxadas, além dos impostos ordinarios, em huma quantidade de trigo sufficiente para a conservaçaõ de cento e vinte mil homens.

A Povoaçaõ animada.

Dous objectos da maior importancia essencialmente unidos, a Povoaçaõ, e a Agricultura, attrahiaõ os cuidados do Governo. As ideas Religiosas serviaõ á Politica a este respeito. Os Persas contemplavaõ huma posteridade numerosa, como huma bençaõ do Ceo, e o Rei recompensava todos os annos aquelles que tinhaõ muitos filhos. Para que a Povoaçaõ seja hum bem, he necessario que a terra produza o alimento dos homens.

A Agricultura honrada.

Xen. Œcon.

A Agricultura, esta sustentadora do Genero Humano, esta fonte de abundancia, de saude, e de prazeres innocentes, esta conservadora dos costumes, e esta escola de todas as virtudes, como Xenofonte a descreve; a Agricultura se honrava especialmente, e se excitava assim na Persia, como no Egypto. Fecundar a terra, era na Persia hum merecimento proprio de Religiaõ. Dava-se conta ao Rei do modo como se cultivava; o qual castigava a negligencia de huns, e recompensava o trabalho de outros. O mesmo Rei comia com os Lavradores em hum dia do anno. (*Hydes*, *Rel. Pers.*) Cyro o Moço, tinha plantado muitas arvores com

com a sua propria maõ. Naõ seria esta huma materia de elogio, sem o motivo que fazia respeitavel aquelle divertimento. Ainda hoje em dia se vê na China o mesmo Imperador manejar o arado em hum dia de ceremonia, para dar exemplo aos seus vassallos. Ceremonia talvez mais digna do Throno do que a maior parte daquellas, em que se expõe todo o fasto do Reinado, pois que produz maiores felicidades, e bens mais sólidos.

Cruel necessidade da guerra.

Seria necessario riscar em os Annaes do Mundo até o nome da guerra, se o esquecimento das infelicidades, causadas pela mesma guerra, podesse prevenir outras semelhantes. Porem as paixões, que em todo o tempo produziraõ aquelle flagello, sempre o faráõ renascer. Posto que o homem naõ tenha nascido certamente para combater os seus semelhantes, assim como o lobo, e o tigre parecem nascer para devorar outros animaes; e posto que naõ se faça cruel senaõ abafando a voz do seu coraçaõ; a guerra se acha necessariamente unida com a Constituiçaõ Politica. O Principe mais justo, e mais humano algumas vezes se acha reduzido a emprender a guerra por culpa dos seus visinhos, ou das Potencias ambiciosas. O Principe deve ter guerreiros para defeza dos seus Direitos,

e dos

e dos seus Povos; aos quaes deve exercitar no officio das armas, disciplinar, e fazer amantes da Patria, e formidaveis aos inimigos.

Os Persas bons Soldados no tempo de Cyro.

Os Persas, no tempo de Cyro, eraõ bons Soldados. Acostumados desde a mocidade a huma vida aspera, laboriosa, e aos exercicios da guerra, sustentavaõ a fadiga, e desprezavaõ valerosamente os perigos. Desde que os Persas eraõ capazes de tomarem as armas, o serviço militar chegava a ser para elles huma obrigaçaõ, até huma idade adiantada.

Armados em todo o tempo.

Entre os Persas observa-se o uso de estarem armados em todo o tempo, ainda em tempo de paz: uso perigoso, que já mais conhecêraõ nem Gregos, nem Romanos, e que foi introduzido na Europa pelos Barbaros da Germania.

Preoccupaçaõ, e usos a respeito da guerra.

Os Persas tinhaõ huma opiniaõ fundada provavelmente sobre huma idéa Religiosa, que morrendo em as batalhas, chegavaõ a alcançar a eterna felicidade. Outras Nações guerreiras tiveraõ a mesma preoccupaçaõ, muito propria para fomentar o ardor marcial. As mulheres, e os meninos seguiaõ o Exercito: outro motivo de valor. Porém quantos inconvenientes se naõ seguem de hum cortejo semelhante! o qual era igual ao acompanhamento dos seus carros armados de

fou-

fouces, raras vezes uteis, e continuamente nocivos. A Cyropedia dará lições para o Militar. O nosso Plano nos prohibe maiores individuações. Depois de Cyro a frouxidaõ enervou logo os seus vassallos; e o seu número já mais suprio a falta de disciplina. Todos os Povos conquistadores experimentáraõ na Asia a mesma revoluçaõ.

Justiça.

Em o Imperio da Persia, parece que a Justiça esteve em todo o seu vigor ao menos por hum certo tempo. Cambyses, tendo condenado á morte a hum certo Juiz, o qual se deixára corromper, mandou estender a sua pelle no mesmo Tribunal, em que o filho daquelle Juiz devia succeder a seu Pai. A administraçaõ da Justiça naõ se confiava senaõ a homens de idade madura, porque naõ se imaginava que a Mocidade fosse propria para humas funcções taõ augustas. O accusado era confrontado com o accusador; o qual no caso de accusaçaõ falsa, padecia a pena do crime, que imputava ao accusado.

Acçaõ de Cambyses.

Confrontaçaõ.

Huma Lei antiga prohibia ao Principe castigar de morte qualquer crime, sendo o primeiro; toda a vida do culpado se devia examinar; e se o bem excedesse ao mal, castigava-se menos severamente. (*Herodoto* I.) Com effeito parece,

Naõ se castigava de morte nehum crime, sendo o primeiro.

ce, que excepto hum pequeno numero de crimes atrozes, os quaes suppõem sempre hum coraçaõ malevolo, e os quaes requerem hum exemplo terrivel, nenhuma culpa, a que a fraqueza humana está sujeita, deveria extinguir inteiramente os merecimentos de huma vida virtuosa. Ha tantos meios de castigar, sem perder Cidadaõs, cujos serviços poderiaõ reparar as culpas!

Cuidado dos costumes.

Se dermos credito á Cyropedia, a Legislaçaõ dos Persas era admiravel, naõ se limitando em castigar os crimes, porem impedindo a tentaçaõ de os commetter, e inspirando o horror do vicio, e o amor da virtude. Esta legislaçaõ zelava a educaçaõ publica dos meninos, a mais propria para os fazer bons Cidadãos. Até á idade de dezasete annos, os meninos estavaõ fóra da casa paternal, entregues ao poder de Mestres respeitaveis, occupados sómente do cuidado de os fazer justos, sabios, e valerosos. Aquelles que naõ tinhaõ sido creados em huma escola taõ boa, eraõ excluidos dos empregos, e das honras. Com tudo, por outra parte parece, que os Pais deviaõ cuidar na educaçaõ de sua familia. *Se vós quereis ser santos*, diziaõ os Livros Sagrados, *instrui os vossos filhos, porque todas as suas boas acções vos seráõ imputadas.*

Educaçaõ dos meninos.

(Hy-

(Hydes.) A este motivo de Religiaõ, a razaõ accrescentava outros sem dúvida muito mais sensiveis.

Vicios raras vezes castigados na Sociedade naõ escapavaõ á vigilancia das Leis. Qualquer ingrato podia ser citado em juizo, e era condenado a huma pena. Entre nós as Leis naõ castigaõ senaõ aquella acçaõ, que accommette directamente a pessoa, e a propriedade dos Cidadãos. O sentimento da honra, e o temor do opprobrio supririaõ esta falta, se de huma parte aquelles sentimentos estivessem bem impressos na alma, e se de outra parte a corrupçaõ naõ unisse a certos vicios mais depressa gloria, do que infamia.

Os vicios castigados.

O direito de vida, e de morte, que os Pais tinhaõ sobre os seus filhos, direito inhumano, estabelecido entre muitas Nações antigas, se moderava com a prohibiçaõ de usar delle por culpas leves, ou por hum unico crime. Além de que, como os filhos respeitavaõ infinitamente seus Pais, estes tinhaõ poucas occasiões de o exercitar. Considerava-se o parricidio como huma cousa impossivel em a Natureza, e naõ havia Lei alguma contra aquelle crime.

Direito dos Pais.

O amor da verdade era huma virtude, que caracterizava os Persas; para com

Amor da verdade entre os Persas.

com elles o mentir era infamia; viver de emprestimo tambem era outra infamia, porque a baixeza, e a mentira pareciaõ inseparaveis de huma semelhante vida. O Povo que tivesse a verdade como regra do seu procedimento, e dos seus discursos, seria taõ feliz, como respeitavel. Porem onde domina o interesse, onde os costumes estaõ corrompidos, he impossivel que a falsidade naõ derrame o seu contagio. Os Persas o experimentáraõ sem duvida, tanto que se entregáraõ ao luxo, e por consequencia áquelle desejo insaciavel das riquezas, o qual anniquila todas as virtudes.

Eunucos.

O uso odioso dos Eunucos para servirem de guarda das mulheres, se attribue á sua dissoluçaõ; uso ordinario em toda a Asia. Os Persas saõ reprehendidos naõ sómente por causa da Polygamia, e da mancebia, ou concubinato excessivo;

Casamentos incestuosos.

mas por causa dos casamentos incestuosos com suas proprias filhas, e com suas proprias Mãis; o que se deve talvez restringir a hum pequeno número de exemplos, pois tanto lhe repugnaõ o pejo, e a Politica. (1) Conforme Plutarco, Artaxerxes

Lisonja, que os approva.

(1) Filon pretende que a Religiaõ de Zoroastres recommendava o casamento com as Mãis. A Religiaõ do Egypto authorizava o casamento com as irmãs.

xes Mnemon casou com huma das suas filhas pelo conselho de sua Mãi, a qual naõ se envergonhou de lhe dizer, lisonjeando a sua criminosa paixaõ: *Vós sois aquelle, que Deos concedeo aos Persas, como a Lei unica, e como a regra da honestidade, ou da deshonestidade, da virtude, e do vicio.*

Escravidaõ vergonhosa dos Persas.

Tal chegou a ser com o tempo a vergonhosa escravidaõ dos Persas, que podêraõ algumas vezes adorar o crime na pessoa do seu Soberano: naõ se envergonhavaõ de serem seus escravos. Certifica-se que os Persas lhe agradeciaõ de se ter lembrado delles, depois de ter sido açoutados por ordem sua. Nós o podemos crer, pois que a China offerece exemplos da mesma natureza.

Causas da ruina deste Povo.

Os Filosofos antigos consideraõ aquella escravidaõ, como huma das causas da ruina dos Persas; porque de que esforço he capaz hum Povo, ao qual naõ fica, nem ainda hum sentimento de liberdade? Aquelles Sabios accrescentaõ-lhe outras causas; o luxo, principio da corrupçaõ geral; a pessima educaçaõ dos Principes, origem dos vicios do Governo; e a falta da boa fé, d'onde nascem a adulaçaõ, a perfidia, e os crimes destruidores da Sociedade. Os Persas tinhaõ degenerado extraordinariamente, porque adquiriraõ mui-

Cyro os fez degenerar.

muito poder, e infinitas riquezas. He singular, que os admiradores de Cyro, sem perceberem a contradicçaõ das suas idéas, convenhaõ que o mesmo Cyro fosse em parte o author daquella mudança. Cyro depois das suas victorias, affectou a magnificencia dos Medas; permittio, e desejou que se prostrassem na sua presença para o adorar; e abandonou inteiramente a educaçaõ de seus filhos, posto que instruido por experiencia das vantagens de huma boa educaçaõ. Cyro foi pois, assim como Alexandre, com qualidades heroicas, hum modelo perigoso para os Principes.

CAPITULO IV.

Religiaõ dos Persas.

Os Persas adoravaõ hum só Deos.

DE todas as Religiões, inventadas pelos homens, nenhuma se chega mais para a verdadeira, e naõ he menos supersticiosa do que a Religiaõ dos Persas, a qual subsiste ainda entre os Parsis, ou os Guebres, seus descendentes. Herodoto com outros muitos Escritores, a conhecêraõ muito mal, assim como infinitos outros objectos, de que fallaõ mera-

ramente guiados pela authoridade de humas relações infieis. Estes representaõ os Persas, como Idólatras, adorando o fogo, o Sol, e Divindades fabricadas pelas mãos dos homens. Porém a Critica dissipou aquelle erro. Temos provas certas, como os Persas reconheciaõ a Unidade de Deos, e que o seu culto só a elle directamente se referia. O seu Mithra, ou o Sol, o seu Fogo Sagrado que conservavaõ cuidadosamente, naõ eraõ senaõ Emblemas do poder do Creador. Os Persas naõ queriaõ Templos, e pretendiaõ, que encerrar a Divindade em hum circuito de paredes, era insultalla; desprezavaõ as Imagens, julgando-as indignas do Ser invisivel; e abominavaõ as superstições do Sabeismo, isto he, a Idolatria dos Caldeos.

Os Persas naõ queriaõ nem Templos, nem Estatuas.

Zoroastres, ou Zerdusht seu célebre Legislador, cuja época he difficultósa de se determinar, tinha vindo, segundo elles diziaõ, purificar a sua Religiaõ dos erros, que os Sabenianos lhe haviaõ introduzido. (1) De Zoroastres he que os Persas recebêraõ a doutrina dos dous principios, naõ semelhante áquella, que os

Zoroastres.

Doutrina dos dous Principios.

(1) A opiniaõ commum he, que Zoroastres vivia no tempo de Dario, filho de Hystaspes, e que reformou a Religiaõ, estabelecida por outro Zoroastres muito mais antigo.

Maniqueos depois ensináraõ, porém sem absurdos contradictorios. O fim daquella doutrina he explicar a origem do mal, de modo que Deos naõ pareça o seu Author. Conforme os Persas, o Bom Principio, Ser Supremo, Eterno, Independente, a que chamaõ *Oromazes*, creou a luz, e as trevas. Arimanes, Principio Máo, extrahe a sua origem das trévas; e ainda que opposto em tudo ás idéas de Oromazes, contribue a pesar seu para a sua gloria. Donde vem a mistura do Bem, e do Mal. Esta contestaçaõ dos dous Principios durará até ao fim do Mundo. Entaõ haverá huma resurreiçaõ; a luz, e as trevas separar-se-haõ; os bons, e os máos teráõ o premio que merecem.

O Sadder.

O *Sadder*, antigo Livro Sagrado dos Persas, o qual o sabio Thomas Hyde fez conhecer na Europa, inclue idéas sublimes juntas com excellentes regras de Moral. A recta, e boa razaõ póde em todo o tempo, e em todo o lugar conduzir o Homem para tudo o que faz a humana Sabedoria, encerrada em os limites da Natureza. As obrigações prescritas aos Magos, ou aos Sacerdotes, eraõ dignas de hum Estado feito para dar o exemplo, e a liçaõ aos Profanos. Mostremos pois alguns preceitos concernen-

Preceitos para os Magos.

tes

tes ao Summo Sacerdote: 1. O Summo Sacerdote deve preservar-se de toda a mancha, porque Deos o elegeo para ser Santo. 2. Deve receber o dizimo do Secular, como Esmoler do Omnipotente, para distribuir pelos pobres o tributo pago pelos ricos. 3. Deve ser versado naõ sómente em o conhecimento da Lei, porém em todas as Sciencias, por ser nomeado para instruir todos aquelles, que seguem a Religiaõ. 4. Deve applicar-se especialmente a discernir a verdade do erro. 5. Deve só temer a Deos, e aborrecer sómente o peccado. 6. Posto que o Summo Sacerdote possa ser honrado com algumas revelações Celestes, naõ as deve publicar, porque embaraçariaõ o Povo, o qual deve estar pela Lei Escrita. (Veja-se a *Hist. Univers. t.* 3., ou Hyde, *Rel. Veter. Pers.* 13.)

Vida austera dos Magos.

Quando os Magos observavaõ aquellas regras, se mostravaõ capazes de serem os dignos Ministros da Religiaõ, os verdadeiros Magistrados dos costumes; tanto mais respeitaveis, quanto se dirigia inteiramente para o bem Publico a sua authoridade a respeito dos espiritos. A sua vida era austera sem extravagancia. Diogenes Laercio os descreve vestidos simplesmente, deitando-se no chaõ, naõ vivendo senaõ de hervas, de queijo, e

de paõ, e fazendo a sua occupaçaõ principal em orar a Deos, e exhortar os homens para a Justiça. Porém semelhantes aos Sacerdotes Egypcios, e Caldeos, os Magos adquiríraõ grande poder, para se conterem nos limites das funcções Religiosas. Os Reis, e os Principaes do Estado eraõ educados com as suas lições; nenhum negocio importante se decidia sem o seu conselho; e Plinio certifica que ainda no seu tempo *elles davaõ Leis aos Reis dos Reis*, Liv. 30. C. 1. Como o credito dos Magos se fundava principalmente em a sua Sciencia, faziaõ della hum mysterio. Nenhum Estrangeiro podia participar daquella Sciencia sem a licença do Principe: este favor foi concedido a Themistocles, quando estava ao serviço dos Persas contra a sua Patria. Os Filosofos Gregos respeitavaõ muito a Escola dos Magos. Pythagoras, segundo dizem, tirou della huma parte da sua doutrina.

Sua authoridade excessiva.

Sua Sciencia mysteriosa.

Recorramos pelo entendimento a Persia, a Caldea, o Egypto, e a India; e daqui voltemos para a Germania, e Gaulezes: acharemos por toda a parte quasi o mesmo espirito, e o mesmo procedimento na Ordem Sacerdotal. Todos os Sacerdotes antigos, que formavaõ huma classe distincta dos outros Cidadãos, tambem tinhaõ os seus interesses á parte,

Como os Sacerdotes antigos adquiriraõ grande poder.

te, de que eraõ muito ciosos. Depositarios da Religiaõ e da Sciencia, Arbitros dos Reis, e Oraculos dos Povos, como naõ abusaríaõ muitas vezes do seu poder; de hum poder taõ util, quando sómente tem por alvo a santidade dos costumes; mas taõ funesto quando chega a ser o instrumento das paixões? Naõ ter sabido determinar os limites entre a Authoridade Civil, e as funcções Religiosas, nem honrar o Sacerdocio á proporçaõ das vantagens, que procura, e sem dar áquelles que o exercitaõ meios, e motivos para o inverterem contra o interesse Publico, era a culpa dos Governos, ou da ignorancia humana. Tanto mais veneravel he o Ministerio Sagrado, quanto mais importava prevenir os seus abusos. Porém a Religiaõ tendo sido hum dos primeiros fundamentos da vida civil, naõ nos devemos admirar, que os seus Ministros depois de terem dirigido as opiniões, e os costumes tenhaõ tido o segredo, e por consequencia o desejo, ou de governar os Estados, ou de attrahir a si mesmo a sua substancia.

Fragmẽto notavel de hum Livro antigo dos Persas.

As Historias Orientaes da Persia celebraõ hum antigo Rei chamado Hushang, a quem se attribue o primeiro Codigo das Leis, a divisaõ do Imperio em Provincias, e a invençaõ da maior parte dos ins-

instrumentos da Agricultura. Pretende-se ser elle o Author de hum Livro intitulado: *a Sabedoria de todos os tempos.* Este Livro está cheio de enthusiasmo, e de maximas excellentes. O fragmento que delle entro a transcrever, seguindo os Authores Inglezes da Historia Universal, dará huma idéa da Sabedoria dos Orientaes. *Os grandes Reis saõ Deoses da terra, taõ superiores em poder, em sabedoria, e em bondade, aos mais homens, quanto Deos lhes he superior. Porém esta elevaçaõ naõ os deve com tudo favorecer para tratar os seus vassallos rigorosamente. Raras vezes se ouve o estrondo do trovaõ; porém o Sol todos os dias brilha. Por hum acto de vingança, Deos nos dá mil sinaes de bondade. Os Reis o devem imitar, fazendo todo o bem que poderem. Que se lembrem, que arbitros de mandar tirar a vida, naõ tem poder para a tornar a dar. Logo acautelai-vos das sentenças precipitadas, e preveni arrependimentos incapazes de reparar o mal. Os Ministros saõ instrumentos entre as mãos dos Reis. Destes pois, e naõ daquelles he que se queixaõ os Povos maltratados. Eleja hum Rei bem os seus Ministros: porque taõ inutil lhe seria, a fim de socegar o Povo, desculpar-se com elles dos seus grandes crimes, como a hum matador allegar ao Juiz, que naõ fora elle; mas sim a sua espada que matá-*

A respeito das obrigações dos Reis.

tára o seu visinha. Principes máos tiveraõ algumas vezes bons Ministros; porém Principes virtuosos, naõ conserváraõ muito tempo Ministros máos, &c. Por muito antiga que esta Obra possa ser, naõ chega certamente a Seculos muito remotos. Os homens tem o furor de realçar, por huma antiguidade fabulosa, o preço daquellas mesmas cousas, das quaes a razaõ deveria fazer todo o merecimento.

INDIOS.

Antiguidade dos Indios.

SE pela belleza, e fertilidade da terra, em que qualquer Povo habita, se deve julgar da sua antiguidade, os Indios, especialmente para a parte do Ganges, saõ talvez a primeira das Nações bem governadas pela sua Politica. Os Monumentos confirmaõ esta conjectura; e posto que o Fragmento de Ctesias a respeito da India esteja cheio de mentiras; posto que as Historias Orientaes desta Regiaõ sejaõ ainda mais fabulosas, sabe-se que os Antigos hiaõ á India para se instruirem, e Sabios judiciosos julgaõ ainda hoje, que os Egypcios, e depois os Gregos, tiráraõ da India a sua Filosofia, e a sua Reli-

ligiaõ. Naõ se póde duvidar que a doutrina da Metempsycosis, (a Transmigraçaõ das almas) naõ seja originaria da India. Este he hum titulo sufficiente da sua antiguidade. Desde tempos immemoriaes crêo-se na Asia, e no Egypto, que as almas passavaõ de hum para outro corpo.

Divisaõ das Classes.

Conforme Ariano, Author veridico, todos os Indios eraõ livres, e divididos em sete Classes, as queas já mais se confundiaõ com os casamentos. Havia huma Classe de *Vigiadores*, destinada para dar conta ao Principe do procedimento dos outros. A Classe dos Lavradores gozava de hum Privilegio proporcionado á importancia da Agricultura; que consistia em os naõ tirar nunca dos campos para os empregar em outra qualquer cousa; em tempo de guerra, todos cumpriaõ huma Lei inviolavel de naõ entender nem com a sua pessoa, nem com os seus bens: sabia-se que tudo falta, quando a terra naõ he cultivada; e que esta o naõ póde ser, como he necessario, se os cultivadores naõ forem favorecidos. A Classe dos Brames, ou Brachmanes, da qual particularmente fallaremos, tinha a preeminencia sobre todas as outras, porque a Religiaõ, e a Sciencia estavaõ no seu poder: os Brachmanes gozavaõ do Imperio

Vigiadores.

Lavradores.

do

do Sacerdocio. Aquella separaçaõ das *Castas*, ou das diversas ordens de Cidadãos, ainda em o nosso tempo subsiste. Víraõ-se os inconvenientes, que dellas saõ inseparaveis. Crer que tudo se deve aperfeiçoar, quando os filhos naõ pódem ter senaõ a profissaõ de seus Pais, he huma preoccupaçaõ frivola. A experiencia provou, que assim na Asia, como no Egypto, nada se aperfeiçoava. Além de que as *Castas*, ou as diversas ordens abominaõ-se mutuamente, ainda por principio de Religiaõ; o que he hum enorme vicio na Sociedade.

Inconvenientes deste uso.

A India era, em grande parte, devedora da sua celebridade aos Brachmanes; os quaes taõ respeitados, como os Magos na Persia, e como os Sacerdotes do Egypto, isentos de tributos, consultados na Corte, dominando sobre os Povos, applicavaõ-se á Astrologia, faziaõ-se Profetas, eraõ Theologos, e Filosofos; e a sua doutrina, praticada com a austeridade dos costumes, excitava a mesma admiraçaõ dos Estrangeiros. Viaõ-se os Brachmanes aturar em pé o Sol mais ardente, e fazer experiencia nos seus corpos dos soffrimentos, e das dores as mais fortes; desprezando aquelles, que naõ morrem senaõ de enfermidades, e de velhice; e fazendo-se queimar vivos,

Sciencias, e Costumes dos Brachmanes.

Os Brachmanes morriaõ voluntariamente.

vos, quando a vida lhes chegava a ser pezada, assim como fez Calano á vista do exercito de Alexandre. Muitos naõ usavaõ de vestidos, pela qual razaõ lhes deraõ o nome de *Gymnosofistas.*

Doutrina da Metẽpsycosis.

A Metempsycosis, ou Transmigraçaõ era hum dos pontos fundamentaes da sua doutrina. Persuadidos, que as almas humanas passavaõ para o corpo dos animaes, naõ comiaõ qualidade alguma de carne. Ao menos aquella falsa opiniaõ apoupava o saugue dos animaes; a qual tambem tinha a vantagem de reprimir as paixões do homem, ou pela temperança, ou pelo temor; porque receava-se, como a pena do vicio, de ser depois da sua morte hum animal immundo, ou aborrecido. Ha tantas preoccupações nocivas no Universo, que se deve huma especie de respeito áquellas, que produzem o bem.

Theologia dos Brachmanes.

Conforme o testemunho de Estrabaõ, os Brachmanes criaõ que o Mundo teve principio, e que ha de acabar; que o Ser Supremo o enche com a sũa presença; que nos primeiros tempos, o leite, o vinho, o azeite, e o mel corriaõ de fontes; porém que os homens tendo abusado da sua felicidade, Deos os privára de tudo, e os condemnára a viver do seu trabalho. O Vedam, antigo Livro Sagrado dos Brachmanes, contém os mes-

O que o Vedam ensina.

mesmos principios com huma mistura de Fabulas absurdas. Hum Ser Supremo, Espirito puro, e perfeito: Intelligencias do mesmo Ser originadas, humas das quaes se degradáraõ, peccando: aquelles máos espiritos, chamados *Deoutas*, desterrados para hum Mundo material, onde saõ a causa do mal; Vistnou tomando huma fórma humana, para livrar os homens da tyrannia dos *Deoutas*; e huma serie de transmigraçóes, e de provas, depois do que as almas unidas com a sua origem gozaráõ de huma felicidade eterna: tal he o fundamento da Theologia Indiana, da qual Pythagoras extrahio os seus Dogmas principaes. Brachma, o qual deo o seu nome aos Sacerdotes da India, he hum dos primeiros Genios empregados para reger o Mundo. Em quanto a Vistnou encarnado, he o mesmo a quem os Chinezes âdoraõ debaixo do nome de *Fo*, ou de *Foe*; os Japonezes debaixo do nome de *Amida*, &c. Os delirios, e as extravagancias da India penetráraõ por todas as partes. Plataõ adoptou huma parte delles. Origenes pretendeo concordar aquelles delirios com o Christianismo, com o qual se acha, á primeira vista, alguma semelhança, *que desapparece, assim que se examina*, diz M. Bougainville, *porém que prova ao menos, que a Religiaõ da India,*

Brachma.

Vistnou.

as-

assim como todas as outras, teve por base na sua origem as primeiras verdades, conhecidas geralmente por todos os homens, e as quaes fazem o corpo da Revèlaçaõ Natural, taõ antiga, como o Universo. (Memorias da Academia das Inscripções, tom. 18.)

Ignorancia da Astronomia, entre os Indios.

Aquelle Povo imagina, que a terra he como huma superficie plana, no meio da qual se levanta hum monte; em torno do qual, faz girar o Sol, a Lua, as Estrellas, e outros os Planetas. Superior ao Ceo dos Planetas, se imaginaõ haver outros seis Ceos; habitaçaõ feliz, onde habitaõ as Intelligencias da segunda ordem, puras, ou purificadas. Naõ se póde mostrar maior ignorancia da Astronomia. O entendimento humano se alimenta sempre com Fabulas, antes de observar a natureza.

O seu talẽto proprio para invẽtar.

Os Indios eraõ capazes de exceder nas Sciencias, se humas profundas contemplações naõ tivessem como absorvido o seu talento. Attribue-se aos Indios a invençaõ dos jogos de xadrez, e dos Algarismos Arabicos. O seu periodo actual, precedido de outros muitos inteiramente fabulosos, remonta, segundo o calculo de M. Freret, ao anno 3102 antes de Jesu Christo. (*Mem. da Acad. das Inscrip. Ibid.*)

As Mulheres quei-

A superstiçaõ pôde unicamente estabelecer, na India hum antigo uso, ainda subsis-

subsistente, do qual se horroriza a Natureza. Depois da morte de qualquer homem, huma das suas mulheres tem o direito de se queimar viva, na sua propria fogueira. As mulheres algumas vezes disputaõ entre si aquella vantagem; para a qual saõ exhortadas pelos Brachmanes, como para huma obra meritoria. De quantas cousas naõ saõ capazes humas imaginações, esquentadas por causa de algum delirio supersticioso? Deos he transformado em tyranno: julga-se honrar a Deos com a effusaõ do sangue humano: encontra-se a santidade em os excessos, ou da loucura, ou do furor; ao mesmo tempo que a Religiaõ naõ respira senaõ doçura, e sabedoria. A causa de tantas infelicidades diffundidas em diversos tempos por toda a face do Universo, he porque os homens quasi nunca consultáraõ a razaõ, á respeito de hum objecto da maior importancia.

maõ-se por superstiçaõ na fogueira de seus maridos.

SCYTHAS, E CELTAS.

DEixamos para os eruditos a Historia dos Scythas (hoje os Tartaros), e a Historia dos Celtas, antigos habitadores

Reflexões a respeito dos Scythas, e dos Celtas.

res das Gaulas, chamados Gomeritos, como descendentes de Gomer, neto de Noé. Que se póde saber das antiguidades de Povos sem Litteratura, e sem Monumentos; de Povos vagabundos, os quaes naõ viviaõ senaõ dos seus rebanhos, ou de roubos? Bastará descrever o seu caracter, quando apparecerem em scena.

Grande barbaridade dos Scythas.

Julgando segundo as descripçoes de Justino, e de Horacio, os Scythas tinhaõ virtudes, e costumes, dignos de se proporem para modelos. (1) Porém se os Scythas ignoravaõ inteiramente a Agricultura, que dá o nascimento á vida civil; se, como diz Herodoto, as suas filhas naõ se podiaõ casar, sem matar hum inimigo com as suas proprias mãos; se era para elles hum gosto, beber em os craneos daquelles, cujo sangue derramavaõ; sem fallar das victimas humanas, que sacrificavaõ aos seus Deosos; certamente eraõ mais dignos de horror, do que de estimaçaõ. A sua Moral, e a sua Politica eraõ aquellas mesmas dos salteadores; os quaes observaõ entre si certas Leis; porque os principios da equidade natural existem em todos os homens, e formaõ os laços de toda a Sociedade.

Ve-

(1) Parece que o nome de Scythas era commum a muitos Povos, cujos costumes podiaõ ser muito differentes.

Veremos os Scythas, conhecidos com diversos nomes, inundar de sangue as melhores Regiões do Universo. Os Celtas, pouco menos ferozes, posto que com os mesmos costumes, far-se-haõ celebres no tempo dos Romanos. Quasi todos os Povos da Europa parecem ter sido de geraçaõ Celtica, julgando pèla semelhança dos costumes, dos usos, e das opiniões. Este he hum ponto pouco importante de examinar. Além de que todos os homens tanto mais se assemelhaõ, quanto mais chegados estaõ ao estado da Natureza, e quanto menos alterado, ou modificado he o seu caracter natural com as instituições civís. A este respeito ver-se-haõ relações vivas, e tocantes entre o antigo, e o novo Mundo.

OBSERVAÇÕES GERAES

A respeito dos Povos antigos da Asia.

O tempo se perderia se estudassemos a Historia dos Povos antigos da Asia Menor, dos Frygios, dos Troianos, dos Lycianos, dos Lydios, dos Missienses, &c. pois que nenhuma outra cousa acharia-

Povos da Asia Menor.

riamos nellas, senaõ muitas Fabulas, e pouca utilidade. Naõ ignoramos, que no tempo da guerra de Troia, quasi doze Seculos antes da nossa Era, a opulencia, e as artes de luxo já distinguiaõ aquellas famosas Regiões, enriquecidas por causa do Commercio. Os Frygios particularmente negociáraõ com grande successo. O que os Poetas contaõ de Midas, de Tantalo, e de Priamo; o que Herodoto diz dos thesouros de Creso parece ter algum fundamento de verdade; e a ficçaõ, ou a exaggeraçaõ suppõe neste genero factos realmente verdadeiros. Homero naõ teria dado tanta magnificencia aõ palacio de Priamo, nem taõ grande fasto aos Troianos, se naquelle Paiz naõ abundasse o ouro.

Os Asiaticos deviaõ ser subjugados.

Basta esta observaçaõ, depois da descripçaõ das Nações principaes da Asia, para julgar que os Asiaticos geralmente corrompidos por causa da brandura, e da frouxidaõ, deviaõ cedo ou tarde soffrer hum jugo estrangeiro. Os seus thesouros, e as vantagens do seu clima eraõ hum attractivo para os Conquistadores; armas douradas, sustentadas por mãos fracas, eraõ huma defeza muito fraca. Priamo queixa-se em Homero, que seus filhos passaõ todas as noites em bailes, e banquetes; e quando? quando o inimigo es-

tá

tá á porta. De mais disso, tendo os Asiaticos perdido o sentimento da liberdade naõ se podiaõ interessar muito no bem público: os escravos facilmente mudaõ de Senhor.

Simplicidade antiga de costumes.

Huma cousa bem notavel, no meio do fasto daquelles antigos tempos, he a simplicidade de costumes, que subsistia em as proprias Cortes. Os magnificos adornos, os sumptuosos moveis, os perfumes, a multidaõ de escravos, naõ impediaõ aos Grandes o exercitar as suas mãos em obras, que nós contemplamos como obras servís; do que Homero traz infinitos exemplos. Os mesmos filhos de Priamo preparaõ o carro de seu Pai, põem-lhe as mulas, e os cavallos, e lhe carregaõ a mala. As mulheres naõ se mostraõ publicamente senaõ cobertas: trabalhaõ em os seus aposentos; e vaõ lavar ao rio os seus vestidos. Em Moysés achaõ-se retratos semelhantes. Naõ estar o luxo nem muito apurado, nem muito conhecido, he porque as Artes naõ estavaõ aperfeiçoadas, e porque a força dos primeiros usos só se perde de hum modo insensivel. Aquella antiga simplicidade de costumes mereceria maiores elogios, se tivesse sido o fruto da razaõ, e da sabedoria, antes do que fruto das circunstancias; porem aquella mes-

Esta simplicidade naõ tinha a virtude por origem.

ma simplicidade estava confundida com muitos vicios, e com huma ignorancia muito crassa, para excitar huma justa admiraçaõ: o que se póde julgar pela mesma Historia dos Patriarcas.

A Europa superior á Asia.

A Asia foi o berço do Genero Humano, da Sociedade, das Artes, e das Sciencias. Tudo o que nós vamos ver agora na Europa, além das correlaçóes com o nosso modo de pensar, e de viver, tem maior motivo para nos interessar por causa da natureza dos objectos. Todos os engenhos do entendimento humano se manifestaráõ aos nossos olhos, tratando da Grecia; e a grandeza Romana estenderá tambem a esfera das nossas idéas, das nossas consideraçóes, e dos nossos sentimentos.



HIS-



HISTORIA UNIVERSAL.

HISTORIA ANTIGA. PARTE SEGUNDA.

HISTORIA GREGA.

Idéa geral da Historia Grega.

COM o nome da Grecia, o nosso entendimento parece descançar das suas fadigas. Depois de ter recorrido tantos espaços tenebrosos, sem caminhos certos, o nosso mesmo entendimento principia a ver a brilhante luz da Historia; descobre verdadeiros Heroes, Sabios célebres, engenhos immortaes, Chefes de obra de perfeiçaõ; e prova com anticipaçaõ o gosto de admirar os esforços da liberdade, e os recursos da Politica. Porém antes de chegar ao termo a que aspiramos, se apresentaõ as antiguidades dos Gregos, como huma terrivel barreira,

Fabulas deste Povo.

Nenhum Povo publicou tantas Fabulas a respeito da sua origem. Cada Cidade deste pequeno continente da terra louva os seus Deoses, os seus Semideoses, dos quaes conta cousas extravagantes, e inteiramente desfigura a Historia com infinitos absurdos. Esta he para os Sabios a materia de todas as qualidades de Systemas, e de conjecturas. Ignoremos, sem vergonha, tudo o que naõ se poderia aprender senaõ com prejuizo dos conhecimentos essenciaes. Algumas observações uteis á respeito dos primeiros Gregos, devem bastar para a nossa curiosidade.

LIVRO I.

Desde os tempos fabulosos até á guerra contra os Persas.

CAPITULO I.

Dos tempos fabulosos, e heroicos.

Os primeiros Gregos foraõ huns Salvagens.

A Antiguidade dos Gregos se reconhece geralmente. A commum opiniaõ os faz descender de Javan, filho de Japhet;

phet; opiniaõ, que sería muito inutil querer profundar. Os Gregos eraõ, nos seus principios, verdadeiros salvagens, os quaes quasi nada tinhaõ de homens, nem razaõ, nem sentimentos, nem Sociedade. Os seus primeiros descobrimentos foraõ aprender a edificar cabanas, a alimentar-se com bolotas, e a cobrir-se de pelles. Longe de ter a menor idéa de Policia, ignoravaõ o mesmo Matrimonio, e viviaõ como animaes ferozes. Hum espectaculo semelhante he humilde para o Genero Humano; porém ao mesmo tempo nos ensina quanto devemos ás Leis, e ás Artes, sem as quaes estariamos ainda embrutecidos naquelle estado.

Pausan. in Arcad.

Em o anno de 2000 antes da nossa Era, huma Colonia, talvez Egypciaca, conquistou a Grecia, onde espalhou provavelmente as primeiras noções do Culto Religioso, hum dos meios, que contribuio mais para civilizar os homens. Julga-se, que os famosos Titães, Saturno, Jupiter, &c. adorados depois por Deoses, eraõ os Chefes daquella Colonia; a qual fez poucos progressos. Os antigos costumes subsistiaõ ainda, quando novos Estrangeiros se estabelecêraõ na Grecia, ajuntáraõ as familias vagabundas, mostráraõ-lhes as vantagens da vida Social, e fundáraõ algumas Cidades, ou pa-

Estrangeiros se estabelecêraõ na Grecia.

para melhor dizer algumas Povoações, cujos nomes algum dia deviaõ ser célebres. Os Reinos de Athenas, de Argos, de Esparta, e de Thebas nascêraõ no centro da barbaridade.

Obstaculos aos progressos da Sociedade na Grecia.

Diversas revoluções Fysicas, Diluvios, Terremotos, os quaes parecem ter separado do continente algumas Ilhas do Mar Egeo, ou Archipelago, retardáraõ muito na Grecia o estabelecimento fixo das Sociedades, e a cultura dos costumes. As invasões, e os roubos perpetuos lhe causavaõ maior obstaculo. A Athica, Patria dos Athenienses, sendo huma terra esteril, experimentou menos aquellas ultimas infelicidades. Razaõ por que os Athenienses se gloriavaõ de serem descendentes da terra em que habitavaõ (*Autocthones*).

Fundaçaõ de Athenas por Cecrope.

Cecrope, Egypcio, se estabeleceo na Athica 1582 annos antes da nossa era. Casou com a filha do Rei Acteo, e succedeo no Throno. Cecrope fundou a Cidade de Athenas, conhecida logo com o nome de Cecropia; e humanizou aquelles Povos ferozes, ou dando-lhes huma Religiaõ, ou sujeitando-os ás Leis da uniaõ conjugal, de tal sórte ignorada até áquelle tempo, que os filhos traziaõ o nome de sua Mãi.

Cecrope estabeleceo o Areopago.

Outras Leis se estabelecêraõ: formáraõ-se Tribunaes. O Areopago, destinado para castigar os homici-

cidios, he o Monumento mais famoso de Cecrope. Nenhum Tribunal teve taõ grande reputaçaõ: onde as sentenças se davaõ de noite, em Praça publica, sem que se permittisse dar ouvidos á eloquencia. Huma simples exposiçaõ do facto decidia os Juizes; e nunca, segundo Demosthenes, deraõ sentença alguma, que naõ fosse sentença de equidade.

Danao, e Cadmo introduzem as Artes na Grecia.

Deste modo, huns Estrangeiros lançáraõ na Grecia os fundamentos da vida civil. O Egypcio Danao, Senhor do Reino de Argos, lhe introduzio a Agricultura, e as Artes do Egypto. O Fenicio Cadmo, estabelecido na Beocia, povoou Thebas, ensinou a Arte de cultivar a vinha, e a Arte de trabalhar, e de fundir os metaes: finalmente ensinou a Escritura alfabetica, origem preciosa dos mais vastos conhecimentos.

Paixaõ dos Gregos pelas Fabulas.

Os Gregos, apaixonados pelas Fabulas deraõ áquellas humanas invenções huma origem sagrada: e pretendiaõ que tudo lhes viesse dos Deoses, naõ por reconhecimento, mas por vaidade. A sua tenebrosa Mythologia escurece, e desnaturaliza tudo; de maneira, que os primeiros Deoses, dos quaes os Egypcios, e os Fenicios se serviaõ, naõ se pódem conhecer. Porém, entre aquellas trevas se vêm os esforços da barbaridade contra

os

os Bemfeitores do Genero humano. Triptolemo, o companheiro de Ceres, se expôz muitas vezes a perder a vida, inspirando aos Gregos o gosto da Agricultura; em o mesmo perigo esteve Baccho, por lhes manifestar as vantagens da vinha. A razaõ de tudo he porque tanto mais infelizes, e ignorantes saõ os homens, quanto mais estupidamente saõ cegos a respeito dos seus verdadeiros interesses. Hum trabalho vantajoso os desgosta, Leis salutiferas lhes parecem hum jugo intoleravel; e preferem mais depressa a vida licenciosa, a ociosidade, e os horrores de hum estado bruto, aos bens infinitos da Sociedade, cuja oppressaõ receaõ, e temem; do que a America ainda hoje dá exemplos. Por toda a parte, entre os mesmos Póvos bem cheios de Policia, os homens suspiraõ pela felicidade, e desprezaõ muitas vezes os meios de a alcançar.

Os Gregos oppozeraõ-se logo á Agricultura.

Com tudo os Gregos divididos, e sujeitos a huma multidaõ de pequenos Reis, sempre em guerra huns contra os outros, julgáraõ, que naõ podiaõ ter força, nem segurança, senaõ unindo-se todos. Amphyction, pouco tempo depois de Cecrope, e do Diluvio de Deucalion, principiou hum estabelecimento, que chegou a ser hum Chefe de obra de Po-

Liga, e conselhos dos Amphyctiões

Politica. Doze Cidades se uníraõ para seu commum interesse. Os seus Deputados deviaõ ir duas vezes cada anno a Thermopylas; e formavaõ o conselho dos Amphyctiões taõ célebre na serie da Historia. Os Amphyctiões julgavaõ na ultima, e decisiva instancia os negocios dos Confederados. A força das armas se empregava contra os rebeldes. A Religiaõ servio de alicerce áquella respeitavel liga. O conselho se encarregava especialmente da defeza do templo de Delfos, onde concorriaõ de todas as partes a fim de consultar Apollo. Que influencia naõ tinha aquelle motivo em humas almas supersticiosas? Naõ se podia usar delle para melhor fim.

He necessario deixar aos Poetas a narraçaõ da guerra de Thebas, da expediçaõ dos Argonautas, e do sitio de Troia. Os Factos Historicos estaõ aqui como submergidos em as Fabulas. Limito-me sómente em hum pequeno numero de reflexões.

Guerra de Thebas.

A Guerra de Thebas, onde sete Reis se uniraõ contra Eteocles, he hum terrivel Monumento do odio fraternal. Dois Irmãos disputaõ entre si a Coroa, e acabaõ matando-se hum ao outro, depois de terem inundado a sua Patria de sangue. A destruiçaõ da Cidade he o fruto

da

da sua contenda. Posto que a injustiça de Etecocles parecesse justificar a Polynices, todos os Anciãos julgáraõ que Polynices era indigno de sepultura, por ter ateado o fogo da guerra na sua Patria: tanto se levantaõ contra a ambiçaõ, e contra o interesse pessoal os sentimentos da humanidade.

Expediçaõ dos Argonautas.

A viagem dos Argonautas para Colchos, a respeito da qual se fizeraõ mil conjecturas, foi huma empreza tanto mais afouta, quanto menos eraõ os recursos, que os Gregos tinhaõ para a navegaçaõ. Os mesmos Gregos muito ignorantes da Astronomia, dirigiaõ-se sómente pela Ursa grande; e naõ tinhaõ conhecimento provavelmente nem das ancoras, nem da sonda. Os seus navios, ou as suas barcas facilmente se puxavaõ para a praia. Com tudo, se dermos credito a Eustathes, célebre Commentador de Homero, o Commercio do Mar-Negro era o alvo da sua expediçaõ. Supposto o facto, devémos admirar huma empreza taõ grande, tentada com meios taõ pequenos.

Guerra de Troia.

A empreza, que os Gregos executáraõ na Asia poucos annos depois, faz huma Epoca famosa. Toda a Grecia unio os seus esforços para vingar a injuria de hum Grego. As riquezas de Priamo, e a grandeza de Troia, naõ podéraõ triunfar

da-

daquella uniaõ. O poder Asiatico naõ pôde resistir pela primeira vez ao valor Europeo, e o exemplo de Paris ensinou aos Principes, que huma paixaõ póde arrastar a ruina de hum Estado. Ordinariamente todos dizem, que Troia fora tomada no anno de 1184, antes de Jesu Christo. Porém segundo a Chronologia dos Marmores no anno de 1209. Aquelles Marmores antigos determinaõ as épocas desde Cecrope até ao tempo de Filippe: em quanto á Chronologia antiga naõ temos regra mais certa; aquelles Marmores, com tudo, naõ foraõ abertos senaõ 264 annos antes da nossa era.

Troia foi tomada em 1209, segundo os Marmores de Arundel.

A expediçaõ de Troia, taõ gloriosa para os Gregos, igualmente lhes foi nociva, assim pelas desordens occasionadas por huma ausencia dilatada dos Reis, como pelas emprezas dos piratas, e dos salteadores, os quaes se aproveitáraõ da occasiaõ para accommetter os Póvos. Quasi oitenta annos depois se experimentáraõ infelicidades ainda mais funestas. Hercules, a pesar das suas façanhas, foi excluido da Coroa de Mycenas. Os Heraclides, seus descendentes, viraõ-se constrangidos a deixar a Grecia, onde o odio os perseguia. Os mesmos Heraclides tornáraõ a entrar no Grecia armados, quando a sua patria dilacerada, e despeda-

Infelicidades succedidas depois da tomada de Troia.

Os Heraclides.

daçada devia ser necessariamente o despojo violento do mais forte. Argos, Esparta, e Mycenas foraõ reduzidas á sujeiçaõ. O terror derramou-se por todos os lados.

Colonias Asiaticas. Entaõ muitas Colonias passáraõ o Mar, e se estabelecêraõ nas Ilhas, e nas Costas da Asia Menor. As Colonias dos Jonienses, dos Eolios, e dos Dorios saõ as mais célebres.

Leis de Minos em Creta. Desde muito tempo, Minos Rei de Creta, a quem os Poetas fizeraõ Juiz dos Infernos, tinha-se inculcado por inspirado para estabelecer novas Leis. Porém se a humanidade nos serve de regra, aquellas Leis, posto que Lycurgo as adoptasse para modelo, nos pareceráõ pouco dignas de huma origem milagrosa; porque se referiaõ principalmente á guerra, e nunca impediraõ nem as perturbações, nem as discordias civís. Minos formou valerosos guerreiros, os quaes foraõ Cidadãos turbulentos: e naõ permittio á Mocidade revogar em duvida a sabedoria dos principios, que se lhes inculcava. Isto he o que Prataõ acha admiravel, porém isto he tambem o que arraiga as preoccupações, e os abusos, assim como os bons principios. Acaso, o respeito das Leis naõ póde unir-se com o uso do bom juizo? Em Creta prohibia-se o celibato. Certifica-se, contra toda

da a probabilidade, que o Legislador authorizára vicios contra a Naturéza, a fim que os Pais naõ tivessem muitos filhos. Sómente por este motivo, Minos mereceria hum segundo lugar nos Infernos.

CAPITULO II.

Barbaridade dos Seculos heroicos; Superstições, &c.

Os Seculos heroicos foraõ barbaros.

OS Seculos heroicos foraõ tempos de barbaridade. Podemo-nos referir ao Pintor dos costumes antigos. Homero he, a este respeito, hum Historiador excellente; e extrahimos das suas mesmas Fabulas os verdadeiros conhecimentos, que tem motivos para o nosso interesse.

Poder limitadissimò dos Reis.

Todos aquelles Reis, que imaginamos taõ poderosos, tinhaõ huma fraca authoridade sobre os seus vassallos; deliberavaõ em hum Conselho particular; huma Assemblea geral ou confirmava, ou naõ approvava a decisaõ. As prerogativas do Principe eraõ, ser o primeiro em votar, ouvir as queixas, sentenciar as differenças, e mandar as tropas: accrescentemos-lhe a prerogativa

Os Reis eraõ Presidentes da Religiaõ.

de ser Presidente da Religiaõ. Erectheo, Rei

Rei de Athenas, foi o primeiro que separou o Sacerdocio do Imperio, a favor de Butes, seu irmaõ: exemplo, que naõ parece ter tido imitadores (1). Em huma palavra, o Governo dos Gregos era o mesmo, que o Governo de quasi todas as Nações barbaras, mais depressa governadas pelos seus usos, do que pela authoridade dos seus Chefes, de quem dependem em poucas cousas.

Os Gregos ignoravaõ o Direito das Gentes.

Os Gregos occupavaõ-se principalmente na guerra, sem conhecer o Direito das gentes, necessario ou para suavizar, ou para emendar os seus horrores.

Idéa deste Direito.

Aquelle Direito, fundado em os primeiros principios da Natureza, e da Moral, he o mesmo que o direito da propria Humanidade, ao qual he necessario accrescentar as convenções reciprocas das Nações entre si. Hum Povo tem para com outro Povo as obrigações de hum homem para com outro homem. O motivo da sua propria conservaçaõ póde authorizar a violencia; porém aquelle que mata sem que a sua vida seja accommettida, aquelle que rouba violentamente o bem alheo, he hum salteador, ou hum assassino, digno

gno

(1) O que he contrario ás regras da boa, e recta politica, a qual naõ deve ser senaõ o systema mais proprio para fazer a felicidade dos Póvos.

gno da abominaçaõ, e da vingança publica. Do mesmo modo, toda a guerra injusta he hum attentado tanto mais atroz, quanto mais saõ os homicidios, e os roubos que produz; e toda a guerra he injusta, quando as paixões a fazem emprender, ou quando excede os limites prescritos pela equidade natural. As almas sensiveis sempre ouviráõ com horror aquella palavra, a qual se deriva, segundo alguns julgaõ, da lingua dos Cannibalos, *o Direito de quem póde mais*. Este era com tudo o Direito dos Gregos.

O que os Gregos chamavaõ virtude.

Duvida-se, que os Gregos tivessem alguma idéa geral de virtude; porque a palavra *arete*, a qual a exprime, naõ significava naquelle tempo senaõ valor. Em aquelle estado de guerra, e de invasões continuadas, o valor, sem contradicçaõ, devia suprir de algum modo ás virtudes.

Ferocidade na guerra: cruéldade para com os vencidos.

Ferozes nos combates, ferozes depois da victoria, os Gregos trataraõ os seus prisioneiros como victimas consagradas á crueldade. As mulheres, as Princezas reduzidas á escravidaõ experimentavaõ tratamentos mais insupportaveis do que a mesma morte. As represalias naõ podiaõ deixar de ser horrorosas. Quantos Seculos tem passado, antes que os homens julgassem, que o seu interesse he fazer bem aos seus semelhantes,

tes, ou fazer-lhes o menor mal que podem, quando infelizmente saõ obrigados a offender!

Ignorancia da Arte Militar, provada cõ o sitio de Troia.

Aquelles Heroes, aquelles grandes Capitães da Iliada, ignoravaõ tanto a Arte militar, que o sitio de Troia naõ tem semelhança alguma de sitio. O seu campo ficava muito distante da Cidade; o livre espaço, que havia entre o campo do exercito, e a Cidade, servia de campo de batalha. Naõ se via, nem circunvallaçóes, nem ataques, nem escalas, nem máquinas de guerra. Em os combates, tudo era á força de corpo; a destreza só se mostrava em lançar frechas; a primeira accaõ de espada na maõ, ordinariamente decidia da sorte dos guerreiros. Os seus carros faziaõ muitas vezes inuteis os conductores, e naõ podiaõ servir, em mil encontros, senaõ para embaraçar os combatentes. Naõ havia outra cavallaria. Finalmente a arte principal da guerra era armar qualquer laço, ou formar alguma emboscada, ou sorprender alguma partida. O objecto principal era pilhar; porque o despojo servia de paga, o qual se repartia pelos Chefes, e pelos Soldados. Este passo tambem he semelhante aos costumes Germanicos.

Qual era a frota dos Gregos.

Mil e duzentas vélas compunhaõ a frota dos Gregos, quando foraõ ao sitio de-

de Troia; porem as maiores embarcações, segundo Homero, continhaõ cento e vinte homens. Em aquellas embarcações naõ entrava ferro algum; o uso da serra era incognito. Ellas poderiaõ pois comparar-se com barcas de Salvagens.

A grande ignorancia dos Gregos na Astronomia póde dar huma idéa da sua Navegaçaõ. Os Gregos por espaço de muito tempo tiveraõ annos de tres, de quatro, ou de seis mezes: e sómente tinhaõ conhecimento de hum numero pequeno de Constellaçóes, e de hum unico Planeta, que era Venus; julgando ainda até ao tempo de Pythagoras, que a Venus da manhã era diversa da Venus da noite. Sem duvida que os Egypcios, e os Fenicios, os quaes se estabelecêraõ na Grecia, naõ lhes tinhaõ introduzido as Sciencias da sua Patria. Alem de que, acaso podiaõ aquellas Sciencias fazer progressos em aquellas terras, destruidas por causa da guerra, e da discordia? As Sciencias, as Letras, e as Artes costumaõ florecer no centro da tranquillidade, e do contentamento. Razaõ porque os Gregos da Asia Menor foraõ os primeiros, que gozáraõ das vantagens de serem felices, e instruidos. Homero illustrou aquella Regiaõ, trezentos annos quasi depois

Nenhuma Astronomia entre os Gregos antigos.

As Sciencias, e as Letras naõ pudéraõ ser cultivadas, senaõ muito tarde.

Homero na Asia Menor.

pois da guerra de Troia. Ambos os seus Poemas épicos, naõ obstante os seus defeitos, os quaes em vaõ se esforça de dissimular huma especie de Fanatismo literario, saõ prodigios de engenho, e origens de instrucçaõ. A verdade das pinturas, independente do sublime da Poesia, interessa infinitamente aquelles, que gostaõ de ter conhecimento dos costumes antigos.

Grosseria dos costumes heroicos.

As festas, os banquetes dos Gregos, que Homero descreveo, depõem a grosseria dos seus costumes. Os proprios Reis mataõ hum touro, ou degollaõ hum carneiro; os cortaõ em pedaços, depois de os esfolar; e os fazem assar nas grelhas, ignorando outro qualquer modo de os assar. Agamemnon dá hum espinhaço de boi a Ajax. Ambos comem, á maneira de glotões sem aceio algum. Naõ nos admiremos das injúrias, com que os Gregos publicamente se injuriaõ, quando estaõ colericos. Os seus Deoses naõ saõ menos barbaros, nem mais senhores das suas paixões.

Leis favoraveis para a Agricultura.

Pelas Leis antigas attribuidas a Triptolomeo, era prohibido fazer mal aos animaes, e nada se podia offerecer aos Deoses, senaõ os fructos da terra. A superstiçaõ abolio aquellas Leis, favoraveis para a Agricultura. Cecrope tinha prohibido

bido igualmente sacrificar animaes. Os primeiros Legisladores, persuadidos com razaõ, que a Agricultura civilizaria os Povos, tinhaõ-se applicado muito em aquelle objecto, até limitar a quantidade de terras que se poderia ter; até prohibir de alienar a herança dos seus antepassados, e de hypothecar qualquer divida sobre terras lavradas. O Matrimonio naõ merecia menor attençaõ. Razaõ por que se castigava o adulterio. O culpado pagava huma condemnaçaõ pecuniaria ao marido, que o podesse convencer; e o Pai da mulher infiel entregava ao seu genro todos os presentes, que delle tinha recebido para o casamento. Posto que os primogenitos tivessem privilegios, repartiaõ-se por sórte entre os filhos as heranças. Para o homicidio havia pena de morte; porém naõ havia guardas públicas para procurar, e prender os matadores, os quaes andavaõ soltos em quanto durava a instrucçaõ do processo; demandavaõ contra os parentes do morto, que proseguiaõ a vingança; e podiaõ ou pacificar os parentes, ou fugir; todo o delicto se resgatava com dinheiro. Tal foi a Jurisprudencia de quasi todos os barbaros; tal foi particularmente a Jurisprudencia dos Germanos.

Outras Leis.

Os mysterios de Eleusis, junto a Athe-

Mysterios de Eleusis, muito louvados.

Athenas, instituidos em honra de Ceres, ou conforme a Tradiçaõ Fabulosa, por ella mesma, eraõ hum meio excellente para suavizar os costumes, inspirando a sua prudencia, a sua sabedoria; se dermos credito aos Authores da Antiguidade: *Este he o maior bem*, diz Cicero, *que Athenas nos procurava entre outros muitos; a mesma Athenas nos ensinou, naõ sómente a viver alegres, mas tambem a morrer com tranquillidade, na esperança de hum futuro mais feliz.* (De Leg. 2.) Ha razaõ para crer, que aquelles Mysterios, assim como os Mysterios dos Egypcios roubavaõ aos olhos do vulgo huma doutrina superior ás superstições correntes; e que annunciavaõ principalmente a Unidade de Deos, e a vida futura. Porem o inviolavel segredo, com que os Mysterios estavaõ encobertos, inspira justas desconfianças. Se tudo quanto aquelles Mysterios contivessem, fosse grande, verdadeiro, e util, que razaõ haveria para os naõ descobrir? *Cataõ admirava-se como hum agoureiro podia olhar para outro agoureiro sem se rir; por ventura naõ se poderia dizer a mesma cousa de dous iniciados nos Mysterios?* Esta reflexaõ de Bougainville ainda parecerá mais justa, se pensarmos, que os Mysterios de Eleusis remontaõ aos tempos de barbaridade (Vejaõ-se *Mem. da*

O segredo dos iniciados nos Mysterios parece suspeito.

Acad. das Inscr. t. 21.) He necessario com tudo confessar, que huns Filosofos podiaõ recear a vista de hum povo supersticioso, até ao gráo do Fanatismo.

Os Oraculos precedidos da imposctura, e da superstiçaõ.

Em aquelle tempo dava-se credito cegamente aos Oraculos, nada se fazia sem os consultar, e os grosseiros artificios dos Sacerdotes, e das Sacerdotizas a todos impunhaõ. Os Oraculos podem-se pôr ao pé da Astrologia Judiciaria. Aquelle era o fruto de huma velhacaria interessada, e de huma louca superstiçaõ. Por muitas maravilhas, que se contem dos Oraculos, qualquer entendimento sem preoccupaçaõ naõ lhes podería dar credito, por pouco que examinasse o fundamento das cousas; e ha de vêr respostas equivocas, artificiaes, como se a Divindade necessitasse ser desmentida pelo successo. Ha de vêr imposturas provadas, das quaes huma só basta para dar occasiaõ de suspeitar das outras. E ha de vêr Oraculos, e Feiticeiros entre os Salvagens, em todas as Nações sem luzes: prova evidente, que a sua origem emana da fraqueza do entendimento humano. Se se tivessem conservado milhares de falsos Prognosticos, e o pequeno numero dos Prognosticos verificados pelo acaso, naõ teria havido disputa séria a respeito de huma materia, a qual se decide cla-

claramente á primeira vista, quando se consulta antes a razaõ, do que a authoridade.

A Mythologia dos Gregos he inexplicavel.

As extravagancias da Religiaõ, ou da Mythologia dos Gregos saõ sufficientemente conhecidas. Esforçáraõ-se para as explicar com Allegorias, e com Systemas; como se quizessem explicar os sonhos de qualquer homem delirante. A Naçaõ recebeo os Deoses, que os Estrangeiros lhe trouxeraõ, aos quaes accrescentou outros, feitos ao seu modo; a ignorancia, e o gosto das maravilhas deraõ valor á todas as Fabulas, e as mais absurdas acháraõ entendimentos naturalmente dispostos para as acreditar.

Theologia de Homero, e de Hesiodo, cheia de absurdos populares.

He certo, que os Poetas seguíraõ as Tradições vulgares. Homero, e Hesiodo seu Contemporaneo, foraõ chamados com fundamento os Theologos do Povo. Posto que o seu Jupiter governe os outros Deoses; posto que á Theogonia de Hesiodo contenha á idea de hum cháos, do qual a Suprema Intelligencia formou o Mundo; as primitivas verdades desapparecem nas suas obras, assim como no Mar desapparece qualquer gota de agua.

Theologia sublime, attribuida falsamente a Orfeo.

Estava reservado para os Filosofos, se naõ estabelecer a verdade, ao menos desacreditar os erros. Pretendêraõ alguns, que Orfeo antes da guerra de Troia, ensiná-

sináráõ huma Theologia sublime, attribuiráõ-lhe admiraveis Poesias a respeito da Divindade. Proclo cita a seguinte passagem: *Tudo o que he, tudo o que foi, tudo o que ha de ser, estava originalmente incluido no seio fecundo de Jupiter. Jupiter he o primeiro, e o ultimo; o principio, e o fim: de Jupiter derivaõ todos os entes, &c.* O Poeta dos Argonautas se acha transformado em hum Plataõ. Porem saõ necessarias provas daquelles prodigios, e tudo parece provar o contrario.

Os Gregos davaõ credito á vida futura.

Hum Juizo depois da morte, recompensas para os Justos, e supplicios para os máos, he o que a Religiaõ Grega propunha como verdadeiramente util. Este Dogma da Immortalidade he taõ excellente per si mesmo, e taõ salutifero pelas suas consequencias, que póde destruir muitos erros em materia de Religiaõ. Infelizmente o Elyseo, e o Tartaro dos Antigos se pintavaõ com cores absurdas; e cedo ou tarde devia succeder, que desprezando a falsidade, que a Fabula lhe tinha misturado, se desprezaria tambem a verdade confundida com a Fabula.

Utilidade dos jogos da Grecia.

Naõ devêmos acabar este Artigo sem fallar dos Jogos da Grecia, instituiçaõ respeitavel na sua origem, a qual porem degenerou em abúso, assim como to-

todos os estabelecimentos, cuja utilidade depende de certas circunstancias. Aquelles Jogos formavaõ guerreiros por causa dos exercicios do corpo, da carreira, da luta, do pugilato, &c. Aquelles mesmos Jogos inspiravaõ a nobre emulaçaõ, que arrosta as fadigas, e os perigos com o unico motivo da gloria: e contribuiaõ para fazer aproximar os Gregos desunidos, fazendo nascer na sua alma aquelles sentimentos de concordia, os quaes sómente os podiaõ fazer felices. Toda a hostilidade entaõ cessava: todos tinhaõ os mesmos gostos, todos viviaõ como compatriotas, e todos experimentavaõ a vantagem de huma pacifica uniaõ: era difficultoso que naõ desejassem conservar aquella uniaõ. Quando ao depois os athletas formáraõ huma profissaõ á parte, muito onorosa ao Publico por causa das despezas, que eraõ necessarias para os mesmos athletas, quando o gosto dos espectaculos, chegou a ser huma paixaõ desordenada, que suffocou o Patriotismo; aquelles Jogos foraõ hum dos flagellos da Grecia. No tempo de Solon, os athletas victoriosos já tinhaõ ordenados consideraveis, os quaes se julgou o mesmo Solon obrigado a reduzir. O mal cresceo cada vez mais, depois que Pericles (como veremos) sacrificou o bem

Abusos, que resultáraõ dos jogos.

bem publico aos divertimentos do Povo.

Os Jogos Olympicos, os mais célebres de todos, cujo estabelecimento se attribue a Pélope, se faziaõ na Olympia, em o Peloponneso. Aquelles Jogos foraõ restabelecidos no anno de 884, antes da nossa éra; e desde entaõ se celebráraõ de quatro em quatro annos. As Olympiadas, ou intervallo de quatro annos de huma daquellas festas até á outra, denotaõ a Ordem Chronologica dos factos. A primeira principia em 776, antes de Jesu Christo. Jogos Olympicos. Olympiadas.

He tempo de passar para os Seculos Historicos, e de vêr a liberdade, e as Leis descobrir o caminho aos grandes homens, com os quaes a Grecia podia antes ensoberbecer-se, do que com as suas Fabulosas Divindades, e com os seus barbaros Heroes. Deixando de ter hum perfeito conhecimento de todos os pequenos Estados daquella pequena Regiaõ, em cujo conhecimento pouco adquiririamos, faremos sómente hum estudo particular de Sparta, e de Athenas.

CA-

CAPITULO III.

Governo, Legislaçaõ, e Costumes de Sparta.

Revoluçaõ na Grecia.

HUma revoluçaõ quasi geral tinha mudado a face da Grecia. Os Gregos naturalmente inquietos, irritados por causa da infidelidade, e da oppressaõ, estavaõ taõ cançados de obedecer, quanto indignos se tinhaõ feito os Reis de governar. Tendo alguns sacudido o jugo, os outros seguiraõ o seu exemplo. Os Reinos antigos, feitos Republicas, governavaõ-se por hum novo Plano, que ainda conservava restos da barbaridade; porem o espirito da liberdade fermentava por toda a parte, e sómente esperava por engenhos capazes de o dirigir, para fazer manifestar prodigios de heroicidade.

Estabelecimento das Republicas.

Estado de Sparta, antes de Lycurgo.

Sparta, ou Lacedemonia devia dar o exemplo, posto que conservasse os seus Reis, cuja origem se respeita. Quasi depois de novecentos annos, que os Heraclides tinhaõ de novo tomado o Peloponneso, dous Principes da sua geraçaõ, occupavaõ conjuntamente o Throno. Aquella divisaõ de Reinado, origem eter-

eterna da discordia, destruia hum Estado falto de boas Leis. Lycurgo finalmente appareceo, para gloria, e felicidade da sua Patria.

Antes de J.C. 898. Lycurgo renunciou a Coroa.

Lycurgo era filho de Eunomes, Rei de Sparta, morto em huma sediçaõ. Lycurgo, por morte de Polydectes, seu irmaõ primogenito, o qual naõ deixou filhos, porem cuja viuva estava pejada, subio ao Throno; onde se podia manter facilmente, porque além de lhe offerecer a sua maõ aquella amante Princeza, prometteo, que se faria abortar, se a acceitasse. Lycurgo se horrorizou da proposta, com tudo dissimulou, dilatou-se até ao parto da Rainha, teve grande cuidado do juvenil Principe, que deo á luz, e o reconheceo, governando como seu tutor.

Suas viagens, e sua volta.

Huma acçaõ taõ generosa naõ livrando a Lycurgo das suspeitas, retirou-se, e viajou pela Creta, pela Jonia, e talvez pelo Egypto, a fim de estudar os Costumes, e as Leis das Nações. Sparta sentia a ausencia de Lycurgo, porque as desordens se multiplicavaõ; e o obrigáraõ a tornar assim ambos os Reis, como o Povo todo. Lycurgo voltou, e julgando que as Leis particulares naõ podiaõ reformar nem huma constituiçaõ má, nem hum Povo licencioso, resolveo cor-

Lycurgo emprende reformar tudo.

tar

tar por tudo rigorosamente, e mudar tudo de huma vez. Huma empreza semelhante naõ requeria menos prudencia que valor. Seguindo o exemplo de Minos, seu modelo, Lycurgo fez fallar hum Oraculo, a fim de parecer inspirado. Isto era muito; porem o soccorro dos homens tambem era necessario. A persuasaõ, naõ podendo ter força sufficiente, Lycurgo julgou dever empregar o temor. Os principaes Cidadãos, os quaes approvavaõ o seu Plano de reformar, se mostráraõ armados no mesmo instante da execuçaõ. Ninguem se atreveo a resistir.

Governo mixto, os tres Poderes.

Lycurgo, sem abolir o Reinado, que dividiaõ os dous ramos da caza dos Heraclides, creou hum Governo mixto, em que tres poderes mutuamente se equilibravaõ. Lycurgo sómente deixou aos Reis o mandamento dos exercitos, e o respeito unido ao Throno; e estabeleceo hum Senado de vinte e oito Membros, além dos dous Principes, para equilibrar estes, e o Povo; de modo que a Authoridade Real naõ podesse degenerar em Tyrannia, nem a liberdade popular em rebelliaõ. O Senado devia examinar, e propôr as causas; o Povo devia approvar, ou reprovar as proposições, e por consequencia era revestido do Poder Legislativo. Os Senadores eraõ

vita-

vitalicios, o que lhes dava huma grande vantagem.

Posto que Herodoto, e Xenofonte attribuem a Lycurgo o estabelecimento dos Eforos (opiniaõ contraria ao parecer de Aristoteles, e de Plutarco) naõ se colloca aquelle estabelecimento senaõ quasi cento e trinta annos depois do Legislador. Aquelle meio de pôr hum freio ao Senado, foi imaginado pelo Rei Theopompo. Sinco Magistrados annuaes, eleitos pelo Povo, com o nome de Eforos, tiveraõ o direito de annullar, de prender os Senadores, e tambem de os setenciar á morte. A sua authoridade formidavel, estendia-se até a respeito dos Reis, os quaes podiaõ prender, e suspender das suas funções, até que hum Oraculo ordenasse o seu restabelecimento. Refere-se que a mulher de Theopompo reprehendendo-lhe de ter enfraquecido a Dignidade de Rei, Theopompo lhe respondêra: *Pelo contrario, eu a fiz mais forte, pois que ha de ser mais duravel.* Porem a experiencia provou, que se o Governo naõ foi destruido pelos Eforos, he porque Lycurgo tinha estabelecido a sua obra muito solidamente. O seu poder, consistindo no Despotismo, era muito contrario ao espirito Republicano.

Estabelecimento dos Eforos, 130 annos depois de Lycurgo.

Aquelle Legislador sabía quanto saõ im-

Lygurgo sustenta

asLeis com os costumes.

impotentes, ou frageis as Leis sem os costumes. Lycurgo conseguio unillos, e fortificallos com a sua reciproca influencia. O seu objecto, segundo Plutarco, era fazer de Lacedemonia huma unica familia; onde todos os Cidadãos, juntos como as abelhas, e trabalhando igualmente para o bem público, se entregassem inteiramente á Patria (1). O que seria huma quimera em hum vasto Estado. Porem Lycurgo realizou huma idéa taõ superior ás ordinarias intenções da Politica.

Lycurgo desterrou a pobreza, e as riquezas.

Lycurgo, a fim de desterrar ao mesmo tempo a pobreza, e as riquezas, duas origens funestas da corrupçaõ, pôz os bens em commum, e fez huma divisaõ igual das terras. Substituio ás moedas de ouro, e de prata huma moeda de ferro muito pezada, a qual fóra de Sparta, naõ podia ter valor algum. O mesmo Lycurgo, proscreveo todas as artes de luxo, e de adorno; ordenou que os assoalhados das casas fossem feitos a machado, e as portas á serra. Finalmente destruio as causas da desigualdade civil; e fazendo as riquezas despre-zi-

(1) Na Cidade contavaõ-se nove mil Cidadãos, e no campo trezentos mil. Os primeiros chamavaõ-se propriamente *Spartiatas*, e os outros *Lacedemonios*.

zíveis, ou para melhor dizer, nullas, fez com que na pobreza geral naõ houvessem realmente pobres. O interesse, a fraude, á injustiça, a sensualidade, e a brandura deviaõ extinguir-se por falta de alimentos.

Mezas publicas.

A obrigaçaõ de comer em mezas publicas, muito moderadas, mantinha aquella igualdade, e aquella concordia, cuja importancia conhecia o Legislador. Naquellas mezas se exercitavaõ a Razaõ, e a Sobriedade, e se entretinhaõ de cousas uteis. Qualquer graça delicada, e subtil servia para emendar os defeitos, a qual se empregava com prudencia: se alguem se mostrava offendido, logo se abstinhaõ, e naõ proseguiaõ mais. A virtude era mais efficaz, que a nossa politica enganosa.

Educaçaõ dos filho para a Res publica.

Era necessario, sobre tudo, que a educaçaõ formasse homens, taes como Lycurgo os quería. Este foi hum dos objectos principaes da sua vigilancia, e o successo correspondeo ás suas esperanças. Os filhos, como pertencentes ao Estado, eraõ creados para o Estado. As amas naõ os enfaxavaõ, e por isso eraõ melhor conformados, e mais fortes; as mesmas amas lhes ensinavaõ a naõ recear de cousa alguma ás escuras, e a naõ se queixar sem necessidade. Desde a idade de

de sete annos, entregues a Mestres públicos educavaõ-se todos em os mesmos costumes, porque deviaõ cumprir as mesmas obrigações. E exercitavaõ-se na fadiga, no soffrimento, e na mais prompta obediencia. Aquelles que mais se distinguiaõ, governavaõ os outros; mas á vista dos anciãos, sempre attentos ou para os reprehender, ou para os emendar. Nenhuma acçaõ passava por indifferente; os mesmos jogos eraõ exercicios de valor, e de virtude. Todos os velhos se consideravaõ como Pais de toda a Mocidade; a Mocidade em cada velho encontrava hum censor, cujos pareceres, sabedoria, e authoridade respeitava.

Authoridade dos anciãos.

Se os meninos eraõ obrigados a roubar o seu alimento, uso censurado por huma multidaõ de Escritores, em aquillo naõ havia apparencia alguma de roubo; pois que tomavaõ o que lhes era dado pelas Leis. Queriaõ, que se acostumassem cedo ás astucias da guerra, á vigilancia, e aos perigos. Quando se deixavaõ sobresaltar, eraõ severamente castigados. Naõ podiaõ chegar a ser ladrões, naõ tendo o menor motivo para roubar: faziaõ-se afoutos, e industriosos, porque era preciso necessariamente assim ser. Os costumes de Sparta justificáraõ aquella pratica. Em outra qualquer parte, aquella

Razaõ porque os meninos eraõ obrigados a roubar o seu alimento.

la obrigaçaõ teria sido ou huma loucura, ou hum vicio perigoso.

Como se exercitava a razaõ.

Ao mesmo tempo, em que os corpos se fortificavaõ com o trabalho, o espirito, e a razaõ se cultivavaõ, naõ com estudos estereis, ou enfadonhos, mas com o costume continuado de julgar, e de discorrer. Os meninos, admittidos em os publicos banquetes, ouviaõ nelles continuamente discursos equivalentes ás melhores lições. Muitas vezes eraõ perguntados a respeito de pontos de Politica, e de Moral; faziaõ-lhes questões, para que dissessem o seu pensamento a respeito de tal homem; pretendia-se que respondessem promptamemte, em poucas palavras, e de hum modo judicioso. Donde procedeo aquella penetraçaõ, e aquella exactidaõ de entendimento, aquelle Laconismo nervoso, aquellas bellas sentenças dos Spartanos. A energia do seu estilo pintava a força da sua alma. O seu exemplo mostra, que tudo póde o costume.

As mulheres exercitavaõ-se como os homens.

Lycurgo estendeo as suas idéas mais longe. Mudou para assim dizer as mulheres em homens, a fim que mãis fracas naõ transmittissem a sua fraqueza a seus filhos. Lycurgo as sujeitou aos exercicios varonís, os quaes fazem o corpo saõ, e robusto. Reprováraõ a Lycurgo abusòs

Abusos cõtrarios ao pejo.

contrarios ao pejo, especialmente de ter mandado que as mulheres apparecessem nuas nos jogos, onde se exercitavaõ na luta, e onde dançavaõ publicamente; onde com tudo excitavaõ a Mocidade para a virtude, humas vezes com o estimulo dos louvores, outras vezes com o estimulo da zombaria. Plutarco he o Apologista daquelle uso, assim como tambem do uso de emprestar a sua mulher a outros homens para dar ao Estado filhos de melhor constituiçaõ, ou de maior esperança. He verdade, que a força das Leis conservou o pejo por muito tempo. Perguntando-se a hum Spartano, que pena havia para os adulterios, o Spartano respondeo: *Como poderia haver hum adulterio em Sparta?* Porém depois que finalmente se introduzio a vida licenciosa no seio da Republica, os usos que a antiga virtude justificava, se mudáraõ em veneno. As mulheres de Sparta foraõ desacreditadas na Grecia; e Aristoteles attribue ao desprezo das decencias as desordens, que perdêraõ o Estado.

Imperio, que as mulheres tinhaõ sobre os homens.

Em quanto aquellas mulheres vivêraõ desapaixonadas, o imperio que se lhes tinha dado sobre os homens, naõ podia ser senaõ vantajoso; pois respiravaõ o Heroismo, e o communicavaõ com o seu procedimento. *Vós, ó Lacedemonias*, di-

zia

zia huma Estrangeira á Esposa de Leonidas, *vós sois as unicas, que governais os homens. A razaõ he*, replicou a Esposa de Leonidas, *porque nós somos as unicas, que fazemos homens.* Porém com hum tal ascendente, se as mulheres se chegassem a corromper, (ao que estavaõ muito expostas), Sparta estava perdida.

Com tudo o Legislador tinha regulado com Leis muito severas o commercio de ambos os sexos. Hum marido moço naõ podia vêr a sua propria mulher senaõ ás furtadelas: o amor, além de afrouxar, e de corromper, naõ devia ser senaõ hum motivo para animar a obrigaçaõ. O Celibato se desprezava; pois privava das honras, e das attenções, que se davaõ á velhice. Hum mancebo desprezando-se de se levantar diante de hum illustre Capitaõ solteiro, lhe disse: *Tu naõ tens filhos, que possaõ algum dia fazer-me esta honra, e levantar-se na minha presença.*

Lei para os Esposos moços.

Desprezo do celibato.

Toda a Sciencia especulativa, e toda a Arte mecanica sendo prohibido aos Cidadãos, estes passavaõ a sua vida em tempo de paz, na caça, e em outros exercicios; ou em conversações, que nada tinhaõ de frivolas. Por ventura era esta huma vida ociosa, como alguns Authores pretendem? Naõ sem duvida,

Ociosidade reprehendida falsamẽte aos Spartanos.

 pois

pois que já mais Povo algum se occupou com maior ardor no bem público. Na verdade era necessario ser Spartano, para se occupar seriamente até nas salas de Assemblea, onde nenhuma outra cousa se fazia senaõ discorrer. Porém a huns homens, que desejaõ instruir-se, naõ lhes faltaõ materias interessantes em hum Estado livre, e virtuoso, onde os negocios publicos saõ o negocio de cada Cidadaõ.

Filosofia dos Spartanos.

A reprehensaõ de ignorancia crassa tambem parecerá injusta, quando se reflectir em os grandes cuidados, que os Spartanos tinhaõ de cultivar a razaõ. Tanto desprezavaõ os Spartanos a Arte dos Sofistas, e dos Rhetoricos, quanto se applicavaõ em pensar bem, em dizer bem, e naquella especie de Filosofia, a qual sem verbosidade inutil, escura, e sem subtileza, fórma o juizo, e os costumes. *Laconizar*, e *Filosofar*, eraõ, segundo dizem, a mesma cousa.

Utilidade da sua Poesia.

Sparta amava a Poesia, como hum meio de incitar a alma, e de a inclinar para as acções sublimes. Naõ se póde deixar de applaudir a seguinte Cançaõ Lacedemoniense, que nos conserva Plutarco.

CO-

CORO DOS VELHOS.

Nós já fomos mancebos deleitosos,
Nas emprezas valentes, e animosos.

CORO DOS MANCEBOS.

Nós agora do mesmo prova damos
A qualquer que nas Praças encontramos.

CORO DOS MENINOS.

E nós a hum certo tempo chegaremos,
E a todos em geral excederemos.

O Plano de Lycurgo era admiravel em as circunstancias.

Finalmente para julgar do plano de Lycurgo, he necessario transportar-se para o seu Seculo. Lycurgo via no meio das perturbações da Grecia a sua Patria, fraca per si mesma, agitada com parcialidades, cheia de desordens, e exposta ás emprezas dos seus visinhos. O mesmo Lycurgo quiz formar huma Republica guerreira, invencivel, e abrigada das desgraças, que a corrupçaõ arrasta interiormente, e das infelicidades, que comsigo trazem os ataques exteriores. Projecto certamente admiravel, e melhormente executado do que outro algum Plano de Legislaçaõ. Lycurgo naõ escre-

Leis naõ escritas.

veo

veo as suas Leis; e quiz antes, que a educaçaõ as imprimisse nos corações. Tudo o que naõ era essencial, e podia depender das circunstancias, o julgou dever entregar á prudencia, e sabedoria dos Cidadãos, huma vez instruidos com bons principios. Finalmente Lycurgo conseguio fazer duravel hum Governo, fundado sobre a austeridade dos costumes. Se Lycurgo fechou a porta aos Estrangeiros, que naõ trouxessem nada de util, naõ foi, como suppõe Thucydides, com o receio, que imitassem a virtude dos Spartanos; foi sim porém por temer que estes naõ contrahissem os vicios dos Estrangeiros.

Xenelasia, ou exclusaõ dos Estrangeiros.

A sua *Xenelasia*, Lei contra os Estrangeiros, naõ excluia nenhum homem de bem, nenhum talento digno de Lacedemonia: esta Lei naõ era senaõ huma barreira opposta ao contagio, e deve-se confessar que unia, e concordava perfeitamente com o objecto principal de Lycurgo.

Animo dos Spartanos.

Conforme as instituições do Legislador, os Spartanos viviaõ sempre, como se estivessem em campo; e marchavaõ para o combate de sangue frio, e com grande socego, como se tivessem tido algum Deos na sua frente. Lycurgo conhecia muito o coraçaõ humano para deixar de recear, que tanto animo naõ fizesse

nas-

nascer a ambiçaõ; e se esforçou em extirpar as suas raizes, persuadido que Sparta naõ sería verdadeiraramente feliz, senaõ contentando-se com a sua liberdade, com a sua pobreza, e rechaçando os seus inimigos, sem nunca aspirar nem ao Dominio, nem ás Conquistas. Lycurgo ordenou, que a guerra naõ se faria senaõ para se defender; que naõ se perseguiria o inimigo vencido; que naõ se tomariaõ os seus despojos; e que naõ teriaõ frota, a fim de naõ se tentarem a correr os Mares.

Lycurgo quer prevenir a sua ambiçaõ.

Huma prova evidente da Sabedoria daquelles Regulamentos em geral, he que produziraõ hum effeito permanente. As paixões, enlaçadas com os costumes, excepto talvez a ambiçaõ do Governo, estiveraõ quasi sempre sujeitas ás Leis, pelo longo espaço de sinco Seculos. Sparta obteve a estimaçaõ, e a confiança da Grecia; foi por muito tempo a sua Arbitra, porque tinha merecimento para ter huma semelhante dignidade. O tempo que tudo altera, minou finalmente, e abateo aquella grande obra; porém a sua duraçaõ deve parecer prodigiosa a qualquer que observa as inclinações da Natureza.

Effeito permanẽte das Leis de Lycurgo

Eu naõ pretendo que os costumes dos Spartanos sejaõ hum modelo completo. Muitas vezes tanto os elogios, como a cri-

Aspereza algumas vezes barbara dos Spartanos.

critica se fazem com excesso, e exaltando huma perfeiçaõ imaginaria, despoja-se a verdadeira virtude da sua doçura, e dos seus agrados. A austeridade Lacedemoniense sendo excessiva, offerecia espectaculos terriveis para a Humanidade. A mesma austeridade suffocava a piedade, e os affectos naturaes, aquelles sentimentos preciosos, que sería horroroso naõ poder conciliar com os deveres de Cidadaõ. Mandar matar os meninos enfermos, ou de huma delicada compleiçaõ, a fim de naõ ter senaõ bons Soldados, era huma barbaridade; tanto mais que o temperamento podia-se fortificar, e os talentos militares suprir á fraqueza do corpo (1). Açoutar os meninos com varas sobre o Altar de Diana, algumas vezes até os matar, sem que se atrevessem a queixar-se, a fim de os acostumar a soffrer, era outra barbaridade. As mãis prezavaõ-se de receber sem movimento extraordinario, e com transportes de alegria, a noticia de que seus filhos tinhaõ expirado gloriosamente com as armas na maõ: como se o amor da Pa-

Os Spartanos mandavaõ matar os filhos enfermos.

Meninos cruelmente tratados.

Mãis muito insensiveis.

(1) Pretendia-se tambem que os proprios Reis fossem de grande estatura. Os Eforos, conforme Theofrasto, condemnáraõ Archidamo a pagar huma multa pecuniaria por ter casado com huma mulher de pequena estatura. *Ella nos ha de dar*, diziaõ elles, *naõ Reis, porém Reisinhos.*

Patria devesse extinguir a ternura materna. Semelhantes excessos davaõ ao caracter dos Spartanos hum rigor feroz, o qual muitas vezes os conduzia á crueldade.

Crueldade contra os Helotes.

Naõ se póde ler sem horror os tratamentos inhumanos, com que os Spartanos opprimiaõ os *Ilotes*, ou *Helotes*. Era este hum Povo visinho, o qual os Spartanos tinhaõ reduzido á escravidaõ. Aquelles infelizes escravos empregados na Agricultura, e nos trabalhos mecanicos, eraõ tratados mais como féras, do que como homens. Naõ sómente os embebedavaõ, para inspirar aos meninos o horror da bebedice, e da intemperança; mas tambem se mandava pôr a Mocidade algumas vezes de emboscada para os matar cruelmente. Mandava-se matar todo o *Helote* distincto ou pela sua estatura, ou pela sua cara, como hum inimigo da Naçaõ. Semelhantes barbaridades naõ se pódem imputar a Lycurgo; as quaes provavelmente principiáraõ, segundo Plutarco, depois de huma rebelliaõ dos escravos contra os Senhores. Por ventura saõ estas barbaridades menos odiosas? Naõ examinemos, se a escravidaõ he compativel com o Direito Natural, excepto no caso em que se naõ podesse dar a liberdade aos inimigos venci-

Direito dos escravos.

ci-

cidos, sem que os vencedores se expozessem a hum perigo eminente. Naõ indaguemos com que titulo se póde vender a liberdade de qualquer homem, nem como a póde perder quando nasce, ainda que unida á sua natureza: o uso antigo de todas as Nações difficultosamente sustentaria este exame. Ao menos digamos afoutamente, que qualquer escravo naõ deixa de ser homem, que os seus serviços augmentaõ os Direitos da Humanidade, e que opprimillo sem justiça, he dar-lhe razões para se armar contra os seus tyrannos.

Os Spartanos dignos de grandes elogios, a pesar dos seus defeitos.

Os Spartanos mereceriaõ pois muito mais elogios, se a doçura, e a brandura tivessem temperado as suas austeras virtudes, se tivessem possuido a primeira de todas as virtudes, a Humanidade. Porém o desprezo das riquezas, o amor da gloria, e da Patria, a obediencia ás Leis, e o valor heróico os elevára̋o sobre os outros Povos. Huma infinidade de acções admiraveis os caracterizaõ. Os Spartanos tinhaõ geralmente a grandeza da alma do famoso Pedaretes, o qual naõ tendo sido admittido em o numero dos trezentos Membros do Conselho, mostrou a sua satisfaçaõ de *Sparta ter achado trezentos Cidadãos melhores do que elle.*

Acçaõ de Pedaretes.

Os

Os Spartanos eraõ muito menos supersticiosos do que a maior parte das outras Nações, e a cultura se percebia pela superioridade do seu juizo. Todas as Estatuas das Divindades, e a mesma Venus estavaõ armadas, a fim que a Religiaõ concorresse com as vistas Politicas. Os Sacrificios, e as offertas eraõ de pouco valor, a fim que huma despeza inutil naõ esfriasse a piedade. As orações extensas eraõ prohibidas, e sómente pedia-se aos Deoses que favorecessem a gente de bem; supplica, da qual Socrates fazia mais caso, do que das offertas, e das ceremonias da sua Patria. Os enterros eraõ muito simplices, assim como tudo mais, e o seu fim naõ era outro, senaõ para fazer desprezar a morte. Deste modo a Filosofia prática parecia dirigir todos os actos de Religiaõ.

Menos superstições do que em outra parte.

Sparta tinha hum Templo consagrado ao Pavor, junto ao lugar, onde os Eforos se ajuntavaõ. A razaõ he, porque os Spartanos contemplavaõ o temor, como huma circunstancia essencial do Governo. Com effeito, segundo o pensamento de Plutarco, *os mais timidos a respeito das Leis, saõ os mais valerosos contra os inimigos; e aquelles, que receaõ mais ser diffamados, receaõ menos soffrer.* Sparta he a sua prova.

Templo consagrado ao Pavor, e porque?

Es-

Cautela de Lycurgo para fazer observar as suas Leis.

Esta República famosa, que presidio por muito tempo aos negocios da Grecia, se estabeleceo quasi 900 annos antes da nossa Era. Lycurgo encontrou grandes obstaculos, e os venceo com o seu genio, e com a sua paciencia. Refere-se, que para fazer as suas Ordenações mais invioláveis, fora consultar o Oraculo de Delfos; que mandára jurar antecedentemente a sua observaçaõ até á sua volta; que o Oraculo confirmára as suas Leis, e declarára que Sparta, observando-as, seria a Cidade mais illustre do Mundo; e que entaõ se deixára morrer de fome, na intençaõ de reduzir os Spartanos a naõ poder desobrigar-se do seu juramento. Porém as circunstancias da sua morte saõ incertas. A maravilha sempre suspeita naõ realça a gloria dos homens grandes, antes espalha nuvens sobre as suas acções, e sobre o seu merecimento.

Sua morte.

Guerra cõtra os Messenienses.

A Historia de Sparta, desde Lycurgo até á invasaõ dos Persas, offerece poucos objectos verificados, e interessantes. Duas guerras contra os Messenienses, visinhos daquelle Estado, acabáraõ com a ruina de Ithome, de outras Praças suas, e finalmente com a sua liberdade. As paixões parecêraõ desde entaõ violar as Leis de Lycurgo; porém, segundo o Abbade de Mably, naõ foraõ senaõ *ins-*

tan-

tantes de distracçaõ, reparados com hum dilatado exercicio de virtude.

Em a segunda daquellas guerras ordenou o Oraculo, segundo dizem, aos Spartanos, que ficáraõ vencidos, que mandassem vir hum General de Athenas. Os Athenienses alegres por causa do seu embaraço, lhes mandáraõ para Chefe o Poeta Tyrteo, coxo, falsario, e desprezado da sua Patria. Aquelle ridiculo General lhes alcançou a victoria por via do enthusiasmo guerreiro, com que seus cantos abrazáraõ os Soldados. Esta he provavelmente huma ficçaõ de Poeta.

Antes de J. C. 684. O Poeta Tyrteo, General.

Demos antes credito ás bellas palavras, que se citaõ de Leaõ, hum dos Reis de Sparta. Perguntando-se a Leaõ, debaixo de qual Governo podiaõ os homens viver com maior segurança, Leaõ respondeo, *debaixo daquelle, onde os vassallos naõ saõ nem ricos, nem pobres; onde a probidade encontra muitos amigos, e onde a fraude naõ acha amigos alguns.* O mesmo Principe disse hum dia, a respeito daquelles que tinhaõ alcançado o prémio nos Jogos Olympicos: *A sua gloria sería muito maior, se tivessem tomado tanto trabalho para chegar a ser virtuosos.* Estes rasgos nos instruem, em lugar que as individuações da guerra contra os Messenienses, e de outra guerra contra

Bellas palavras do Rei Leaõ, a respeito do melhor Governo.

A respeito dos Jogos Olympicos.

os Argianos nos causariaõ tedio, e aborrecimento.

Veremos logo Lacedemonia encontrar huma competidora em Athenas. A descripçaõ, que he necessario antecedentemente fazer desta ultima República, dará a conhecer a differença do seu caracter, dos seus principios, e dará a idéa de huma Legislaçaõ totalmente nova.

CAPITULO IV.

Republica de Athenas, até á guerra contra os Persas.

Governo de Athenas, estabelecido por Theseo, quasi em o anno de 1259, antes de J. Christo.

A ATTICA esteve por muito tempo dividida em doze Povoações independentes. Em o tempo da guerra de Troia Theseo unio-as em hum corpo Popular, e formou huma especie de Republica, cuja Capital era Athenas, distribuindo os Cidadãos em tres classes, Nobres, Lavradores, e Artifices. A classe dos Nobres, muito menos numerosa do que as outras, as igualava, ou tambem as excedia em poder, porque tinha todas as Dignidades no seu poder. Conservou-se aquella fórma de Governo, até ao tempo

po de Codro, o qual se dedicou, segundo dizem em defeza da sua patria a huma morte gloriosa.

Codro em o anno de 1095.

Os Athenienses, mais do que outro qualquer Povo da Grecia, suspiravaõ pela independencia. Huma differença succedida entre os dous filhos de Codro, deo occasiaõ para se abolir a Dignidade de Rei. Declaráraõ Jupiter por unico Rei de Athenas. Huns Magistrados, chamados Archontes, foraõ encarregados do Governo. A sua Magistratura pérpetua, e hereditaria por espaço de tres Seculos, tendo muita semelhança com o Poder Real, se lhe reduzio a sua duraçaõ no principio a dez annos, e depois a hum; creando nove Archontes, á fim que dividindo-se a authoridade, dessem menos suspeita. O principal dos nove chamava-se propriamente o *Archonte*. O seu nome indicava o anno corrente.

Archontes.

Athenas ainda naõ tinha Leis escritas. Por consequencia os Magistrados regulavaõ-se nas suas sentenças, pelas suas ideas do que era ou justo, ou injusto, isto he, continuamente conforme aos seus caprichos; porque onde faltaõ as regras, tudo he arbitrario. A desordem deo a conhecer a necessidade das Leis. Draco, Archonte virtuoso, em o anno de 624 antes de Jesu Christo, mostrou-se digno do

Antes de J. C. 624. Draco, Legislador.

glo-

glorioso ministerio de Legislador; porém cahio em huma severidade excessiva. Draco ordenou penas capitaes para todos os delictos sem distinçaõ; dizendo que os mais leves lhe pareciaõ merecer a morte, e que naõ podia achar outro castigo para os mais graves. Maxima absurda, e cruel, propria para destruir a Sociedade, com o pretexto de desterrar o vicio. O mesmo Draco quiz que se procedesse contra as cousas inanimadas (taes como huma Estatua) que tivessem morto qualquer homem accidentalmente, e que abominavelmente as desterrassem, a fim de inspirar o horror do homicidio. Estes pequenos meios, susceptiveis de se ridiculizar, parecem antes degradar, do que fortalecer a Legislaçaõ. As leis de Draco escritas com sangue, como dizem os Antigos, por si mesmas se destruiraõ, por serem impraticaveis.

Grande severidade das suas Leis

Quebrado huma vez aquelle jugo, os Athenienses, por causa da natural inclinaçaõ do seu genio, passáraõ de huma grande sujeiçaõ a huma grande liberdade. Todos queriaõ mudar a forma da Republica, á satisfaçaõ dos seus differentes interesses. Os montanhezes pobres pediaõ a Democracia; e os ricos habitadores da planicie estavaõ decididos pelo Governo mixto, mais conforme com

Divisões entre os Cidadãos.

o

o interesse geral. Solon teve a gloria de adquirir a confiança de todos os partidos, e de ser eleito para Legislador em humas taõ criticas, e espinhosas conjuncturas.

Antes de J. C. 594. Solon, novo Legislador.

Solon, distincto pelo seu nascimento, instruido pelas suas viagens, illustrado sobre tudo pela Filosofia, a qual se dirigia naquelle tempo á Politica; espirito estudioso, homem amavel, e bom Cidadaõ, pois que até rejeitou a propria Dignidade de Rei, poderia, sem dúvida, estabelecer Leis excellentes, se consultando sómente as suas luzes, naõ tivesse sido arrastado pela força do caracter nacional. Para satisfazer ao mesmo tempo a todos os partidos, Solon usou de meios, que deixáraõ subsistir a raiz de todos os males. As suas Leis, diz o proprio Solon, eraõ as melhores, que os Athenienses podiaõ receber. Em tal caso, Athenas era incapaz de hum bom Governo; e naõ se devem queixar do Legislador.

Solon quer satisfazer a todos.

Forma da Democracia.

O Poder Supremo foi entregue nas mãos do Povo, e as Magistraturas confiadas aos Membros principaes do Estado. Nada era mais prudente, com tanto que a authoridade dos Magistrados fosse capaz de reprimir o Povo, e de contrabalançar o seu poder; porém a falta de equilibrio naõ podia ser senaõ

Quatro classes de Cidadãos.

perniciosa. Posto que os Cidadãos ricos, ou de fortuna mediocre, formassem tres classes, e os pobres huma só; com tudo os ultimos, como mais numerosos, se acháraõ por causa das disposições do Legislador, arbitros dos negocios os mais importantes. Isto era entregar a República a huma populaçaõ inquieta, turbulenta, e cega.

A infima plebe arbitra das deliberações, e Juiz das Leis.

Em as Assembléas públicas, geraes, e particulares, todos tinhaõ direito de votar a respeito da paz, da guerra, das finanças do Estado, e especialmente a respeito de tudo o que interessava directamente a Patria. Para aquellas . sembléas podiaõ-se appellar as Sentenças do Senado. Solon fez as suas Leis bastantemente escuras de proposito, para que as appellações fossem frequentes. Deste modo as Leis, as quaes devem ser igualmente simples, e claras, pois que saõ a Regra ordinaria da vida civil, chegáraõ a ser huma materia de disputas; e a quarta classe, excedendo as outras tres juntas, fez-se Juiz do que lhe naõ convinha decidir. Nós a veremos expôr muitas vezes o Estado ás ultimas infelicidades.

O Senado muito numeroso, e muito fraco.

Por outra parte o Senado, estabelecido por Solon, composto de quatrocentas pessoas (cem de cada Tribu), e cujo numero depois se augmentou de duzen-

zentas; além de ser muito numeroso para deliberar com prudencia, tinha pouco ascendente, e superioridade para dirigir o Povo (1). As Assembléas ordinarias do Povo faziaõ-se quasi todos os oito dias; onde todo o Cidadaõ de sincoenta annos de idade tinha o direito de fazer o seu discurso; os talentos de qualquer Orador sedicioso, ou corrupto, podia facilmente vencer a prudencia dos Senadores, os quaes naõ faziaõ senaõ propôr os negocios; devia haver huma contestaçaõ perpétua entre a cabeça, e os membros, e por consequencia convulsões terriveis por todo o corpo. *Eu me admiro*, dizia o Scytha Anacharsis a Solon, *que entre vós sómente os Sabios tenhaõ o direito de deliberar, e que o direito de decidir pertença aos loucos.* A experiencia provou bem, que Anacharsis tinha razaõ.

Solon restabelece o Areopago, e augmenta a sua authoridade.

O unico remedio para aquelle inconveniente foi o restabelecimento do Areopago, quasi anniquilado por Draco, o qual lhe tinha substituido o Tribunal dos *Efetes*. Solon lhe restituio o seu antigo lustre, entregando-lhe a inspecçaõ sobre

(1) Cecrope tinha dividido o povo de Athenas em quatro Tribus, as quaes he necessario naõ confundir com as classes de Solon. O numero das Tribus augmentou-se até dez.

bre os negocios publicos, e sobre a educaçaõ da Mocidade, objecto taõ importante, e taõ desprezado em os nossos tempos. O Areopago foi composto por Solon unicamente de antigos Archontes. Aquella mudança naõ podia deixar de ser vantajosa para o Estado; porém o mesmo Areopago, posto que infinitamente respeitado, naõ era huma barreira bastantemente forte contra os movimentos populares: hum Povo desenfreado, dispondo de tudo, naõ attende mais nem aos sabios, nem aos prudentes, quando he vencido, e precipitado pela paixaõ.

Leis particulares, a respeito das dividas, das accusações, dos casos de tumultos, e dos testamentos.

Geralmente, as Leis particulares de Solon valiaõ muito mais do que a sua fórma de Governo: as quaes devem ser estudadas por aquelles, que gostaõ de conhecer os principios da Sociedade civil. Referirei algumas Leis, pelas quaes a razaõ póde exercitar-se utilmente. Solon, depois de ter abolido todas as Leis de Draco, excepto aquellas contra o homicidio, reprimiò a aspereza dos credores, e prohibio as prisões por dividas (o que naõ sería necessario ampliar no Commercio, segundo a observaçaõ de Montesquieu; o interesse publico padeceria muito). Accrescenta-se tambem, que Solon abolíra as dividas, a fim de tirar facilmente os pobres da miseria, e da opre-

pressaõ. Para animar o zelo a favor de todos os Membros do Estado, ordenou que todos os Cidadãos podessem accommetter judicialmente todo aquelle, que prejudicasse outro qualquer. O mesmo Solon ordenou, que em os tumultos, ou facções, em que se chegasse a violencia, todo o Cidadaõ seria obrigado a tomar partido; porque os mais prudentes abraçaríaõ sem duvida o bom partido, e seríaõ tambem os mais capazes para tratar do seu socego, e da sua quietaçaõ. Regulou tambem, que naõ havendo filhos, se podesse deixar os seus bens a quem quizessem: (os testamentos sendo incognitos até áquelle tempo, os bens passavaõ para o herdeiro mais proximo, e ao menos ficavaõ nas familias, o que era huma vantagem.) Que todo o homem convencido de ociosidade sería reputado infame depois da terceira accusaçaõ; e que o Areopago vigiaría sobre os meios, dos quaes cada qual subsistia. (Os Egypcios tinhaõ transmittido aquella Lei, da qual parece que nas Nações modernas se poderiaõ aproveitar.) Que todo o filho, que dissipasse loucamente os bens de seu Pai, ou que negasse a subsistencia aos seus parentes, seria do mesmo modo declarado infame; porém que se o Pai naõ lhe tivesse mandado ensinar officio algum, o fi-

Cõtra a ociosidade, os filhos máos, e os máos Pais.

o filho naõ seria obrigado a sustentallo, nem sujeito ás penas desta Lei: (por este meio o Pai, e o filho se achavaõ igualmente interessados em cumprir o voto da Sociedade, e da Natureza.) Que toda a mulher naõ levaria de dote, senaõ tres vestidos, e moveis de pouco valor: (os dotes menos necessarios em as Repúblicas, podiaõ fazer com o casamento huma especie de commercio muito perigoso, e demais disso arruinar muito a herança das familias.) Que todo o Cidadaõ que frequentasse mulheres de má vida, sería excluido da Tribuna Oratoria, como indigno pelos seus costumes da confiança do Povo. Que todo o Archonte, culpado de bebedice, sería castigado de morte: (taõ essencial he a temperança para os Magistrados.) Que os filhos, cujos Pais tivessem morrido combatendo pela sua Patria, seríaõ educados á custa do Estado até á idade de vinte annos: (este era hum meio efficaz para excitar a conservar o valor, assim como a infamia era hum castigo muito util para a cobardia.) Pisistrato ordenou tambem, algum tempo depois, que os Soldados estropeados na guerra fossem sustentados pela República.

A respeito dos dotes, dos bons costumes, dos Cidadãos mortos, estropeados na guerra, &c.

O accusador que naõ tivesse por si a quinta parte dos votos, devia pagar huma

Leis concernentes aos accusadores.

ma grande condemnaçaõ pecuniaria. *Solon*, diz o célebre Montesquieu, *soube prevenir bem o abuso, que o Povo poderia fazer do seu poder no juizo dos crimes: quiz que o Areopago tivesse, e manifestasse o negocio; que se este julgasse o accusado absolvido injustamente, o accusasse novamente perante o Povo; e que se o julgasse condemnado injustamente, suspendesse a execuçaõ, e lhe fizesse julgar segunda vez a causa: Lei admiravel, a qual sujeitava o Povo á censura da Magistratura, e á sua propria censura.* (Espirito das Leis L. 6. C. 5.) Por que razaõ commetteo pois Athenas tantas injustiças enormes?

Sentenças revistas pelo Areopago.

Naõ se ignora o Ostracismo, pelo qual homens illustres, chegados a ser suspeitos, eraõ desterrados por dez annos. Esta naõ era huma pena, que infamasse, porém huma cautela para dissipar as suspeitas do Povo. Eraõ necessarios seis mil votos contra aquelle, que se demandava. O numero dos Cidadãos importando ao mais em vinte mil, qualquer homem irreprehensivel parecia estar em segurança. Com tudo a ingratidaõ, a inveja, e a intriga triunfáraõ algumas vezes da mesma virtude. Ignora-se a época, e o Author daquella Instituiçaõ Politica. Alguns a attribuem a Theseo; e outros á fazem posterior a Solon. O Ostra-

O Ostracismo.

tra-

tracismo, debaixo de outros nomes, estava em vigor, em hum numero de Democracias; onde porém produzia sómente infelicidades, por naõ estar modificado com as boas Leis.

Leis sumptuarias, ou Pragmaticas.

Sem prolongar mais estas individuações, convem observar que o Legislador de Athenas limitou a despeza das mulheres, e os gastos dos enterros, e das ceremonias Religiosas: dous objectos, que interessaõ mais, ou menos a prosperidade pública, segundo a Natureza, e as riquezas de qualquer Estado. Os Estrangeiros foraõ admittidos em Athenas, porém excluidos do Governo. Huma Lei condemnava á morte aquelles, que apparecessem nas Assembléas do Povo.

Estrãgeiros excluidos do Governo.

Pẽsamentos de Anacharsis, e de Solon, a respeito das Leis.

He certo que Solon naõ chegou ao grande fim da Legislaçaõ, á tranquilidade, e á felicidade dos Cidadãos: com tudo conheceo os seus verdadeiros principios; o que se julgará pela seguinte acçaõ. Anacharsis fallando hum dia com Solon a respeito da inutilidade das Leis, as comparava com as teas de aranha, onde os fracos, e os pequenos se prendem, as quaes porém os ricos, e os poderosos rompem sem trabalho. *Os homens*, respondeo Solon, *observaõ as suas convenções, quando o seu interesse naõ he de as violar; o mesmo ha de succeder a respeito*

das

das minhas Leis: eu as accommodo de tal sorte com os interesses dos Cidadãos, que todos haõ de vêr, que mais vale observar as Leis do que as quebrantar. Por ventura, póde-se imaginar cousa alguma melhor, ou em Politica, ou em Moral, para conter os homens no seu dever, do que mostrar nas proprias Leis o seu interesse? E naõ o devem elles achar em hum bom Governo, onde tudo se refere á publica felicidade, onde o bem dos particulares sempre está unido com o bem geral? Logo se o effeito naõ correspondeo ás esperanças do Legislador, he porque o Governo, e as Leis, que o mesmo Legislador estabeleceo, concordavaõ pouco com o verdadeiro interesse dos Athenienses. Anacharsis naõ tinha razaõ para suppôr, que as Leis nunca tem poder para huma parte do corpo Politico: Solon teve culpa talvez de naõ dar ás suas bastante força para conter o Povo. Porém he necessario conceder que os Athenienses naõ eraõ faceis para governar. Quem sabe se as novas Leis, naõ seriaõ realmente as melhores, que os Athenienses quizessem receber?

Desgosto de Solon.

Antes da morte do Legislador, aquelle Povo inconstante manifestou o seu genio. Todos os dias se propunhaõ mudanças a Solon: o qual se desgostou de tal

mo-

modo, que abandonou a sua Patria, e lhe deraõ licença para se ausentar por dez annos. Novas viagens augmentáraõ os seus conhecimentos, ao mesmo tempo que se preparava huma revoluçaõ no Estado. Solon voltou; porém já o mal era incuravel. Pisistrato, seu parente, homem rico, generoso, e popular, possuindo a arte de cegar os Cidadãos por causá das suas excellentes qualidades, e de os grangear com falsos carinhos, aspirava occultamente ao Poder Supremo. Porém Solon, penetrando as suas intençõcs lhe dizia; *se naõ fosses ambicioso, serías o melhor dos Athenienses.* Ordinariamente a ambiçaõ muda as virtudes em vicios: Pisistrato para se elevar, fez-se velhaco; pois ferindo-se hum dia com a sua propria maõ, mostrou-se publicamente coberto de sangue, e reclamou a protecçaõ do Povo, dizendo que estava assasinado pelos inimigos do mesmo Povo. Hum dos seus complices pede logo guardas para a segurança de hum Cidadaõ taõ precioso. Concedem-se as guardas; Pisistrato as emprega para se apoderar da fortaleza, e para estabelecer o seu dominio.

Ambiçaõ de Pisistrato.

Pisistrato fez-se senhor do Estado.

Solon esforçou-se, porém de balde, para tornar a animar em as almas o amor da liberdade. Hum dia em que o usurpa-

Fim de Solon.

pador lhe mandou perguntar, quem lhe inspirava tanta audacia; Solon respondeo livremente, *a minha velhice.* Finalmente o mesmo Solon naõ podendo sustentar hum espectaculo, que tanto o affligia, abandonou Athenas para sempre, e morreo em huma idade muito adiantada. Em todo o tempo Solon foi encarecidamente louvado. A nobre paixaõ de se instruir o acompanhou até á sepultura. *Eu envelheço*, dizia Solon, *aprendendo muitas cousas.* Alguns versos galantes, compostos na sua mocidade, naõ escurecêraõ a sua reputaçaõ de sabio, adquirida com tantos trabalhos, e com tantas virtudes.

Pisistrato expulsado, e restabelecido.

Hum Tyranno (os Antigos davaõ este nome a qualquer Principe, que reinava com usurpaçaõ, e muitas vezes tambem aos Reis legitimos), hum Tyranno naõ podia viver socegado, especialmente em aquella tumultuosa Cidade. Pisistrato a pesar da sua doçura, e da sua habilidade foi obrigado logo a fugir; e foi rastabelecido por Megacles, hum dos principaes conspiradores, com condiçaõ de casar com sua filha. Conforme a relaçaõ de Herodoto, huma mulher na figura de Minerva, posta sobre hum carro, conduzindo a Pisistrato, obrigou a que o recebessem, como se fos-

fosse trazido pela propria Minerva. A superstiçaõ popular dá recursos bem extraordinarios, e bem estranhos para os impostores. Com tudo as parcialidades novamente se formáraõ: Pisistrato ainda se retirou, ficou desterrado onze annos, e recuperou o Poder com hum estratagema.

Pisistrato serve-se da Agricultura para impedir as intrigas.

Pisistrato seguio entaõ hum melhor systema de Governo. Em lugar de attrahir para a Cidade os habitadores do campo, como tinha feito o famoso Theseo, os sujeitou prudentemente á vigilancia da Agricultura. As Praças publicas ficáraõ desertas, as intrigas cessáraõ, e a Agricultura occupando homens inquietos, os destrahio de outro qualquer objecto, e os fez menos attentos ao Governo, do que ao producto do seu trabalho; preparáraõ-se as terras incultas para a lavoura, e as outras se melhoráraõ. Pisistrato ordenou que se pagasse a decima para as necessidades do Estado. A este respeito se excitáraõ murmurações; porém a sua Humanidade suavizava os rigores do imposto, e os Cultivadores gozáraõ dos fructos da paz. O mesmo Pisistrato favoreceo as Artes, e as Sciencias; outro meio para fazer docil hum Povo. Fez conhecer aos Athenienses as Poesias de Homero, levantou soberbos edificios, lan-

Pisistrato favorece as Artes, e as Letras.

lançou os fundamentos do Templo de Jupiter Olympio. Em huma palavra Pisistrato ensinou aos Principes a arte de reinar; e posto que usurpador, fez amar hum jugo, o qual parecia assegurar a publica felicidade.

Hipparco, e Hippias seus dous filhos, repartiraõ a soberana authoridade. O primeiro tinha todo o merecimento do Pai, e naõ obstante foi assassinado por Aristogiton, e por Harmodio, seus inimigos pessoaes. O segundo, naturalmente docil, irritado por causa daquelle homicidio, e do perigo a que elle mesmo se tinha visto exposto, fez-se odioso por causa da severidade excessiva que exercitou. Aristogiton, posto em tratos, declarou em lugar de seus complices, varios amigos de Hippias, aos quaes mandou logo tirar a vida; e acabou insultando, e dizendo ao Tyranno: *Eu naõ conheço ninguem mais digno da morte senaõ tu.* Huma mulher, chamada Leena, tambem padeceo os tratos, e receando que as dores lhe naõ arrancassem a confissaõ, que se requeria, cortou a sua propria lingua com os dentes. Estas acções persuasivas, e tocantes animáraõ novamente o espirito nacional. O Tyranno foi expulso, e o Governo Popular restabelecido. Nós veremos nascer a liberdade Roma-

Antes de J. C. 514. Filhos de Pisistrato.

O Governo Popular he estabelecido.

mana de huma causa pouco differente.

Sparta opposta á liberdade de Athenas.

Sparta tinha soccorrido os Athenienses contra os Pisistratides. Com tudo, a mesma Sparta armou-se logo para lhes dar novos Senhores, e para restabelecer o mesmo Hippias. Hum procedimento semelhante naõ se póde conciliar com aquella virtude, que tanto se celebra; porém a ambiçaõ de presidir aos negocios da Grecia, era a fraqueza dos Spartanos; os quaes principiavaõ a ter ciume do poder de Athenas, e temendo que a liberdade naõ augmentasse a sua reputaçaõ, e as suas forças, naõ queriaõ competidores. A sua propria opposiçaõ chegará a ser funesta. Antes de vêr aquellas duas Republicas lutar contra as forças da Asia, façamos reflexaõ por hum instante sobre a differença do seu caracter, e sobre os progressos do entendimento humano entre os Gregos.

Differẽça de Sparta, e de Athenas.

Lycurgo, e Solon tendo seguido Systemas totalmente diversos, ou porque as suas idéas naõ fossem as mesmas, ou porque o genio dos seus Cidadãos naõ soffresse as mesmas Leis; Sparta, e Athenas deviaõ necessariamente formar entre si huma singular contrariedade. Aquella tinha-se dedicado unicamente á guerra; Cidadão algum podia ter outro objecto, nem eleger outra occupaçaõ; era neces-

As occupações.

sario

sario ser ou Heróe, ou renunciar a sua Patria: esta nada excluia, admittia todas as Artes, e todos os Estudos; todos os Athenienses deviaõ ser Soldados em caso de necessidade, e além disso podiaõ ser tudo quanto quizessem, com tánto que fizessem alguma cousa. Em Sparta, huma rigorosa pobreza, despedaçando os resortes da avareza, e do interesse, naõ deixava ás paixões actividade alguma, senaõ pela gloria, e pelas cousas publicas: em Athenas a consideraçaõ das riquezas animava a industria, o commercio, os talentos, e dividia o coraçaõ entre o interesse do Estado, e o interesse da fortuna. Em Sparta contrahia-se desde o berço o costume de huma perfeita obediencia; passava-se a vida em obedecer, os Magistrados, e os Generaes naõ necessitavaõ senaõ de hum sinal para a execuçaõ das suas vontades: em Athenas, soffria-se com impaciencia a sujeiçaõ, e a violencia; amava-se a vida licenciosa com o nome de liberdade; entregavaõ-se ás suas fantesias; e desprezavaõ-se muitas vezes as Leis, e os Magistrados, porque a sua fraca authoridade podia chegar a ser a zombaria de huma Assembléa popular.

A fortuna.

A obediécia ás Leis.

A grande austeridade dos Spartanos, feita por causa da educaçaõ huma segun-

Os costumes relativos ao Governo.

gunda Natureza, fortalecia hum Governo fundado sobre os costúmes, e o vigor do Governo tambem a sustentava contra as inclinações da Humanidade. Os costumes Athenienses frouxos por causa do gosto dos prazeres, fluctuantes pela instabilidade dos principios, naõ se podiaõ emendar, e corrigir com hum Governo máo, e deviaõ augmentar os seus vicios, e os seus abusos. O Spartano altivo, aspero, imperioso, sempre ha de querer dar a Lei; e muitas vezes far-se-ha injusto, e cruel seguindo hum Systema regular de Politica. O Atheniense valente, magnanimo, engenhoso, industrioso, affavel, e polido, porém vaõ, frivolo, e inconstante, ha de fazer bellas acções, bellas obras, e infinidade de grandes erros, os quaes traráõ após si a ruina de Athenas. Este parallelo póde servir de explicaçaõ para os successos.

O caracter nacional.

O modo, com que ambos aquelles Póvos trataváõ os escravos, mostra sufficientemente a differença do seu caracter. Em comparaçaõ dos Helotes, os escravos de Athenas eraõ os homens os mais felizes; pois tinhaõ acçaõ em justiça contra os seus Senhores, no caso de vexaçaõ; permittia-se-lhes comprar terras, e resgatarem-se elles mesmos, depois de ter junta a quantia, que era necessaria para o seu

Os Athenienses trataváõ os seus escravos cõ humanidade.

seu resgate: muitas vezes tambem eraõ forros em recompensa, ou por pura generosidade, e entaõ elles mesmos elegiaõ protectores, os quaes cuidavaõ nos seus interesses. Tanto aborreciaõ os Helotes justamente os Spartanos, quanto deviaõ amar aos seus Senhores os escravos de Athenas, se he possivel fazer amar a escravidaõ.

As Letras principiaõ a florecer.

Aquella humanidade, a qual até aos animaes se estendia, provinha pela maior parte sem duvida da cultura do entendimento. Já na Attica se manifestava o gosto das Letras, taõ capaz de suavizar os costumes. Thespis inventou o Theatro no tempo de Solon. Posto que o Legislador lhe reprehendesse o publicar mentiras, a Arte Dramatica bem dirigida podia ser huma origem assim de instrucçaõ, como de divertimento. Pisistrato enriqueceo Athenas com huma Bibliotheca publica. Hipparco, seu filho, teve na sua Corte o Poeta Simonides; para onde attrahio tambem Anacreonte, o qual ainda encanta os entendimentos com a elegante, e simplice belleza dos seus versos. Archiloquio, Stesichoro, Alceo, e Safo, tinhaõ já introduzido a Poesia Lyrica. As antigas Colonias Gregas gloriavaõ-se de ser a Patria dos Authores célebres. Nada ha mais

Theatro, Bibliotheca, Poetas na Corte.

favoravel para o engenho, como a tranquillidade, e a felicidade, de que a Grecia gozava havia muito tempo.

Filosofia, ao principio toda Moral, e Politica.

Desde que os raios da Litteratura, e do gosto principiaõ a luzir, produzem logo huma vantajosa fermentaçaõ nas cabeças bem organizadas. Novas idéas nascem em multidaõ; procura-se a belleza, e a verdade; todos trabalhaõ para se instruir; conhece-se a necessidade do estudo; a Filosofia principia a apparecer. Felizmente os seus primeiros cuidados inclináraõ-se aos objectos os mais essenciaes, á Moral, e á Politica. Era natural, que huns Cidadãos estudiosos em huma terra de liberdade se occupassem logo em tudo o que podia contribuir para a felicidade do Homem, e do Estado.

Conversaçaõ dos antigos Sabios.

Plutarco refere huma conversaçaõ dos antigos Sabios, em a qual se descute a questaõ seguinte: qual he o mais perfeito Governo popular? eis-aqui as suas respostas, traduzidas por M. Rollin. Solon diz, que he aquelle; *em que a injuria feita a qualquer particular interessa todos os Cidadãos*; Biante: *onde a Lei serve de Tyranno?* Thales: *onde os habitadores naõ saõ nem muito ricos, nem muito pobres*; Anacharsis: *onde se honra a virtude, e se aborrece o vicio?* Pittaco: *onde as Dignidades sómente se concedem, e*

se

se daõ ás pessoas de bem, e nunca aos malevolos; Cleobulo: *onde os Cidadãos receaõ mais o vituperio, do que a Lei*; Chilon: *onde as Leis se attendem, e tem credito, e naõ os Oradores*. Periandro, Tyranno de Corintho, seu hospede, concluio a favor do Governo popular, que se aproximaria mais á Aristocracia, onde a authoridade reside entre as mãos de hum numero pequeno de homens virtuosos. Aquella conversaçaõ, posto que provavelmente supposta, nos ensina quaes eraõ as materias, sobre que se exercitava o entendimento dos Filosofos, antes que chegassem a ser Sofistas.

Astronomia: divisaõ do anno por Thales, e por Solon.

Com tudo Thales de Mileto na Jonia, o qual se põe á frente dos sete Sabios da Grecia, tambem se distinguia pela Filosofia especulativa, da qual fallaremos em outro lugar. Thales era Astronomo; Solon o excedia naquella Sciencia, muito pouco conhecida entre os Gregos. O mesmo Thales dividio o anno em doze mezes de trinta dias; e conhecendo o seu erro, o emendou com outro erro, intercalando hum mez inteiro depois de dous annos. Solon reformou o anno de Thales, fazendo-o puramente Lunar de trezentos sincoenta e quatro dias, e intercalou vinte e tres dias no fim de dous annos, para o fa-

zer quadrar com o anno verdadeiro. Tudo isto era muito na Grecia, pois que naõ se conhecia sómente a divisaõ da semana em sete dias (1). Os Egypcios, e os Fenicios eraõ muito mais sabios, havia muitos Seculos.

Arquitectura, Cómercio.

Já as bellas Artes principiavaõ a aperfeiçoar-se. Tinhaõ-se já inventado as duas primeiras ordens da Arquitectura, a Dorica, e a Jonica. Os talentos preparavaõ de algum modo os Seculos de Pericles, e de Filippe. Corintho dava o exemplo do Commercio Maritimo; e unia as riquezas, e o esplendor com a liberdade. Finalmente a Grecia aproximava-se á época de huma gloria solida, e brilhante, a qual primeiramente foi o fruto das armas, e do Patriotismo, e ao depois do genio exercitado em todos os generos.

Corintho.

---

(1) Os Romanos nunca usáraõ daquella divisaõ da Semana em sete dias; a qual he puramente arbitraria.

LIVRO II.

Desde o principio da guerra contra os Persas até ao Governo de Pericles.

CAPITULO I.

Principio da guerra contra os Persas. — Miltiades vencedor em Marathonia.

Idéa geral da guerra sustētada contra os Persas.

SE a guerra em si mesma he horrorosa, pois que nenhuma outra cousa apresenta aos nossos olhos, senaõ homens mortos por outros homens, e ruinas cobertas de sangue humano; com tudo chega a ser huma origem de acções sublimes, e admiraveis, quando se emprende, e se sustenta em defeza da Patria, por Cidadãos, que unem a Disciplina, e a Sciencia Militar com o animo heróico. Arrostar os perigos, desprezar a morte, suprir o pequeno numero pela força de engenho, e de valor, aproveitar-se das menores vantagens, reparar as maiores infelicidades, vencer inimigos quasi certos da victoria, salvar a vida, e a liberdade

dos

dos Membros do Estado, e merecer pelos seus serviços o reconhecimento, e a reputaçaõ immortal; saõ acçoẽs, que desvanecem em parte os horrores inseparaveis de toda a expediçaõ sanguinolenta. A guerra dos Gregos com os Persas será especialmente interessante por causa daquelle magnifico espectaculo.

Ocasiões desta guerra.

Deixámos o vasto Imperio de Cyro em poder de Dario, filho de Hystaspes, cuja ambiçaõ muito limitada na Asia se inclinava a novas Conquistas. Hum motivo de vingança, junto com aquella paixaõ insaciavel lhe inspirou o intento de sujeitar a Grecia. Os Jonios rebellando-se contra Dario, reclamáraõ o soccorro dos Gregos da Europa. Cleomenes, Rei de Sparta, e protector do Tyranno Hippias, expulso de Athenas, recusou soccorrer os Jonios. Athenas mais generosa lhes concedeo vinte náos; pois estava irritada contra os Persas, por terem recebido Hippias, a quem pretendiaõ restabelecer. O enthusiasmo da liberdade achava-se naquelle tempo na mais viva fermentaçaõ. Aquelle Povo gemendo debaixo da sujeiçaõ dos Pisistratides, respirava o heroismo, depois que despedaçára as suas cadêas.

Antes de J. C. 501. Athenas declara-se a favor dos Jonios, contra Dario.

Dario quer sujeitar a Grecia.

Os Jonios marchaõ para Lydia, queimaõ Sardes, e julgaõ-se livres. Porém Da-

Dario vinga-se immediatamente com a ruina de Mileto. Dario obriga a Jonia, e as Ilhas visinhas a sujeitarem-se novamente á obediencia, e manda Reis de Armas á Grecia pedir terra, e agua, isto he, que o reconheçaõ por Soberano. Os Spartanos indignados mandaõ matar dous daquelles Reis de Armas, aos quaes o direito das Gentes deveria fazer sagrados. Com tudo varias Cidades se sujeitaõ, particularmente Egina, situada perto de Athenas no Mar Egeo. Os Athenienses queixaõ-se daquella cobardia a Sparta, a qual presidia á Confederaçaõ Grega; e mandaõ-se prender os principaes Eginetas, como traidores da Patria. Que huma multidaõ de Estados pequenos, independentes huns dos outros, fossem unidos por meio de Tratados, e de Obrigações reciprocas, de modo que o commum interesse tivesse força de Lei, e que a infidelidade fosse castigada por huma especie de Tribunal commum, era huma felicidade para a Grecia. Sem aquella vantagem toda a Grecia facilmente se subjugaría.

Athenas, e Sparta unidas cõtra Dario.

Dario para executar o seu projecto tinha expedido hum exercito, e huma frota. A frota naufragou, dobrando o Promontorio de Athos (hoje em dia *Capo Santo*), os Thracios accommettem de

Os Persas penetraõ na Attica.

de noite, e dissipaõ o exercito, commandado por Mardonio, Cavalleiro moço, e sem experiencia. Tropas mais numerosas, ás ordens de melhores Generaes, vem inundar a Attica depois de ter saqueado Eretria em a Ilha de Eubea.

Athenas sollicita o soccorro dos alliados.

Athenas em perigo dirige-se aos confederados, e sollicíta os soccorros necessarios. Sparta promette Soldados, porém declarando que he necessario esperar alguns dias, porque hum costume Religioso prohibe sahir ao campo antes da Lua cheia; superstiçaõ bem indigna daquella Republica sabia, e bellicosa. Os outros póvos guardaõ em segredo a consternaçaõ. Sómente Plateas manda mil combatentes. Saõ obrigados a armar os escravos pela primeira vez.

Exercito Atheniẽse, ás ordens de dez Generaes.

O Exercito Atheniense compunha-se de dez mil homens, e o exercito dos Persas constava de mais de cem mil homens (1). Aquella desigualdade de forças póde-se considerar, como hum mal menor do que a divisaõ do Commandamen-

to

(1) Rollin diz que o seu exercito se compunha de cem mil homens de Infantaria, e de dez mil de Cavallaria, depois de ter dito na pagina precedente, compôr-se de quinhentos mil homens. Justino dá-lhe seiscentos mil homens. Cornelio Nepote, com maior probabilidade, o suppõe sómente dez vezes mais numeroso que o Exercito de Athenas. A quem se deve dar credito?

to entre dez Generaes, nomeados pelas dez Tribus, e os quaes se succediaõ alternativamente cada dia. Como se póde esperar, que aquelles Generaes seguissem hum Plano uniforme, que obrassem todos unanimemente, que os erros de huns naõ fizessem inutil a habilidade dos outros? A imprudencia dos Athenienses mostra-se naquelle uso, o qual tinha estabelecido hum falso ciume de liberdade. Miltiades era felizmente do numero dos Generaes, e tinha por Collegas bons Cidadãos. Esta foi a salvaçaõ de Athenas.

Era necessario decidir, se se accommetteria o inimigo, ou se o esperariaõ na Cidade. O ultimo partido parecia o mais seguro, e no qual todos votáraõ. Miltiades se atreveo a insistir pelo primeiro, como necessario em huma circunstancia, em que era preciso hum lance de valor. O virtuoso Aristides, hum dos Generaes, sustentou o parecer de Miltiades, e o fez prevalecer. Depois convencido que a execuçaõ requeria huma só cabeça, Aristides teve a generosidade, quando chegou o seu dia de mandar, de pôr aquelle grande homem no seu lugar: todos os outros seguiraõ o seu exemplo.

Miltiades propõe o combate.

Aristides lhe cede o Commandamento.

A batalha de Marathonia foi o triunfo do Patriotismo. A Arte Militar, pouco

Antes de J. C. 490. Batalha de Marathonia.

co conhecida antecedentemente, favoreceo perfeitamente a sua valentia. Miltiades tinha-se postado ao pé de hum monte, tinha coberto os seus flancos, a fim de o naõ poderem cercar, e tinha posto em os lados as suas maiores forças, a fim de conservar maiores recursos. Os Gregos corrêraõ para o combate. A sua impetuosidade naõ esperada perturbou o inimigo; ambos os seus lados tendo derrotado os lados do Exercito dos Persas, cahiraõ sobre o corpo da batalha, ao qual já se naõ resistia, e o derrotáraõ inteiramente. Hippias, quando se lisonjeava sem duvida de reduzir a sua Patria á escravidaõ, foi morto em o combate.

Fugida vergonhosa dos Persas.

Aquelle grande exercito, o qual tinha ordem de mandar a Dario todos os Athenienses, carregados de ferros, e o qual tinha trazido marmore para fazer os seus troféos, fugio precipitadamente para as suas náos, sete das quaes foraõ tomadas, e outras muitas queimadas pelos vencedores. Em o dia seguinte chegáraõ os Spartanos, depois de huma marcha forçada de tres dias. Os mesmos Spartanos se julgaríaõ criminosos por causa da sua tardança, se a superstiçaõ naõ lhes tivesse feito huma obrigaçaõ da demora.

Em

Em aquelle tempo a gloria era a recompensa dos homens grandes : a qual era sufficiente para a virtude Republicana. Erigiraõ-se Monumentos aos mortos : pintou-se a batalha de Marathonia ; e todo o favor concedido a Miltiades, foi o representallo em aquelle painel á testa dos seus Collegas.

A gloria, recompẽsa dos vẽcedores.

Quem julgaria que o Salvador da Patria podesse chegar a ser a victima da ingratidaõ ? Porém os Athenienses foraõ sempre taõ desconfiados, que a menor suspeita lhes fazia esquecer os maiores serviços. Miltiades tendo pedido huma armada aos Athenienses para castigar os Insulanos, que tinhaõ sido traidores ao commum interesse, foi mal succedida na sua expediçaõ contra Ilha de Paros ; e voltou ferido depois de hum dilatado sitio. Ou porque motivos de odio pessoal o excitassem para aquella empreza, como diz Herodoto ; ou porque naõ lhe podessem reprehender, senaõ a sua infelicidade, o Povo injusto o tratou, como criminoso. Miltiades foi accusado, e condemnado a pagar a multa de sincoenta talentos (1), quan-

Injustiça de Athenas contra Miltiades.

(1) *O talento*, diz o Abbade Mably (Entretiens de Phocion, pag. 189) *pezava sessenta arrateis de doze onças, que segundo o nosso modo de contar, fazem noventa mar-*

quantia igual aos gastos da frota; o mesmo Miltiades morreo na prisaõ por naõ poder pagar semelhante multa, em que fora condemnado Heróe taõ respeitavel, que chegou a renunciar ao Poder Soberano do Chersoneso, para se consagrar inteiramente ao serviço da Patria.

CAPITULO II.

Principios de Aristides, e de Themistocles; invasaõ de Xerxes na Grecia.

Aristides, e Themistocles.

Differẽça dos seus genios, e dos seus principios.

ARISTIDES, e Themistocles, dous Cidadãos illustres, tiveraõ depois da morte de Miltiades, a principal influencia dos negocios publicos. Desde a sua mocidade, a differença de caracter, e de principios excitára entre elles huma grande, e manifesta divisaõ. Aristides de huma vir-

---

marcos. O nosso marco de prata valendo sinco mil e seiscentos reis, o talento Grego valia quinhentos e quatro mil réis. O talento de ouro pezava tambem sessenta arrateis, ou noventa dos nossos marcos. Cada talento tinha sessenta minas, cada mina sessenta drachmas, e cada drachma seis obolos.

O P. Rothe, continuador da Historia Romana de Catrou, avalia cada talento em quinhentos setenta e seis mil reis; M. Goguet em seiscentos sincoenta e nove mil novecentos e noventa reis. Esta he pouco mais, ou menos, a avaliaçaõ dos Authores Inglezes, na Historia Universal.

virtude austera, e inalteravel, abominava tudo o que naõ se podia concordar com a justiça a mais exacta, e merecia a applicaçaõ, que lhe fizeraõ em pleno Theatro, daquelle verso de Eschylo: *quer ser justo, mas naõ o parecer*; elogio completo do homem de bem. Themistocles, ardente, ambicioso, e atrevido, de nenhum modo escrupuloso a respeito dos meios, com tanto que segurassem o exito de qualquer successo, moldando os seus principios á satisfaçaõ das circunstancias, e da fortuna, procurando menos ser estimavel, do que ter admiradores, e sequazes, naõ podia deixar com os seus talentos insignes, como seu Mestre o prognosticára, de fazer ou muito bem, ou muito mal á sua Patria.

Os seus Systemas de Politica differẽ.

Athenas era sempre hum Theatro de disputas. Quando o Governo he máo, em qualquer Estado livre, todos se agitaõ a respeito do fundamento do Governo. Aristides instruido com as Maximas de Lycurgo, o qual puzera ao Povo hum freio necessario, inclinava-se para a parte da Aristocracia. Themistocles declarava-se a favor do Povo, a quem se interessava em lisongear; o appellido de *justo*, concedido geralmente ao seu competidor, naõ offendeo o seu orgulho; porque preveo, que titulo taõ singular desagradaria áquel-

áquelles mesmos que o concediaõ, para os quaes chegaría a ser hum motivo de ciume, e de odio.

Themistocles faz Aristides suspeito.

Com effeito Themistocles, a fim de se livrar daquelle emulo sempre opposto aos seus pareceres, fez valer contra elle o titulo, que attestava a sua virtude, representando Aristides, como hum Juiz Soberano dos processos, como hum Monarca, cuja authoridade fazia a Lei, sem necessitar do apparato do Throno. Os seus Emissarios, enchêraõ o Estado de suspeitas, e o Povo pedio finalmente o Ostracismo. Costumava-se escrever em huma concha (*ostracon*) o nome da pessoa, que se pretendia desterrar. Hum camponez, naõ sabendo escrever, e naõ conhecendo Aristides, dirige-se á elle mesmo, para lhe pedir que escrevesse na sua concha o nome de Aristides. *Que mal te fez esse homem*, lhe perguntou o virtuoso Cidadão? *Nenhum*, respondeo o camponez; *porém estou cançado de ouvir por toda a parte chamar-lhe o justo.* Aristides escreveo o seu nome. Seis mil votos ao menos (porque era necessario este numero) lhe foraõ contrarios. Aristides recebeo a sentença com submissaõ, e disse partindo para o seu desterro: *Peço aos Deoses, que naõ permittaõ que os Athenienses tenhaõ occasiaõ de se lembrarem de Aristides.*

Ostracismo contra Aristides.

The-

Themistocles, depois daquella indigna acçaõ, apparecêra coberto de opprobrio aos olhos da posteridade, sem os serviços manifestos, que logo fez á Patria. Ninguem em quanto á Politica, e á guerra tinha maiores idéas, e era mais proprio para a execuçaõ. Longe de descançar, como os outros Athenienses, sobre os perigos, dos quaes parecia tellos livrado a victoria de Marathonia; Themistocles naõ duvidava, que a guerra, apenas principiada com os Persas, naõ continuasse com furor. O mesmo Themistocles considerava a fraqueza, e os recursos de Athenas; e via que vantajosamente situada para a Marinha, as suas armadas eraõ muito inferiores ás frotas dos Eginetas, seus visinhos; e que com tudo, sómente a Marinha a podia pôr em segurança, augmentar-lhe as suas riquezas, e dar-lhe poder. Themistocles applicando-se pois principalmente a este objecto, persuadio aos Athenienses, que lhe consagrassem a renda das suas minas de prata, posto que estivessem no costume de as repartir para sua particular vantagem. Com aquelle fundo construíraõ-se cem Galéras, as quaes chegáraõ a ser o reparo da Republica.

Prevêçaõ de Themistocles.

Themistocles aplica-se á Marinha.

Sem aquella prevençaõ, e sem aquellas disposiçóes, toda a Grecia estava infal-

Empreza de Xerxes contra a Grecia.

fallivelmente perdida. Dario preparandose para a invadir com todas as forças da Asia, morreo. Porém seu filho Xerxes herdou a sua vingança, á qual accrescentou mais ainda o ardor de huma mocidade altiva, e fogosa (1). Xerxes depois de immensos preparos mandou pedir agua, e terra. Themistocles, a fim de animar mais os seus Cidadãos, tirando-lhe toda a esperança de convenções (porque era necessario ou conservar a liberdade, ou sepultar-se com ella), mandou matar o interprete, que traduzira o Decreto do Rei da Persia. Aquelle passo impunha a necessidade de ser invencivel.

Exercito prodigioso de Xerxes.

Com tudo Xerxes, á testa de hum innumeravel exercito, o qual Rollin, seguindo Herodoto, compõe de sinco milhões e duzentos mil homens, comprehendendo a gente do mar, e todo o acompanhamento do exercito, vinha em triunfo destruir hum pequeno Povo, que elle desprezava. Deodoro de Sicilia diminue muito o numero daquellas Tropas, as-

(1) Xerxes era filho de segundo Matrimonio da Princeza Atossa, filha de Cyro, com a qual Dario casou, occupando já o Throno. Dario preferio Xerxes aos filhos do primeiro matrimonio, e o nomeou seu Successor, como primogenito dos filhos *do Rei*, posto que o naõ fosse dos filhos *de Dario*. Hum Spartano suggerio aquella distincçaõ, dizendo que servia de regra para Sparta.

assim como Plinio, Eliano, e outros muitos Authores. Por muito absurdo que evidentemente seja o calculo de Herodoto, he, segundo dizem, o Historiador mais digno de credito, por viver no mesmo seculo da expediçaõ. Porém basta sómente examinar a sua relaçaõ, os discursos, os sonhos, e as circunstancias, que lhe ajunta, para desconfiar do seu testemunho. Herodoto parece ter mais depressa imitado Homero, do que escrever como Historiador: pois descreve humas vezes Xerxes como hum Filosofo, o qual derrama lagrimas á vista daquella infinita multidaõ, da qual naõ ficará hum unico homem no espaço de cem annos; outras vezes, como hum furioso, e hum insensato, o qual ordena que açoutem o Mar, porque huma tempestade despedaçou a ponte de barcos, pela qual deviaõ passar as suas Tropas o Hellesponto (hoje os Dardanellos); todos quantos emprendêraõ aquella obra saõ condemnados ao supplicio, como se tivessem podido prender com cadeias os ventos, e as ondas. Xerxes, segundo Herodoto, mandou romper o monte Athos, a fim de abrir huma passagem para a sua frota; com tudo os Viajantes modernos attestaõ, que o monte Athos nunca se rompêra.

Herodoto merece pouco credito, a respeito das individuações desta expediçaõ.

Justo motivo para desconfiar dos Gregos.

Como pudéraõ as mentiras dos Gregos impôr a tantos Escritores estimaveis? Em os copiando, tira-se á Historia toda a probabilidade, e prohibe-se todo o uso da Critica. Acaso he pois necessario tambem considerar os Persas, como barbaros, porque os Antigos assim os nomeaõ? e ignora-se por ventura, que aquella Naçaõ era bem governada, e florecente, quando a Grecia estava ainda sepultada em huma horrorosa barbaridade? A vaidade Grega, digna de passar em Proverbio, deve-nos fazer muito circunspectos a respeito das individuações; além de que, poucas vantagens realmente verdadeiras dellas tirariamos.

Demarates Rei de Sparta, refugiado na Persia.

Demarates, hum dos Reis de Lacedemonia, vivia desterrado havia algum tempo; porque na sua Patria, dizia elle mesmo, *a Lei era mais poderosa, do que os Reis*. Demarates tinha procurado hum asylo na Persia, onde gozava de huma consideraçaõ particular. Xerxes, depois da revista das Tropas, tendo-lhe perguntado, se os Gregos se atreveriaõ a esperar por elle, Demarates respondeo livremente, especialmente a respeito dos Spartanos, que o amor da liberdade os faria surdos a todas as proposições; e quando se reduzissem a hum par de combatentes, naõ rejeitariaõ o combate. *Os Sparta-*

O que Demarates diz a Xerxes, a respeito dos Gregos.

tanos, saõ livres, accrescentou Demarates, *porém dominados pela Lei, que lhes ordena ou vencer, ou morrer.* O successo justificou o seu discurso. A Historia passa a ensinar-nos quanto póde a liberdade contra as forças do Despotismo.

Sparta, e Athenas se dispóem para a guerra.

Avisados os Spartanos, e os Athenienses pelo proprio Demarates da invasaõ, que os ameaçava, excitáraõ toda a Naçaõ a pegar nas armas. Porém de huma parte o terror, e da outra parte o ciume do commandamento, separáraõ da liga quasi todos os seus alliados. Nem por isso ficáraõ menos firmes no intento de huma vigorosa defensa. Athenas procurou eleger o seu General. Hum Orador chamado Epicydes, taõ avarento, como presumido, oppôz-se a Themistocles; e como o Povo sempre he facil em se enganar, Epicydes esteve quasi obtendo a preferencia. Themistocles conhecendo a fraqueza de Epicydes o obrigou com presentes a desistir, e se fez eleger General. O bem publico pedia Themistocles. Este he o caso, em que qualquer homem superior sem offender a modestia, póde justificar-se a si mesmo, e desejar com ambiçaõ huns empregos, onde a honra está cercada de perigos.

Themistocles faz-se eleger General.

Euribiades General da Armada.

Posto que os Athenienses tivessem armado as duas terças partes da frota, os

Spartanos lhes disputáraõ o seu mando. Todos os alliados declaráraõ-se pelos ultimos, e deo-se o commandamento a Euribiades, o qual naõ o merecia. Themistocles naõ se oppôz com receio de algum rompimento; porém annunciou aos Athenienses, que naõ se tardaria a lhes ceder aquella honra, com tanto que fizessem o seu dever. Themistocles já tinha mostrado a sua moderaçaõ, apoiando hum Decreto para o perdaõ dos desterrados, e particularmente de Aristides. A uniaõ daquelles dois illustres Competidores em as necessidades da Republica, he huma das lições mais sensiveis do Patriotismo. Adiante veremos os seus effeitos.

Procedimẽto prudente de Themistocles.

Antes de J.C. 480. Combate das Thermopylas.

Finalmente Xerxes chega a Thermopylas, passagem muito estreita, onde o esperavaõ quatro mil homens, ás ordens de Leonidas, Rei de Sparta. Tendo Xerxes tentado inutilmente corrompello, escreve-lhe como Senhor, ordenando-lhe de entregar as suas armas. Leonidas responde como Spartano: *Vem tomallas.* Os inimigos saõ rechaçados, naõ obstante o seu numero prodigioso; e infelizmente descóbrem huma vereda, pela qual ganhaõ a altura, sem serem presentidos. Aquelle posto naõ podia mais defender-se. Leoninidas com trezentos Spartanos, depois de

de ter obrigado os outros Gregos a retirar-se, naõ deixa de accommetter os Persas; consagrando-se a huma morte certa, ou pela gloria da sua Patria, ou para intimidar o inimigo com hum prodigio de valentia. Todos aquelles Heróes morrêraõ no combate, excepto hum unico, que levou a noticia da mortandade a Sparta; onde foi tratado, como hum infame desertor, até desvanecer gloriosamente a sua infamia em a primeira occasiaõ. Os Amphictyões mandáraõ pôr depois nas Thermopylas a seguinte inscripçaõ, admiravel pela sua mesma simplicidade. *Passageiro, annuncía a Lacedemonia, que nós morremos aqui todos por obedecer ás suas Leis.*

Leonidas morreo neste cõbate com os seus Spartanos.

Xerxes perdeo vinte mil homens na passagem das Thermopylas; pequena perda para hum taõ numeroso exercito. Sem lhe suppôr, seguindo os Historiadores muito credulos, tres milhões de combatentes, nem ainda a quarta parte deste numero, os seus inimigos, cujo exercito se compunha sómente de onze mil e duzentos homens, pareciaõ naõ poder escapar da ultima ruina. Xerxes continuou a sua derrota; o incendio, e a assolaçaõ indicava os seus passos. Tendo-se informado Xerxes do que os Gregos faziaõ, disseraõ-lhe que estavaõ nos Jogos Olympi-

Os Gregos nos Jogos Olympicos, a pezar do perigo.

pi-

picos; deraõ-lhe huma idéa daquelles Jogos, onde huma simples Coroa de oliveira excitava tanta emulaçaõ. *Que homens*, exclamou hum Satrapa, *que homens que sómente combatem pela honra.*

Athenas naõ tem mais recursos, senaõ na sua frota. Themistocles faz abandonar a Cidade.

Com tudo Athenas estava em grande perigo. Os Póvos do Peloponneso abandonavaõ Athenas para se entrincheirar por detraz do Isthmo de Corintho. O oraculo tinha declarado que Athenas naõ acharia a sua salvaçaõ senaõ *em as muralhas de madeira.* Aquelle Oraculo inspirado provavelmente por Themistocles, lhe procurou os meios de conduzir o Povo para onde quizesse. Vendo Themistocles, que a Cidade naõ estava em estado de se defender contra hum diluvio de inimigos, e que sómente o Mar offerecia hum asylo para os Cidadãos, persuadio, que os muros de madeira eraõ as náos, e que os mesmos Deoses ordenavaõ que se embarcassem. Como a Religiaõ prendia os Athenienses aos seus Lares, ás suas Sepulturas, e aos seus Templos, era necessario separallos de tudo com outro superior motivo de Religiaõ. Além de que, Themistocles teve grande trabalho para mandar passar hum Decreto, ordenando que Athenas ficaria em deposito debaixo da protecçaõ de Minerva; que todos os Cidadãos que podessem

sem servir, se embarcariaõ; e que cada qual cuidaria na segurança da sua familia.

Xerxes, Senhor de Athenas.

Separáraõ-se derramando torrentes de lagrimas. A Cidade de Trezene em a Argolida, recebeo generosamente a maior parte das mulheres, dos meninos, dos homens velhos, e deo as providencias para a sua subsistencia. Alguns Cidadãos obstináraõ-se em naõ partir, encerráraõ-se na Cidadella, cujos muros sendo de madeira, lhes pareciaõ indicados pelo Oraculo, e nella se defendêraõ até á morte. Xerxes queimou aquella fortaleza, e gozou do prazer da vingança, sem prever a revoluçaõ, que o ameaçava.

CAPITULO III.

Batalhas de Salamina, de Plateas, e de Mycale; os Persas lançados fóra para sempre da Grecia.

Disputa de Themistocles, e de Eurybiades.

O PRIMEIRO combate naval (perto de Artemisio) sem ser decisivo, tinha sido vantajoso para os Gregos; pois os acostumava, e instruia na manobra, e lhes ensinava que podiaõ fazer frente ao inimigo, naõ obstante a superioridade das

das suas forças. Os Gregos tinhaõ-se ajuntado no estreito de Salamina; onde fizeraõ conselho a respeito do partido, que era necessario tomar. Eurybiades queria juntamente com o maior numero vencer o Golfo de Corintho, para estar prompto a defender o Peloponneso. Themistocles sustentava, que abandonar o estreito, onde a frota dos Persas naõ podia obrar livremente, seria hum erro inexcucusavel. *Dá, porém ouve*, disse Themistocles a Eurybiades, o qual com o ardor da disputa, cegava-se até levantar o bastaõ para lhe dar. Aquella palavra fez huma tal impressaõ em o Spartano, que se deixou governar depois por Themistocles. Felizmente ignorava-se a falsa honra, que os Barbaros introduziraõ entre nós; sabia-se ou desprezar huma injuria, ou vingar-se gloriosamente.

Presumpçaõ de Xerxes.

Se Xerxes seguira o conselho de Artemisa, Rainha de Halicarnasso, heroina prudente, qne o acompanhava; teria evitado huma batalha perigosa; e adiantando-se vagarosamente, teria destruido os Gregos sem correr risco algum. O seu orgulho naõ dava ouvidos á razaõ. Nada lhe parecia capaz de resistencia.

Themistocles attrahe a Xerxes para o laço.

Themistocles, a fim de attrahir a Xerxes no laço, mandou-lhe annunciar occultamente, que os Gregos se dispunhaõ a re-

retirar-se de Salamina, e que entaõ perdería a occasiaõ de arruinar a sua frota de hum só golpe. Aquelle aviso o decidio. Xerxes deo promptamente ordem para combater; e postou-se em hũma altura, d'onde a sua presença devia animar as Tropas: hum grande Principe as teria animado com o exemplo, e com a acçaõ.

Aristides, e Themistocles unidos para defenderem a Patria.

Em aquelle tempo he que Aristides, o qual commandava em Egina, veio unir-se com Themistocles, como verdadeiro Cidadaõ, cujo zelo naõ pode esfriar huma inimizade pessoal. Depois de Aristides ter convidado Themistocles para acabar toda a dissençaõ, offereceo-se para servir debaixo das suas ordens, e para o ajudar com os seus conselhos. Themistocles era homem muito grande para deixar de conhecer o valor daquelles offerecimentos. Desde aquelle instante huma confiança mutua os unio; presagio infallivel do bom successo.

Batalha de Salamina.

Assim a batalha de Salamina, como a batalha de Marathonia, mostrou que hum excellente General vale tanto como hum exercito. Themistocles, sem ter aquelle titulo, fez as suas funcções; e soube tomar a vantagem do vento, pondo huma ordem admiravel nas disposições da frota. As náos dos Persas, peza-

zadas, e embaraçadas por causa do seu numero, e da pouca largueza do estreito, naõ pudéraõ resistir contra a manobra dos Gregos. Estes com menos de quatrocentas vélas destroçáraõ huma armada naval, onde se contavaõ mais de duas mil vélas. A Rainha Artemisa deo occasiaõ, por causa do seu animo, para se dizer, que as mulheres pareciaõ homens, e os homens mulheres. O grande Rei fugio vergonhosamente. Por causa de hum falso aviso, dádo industriosamente por Themistocles, que se cuidava em demolir a sua ponte de barcos, Xerxes se apressou a tornar a passar para a Asia, deixando a Mardonio trezentos mil homens (segundo os Historiadores Gregos) para reparar aquelle desastre.

Xerxes fugio para a Asia.

Mardonio, posto que presumido, e imprudente, sabia que a victoria naõ depende do numero das Tropas. Dividir os Gregos, pareceo-lhe hum meio mais efficaz para os vencer. Mardonio mandou o Rei de Macedonia para fazer proposições vantajosas aos Athenienses: aos quaes tambem promettia dar-lhes o governo da Grecia, se se separassem dos alliados. Aristides era primeiro Archonte; em o seu coraçaõ nada podia a seducçaõ. A sua resposta foi, na presença dos Embaixadores de Sparta, que nem todo o ouro, nem

Mardonio pretende enganar os Athenienses.

Resposta de Aristides.

nem todas as promessas do Mundo corromperiaõ a virtude dos Athenienses; que sempre seriaõ os inimigos mortaes dos Persas; em os quaes vingariaõ eternamente as infelicidades, que a sua Patria tinha soffrido por sua causa. Aristides mandou pronunciar anathemas contra qualquer, que propuzesse a alliança dos Persas, ou atraiçoasse a alliança nacional: sentimentos taõ bem impressos em os corações, que hum Atheniense sendo de parecer, que se ouvisse hum Deputado de Mardonio, foi no mesmo instante apedrejado, e as mulheres furiosas apedrejáraõ seus filhos, e sua mulher, como criminosos. O Direito das Gentes prevaleceo nesta occasiaõ ás Leis Civís; porque despediraõ o Deputado sem o insultarem.

Sentimẽtos dos Athenięses a respeito dos Persas.

Para sustentar semelhantes procedimentos, era necessario huma constancia experimentada em todas as calamidades da guerra. Mardonio cahio sobre Athenas, e acabou de a destruir. Os Athenienses tinhaõ-se retirado, como antecedentemente, para Salamina. Os Spartas naõ se tinhaõ apressado muito para os soccorrer, reservando as suas tropas para a defeza do Peloponneso. Porém movidos finalmente das queixas dos seus alliados, mandáraõ marchar sinco mil

Os Spartanos mãdaõ hum exercito.

Ci-

Cidadãos, com sete Helotes cada hum. O exercito Grego achou-se poderoso com setenta mil homens ao menos, entre os quaes sómente se contaõ oito mil Athenienses. Aquelle exercito era sufficiente para fazer frente a hum máo General, e a huma multidaõ de gente sem disciplina. Pausanias, tutor de hum Rei de Sparta, tinha o Commandamento; os Athenienses tinhaõ Aristides á sua frente.

Antes de J.C. 479. Batalha de Plateas.

Todos marcháraõ para a Beocia, a qual os inimigos preferíraõ á Attica para campo de batalha, por ser huma terra descoberta, plana, e mais favoravel para os grandes exercitos. Mardonio, receando a falta dos viveres, e entregando-se á sua impetuosidade natural, quiz combater, a pesar das representações de hum dos seus melhores Officiaes. O desprezo dos bons conselhos conduz ordinariamente ao precipicio. A batalha de Plateas naõ foi menos fatal para os Persas, do que a batalha de Salamina. O seu imprudente General cahio morto de huma ferida; hum corpo de quarenta mil homens salvou-se, fugindo precipitadamente: quasi todo o resto ficou derrotado. Nunca os Persas entráraõ depois na Europa.

Moderaçã de Pausa-

Propondo hum Egineta a Pausanias de vingar no cadaver de Mardonio, os ul-

ultrajes feitos ao cadaver de Leonidas, o qual foi tratado indignamente pelos inimigos, respondeo com huma nobre altivez, que se conhecia bem pouco a gloria, se a faziaõ consistir em imitar os Barbaros; que Sparta gloriava-se da moderaçaõ, e naõ de huma vil vingança; e além de que, os Spartanos estavaõ sufficientemente vingados com a morte de tantos milhares de Persas. Pausanias, poucos dias depois do combate, a fim de dar huma liçaõ interessante aos seus Officiaes, mandou preparar hum banquete com todo o luxo Asiatico, e hum jantar pequeno conforme a frugalidade de Sparta. O contraste era assaz persuasivo. *Que loucura*, exclamou Pausanias, *concebeo Mardonio acostumado a viver taõ deliciosamente, a vir accommetter huns homens, que sabem passar por tudo!* Todavia os despojos de Plateas corrompèraõ os costumes daquelle mesmo General.

———
nias depois da victoria.

A emulaçaõ naõ tinha contribuido menos que a virtude para os successos dos Gregos. Cada Povo pretendia o premio do valor, que solemnemente se decretava por authoridade publica. Os Athenientes, e os Spartanos, depois da batalha de Plateas, o disputáraõ entre si com tal ardor, que podia degenerar em violencias. O unico meio para os socegar;

———
Os Spartanos, e os Athenienses disputaõ entre si o premio do valor.

gar, foi unir os votos a favor de outro qualquer Povo. O premio foi concedido aos Plateenses, Aristides, e Pausanias subscrevêraõ naquella sentença. Quando a gloria he o primeiro movel de qualquer Naçaõ, o seu heroismo chega a ser como natural; hum ramo de louro basta para excitar os maiores esforços: parecería infame, e vergonhoso avaliar o merecimento a dinheiro. Isto he o que a Historia das Republicas antigas offerece muitas vezes á nossa admiraçaõ. A victoria de Salamina contribuio muito para que Themistocles tivesse a honra de vêr todos os Gregos levantarem-se na sua presença em os Jogos Olympicos, e de o contemplar com respeito como seu Libertador. O mesmo Themistocles confessava que aquella recompensa era superior aos seus proprios desejos.

Recõpésa de Themistocles.

Huma emulaçaõ taõ nobre, o amor da liberdade, e da Patria, huma disciplina exacta, e sobre tudo a habilidade dos Generaes Gregos, comparadas com o espirito de vileza, e de escravidaõ, com o abatimetto dos Persas, com o louco orgulho, e com a infame cobardia de seu Soberano, e finalmente com a imprudencia dos seus Generaes, explicaõ o exito daquella guerra. Como he possivel, que milhões de combatentes, com

Causas do successo dos Gregos nesta guerra.

com Chefes sómente mediocres, podessem frustrar, para assim dizer, os seus intentos contra hum atomo? O numero sómente naõ devia opprimir os Gregos, com tanto que huma cabeça dirigisse a acçaõ dos membros? A Grecia dividida, e cheia de traidores naõ era huma preza facil para o Monarca da Asia? Era necessario hum Xerxes, e hum Mardonio, tambem era necessario hum Themistocles, hum Aristides, e hum Pausanias, para que os successos se voltassem de hum modo taõ estranho.

Xerxes vẽcido tambem na Asia.

Os Persas derrotados na Europa, tambem foraõ destruidos na Asia, em o combate naval de Mycale, que se deo no mesmo dia, em que se deo a batalha de Plateas. Os Gregos, com o soccorro dos Jonios, acabáraõ de arruinar a frota, e o exercito de Xerxes, que fugio de Sardes, onde estava, depois de ter ordenado que todos os Templos das Colonias Gregas fossem queimados, e demolidos.

Xerxes mandou queimar os Templos.

A impiedade naõ dictou aquella ordem, pois que a Religiaõ dos Magos proscrevia os Templos, e os Idolos. Reconheçamos aqui a fraqueza de hum Principe cobarde, o qual naõ se atrevendo a combater homens, vinga-se nas paredes da sua ignorancia; ou o qual tendo exhaurido loucamente os seus cofres,

fres, procura hum recurso na pilhagem dos Templos, e deste modo se faz abominavel aos Póvos, que antecedentemente contava entre os seus vassallos. Desde aquelle tempo todas as Cidades da Jonia entráraõ na confederaçaõ.

CAPITULO IV.

Restabelecimento de Athenas, a pesar do ciume de Sparta. —— Administraçaõ de Aristides.

Principios de divisaõ entre Sparta, e Athenas.

SE os Gregos fossem taõ prudentes como valerosos, naõ pensariaõ senaõ em se unir mais estreitamente. A sua força dependia daquella uniaõ, cuja necessidade deviaõ conhecer. Que huma mutua emulaçaõ os inclinasse a exceder huns aos outros, era hum bem; com tanto que naõ degenerasse em odioso ciume; porém a ambiçaõ ordinariamente funesta aos grandes Imperios, he a ruina dos Estados pequenos. As duas Republicas competidoras com as suas victorias fizeraõ-se inimigas; o mal que ambas estas Republicas fizeraõ a si mesmas, foi infinitamente maior em comparaçaõ daquelle, que os Persas lhes fizeraõ. Sigamos os progressos,

sos, e as consequencias daquella discordia, cuja semente occulta logo se manifestou, e fez nascer funestos intentos, os quaes annunciavaõ a guerra civil.

Sparta oppõe-se ao intéto de se reedificar Athenas.

Os Athenienses pensáraõ em reedificar, e em fortificar a sua Cidade, assim que a derrota completa dos Persas dissipasse os seus temores. Nada era nem mais justo, nem mais necessario. Com tudo os Athenienses encontráraõ hum obstaculo em a politica ambiciosa de Sparta, a qual olhando ciosamente para o seu poder maritimo, e para a gloria, que acabavâõ de adquirir, receava vêr passar para o seu poder o Commandamento. Sparta allegou falsos pretextos do bem publico. O interesse da Grecia, segundo a mesma Sparta dizia, necessariamente pedia, que naõ se consentisse Praça alguma forte, fóra do Peloponneso, com temor que o inimigo naõ fizesse della huma Praça de armas, no caso de nova invasaõ. Themistocles julgou que devia oppôr o artificio áquella injusta Politica. Em quanto o mesmo Themistocles entretinha os Spartanos com demoras, e com palavras; homens, mulheres, e rapazes, todos á porfia trabalhavaõ nos muros de Athenas, do que Sparta se queixa alta, e poderosamente. Themistocles negando o facto, pede que o man-

Themistocles engana os

Spartanos; e ao depois lhes falla com resoluçaõ.

dem verificar no proprio sitio. Mandaõ-se Deputados: Themistocles passa occultamente a Athenas, para que os conservem em refens. Quando tudo está prompto, o mesmo Themistocles declara, que os Athenienses usáraõ do Direito commum em darem providencia á sua segurança; que a Cidade se acha em estado de defeza; que depois de tantos serviços, feitos á Grecia, naõ se póde sem injuria suspeitar os Athenienses de máos intentos; que Sparta naõ tem razaõ de querer estabelecer o seu poder sobre a fraqueza dos seus alliados; e que de resto, elle se naõ envergonha de ter empregado a astucia, porque *tudo he permittido para o bem da Patria.* Os Spartanos dissimuláraõ, naõ podendo publicar o seu resentimento.

Projecto injusto de Themistocles para augmẽtar o poder de Athenas.

Ha sem duvida circunstancias, em que a astucia se faz necessaria contra a força, e a má fé; porém o principio de Themistocles naõ póde authorisar a perfidia, e a injustiça. Acaba-se de admirar aquelle grande homem, desde que cessa de respeitar as Leis inviolaveis, que devem presidir tanto ao procedimento dos Governos, como ao procedimento dos particulares. Nós passamos a julgar da sua Politica. Themistocles, depois de levantar Athenas, queria fazer della a pri-

mei-

meira Cidade da Grecia, e segurar-lhe o Commandamento, do qual Sparta se mostrava muito ciosa. O porto do Pireo, edificado por vigilancia sua, hum decreto para augmentar vinte náos cada anno á sua frota, privilegio para attrahir hum grande numero de Officiaes, e de marinheiros, todas estas medidas annunciavaõ prudencia; pois que o Mar era propriamente o recurso da sua Patria. Themistocles naõ parou aqui. Elle pede hum dia á Assembléa do Povo, que lhe nomeem alguem, para com elle conferir a respeito de hum intento da ultima importancia, o qual de sua natureza necessariamente pedia grande segredo. Olha-se para Aristides, e referem-se ao seu Juizo. Themistocles communica-lhe o projecto de queimar a frota dos alliados, meio infallivel para fazer Athenas árbitra de toda a Grecia. O parecer de Aristides foi tal, como a virtude o devia dictar, declarando que nada haveria mais util, porém ao mesmo tempo mais injusto, do que o projecto de Themistocles; e todos os votos seguiraõ o partido da equidade.

Aquelle projecto reprovado como injusto.

A utilidade daquelle plano era ao menos muito duvidosa, posto que Aristides assim o pensasse. A Grecia justamente indignada, naõ deixaria de unir os seus es-

Projecto que só desgraças produziria.

esforços contra huma Cidade perjura; o odio publico a perseguiria, e a sua gloria desappareceria para sempre; e qual seria em fim a vantagem, que pudesse compensar os perniciosos effeitos daquella empreza? Se o alvo da Politica he a felicidade das Nações, nunca a poderá alcançar senaõ segundo as regras da Moral; porque toda a injustiça expõe a desgraça, quando mais naõ fosse senaõ pela infamia, que a acompanha.

Themistocles impede, que a cõfederaçaõ dos Gregos se enfraqueça.

Themistocles mostrou muito maior prudencia na Assemblea dos Amphictyões. Os Spartanos propunhaõ excluir daquella Assembléa todos aquelles, que naõ tivessem pegado nas armas contra Xerxes. Os Thessalios, os Argivos, os Thebanos, e outros muitos, sendo daquelle numero, e a liga dos Amphictyões naõ comprehendendo senaõ trinta Cidades, pela maior parte muito mediocres, o Decreto proposto, ou a poderia anniquilar, ou a poria á discriçaõ de duas, ou tres Cidades principaes. Themistocles oppôz-se aos Spartanos, e as suas razões vencêraõ. O mesmo Themistocles naõ tinha outra idéa, senaõ o interesse particular de Athenas, assim como tambem os Spartanos naõ procuravaõ senaõ dominar no Conselho Amphictyonico; porém o seu parecer era vantajoso para toda a Grecia:

o bem

o bem publico requeria, que antes se apertassem os laços da confederaçaõ, do que desunir os seus Membros.

Decreto popular de Aristides.

Por outra parte o Povo movia-se em Athenas, e queria tirar aos ricos a pouca authoridade, que a Democracia lhes deixava. Aristides julgando que devía ceder ao violento impeto popular, regulou por hum Decreto, que o Governo fosse commum para todas as classes de Cidadãos, e que os Archontes podessem ser eleitos indifferentemente entre o Povo, e entre os ricos. Naõ ficava quasi mais freio algum para a vida licenciosa.

Antes de J. C. 476. Pausanias corrõpido depois da victoria de Plateas.

Com tudo Athenas hia chegando ao instante de tirar a Sparta a sua antiga superioridade sobre a Grecia. Para o que naõ necessitou, senaõ do merecimento de alguns Cidadãos, e dos erros de hum Spartano corrompido. Os Gregos mandáraõ huma frota, destinada para libertar do dominio Persiano todos os alliados, que soffressem ainda o seu jugo. Pausanias mandava em Chefe aquella frota; Aristides, e Cimaõ, filho de Miltiades, conduziaõ os Athenienses. Pausanias insolente, e voluptuoso depois da sua victoria de Plateas, sómente conservava huma sombra dos costumes da sua Patria. O desgosto da virtude dispõe para o crime. Pausanias já meditava huma trai-

çaõ,

çaõ, parecendo ainda servir a Grecia. A sua altivez, o seu fasto, a sua aspereza, os modos, e a magnificencia dos Persas, que principalmente affectou, excitáraõ a indignaçaõ dos alliados; ao mesmo tempo que os dous Generaes de Athenas lhes inspiravaõ o respeito, e a confiança com hum procedimento, cheio de equidade, de prudencia, e de docilidade. Declaraõ-se logo; puzeraõ-se debaixo da protecçaõ de Athenas, e cedêraõ-lhe o o commandamento: Sparta teve moderaçaõ bastante, e prudencia para o renunciar. Que gloria teria Athenas perdido, se tivesse seguido antecedentemente o conselho odioso de Themistocles!

O Cõmãdamento cedeo-se aos Athenienses.

Suspeito Pausanias de entreter intelligencias com o inimigo, foi chamado. Pausanias exercitava o Poder Real, como tutor de hum Rei ainda moço; porém sempre sujeito ao juizo dos Eforos pelas Leis de Sparta. Huma das suas cartas, escrita a Xerxes, foi a prova evidente do seu crime. O mesmo Pausanias naõ podendo evitar aquella prova, refugiou-se ao Templo de Pallas. Ninguem se atrevia a tirar Pausanias daquelle asylo, tapou-se a porta com huma parede; e sua propria mãi accarretou ansiosamente as pedras. Os Eforos o deixáraõ morrer á fome. Como a superstiçaõ se intro-

Sparta chama, e castiga Pausanias.

duz

duz insensivelmente em toda a parte, temeo-se logo ter violado o templo; e o Oraculo de Delfos, consultado a respeito daquelle objecto, ordenou, que ahi levantassem duas Estatuas em honra do criminoso, a fim de pacificar a Deosa Pallas.

Themistocles desterrado pelo Ostracismo, e accúsado depois, como cōplice de Pausanias.

Themistocles algum tempo antes tinha soffrido o Ostracismo. O seu desterro era o fruto do odio, que todos lhe tinhaõ, por exaltar muito os seus serviços. Demais disso Themistocles merecia grandes reprehensões; e huma fortuna immensa, adquirida depois que se mettia em os negocios, provava bastantemente, que a sua regra naõ era sempre o interesse publico. Os Spartanos accusáraõ Themistocles, como complice de Pausanias, do qual tinha sido com effeito confidente, porém cujos intentos sempre reprovára. O Povo de Athenas julgando Themistocles culpado, quiz fazerlhe o seu processo. Themistocles fugindo de hum para outro lugar, refugiou-se na Corte de Admeto, Rei dos Molossos; o qual a pesar de motivos antigos de inimizade, recusou generosamente entregallo aos seus inimigos. Huns amigos zelosos salváraõ a maior parte dos seus thesouros. Naõ obstante confiscáraõ-se cem talentos; a sua primeira fortuna

naõ

naõ tinha sido senaõ de tres talentos.

Aristides é carregado das rédas da Grecia.

Hum admiravel desinteresse realçou, pelo contrario, o credito, e a gloria de Aristides. Até áquelle tempo, a repartiçaõ das quantias de dinheiro, que os alliados davaõ para a guerra, tinha excitado muitas murmurações, por naõ estar sujeita a regras justas. Quando Athenas se vio de posse do Commandamento, formou-se outro Systema, para estabelecer a boa ordem em as rendas publicas, cuja boa administraçaõ decide principalmente da prosperidade dos Póvos. Resolveo-se determinar os impostos á proporçaõ das rendas de cada Cidade, e ter hum Thesouro commum na Ilha de Delos. O mais difficultoso era achar hum homem capaz de executar aquelle Plano. Uniraõ-se todos os votos a favor de Aristides. A sua integridade justificou huma eleiçaõ taõ gloriosa. Aristides impôz os tributos, manejou as rendas do Estado, como homem taõ illustrado, como incorruptivel; e conseguio contentar a todos (prodigio inaudito!), e sustentar todas as despezas com quatrocentos e sessenta talentos, por causa de huma tal economia, que parecia duplicar o Thesouro. Depois de Aristides, os impostos se augmentáraõ consideravelmente: o que todos deviaõ esperar.

Aquel-

Aquelle grande Homem conservou a sua pobreza, dispondo das rendas da Grecia. Callias, seu proximo parente, o mais rico dos Athenienses, tendo sido accusado, o accusador o reprehendia, como de hum crime, da indigencia, em que deixava Aristides com a sua familia. Callias, a fim de se lavar daquella reprehensaõ, protesta ter muitas vezes, e sempre inutilmente instado com Aristides, para receber grandes quantias de dinheiro, para as suas necessidades; para o que appella para o seu proprio testemunho. Aristides o confessa, accrescentando que os desejos superfluos multiplicaõ as necessidades do homem, e que os meios de naõ ter nem cuidados, nem embaraços, era limitar-se, como elle, em o puro necessario.

Admiravel desinteresse de Aristides.

Aristides morreo em aquella honrosa pobreza. A Republica fez os gastos das suas exequias, e se encarregou de sustentar a sua familia. Plataõ, com huma só palavra põe Aristides superior a tudo quanto havia de maior naquelle tempo. Aristides applicou-se, diz Plataõ, *a encher Athenas de virtude.*

Sua morte na pobreza.

CA-

CAPITULO IV.

Cimaõ augmenta a gloria de Athenas.

Cimaõ digno Successor de Aristides.

HUm digno discipulo de Aristides teve depois delle a suprema authoridade. Cimaõ augmentou tambem a gloria da sua Patria, naõ sómente com as suas façanhas, mas tambem com aquella virtude suave, e com aquella invariavel probidade, que tem tanto imperio nos coraçóes. Huma mocidade desordenada o expozera no principio ao desprezo do Povo. O seu exemplo prova que se os descaminhos da primeira idade saõ sempre nocivos, ao menos pódem-se reparar.

Sua Politica.

As lições do mais justo de todos os Gregos tendo formado Cimaõ politico, e igualmente virtuoso, elle fez progressos todos os dias na carreira do merecimento. Athenas lhe era devedora em parte do Commandamento. Cimaõ voltou a inquietaçaõ dos Cidadãos contra os inimigos exteriores; tomou aos Persas quantidade de Praças; accommetteo, e destruio a sua frota; alcançou no mesmo dia huma grande victoria contra o seu exercito de terra; expulsou os Persas

Seus successos cõtra os Persas.

sas da Thracia; sujeitou a Ilha de Thasa depois de hum sitio de tres annos, e diffundio o terror até á Corte do grande Rei.

Themistocles refugiado na Corte de Artaxerxes.

Xerxes havia sido assassinado. Artaxerxes, seu filho, por appellido o Longimano, reinava naquelle tempo. Themistocles, sempre perseguido pelos Gregos, naõ achando segurança alguma na Europa, se tinha retirado para a Corte daquelle Principe, cuja confiança adquirio, jurando hum implacavel odio á sua Patria. Conforme Plutarco, querendo o Rei da Persia alguns annos depois mandar Themistocles para o centro da Attica, a fim de lhe fazer a guerra, o mesmo Themistocles se envenenou para se livrar de huma commissaõ, que o mortificava, e para a qual sentia grande repugnancia. Pelo contrario, Thucydides, quasi contemporaneo de Themistocles, o julgava morto de enfermidade. (1)

Deve-se vituperar, e admirar Themistocles.

Themistocles foi hum daquelles homens, quasi taõ dignos de vituperio, como de louvor, cujo engenho arreba-

ta

(1) Themistocles naõ morreo, senaõ depois do desterro, e do perdaõ de Cimaõ. A connexaõ das idéas me faz anticipar alguma cousa a respeito das datas. Neste lugar naõ se faz hum Compendio Chronologico; mas sim deve ser huma Obra de discurso.

ta a admiraçaõ, e cujo coraçaõ parece muitas vezes desprezivel. Themistocles salvou à Grecia, e creou o poder de Athenas. Qualquer Povo agradecido lhe teria perdoado muitas culpas. Louva-se com razaõ, o que Themistocles disse, depois de ter dado sua filha a hum homem honrado pobre: *Eu prefiro mais depressa o merecimento sem bens, do que os bens sem merecimento*; porém o mesmo Themistocles tinha ajuntado com que enriquecer sua filha, e o seu genro.

Os Egypcios rebellados contra os Persas, e vencidos.

Os Egypcios, tendo-se rebellado contra os Persas, foraõ soccorridos pelos Athenienses, os quaes logo lhes fizeraõ ganhar batalhas. Se o Egypto tivesse sido taõ bellicoso, como a Grecia, e taõ cioso da liberdade, teria sem duvida, aproveitando-se das circunstancias, restabelecido a sua reputaçaõ. A guerra acabou por huma nova escravidaõ. Os Persas, posto que frouxos, conservavaõ huma grande superioridade sobre aquelle Povo. Os mesmos Athenienses, cujo numero era insufficiente, foraõ derrotados pelos Persas. Artaxerxes tinha sollicitado os Spartanos contra Athenas, sem que nem os seus offerecimentos, nem o ciume os podessem obrigar a atraiçoar a confederaçaõ. Com tudo hum funesto fermento de discordia devia dividir lo-

go

go cruelmente as duas Republicas.

Antes de J. C. 470. Infelicidades de Sparta.

As frequentes, e continuas infelicidades, que Sparta experimentou, serviraõ para manifestar os sentimentos, que os Athenienses tinhaõ por Sparta. Hum horroroso terremoto derribou quasi todas as suas casas; os Helotes quebráraõ as suas cadeias, armáraõ-se, e uniraõ-se com os Messenienses, e com outros inimigos de seus Senhores. Nesta extremidade reclamou-se o soccorro de Athenas. O Orador Ephialtes, sequaz de Pericles, o qual entaõ já tinha grande credito, sustentou que longe de soccorrer a ambiciosa competidora de Athenas, era necessario congratular-se da sua desgraça, e deixalla sepultada debaixo das suas ruinas. Cimaõ era dotado de muitas luzes, e de grandeza de alma, para consentir que se adoptasse aquella falsa Politica. O mesmo Cimaõ, independentemente da fé dos Tratados, do interesse commum da Grecia, e dos principios de generosidade, e de honra, via que Sparta era hum freio necessario para a desenvoltura dos Athenienses. Cimaõ combateo fortemente os pretextos especiosos da ambiçaõ; mostrou que naõ se devia deixar, *nem a Grecia coxa, nem Athenas sem contrapezo.* Finalmente persuadio; e encarregádo elle mesmo de

Cimaõ determina que os Atheniẽses soccorraõ Sparta.

le-

levar o soccorro, satisfez a sua commissaõ, como verdadeiro compatriota.

Guerra étre as duas Republicas.

Algum tempo depois, tendo os Spartanos os mesmos inimigos para combater, valêraõ-se tambem de Athenas. Cimaõ ainda lhes conduzio tropas; porém os Spartanos naõ as acceitáraõ, por causa de huma desconfiança injuriosa. Aquelle insulto enfureceo a infima plebe de Athenas; a qual vingou-se em hum Homem o mais innocente, e o mais respeitavel. Cimaõ foi desterrado pela parcialidade de Pericles, como se tivesse favorecido Sparta contra os interesses da sua Patria. Nós veremos no Capitulo seguinte as máquinas, que Pericles empregava para dominar. Logo a guerra se atea entre as duas Republicas. O illustre desterrado chega ansioso a offerecer os seus serviços ao exercito Atheniense. Ordena-se-lhe que se retire. Os seus amigos, em numero de cem, suspeitos como elle, e querendo dissipar as injustas suspeitas, animados pelas suas exhortações, perdem a vida em huma batalha. Os Athenienses foraõ vencedores em Tanagre, na Beocia; triste preludio dos horrores, que a discordia devia produzir.

Desterro injusto de Cimaõ.

Cimaõ perdoado.

As preoccupações contra Cimaõ dissipáraõ-se, porque todos os dias se via, quanto era nociva a sua ausencia. Cimaõ foi

foi chamado depois de sinco annos; Pericles, seu proprio competidor propôz o Decreto. Aquelles exemplos de Patriotismo reparavaõ ao menos de tempos em tempos os erros das paixões. O primeiro cuidado do virtuoso Cidadaõ foi concluir huma tregoa com os Spartanos. Cimaõ tomou novamente depois o seu excellente Systema de occupar os Athenienses contra os Estrangeiros inimigos, ou a fim de augmentar o seu poder por meios legitimos, e gloriosos; ou a fim de determinar a sua inquietaçaõ, e de prevenir os effeitos das suas intrigas. O mesmo Cimaõ alcançou novas victorias contra os Persas; e acabava a conquista da Ilha de Chypre, para dalli passar ao Egypto, onde os inimigos tinhaõ tido consideraveis vantagens. O Throno de Cyro parecia estar naquelle tempo ameaçado de huma proxima rebelliaõ.

Cimaõ acaba a guerra civil, e occupa os Athenienses cantra os Persas.

Artaxerxes teve a prudencia de procurar a paz. Fez-se hum Tratado, cujas condições saõ as seguintes: Que todas as Cidades Gregas da Asia fossem livres, e que podessem eleger as leis, e o Governo que melhor lhes conviesse; que os Persas naõ navegariaõ mais desde o Mar Negro, até ás costas de Pamfilia; que nenhum dos seus Generaes chegaría áquelles Mares com tropas, em distan-

Antes de J. C. 449. Tratado de Artaxerxes cõ os Gregos.

tancia de tres dias de jornada; e que os Athenienses naõ commetteriaõ hostilidade alguma contra os Estados do Rei. A guerra Medica (este he o nome que se lhe dá) tinha durado sincoenta e hum annos depois da tomada, e do incendio de Sardes. Aquella guerra em o curso ordinario das cousas humanas deveria arruinar inteiramente a Grecia; com tudo a Grecia triunfou. Naõ se póde observar bastantemente, que aquelle prodigio fosse muito mais a obra do engenho, e da sabedoria, do que do valor. Miltiades obrou grandes façanhas em Marathonia, e Pausanias em Plateas; porém os conselhos de Themistocles, de Aristides, e de Cimaõ, obráraõ ainda maiores façanhas. A Marinha, e as rendas entre as suas mãos eraõ as origens fecundas da prosperidade publica.

Fim da guerra Medica.

A morte de Cimaõ foi huma perda irreparavel. Rico, e desinteressado, as suas riquezas sem manchar a sua virtude, a fizeraõ mais vantajosa para os Cidadãos, a quem em todo o tempo estavaõ abertos os seus jardins; a sua meza moderada, e abundante, era a meza dos pobres, e dos seus amigos; e longe de captar por aquelle meio o favor do Povo, declarou-se sempre contra os abusos da Democracia. Cimaõ foi criminado

Morte de Cimaõ: sua virtude em as riquezas.

de

de ser justo, e moderado para com os Spartanos. Deste modo he que julgaõ as paixões.

LIVRO III.

Desde o Governo de Pericles, até ao Reinado de Filippe de Macedonia.

CAPITULO I.

Governo de Pericles, até á guerra do Peloponneso.

Caracter de Pericles.

EDUCOU-SE em Athenas hum engenho, taõ vasto, taõ profundo, e mais cultivado com o estudo, que nenhum daquelles, dos quaes tinha a mesma Athenas recebido tanta gloria, porém mais perigoso, se abusasse dos seus talentos. Fallo de Pericles, homem de illustre nascimento, de hum gosto exquisito, de huma admiravel sagacidade, grande Orador, grande Politico, algumas vezes grande Cidadaõ, e o qual com tudo causou muito damno á sua Patria, porque teve a ambiçaõ de a dominar.

Sua eloquencia aperfeiçoada com a Filosofia.

O seu instrumento principal para a execuçaõ dos seus intentos, foi a Eloquencia; aquella Arte, humas vezes divina, outras vezes funesta, conforme o uso, que della se faz. Educado pelo Filosofo Anaxagoras, Pericles aprendeo delle a reconhecer a Suprema intelligencia, e a desprezar os vãos terrores, e as caprichosas puerilidades da superstiçaõ; a sustentar o seu estilo naõ com palavras, porém com pensamentos, e a dar-lhe huma energia victoriosa, a qual naõ póde nascer senaõ da pura razaõ. Athenas estava cheia de Oradores, depois que a Tribuna Oratoria servia de Theatro para qualquer que quizesse brilhar, e adquirir credito; mas nenhum tinha podido, como Pericles, subjugar o Povo, por meio da persuasaõ.

Sua Politica para chegar ao Governo.

Pericles applicou-se especialmente a conhecer os homens, e conheceo fundamentalmente o genio dos Athenienses, e todas as idéas, pelas quaes hum fino politico podia fazer-se seu Senhor. Pericles vendo os Athenienses amantes de huma excessiva liberdade, até suspeitar da reputaçaõ dos Homens grandes, e até os desterrar, quando os seus serviços os faziaõ mais respeitaveis, affectou logo apartar-se dos negocios, mostrando-se pouco pela Cidade, e parecendo naõ ter am-

ambiçaõ, senaõ para a gloria das armas. Depois aproveitando-se da favoravel occasiaõ, em que Cimaõ, o unico concurrente, que Pericles podia ter, se achava occupado por fóra nas emprezas militares; o mesmo Pericles, se produzio, disfarçou o seu caracter, lisonjeou o Povo, fez-se homem de Estado, renunciou aos prazeres, ás Sociedades, e entregou-se inteiramente aos negocios publicos.

Pericles apparece raras vezes nas Assẽbléas.

Pericles, mais habil que Themistocles, soube prevenir os desgostos do Povo, evitando as Assembléas, quando a sua presença lhes naõ era necessaria; e onde os seus amigos, e os seus agentes fallavaõ por elle. Pericles, quanto menos ostentaçaõ fazia dos seus talentos, quanto mais era applaudido, quando julgava conveniente de os patentear.

Pericles corrompe os Athenienses cõ profusões perniciosas.

As suas posses naõ lhe permittiaõ imitar as liberalidades de Cimaõ: este era com tudo o melhor meio de alcançar muitos amigos, ou sequazes; o que suprio á custa da Patria. Pericles, naõ sómente mandou repartir pelos Cidadãos as terras conquistadas, mas tambem distribuir os dinheiros publicos para jogos, espectaculos, e tambem para as funcções prescritas pelas Leis. Toda a pessoa que assistia nos Tribunaes, ou nas Assembléas

do Povo tinha o seu salario. Os Persas, póde-se dizer, naõ fizeraõ tanto damno aos Athenienses, assolando as suas terras. As rendas, dissipadas por causa de inuteis profusões; os costumes corrompidos com o gosto dos prazeres, e com a cobiça das riquezas; o furor dos espectaculos, irritado com hum invencivel attractivo; a ociosidade alimentada com recursos antecedentemente incognitos; a desenvoltura das Assembléas populares, augmentada pelo concurso de hum Povo cobiçoso; e as funcções de Cidadaõ envilecidas com huma especie de venalidade; taes foraõ os frutos da Politica ambiciosa de Pericles.

Pericles diminue o poder do Areopago.

Os excessos de Pericles ainda se estendêraõ mais longe. Como a sórte naõ lhe procurára algum dos Empregos, que facilitavaõ a entrada para o Areopago; aquelle illustre Tribunal chegou a ser o objecto do seu odio, sem duvida por temer a sua authoridade, e a sua justiça. Pericles animou contra elle o Povo, do qual dirigia todos os movimentos, e conseguio tirar-lhe as Causas mais importantes. Athenas esquecendo-se das suas Leis, o Governo mudou-se á satisfaçaõ de hum unico Homem. Cimaõ vivia naquelle tempo, e estava occupado na guerra contra os Persas. O mesmo Cimaõ,

quan-

quando voltou, gemeo á vista daquellas desordens de principios; e quando repetio, segundo o seu costume, que huma cousa semelhante naõ se via em Lacedemonia, foi tido, e havido por inimigo de Athenas, e sacrificado pelo Ostracismo ao corruptor do Estado.

Pericles orna Athenas cõ soberbos edificios.

Depois da morte de Cimaõ, a authoridade de Pericles sempre se augmentou. Pericles, Senhor das rendas do Estado, despendeo-as em Edificios, em Estatuas, e em ornatos, proprios para contentar o Povo, e para fazer de Athenas a Cidade mais formosa do Mundo. Entaõ se levantáraõ debaixo da direcçaõ de Fidias, aquelles chefes de obra da Arquitectura, e da Escultura; os quaes foraõ os modelos do bom gosto; e os quaes muitos Seculos depois conservavaõ ainda toda a sua formosura. Monumentos taõ superiores aos dos Egypcios, quanto a perfeiçaõ he superior ao agigantado.

Queixas dos aliados a respeito da dissipaçaõ do Thesouro.

Os alliados lamentáraõ-se alta, e poderosamente de que o Thesouro commum, destinado para a defeza da Patria, e para a guerra contra os Barbaros, se dedicasse para decorar, e aformosear huma unica Cidade. Os alliados tinhaõ razaõ, porém Pericles tinha o talento da persuasaõ, e os votos do Povo. Conforme o que o mesmo Pericles dizia, aquelle

le dinheiro pertencia aos Athenienses, desde que satisfaziaõ aos seus empenhos, desde que proviaõ as despezas necessarias da Liga; Athenas estando bem provida de armas, e de náos, devia por uso nobre das suas riquezas, merecer a admiraçaõ dos Seculos futuros, e ao mesmo tempo segurar a subsistencia dos Cidadãos: logo nada contribuia mais para aquillo mesmo, do que as Obras publicas, as quaes excitaõ todas as Artes, exercitaõ todos os braços, todos os talentos, e fazem nascer da mesma fonte o ornato, e a abundancia.

Pericles inexcusavel neste ponto.

A fraqueza daquellas respostas mostra-se á primeira vista. Por ventura podiaõ as contribuições dos Alliados redundar em beneficio de Athenas? acaso o seu uso naõ estava determinado? se daquellas contribuições sobejasse algum superfluo, naõ devia este servir para allivio dos proprios Alliados? Pericles longe de diminuir os impostos, os augmentou quasi huma terça parte; para que necessidade? Sem duvida para aquellas despezas da ostentaçaõ. Tres mil setecentos talentos, que importáraõ aquellas despezas, era huma quantia excessiva, em comparaçaõ das rendas da Attica, as quaes, segundo Demosthenes, se reduziaõ a cento e trinta talentos. (3. *Phil.*) Dissi-

sipando-se o seu Thesouro, expozeraõ-se ás infelicidades de hum futuro incerto; e o peior mal, foi perder-se a antiga simplicidade dos costumes. Pericles em huma Monarquia rica, mereceria os mesmos elogios, que Colbert mereceo na França; porém, como Ministro de huma Republica, Pericles deve ser vituperado; o que se julgará pelos factos.

O seu desinteresse louvado por Plutarco.

Plutarco louva o seu desinteresse, a sua moderaçaõ, e a sua domestica economia. Estas virtudes saõ muito respeitaveis, mas naõ justificaõ o seu Governo. Demais disso se Pericles naõ augmentou o seu patrimonio em hum só real, como se deve explicar o que o mesmo Historiador refere? Plutarco certifica, que Pericles ouvindo os clamores, que se levantavaõ contra elle, offereceo ao Povo que pagaria todas as obras com o seu proprio dinheiro, com tanto que as Inscripções fossem feitas em seu nome; no que naõ podia consentir a vaidade dos Athenienses, ainda quando possivel fosse. Todos exclamáraõ, que Pericles era Senhor de exhaurir os Thesouros.

Pericles offerece pagar á sua custa as obras publicas; cõ que cõdiçaõ.

Os ricos tinhaõ suscitado contra Pericles hum poderoso adversario, na pessoa de Thucydides, cunhado de Cimaõ. Hum, ou outro devia ficar debaixo. Thucy-

Pericles Senhor da Republica.

dides teve menos poder, e padeceo o rigor do Ostracismo. Erigindo-se entaõ huma especie de Reinado, Pericles senhoreou de tal sórte o Povo, que sem ter, como antigamente, a mesma complacencia para as suas extravagancias, conservou sempre o seu imperio a respeito das suas deliberações. Huma alta reputaçaõ de probidade fortificava a superioridade, que lhe ministravaõ a Eloquencia, e a Politica. O mesmo Pericles accrescentou áquella Eloquencia, áquella Politica, a gloria das armas, com algumas expedições militares, das quaes sempre sahio bem, apoupando com vigilancia o sangue dos Cidadãos, a quem quereria, segundo elle mesmo dizia, fazer immortaes.

Accusaõ-se os seus amigos, a fim de perder Pericles.

Taõ grande gloria, e taõ grande authoridade augmentaõ o odio dos seus invejosos. Buscavaõ-se os meios para perder Pericles; principia-se por accommetter os seus amigos. Fidias he accusado de ter roubado o Publico, especialmente quando fez a magnifica Estatua de Minerva. Fidias prová a sua innocencia; o ouro que lhe deraõ para aquella obra, tirado da Estatua, e pezado, se acha inteiramente com o mesmo pezo. Nem por isso mesmo se deixa de levar Fidias para huma prizaõ, onde morre.

Processos de Fidias, de Aspasia, e de Anaxagoras.

A famosa Aspasia de Mileto, mulher de hum engenho superior, a qual Pericles amava ternamente, e com a qual casou finalmente; aquella mulher, da qual Socrates se gloriava de ter sido discipulo, he accusada de impiedade, e de lascivia. A sua Eloquencia, e as lagrimas de Pericles apenas a salvaõ. Acabava-se de mandar passar como Lei, hum perfido Decreto, pelo qual sè ordenava que se denunciasse todo aquelle, que com o pretexto de Filosofia, explicasse os fenomenos da Natureza, de hum modo opposto á Religiaõ da terra, isto he, sem fazer intervir as Divindades da Mythologia Grega. Consequentemente Anaxagoras, o primeiro que estabelecêra por meio da razaõ a existencia de Deos, he citado, como impio; e Pericles, desesperando da sua justificaçaõ, o obriga a fugir. (Todos os homens grandes, discipulos daquelle Filosofo, foraõ accusados do mesmo crime.) Naõ era tanto a Anaxagoras, como a Pericles, a quem se pretendia castigar.

Decreto absurdo contra os Filosofos.

Finalmente os accusadores animáraõ-se com o successo. Elles accomettêraõ directamente ao proprio Pericles, como ladraõ dos dinheiros publicos; passou-se hum Decreto, para o obrigar a dar as suas contas. Ao mesmo tempo que

O mesmo Pericles accusado.

Ordena-se a Pericles, que dê as suas contas.

que Pericles se preparava para as dar, Alcibiades ainda moço, disse hum dia: *Pericles deveria antes pensar em as naõ dar.* Com effeito Pericles livrou-se daquelle cuidado por causa da guerra do Peloponneso, á qual conforme huns deixou por entaõ de se oppôr, ou a qual o mesmo Pericles excitou, conforme outros, para seu particular interesse. Plutarco trata, como malignos todos aquelles, que lhe fazem semelhante injuria; Thucydides, Historiador de muito maior credito, certifica que a sua recta administraçaõ o isentava de toda a calumnia. Porém quando se reflecte a respeito do caracter de Pericles, sobre a sua ambiçaõ, a sua Politica, e os negocios, que lhe suscitáraõ os seus inimigos, parece impossivel, que o possaõ lavar de toda a suspeita a este respeito. Metter a maõ no coraçaõ dos homens grandes, a fim de os intencionar, e de dar huma intelligencia má, ao que póde ser favoravelmente interpretado, he huma temeridade, como Plutarco o observa (*de Herodoti malign.*) Esta verdadeira Maxima se applica a Pericles por Plutarco, suppondo que a sua conducta passada naõ annunciasse senaõ o zelo do bem publico. Porém nisto se contradiz o mesmo Plutarco. Raras vezes se enganaõ, quando se

Pericles livra-se daquelle cuidado, por causa da guerra do Peloponneso,

Se as suspeitas cótra Pericles saõ legitimas.

se julgaõ as acções pelo caracter, e pelos principios dos homens.

Seja como for, differentes causas produziraõ a guerra do Peloponneso; hum dos principaes acontecimentos desta Historia. Athenas altiva com seus successos, e com o seu poder, naõ tendo já aquella moderaçaõ, a qual tinha sido a causa de adquirir o Commandamento, inspirava a toda a Grecia tanto odio, como ciume. Athenas tinha arruinado os Samios, sujeitado os Eginetas, e prohibido aos Megarenses a entrada dos seus portos, e dos seus mercados. A mesma Athenas tinha alienado os Corinthios, tomando o partido pelos Corcyrenses, os quaes lhes fazia a guerra; e tinha submettido ao tributo, e depois rebellado com a sua Tyrannia, Potidea em Macedonia, Colonia de Corintho; finalmente os Athenienses avivavaõ fortemente o sitio de Potidea; onde Socrates se mostrou taõ intrepido guerreiro, como grande Filosofo; e fazendo-se admirar como hum Heroe, e como o exemplo do exercito, salvou o seu amado Alcibiades.

Aggravos dos Alliados contra Athenas.

Os Corinthios, e os outros descontentes recorrêraõ a Sparta; representaõ-lhe a ambiçaõ, e a injustiça dos Athenienses, e a necessidade de lhes oppôr huma barreira; que os Athenienses ameaçaõ

O negocio agitou-se em Sparta.

çaõ a liberdade de toda a Grecia; e que se encaminhaõ para o seu fim com huma actividade, e promptidaõ incriveis; ao mesmo tempo que os Spartanos em muito boa fé, e com grande fleuma, deixaõ augmentar aquelle poder, prompto para os abater, e para totalmente os destruir. O Embaixador de Athenas respondeo pela sua Patria, que os mesmos Gregos lhe tinhaõ cedido o Commandamento; que se deviaõ lembrar dos seus serviços; e que hum funesto espirito de independencia, sómente podia excitar as suas murmurações contra Athenas; porém que esta estava prompta para se defender, se a accomettessem, desprezando os empenhos mais sagrados. O mesmo Embaixador insinuou (cousa estranha, ainda em hum Governo Monarquico) que em todos os tempos os mais poderosos eraõ os Senhores, e que aquella era a ordem da Natureza.

Pericles decide, que a guerra he necessaria para Athenas.

Aquella resposta naõ satisfez. Todos os Alliados resolvêraõ-se a tomar armas, posto que Archidamo, Rei de Sparta, se inclinasse para os caminhos da docilidade. Com tudo, deo-se principio a huma negociaçaõ, a fim de vencer tempo. Pediraõ-se aos Athenienses varios Artigos, particularmente que levantassem o sitio de Potidea. Pericles em a critica situaçaõ, em

em que se achava, insistio pela gloria de Athenas, louvou os seus recursos (1), expôz os riscos de huma condescendencia branda, e fez rejeitar as Proposições. Chegando a guerra a ser inevitavel por este modo, Pericles traçou o seu Plano geral. O seu Systema era temer pouco a assolaçaõ das terras, e muito a perda dos Homens; naõ dar batalha contra inimigos superiores em numero; porém dar providencias para a segurança da Cidade, e cuidar principalmente na Marinha, em a qual subsistia a grande força de Athenas. Seu Plano.

(1) Conforme Diodoro de Sicilia, Pericles representou que no Thesouro ainda havia seis mil talentos, além das riquezas immensas, incluidas nos Templos, ou entre os particulares: que se tinha prompto hum exercito de doze mil homens, sem contar as guarnições, nem as tropas das Colonias: que a frota se compunha de trezentas velas, e podia facilmente augmentar-se. Deve-se confessar, que Pericles naõ tinha sacrificado tudo ao luxo.

CAPITULO II.

Principios da guerra do Peloponneso. —— Alcibiades. —— Os Athenienses vencidos ém Sicilia.

Antes de J. C. 431. Forças de ambos os Partidos.

A GUERRA do Peloponneso, escrita quasi inteiramente por Thucydides, hum dos melhores Historiadores, e dos melhores Capitães da Antiguidade, dá em hum espaço de vinte e sete annos muitas individuações interessantes para os Militares, com as quaes naõ devo fazer pezada esta obra; pois cançariaõ inutilmente, e enfastiariaõ os outros Leitores. Os Spartanos tinhaõ pelo seu partido quasi todo o Peloponneso, além da Focida, da Beocia, dos Locrienses, dos Megarenses, &c. Sessenta mil homens formavaõ o seu exercito. O exercito de Athenas reduzia-se quasi a quinze mil homens, sem contar dezeseis mil habitantes de toda a idade, armados para a defeza da Cidade. Pericles naõ podia sustentar a campanha com taõ poucas tropas;

Os Athenĩeses desamparaõ as suas terras.

e necessitou de toda a sua eloquencia para obrigar os Athenienses a deixar as suas terras, assim como no tempo da in-

invasaõ dos Persas, e a se fecharem dentro dos seus muros, em quanto os inimigos vinhaõ assolando tudo até ás portas da Cidade. Archidamo, segundo o genio da sua Naçaõ, adiantou-se vagarosamente. A Attica foi assolada; porém as galeras de Athenas naõ causáraõ menos damno ao Peloponneso. Entaõ se conheceo a utilidade das Sciencias: hum Eclipse de Sol teria abatido o animo das tropas, cheias dos terrores da superstiçaõ, se Pericles naõ lhes tivesse explicado a causa daquelle Fenomeno.

Eclipse explicado por Pericles.

Depois da campanha, Pericles foi encarregado de fazer a Oraçaõ funebre dos mortos. Este era o uso de Athenas, mais util sem duvida, do que o uso de celebrar a memoria dos Grandes, por muito dignos que sejaõ, ou do esquecimento, ou da censura.

Oraçaõ funebre dos mortos.

Huma peste horrorosa assolou a Attica. Refere-se a pesar do silencio de Thucydides, que Hyppocrates, Medico famoso, exercitára o seu zelo em aquella occasiaõ da peste, e que rejeitando os magnificos offerecimentos do Grande Rei, se dedicára generosamente ao serviço dos seus Concidadãos. Aquelle flagello naõ impedio, que a guerra continuasse. Aquella desgraça irritou as almas. Todos enfurecendo-se contra Pericles, o accusaõ co-

Antes de J.C. 430. Sem embargo da peste a guerra cõtinua.

Pericles cõdemnado, e restabelecido.

como author das publicas infelicidades. Pericles solta a sua ordinaria Eloquencia; e repete os nomes importantes de gloria, e de liberdade. Todas as suas razões naõ socegaõ a afflicçaõ de hum Povo inconstante. Pericles he condemnado a huma pena pecuniaria, e deposto do Commandamento; porém arrependendo-se no mesmo instante, pedem-lhe perdaõ, e o determinaõ a tomar novamente as redeas do Estado. Tal era o caracter dos Athenienses.

Morte de Pericles.

Aquelle homem raro, o qual por hum prodigio de habilidade, tinha fixado por espaço de quarenta annos a inconstancia de Athenas, morreo da peste pouco tempo depois. Nove Troféos, Monumentos de outras tantas victorias, o progresso das Sciencias, das Artes, do Commercio, e da Marinha, daõ huma materia ampla para o seu elogio. Pericles disse, morrendo, que nada havia mais glorioso na sua vida, do que *naõ ter dado occasiaõ a nenhum Cidadaõ para se vestir de luto.* Mas por ventura naõ tinha Pericles feito chagas mortaes á sua Patria? e como póde Plutarco louvar a sua virtude, depois de o ter pintado, como corruptor dos costumes publicos? Refere-se, que Pericles já no fim da sua vida, carregado de negocios, desprezára

Queixas de Anaxagoras a seu respeito.

ra Anaxagoras de tal sórte, que aquelle Filosofo estava quasi para morrer desesperado. Pericles tendo-o sabido, correo logo para o consolar, e lhe pedio com grandes instancias que vivesse, representando-lhe a grande necessidade que tinha dos seus conselhos. *Aquelles que precisaõ da luz de hum candieiro*, lhe respondeo Anaxagoras, *cuidaõ em lhe deitar azeite.*

Furor entre ambas as Republicas.

Se Pericles foi o author da guerra do Peloponneso, a implacavel competencia de Lacedemonia, e de Athenas, foi o seu primeiro principio. Os seus effeitos deviaõ ser horrorosos, pois que o odio se inflammava por causa das hostilidades. A guerra entre Republicanos tem hum especial caracter de furor. Segundo a observaçaõ do Abbade de Mably: *As Monarquias pódem esquecer-se facilmente das injurias que recebêraõ; porque o Principe imprime o seu caracter á sua Naçaõ, o qual póde naõ ser nem vingativo, nem ambicioso, nem cioso. Porém em humas Republicas taes, como as da Grecia, onde o Povo governava, qual he o Magistrado, que poderia resistir á torrente da opiniaõ publica, e a poderia dissuadir? Os Gregos naõ podiaõ ter outra Politica, mais que a Politica das suas paixões.*

Faz-se a guerra barbara.

Vio-se com effeito Potidea sustentar tres annos de sitio, e servir a carne humana

mente de huma, e de outra parte.

de alimento para Cidadãos famintos. Vio-se Sparta, esquecendo-se da sua honra, a fim de satisfazer a sua vingança, procurar a amizade do Rei da Persia, e pedir-lhe soccorro. Viraõ-se as duas republicas mandar matar Embaixadores, presos no caminho, como para impedir todas as vias de reconciliaçaõ por meio de excessos de crueldade. Os sitios, os combates, e as perpetuas invasões formaõ huma serie dilatada de barbaridades.

Cleaõ governa Athenas.

Cleaõ, homem vil, e Orador insolente, governava os Athenienses, e naõ lhes inspirava senaõ resoluções violentas. Os Spartanos, naturalmente menos moderados, do que os Athenienses, seguiaõ o impulso do seu caracter.

Crueldade dos Spartanos para cõ os Helotes.

Temendo os mesmos Spartanos huma sublevaçaõ dos Helotes, elegêraõ entre estes dous mil dos mais valentes, que tivessem servido melhor no exercito; e mandando passear todos aquelles infelizes, coroados de flores, como para recompensar os seus serviços, desapparecêraõ, victimas sem duvida de huma atroz perfidia. Naõ se deve crer, que os inimigos fossem tratados mais humanamente.

Trègoa inutil depois de dez annos de guerra.

A guerra durava havia dez annos com o mesmo furor, e pouco mais ou menos com os mesmos successos, ou com as mesmas perdas, de huma, e de outra par-

parte. Era impossivel, que tantas desgraças naõ fizessem desejar a paz. O declamador Cleaõ, e Brasidas, General de Lacedemonia, desviavaõ as suas proposições; este pelo interesse da gloria, e aquelle pelo impeto violento de orgulho, e de arrogancia. Ambos morrêraõ. Fez-se huma suspensaõ de armas; e depois se concluio huma tregoa por sincoenta annos. Vio-se entaõ nascer novamente huma apparencia de concordia; porém o odio conservava-se nos corações; a má fé tomou o lugar da equidade, e a ambiçaõ já naõ se podia mais conter.

Antes de J. C. 422.

Alcibiades quer renovar a guerra por ambiçaõ.

Hum mancebo, illustre pelo seu nascimento, distincto pela sua figura, e pelas suas riquezas, cheio de talentos, e de vicios, algumas vezes virtuoso, quando ouvia as lições de Socrates, seu Mestre, e seu amigo; quasi sempre inclinado ás desordens, quando seguia as suas proprias inclinações, e os conselhos dos seus lisonjeiros; porém capaz de se revestir de todas as qualidades de caracteres, e de fórmas, para tirar vantagem das conjuncturas; em huma palavra, Alcibiades, que aspirava ao Governo de Athenas, inimigo do socego, fundando os seus ambiciosos projectos sobre as perturbações, e sobre a guerra, trabalhava em atear novamente hum fogo mal

Sua industria para enganar o Povo.

extincto, e naõ podia deixar de o conseguir. Alcibiades possuia a arte de manejar o espirito do Povo. Como a sua desenvoltura o expunha á censura, lembrou-se hum dia de mandar cortar a cauda a hum excellente caõ que tinha. Esta foi logo a noticia, que correo por Athenas. Vieraõ-lhe dizer, que todos o diffamavaõ por ter desfigurado aquelle animal. *Isto mesmo he que eu pretendo*, respondeo Alcibiades, rindo-se, *pois quero que os Athenienses fallem do modo, com que trato o meu caõ, para que se calem a respeito do meu procedimento.* Qualquer bagatela occupava seriamente aquelle Povo inconstante, e o fazia divertir das cousas mais serias.

Alcibiades faz romper o Tratado.

Queixando-se Sparta, e Athenas de algumas transgressões do Tratado, Alcibiades aproveitou-se da occasiaõ para o romper. Fez suspeitoso a Nicias, General circumspecto, e bom Cidadaõ, o qual era dotado sómente de sentimentos pacificos. O mesmo Alcibiades enganou os Embaixadores de Sparta, mandados com pleno poder de terminar as differenças, e tendo-os obrigado a mentir, os mandou despedir como velhacos. Com tudo Nicias tinha o seu sequito. Os Athenienses estavaõ divididos entre elle, e o seu competidor. A contenda hia-se decidir com

o

o Ostracismo. Hyperbolo, homem desacreditado, e atrevido, declamava contra hum, e contra outro, a fim de succeder ao seu poder. Porém os dous partidos uniraõ-se contra elle mesmo. Hyperbolo foi desterrado. Desde entaõ renunciou-se o Ostracismo, o qual por cahir em Hyperbolo, pareceo vil. Nós já observámos, que o Ostracismo era menos hum castigo do que huma cautela contra a authoridade dos principaes Cidadãos.

Hyperbolo desterrado.

Fim do Ostracismo.

Se Alcibiades se tivesse contentado em alimentar o odio do Povo contra os Spartanos, teria prolongado as desgraças da Patria, sem a expôr talvez ás ultimas infelicidades. Aquelle genio inquieto formava no seio dos prazeres os projectos mais atrevidos. Alcibiades meditava a conquista da Sicilia, a fim de conquistar depois Carthago; donde viria facilmente apoderar-se do Peloponneso. A sua imaginaçaõ afiançava tantas quimeras, adoptadas pelos Athenienses, por causa da sua eloquencia. Nicias lhes mostrou inutilmente a temeridade de huma semelhante empreza, os perigos a que se exporiaõ, correndo atraz de conquistas taõ incertas, ao mesmo tempo em que se viaõ cercados de inimigos. O mesmo Nicias refutou em vaõ os frivolos pretex-

Projecto de Alcibiades a respeito da Sicilia, adoptado a pesar das demõstraçõẽs de Nicias.

tos-

tos daquella guerra. Acaso, porque os Leontinos, e os Egestinos, Povos da Sicilia, se queixavaõ dos Syracusanos, e imploravaõ o soccorro de Athenas, (porque naõ se allegava nenhum outro motivo racionavel) era necessario pois, que Athenas sacrificasse os seus interesses, e a sua segurança, por huma causa, que lhe naõ dizia respeito? por ventura, era necessario combater em Sicilia, e abandonar a Attica aos Spartanos? a razaõ fallava pela bocca de Nicias; porém a belleza, os talentos, e as profusões de Alcibiades encantavaõ o Povo, e a Mocidade. Resolvêraõ armar-se contra Syracusas. Alcibiades foi encarregado da expediçaõ, juntamente com Nicias, e com Lamacho. No tempo de Pericles, já os Athenienses tinhaõ tido a idéa de conquistar a Sicilia. Pericles era muito habil, e muito poderoso para os naõ dissuadir daquella empreza.

Antes de J. C. 415: Alcibiades accusado de impiedade antes da sua partida.

Quasi no mesmo instante da partida, hum accidente imprevisto encheo Athenas de funestos rumores. Acháraõ-se mutiladas as Estatuas de Mercurio, sem ser possivel saber por quem. Os inimigos de Alcibiades, ou porque fosse huma conspiraçaõ premeditada, ou porque se aproveitassem da occasiaõ, o accusáraõ daquelle crime, ou de outro da mesma especie.

Sus-

Sustentado pelas tropas, Alcibiades mostrou muita firmeza; e pedio huma prompta sentença. Os seus accusadores cuidáraõ logo em naõ consentir no seu requerimento, por lhes ser a circunstancia muito pouco favoravel. Suspendeo-se o negocio, com o pretexto que o embarque naõ se podia dilatar. Finalmente partio a frota com hum apparato de triunfo.

Alcibiades he chamado de Syracusas para ouvir a sua sentença.

Syracusas, Colonia de Corintho, muito florecente por causa do commercio, e atemorizada desde logo com a tormenta, que a ameaçava, tinha-se preparado depois para se defender vigorosamente. A discordia dos tres Generaes Athenienses deo-lhe tempo para tomar todas as necessarias cautelas. A loucura do Povo de Athenas igualmente lhe servio de muito. Alcibiades, apenas chegava com a sua frota a Sicilia, recebe ordem para hir ouvir a sua sentença sobre a accusaçaõ de impiedade. Os seus inimigos astutos tinhaõ tido tempo bastante para lhe formar a sua ruina na sua ausencia; e cobertos com a mascara da Religiaõ, podiaõ esperar conseguilla no Tribunal de hum Povo taõ supersticioso, como inconstante. Alcibiades diffamado como impio perdia repentinamente o merecimento, do qual Athenas estava antecedentemente arrebatada.

Alcibiades refugia-se para Sparta, e se declara inimigo de Athenas.

tada. O mesmo Alcibiades naõ se atreve a desprezar o perigo, e livre das mãos dos seus conductores, foge para Sparta; onde sujeitando-se aos costumes austeros da terra, e declarando-se mortal inimigo de Athenas, grangeou o amor daquelle mesmo Povo, que o aborrecia. Os Athenienses condemnaõ Alcibiades á morte por contumacia; e o entregaõ ás maldições dos Sacerdotes. Huma Sacerdotiza, chamada Theano, recusou exercer o seu Ministerio para a vingança. *Eu sou Sacerdotiza*, disse ella, *para abençoar*, *e naõ para amaldiçoar*. A accusaçaõ contra Alcibiades, talvez mal fundada, posto que desprezasse interiormente a Religiaõ popular, ao menos era muito imprudente, armando contra a Patria o Homem mais capaz de ser pernicioso. Alcibiades recebendo a noticia da sua sentença de morte, exclamou: *Eu lhes mostrarei que ainda vivo.* Alcibiades cumprio a sua palavra.

Expressaõ admiravel da Sacerdotiza Theano.

Nicias cõporta-se mal no sitio de Syracusas.

Em a temeraria expediçaõ emprendida por causa de Alcibiades, a viveza do seu animo, e os recursos do seu engenho, teriaõ sido de grande soccorro. Era necessario para sahir bem daquella empreza, haverem huns successos extraordinarios, os quaes Alcibiades poderia encaminhar. Porém as incertezas, e a timida fleuma de Nicias naõ podiaõ, senaõ

naõ

naõ fazer mais difficultoso o successo. Nicias, repetindo sempre, que naõ havia razaõ alguma para se empenhar naquella guerra, desanimava as tropas, e multiplicava os obstaculos. Com tudo Syracusas he sitiada. Os trabalhos da arte, os combates, e os revezes descritos com toda a extensaõ por Thucydides, se achaõ novamente nas Obras de Rollin, para as quaes remetto os curiosos. Os Syracusanos frouxos, e brandos por causa da paz, e da opulencia, ficariaõ vencidos, se os soccorros, que pediraõ a Sparta, e a Corintho naõ tivessem chegado a tempo. Alcibiades tinha apoiado fortemente as suas sollicitações; e os seus conselhos contribuiraõ muito para a infelicidade de Athenas.

Antes de J. C. 413. Os Spartanos fazem levantar o sitio.

Os sitiados cuidavaõ em render-se, quando Gylippes, o qual mandava os Spartanos, veio animar novamente o seu valor abatido, e a sua esperança. Nicias tinha perdido o seu Collega Lamacho, e vendo-se só desmaia á vista dos proximos perigos; pede hum successor, expondo na sua Carta o estado critico do exercito. Mandaõ-se-lhe soccorros juntamente com dous novos Collegas, Demosthenes, e Eurymedon. O primeiro atrevido, impetuoso, e desprezando altamente a fleuma de Nicias, aventurou im-

imprudentemente hum combate nocturno, em que morrêraõ dous mil Athenienses. As fadigas, as enfermidades, a falta de animo, e o mesmo perigo de Athenas, bloqueada pelos Spartanos, tudo inspirava o desejo de levantar o sitio.

Os Athenieses saõ derrotados defronte de Syracusas.

Naquelle tempo podia-se fazer a retirada sem risco algum, a qual naõ esperando os inimigos, era facil poder-lhes escapar. Porém hum Eclypse da Lua turbou o projecto dos Generaes. Aquelle fenomeno pareceo sobrenatural. Nicias, por causa de huma pueril superstiçaõ, julgou dever demorar a partida. Gylippes, e os Syracusanos tiveraõ tempo para se prepararem para o combate; e os Athenienses combatidos por Mar, e por Terra, ficáraõ inteiramente derrotados. Eurymedon morreo com as armas na maõ; Nicias, e Demosthenes, depois de inuteis esforços de valor, entregáraõ-se prisioneiros. Os Syracusanos, segundo Thucydides, tiveraõ a perfidia, e a crueldade de os expôr á morte, posto que Gylippes pedisse, que fossem mandados para Lacedemonia. Nicias, e Demosthenes, segundo outros Escritores, matáraõ-se na prisaõ. Os Syracusanos vingáraõ-se barbaramente. Este he o fruto, que Athenas tirou daquella empreza.

An-

Idéa geral do Governo da Sycilia.

Antes de seguir a ordem dos factos, observaremos, que a Sicilia em parte era povoada de Colonias Gregas; e teve assim como a Grecia, muitos Tyrannos pequenos, e recuperou a sua liberdade.

Gelon, Hieron, Thrasybulo, antigos Reis de Sicilia.

No tempo da invasaõ de Xerxes, Gelon tinha todo o poder em Syracusas. Os Gregos imploráraõ o seu soccorro. Gelon pedio o Commandamento do seu exercito; naõ o tendo obtido, contentou-se em defender a Sicilia contra os Carthaginezes, os quaes Xerxes obrigára a accommettella, e os derrotou gloriosamente. Gelon mereceo por causa dos seus serviços, e da suá benevolencia, que Syracusas lhe concedesse voluntariamente o titulo de Rei. O mesmo Gelon animou a Agricultura com o seu mesmo exemplo, mostrando-se algumas vezes na frente dos Lavradores. A sua morte foi sentida, como morte do Pai da Patria. Hieron, seu Irmaõ, e seu Successor, mereceo, naõ obstante os grandes vicios, os elogios dos Poetas, os quaes favorecia; particularmete os de Pindaro, cuja Lyra naõ deveria ser venal, pois que era digna dos Heroes. Thrasybulo, Irmaõ de Hieron, e mais vicioso que elle, occupou depois o Throno, donde foi expulso por causa da sua tyrannia. (460 annos antes de Jesu Christo.)

Os

Os Syracusanos, tendo sacudido o jugo, libertáraõ o resto da Sicilia, onde estabelecêraõ o Governo popular. O seu *Petalismo*, imitaçaõ pessima do Ostracismo de Athenas, subsistio pouco tempo, porque despovoava o Estado de bons Cidadãos. Este naõ he o lugar de fallar dos novos Tyrannos, que reináraõ em Sicilia. Deniz naõ subjugou Syracusas, senaõ quasi sessenta annos depois.

CAPITULO III.

Continuaçaõ da guerra do Peloponneso. —— Expugnaçaõ de Athenas por Lysandro.

Antes de J.C. 412. Consternaçaõ de Athenas.

O POVO de Athenas estava ainda taõ infatuado com as suas quimericas esperanças, que o primeiro, que annunciou a noticia do desastre de Sicilia, foi condemnado á morte. Logo as quimeras desapparecêraõ, as duvidas desvanecêraõ-se, e cahiraõ em huma profunda consternaçaõ. O perigo era tanto mais terrivel, que os Lacedemonios, por conselho de Alcibiades, tinhaõ fortificado Decelia, visinha de Athenas, donde assolavaõ, sem ser castigados, toda a Attica de hum até outro extremo. Sem a morosidade ordinaria

do

do Governo de Sparta, Athenas ferida como de hum raio, teria sido provavelmente a victima dos seus inimigos.

A morosidade dos Spartanos dá-lhe tẽpo para respirar.

Perdeo-se o instante favoravel de abater, e opprimir Athenas, a qual respirou, e conservou os seus recursos. Hum conselho de velhos foi encarregado do exame dos negocios, dos quaes o Povo decidia. Foi necessario restabelecer as rendas do Estado, e a Marinha. Mil talentos havia de reserva em o Thesouro depois do principio da guerra, em os quaes era prohibido tocar por hum Decreto; outro Decreto o permittio naquella occasiaõ; e a experiencia mostrou quanto importa ter hum fundo conservado para as necessidades extraordinarias. A falta de economia, e de prevençaõ em semelhante ponto, tem precipitado muitas vezes a ruina dos Estados.

Ingratidã de Sparta para com Alcibiades.

Athenas perdeo a maior parte dos seus alliados, por ser infeliz, e por ter abusado do seu imperio. Varias Cidades, ainda de Jonia, abraçáraõ o partido dos Spartanos. Foi principalmente o effeito das intrigas de Alcibiades, que respirando sempre a vingança, sublevava os Póvos contra a sua Patria. Porém Agis, Rei de Sparta, cuja mulher foi desencaminhada por Alcibiades, depois de huma vã affectaçaõ de virtude, procurava fazel-

zello odioso. O seu grande credito excitava por outra parte o odio, e o ciume dos Cidadãos principaes. Sparta naõ conservava mais, que huma sombra da antiga equidade. As intrigas suffocáraõ o agradecimento; e expedio-se huma ordem para Jonia, para matar Alcibiades ao mesmo tempo, em que elle reduplicava os seus serviços. Alcibiades sabendo aquella ordem, procurou hum asylo entre os Persas.

Revoluções na Persia.

Humas revoluções da Corte, juntas com a natureza do Despotismo, enfraqueciaõ continuamente aquelle Imperio. Artaxerxes Longimano teve por Successor Xerxes, seu unico filho legitimo, o qual foi logo assassinado por Sogdiano, seu Irmaõ natural. Alguns mezes depois Ocho, outro filho de Artaxerxes, desthronizou Sogdiano, e tomando o nome de Dario, reinou entre as parcialidades, e entre as perturbações. Os Gregos o appellidáraõ com o nome de Nothus (*o Bastardo.*) Este Dario reinava, quando Alcibiades se refugiou em casa de Tissafernes, Satrapa de Sardes.

Alcibiades vai ter com Tissafernes, e o induz para ētre-

Alcibiades acabava de o persuadir que se declarasse contra Athenas, e a ingratidaõ de Sparta era muito mais odiosa. A sua reputaçaõ, a sua destreza, e o seu gosto para os costumes sensuaes da Per-

Persia, lhe grangeáraõ sem trabalho a amizade, e a confiança do Satrapa. Tissafernes aprendeo de Alcibiades a entreter a divisaõ entre os Gregos, pondo em equilibrio os dous partidos, de modo que hum naõ podesse dominar com a total ruina do outro. Politica sagaz, da qual os Persas talvez necessitavaõ contra huma Naçaõ taõ atrevida, e taõ bellicosa. A astucia, ou a força, o engano, ou a violencia, parece que de hum para outro Povo, e muitas vezes de hum para outro individuo, sejaõ aquelles os eixos da Sociedade; da Sociedade, a qual teria por base huma universal benevolencia, se os Homens procurassem em a Natureza a verdadeira felicidade!

ter a divisaõ entre os Gregos.

Dissẽsões em Athenas.

Com tudo humas fataes dissensões agitavaõ Athenas, quando tudo convidava os Athenienses a unir-se pelo seu interesse. Huns queriaõ abolir a Democracia, e chamar Alcibiades; Pisandro pretendia que aquelle era o unico meio para o bem da Republica; outros sustentavaõ, que aquelle meio naõ podia ser senaõ a ruina da liberdade, e da patria. Aquella infeliz Cidade, sempre fluctuando á discriçaõ, ou da fantesia, ou da opiniaõ, mudou hum Governo máo em outro peior. Quatrocentos Cidadãos foraõ eleitos para exercitar huma autho-

Novo Governo.

tho-

thoridade absoluta, os quaes foraõ huns Tyrannos; e abrogando o Senado, pisáraõ aos pés todas as Leis.

Alcibiades he chamado, e serve a sua Patria.

O exercito estava em Samos para conter os alliados no seu dever; e naõ consentindo naquella innovaçaõ, chama Alcibiades, e nomea-o Generalissimo, e e o excita a exterminar os Tyrannos. Alcibiades, depois de ter feito tantas Personagens, satisfeito de mandar ainda os Athenienses, modera com prudencia o ardor dos Soldados, e prepara-se para voltar victorioso. Alcibiades accommette, e destroe as frotas de Lacedemonia; e tomando novamente o imperio do Már, o Hellesponto, Byzancio, e outras muitas Cidades importantes passaõ ao dominio de Athenas; a qual já tinha deposto os quatrocentos, e ordenado, que Alcibiades fosse chamado. Alcibiades finalmente foi recebido com as maiores dsmonstrações de alegria, arrependendo-se todos de tudo quanto contra elle tinhaõ obrado. Os Ministros da Religiaõ tiveraõ ordem para o absolver dos Anathemas. Hum dos Ministros teve a sinceridade de dizer: *Eu naõ o amaldiçoei, se naõ fez mal á Republica.* O que dava a entender que aquellas maldições só tinhaõ força havendo crime.

Mandaõ que Alcibiades seja absolvido pelos Sacerdotes.

Al-

Alcibiades chegou de novo a ser repentinamente o Idolo do Povo. Lembrava-se das maquinações, que os seus inimigos empregáraõ a fim de o perder. A sua Politica artificiosa o obrigou a servir-se das apparencias da superstiçaõ, para se livrar de toda a censura de impiedade. Alcibiades celebrou com pompa os Mysterios de Ceres. Neste lugar se reconhece a docilidade do seu genio; logo se achará tambem novamente a inconstancia dos Athenienses.

Alcibiades chega a ser o Idolo de Athenas.

Sparta assustada com as victorias de Alcibiades, tinha mandado propôr Proposições de paz. Se a razaõ podesse dissipar a vertigem, e a inconstancia de Athenas, aquelle era o instante de terminar huma guerra, a qual havia vinte e sinco annos era a causa da infelicidade da Republica. Tendo prevalecido sobre o sentimento do bem publico as declamações de hum vil Orador, toda a esperança de paz se desvaneceo; e os Spartanos nomeáraõ para seu General Lysandro, Homem digno de lutar contra Alcibiades. Lysandro naõ se envergonhou de cortejar ao mancebo Cyro, Filho do Rei da Persia, o qual governava a Asia Menor; e alcançando deste quantias de dinheiro para augmentar o soldo dos marinheiros, attrahio por este meio para a

Os Athenienses obstinaõ-se na guerra.

Lysandro derrota os Athenienses; os quaes depõem Alcibiades.

 sua

sua frota huma parte dos marinheiros de Athenas. Finalmente ao mesmo tempo que Alcibiades ajuntava dinheiro em Jonia, Lysandro derrotou o temerario Antiocho, o qual commandava na sua ausencia. Os Athenienses esperavaõ victorias rapidas. Aquella fatalidade os irritou, e depondo Alcibiades, pozeraõ no seu lugar dez Generaes.

Callicratidas, successor de Lysandro, vẽcido por sua culpa no cõbate de Arginusas.

Por outra parte Lysandro muito mais ambicioso, do que grande Homem de guerra, foi chamado para a sua Patria. Callicratidas, seu Successor, deo o exemplo das antigas virtudes, as quaes se naõ podiaõ quasi mais conciliar com o presente interesse, e desprezando-se de cortejar os Persas, faltou-lhe o dinheiro na maior necessidade. Callicratidas naõ deixou de alcançar victoria; e sitiou Conon, hum dos Generaes Athenienses em o Porto de Mitylene; porém perdeo huma grande batalha nas Ilhas Arginusas (perto de Lesbos), por entender que devia combater, naõ obstante a superioridade do inimigo. *Sparta*, diz elle, *naõ depende de hum unico Homem.* Idéa falsa; pois que de hum unico Homem póde depender a salvaçaõ, e o bem de todos, quando he Chefe. A sua morte gloriosa naõ desvanece a mancha da sua imprudencia. Os Athenienses tinhaõ armado em me-

menos de hum mez cento e dez Galeras para virem soccorrer Conon. Os Spartanos, e os seus alliados perdêraõ em aquelle memoravel combate mais de setenta Galeras.

Athenas condemna os seus Generaes depois da sua victoria, porque naõ podéraõ dar sepultura aos mortos.

Quasi sempre se vê a gloria de Athenas escurecida por causa do furor popular; porém nunca já mais houve exemplo taõ intoleravel como o seguinte. A preoccupaçaõ vinda do Egypto, que a felicidade dos mortos dependia da sepultura, era hum dogma entre os Gregos, os quaes sacrificariaõ tudo para gozar das honras funebres. Depois da batalha das Arginusas, os Generaes tinhaõ destinado sincoenta Galeras para tirar os mortos, e para lhes fazer as ultimas honras. Huma violenta tempestade impedio a execuçaõ daquella ordem. O Povo cego por causa da superstiçaõ, julgou que os mortos pediaõ vingança. Seis Generaes, os quaes mereciaõ as mais gloriosas recompensas, foraõ accusados, condemnados ao supplicio, e executados por huns crimes imaginarios. Socrates foi o unico em o Senado, do qual era Membro, que se oppôz constantemente á injustiça. Tal he muitas vezes, ainda entre as Nações polidas, a tyranna força das preoccupações. O Povo de Athenas, com todo o seu entendimento, se deshon-

 rou

rou continuamente por falta da razaõ.

Antes de J.C, 404. Os Atheniẽses derrotados por Lysandro em Egos-Potamos.

Sparta, a fim de satisfazer os alliados, e os Persas, entregou o mandamento a Lysandro, cujos costumes eraõ oppostos ás Leis de Lycurgo; porém cujos talentos podiaõ reparar a ultima infelicidade. Lysandro tomou Lampsaço, sobre a costa do Hellesponto: os Athenienses o seguiraõ promptamente com cento e oitenta Galeras, e lhe apresentáraõ batalha. Lysandro a evitou varios dias successivos, procurando alimentar a sua orgulhosa confiança, para os sorprender com vantagem. Esta astucia era taõ bem imaginada, que os Athenienses naõ tendo alli perto nem Pórtos, nem Cidades, deviaõ tirar os seus provimentos de muito longe. Alcibiades retirado na Thracia, veio avisar os Athenienses do perigo a que se expunhaõ. Naõ lhe davaõ ouvidos; e acostumáraõ-se a desembarcar de noite, depois de ter insultado todo o dia o inimigo. Lysandro aproveitando-se do instante, em que os Athenienses estavaõ dispersos, lançou-se sobre a sua frota, junto a hum lugar chamado Egos-Potamos, do qual se fez senhor facilmente; e derrotando o exercito, fez tres mil prisioneiros, os quaes foraõ condemnados ao supplicio. Filocles, hum dos Generaes Athenienses, havia-se fei-

Crueldade para cõ os vencidos.

feito notavel em outro tempo por causa das crueldades, que exercitou contra os prisioneiros Spartanos. Perguntando-lhe Lysandro, de qual castigo se julgava digno: *Naõ accuses*, respondeo Filocles, *huns Homens, que naõ tem Juiz algum: tu és vencedor; usa dos teus Direitos: trata-me do mesmo modo, como nós te tratariamos, se tivessemos vencido.* Tanto he verdade, que todos devem esperar as mesmas injustiças, que a outrem se fazem.

Sitio de Athenas.

Pouco tempo depois, Athenas he sitiada por Mar, e por Terra. Aquelles Republicanos altivos, abatidos com o pezo do infortunio, desmentem o seu antigo valor. Em lugar de se defenderem com ardor, offerecem ceder tudo, com tanto que lhe deixem a Cidade, e o Porto. O negocio agitou-se em Sparta. Os Corinthios, e os Thebanos pretendiaõ que a Cidade fosse destruida; os Spartanos mais generosos, lembráraõ-se dos serviços, que Athenas tinha feito a toda a Grecia. Fez-se o Tratado com as condições seguintes. Que as fortificações do Pireo fossem demolidas, juntamente com o muro, que unia aquelle Porto com a Cidade; que os Athenienses entregassem todas as suas Galeras, excepto doze; que desamparassem todas as Praças, das quaes se tinhaõ feito senhores; que perdoas-

Athenas sujeita-se a humas cõdições vergonhosas.

doassem aos desterrados, e fizessem a guerra debaixo das ordens dos Spartanos.

Deste modo acabou aquella terrivel guerra de vinte e sete annos, originada pela ambiçaõ, atroz pelo odio, e taõ funesta para os Gregos, como a confederaçaõ lhes tinha sido vantajosa.

CAPITULO IV.

Sparta corrompida por Lysandro. — Thrasybulo liberta Athenas da tyrannia. — Processo de Socrates. — Retirada dos dez mil.

Ambiçaõ de Lysandro.

O AMBICIOSO Lysandro, sem cuidar no bem publico, sómente para si trabalhava. Lysandro queria dominar por toda a parte. Depois da victoria naval de Egos-Potamos, o mesmo Lysandro abolio em varias Cidades maritimas a Democracia, sujeitando-as a huns Magistrados, dos quaes podia dispôr; tambem mudou o Governo de Athenas, nomeando-lhe trinta Tyrannos com o nome de Archontes, os quaes commettêraõ crueldades inauditas. Lysandro corrompeo os costumes de Sparta, introduzindo-lhe as ri-

Lysandro introduzio as riquezas em Sparta.

riquezas. Mil e quinhentos talentos, que lhe remetteo, chegáraõ a ser huma peste publica. O proprio Gylippo, taõ célebre por causa de ter libertado Syracusas, naõ pôde vencer a tentaçaõ de roubar huma porçaõ de talentos; e convencido daquelle infame roubo, fugio para evitar o supplicio. Os Cidadãos mais prudentes quizeraõ desde logo proscrever com abominaçaõ o ouro, e a prata de Lysandro. Os seus amigos propozeraõ fazer uso daquellas riquezas sómente para as necessidades do Estado. O expediente sendo approvado ordenou-se pena de morte contra qualquer particular, que conservasse alguma peça da nova moeda: como se, conforme o pensamento judicioso de Plutarco, o particular podesse desprezar por muito tempo aquillo, que o Estado achava util; e como se, abrindo os corações para a avareza, se podesse esperar, que a Lei prohibisse a entrada do dinheiro nas casas.

He verdade que as riquezas inficionáraõ Sparta; porém em fim, por ventura naõ se fazia necessario hum Thesouro publico em o novo Systema? Logo que se julgava necessitar de huma Marinha; logo que se pretendia estender-se mais além dos seus limites, ou hir fazer a guerra longe da sua terra, como se pode-

Este mal tinha chegado a ser como necessario: porque os Spartanos já naõ eraõ os mesmos.

deria passar sem rendas? Acaso naõ se tinhá mais de huma vez mendigado o ouro dos Persas? Era necessariamente preciso, ou conservar inteiramente as Leis de Lycurgo, ou mudar de costumes. A corrupçaõ preparava-se havia muito tempo; e duvido que se possa ter por verdadeiro o célebre pensamento de Pausanias, que naquelle tempo reinava. Perguntavaõ-lhe a razaõ porque os antigos costumes se perpetuavaõ em Sparta. *He porque as Leis em Sparta governaõ os Homens*, respondeo Pausanias, *e naõ os Homens as Leis.*

Athenas opprimida por trinta Tyrãnos.

Sparta gozava ao menos da sua liberdade, ao mesmo tempo que Athenas, opprimida pelos seus trinta Tyrannos, padecia tudo quanto ha mais horroroso na escravidaõ, para huns Homens acostumados á independencia; assim como prizões, desterros, confiscaçaõ de bens, e supplicios. Segundo Xenofonte, os Tyrannos mandáraõ matar, em oito mezes de paz, mais Cidadãos, do que os inimigos matáraõ em trinta annos de guerra. O mesmo Theramenes, hum dos trinta, foi executado, por se ter opposto ás violencias dos seus Collegas.

Perfidia dos Spartanos a respeito

Aqui se vê apparecer novamente Alcibiades; o qual passando do seu desterro para a Asia, pretende chegar á Corte

da

da Persia com a idéa de fazer huma revoluçaõ a favor de Athenas. Os Spartanos receando-se de Alcibiades, obrigaõ por huma vergonhosa perfidia ao Satrapa Farnabaso, que ordene a morte do Atheniense. Huns Aguazis, mandados para este objecto, lançaõ fogo á sua casa, naõ se atrevendo a entrar nella. Alcibiades sahe com a espada na maõ, e rechaçando-os cahe finalmente traspassado dos dardos, que lhe atiráraõ, fugindo. Alguns referem a sua morte differentemente. Porém o mais importante para se saber, he que Alcibiades, com qualidades superiores, e huma admiravel disposiçaõ para as grandes cousas, fosse o flagello da Grecia; o que o fez a elle mesmo infeliz, seguindo mais depressa o violento impeto das paixões, do que os conselhos de Socrates.

de Alcibiades.

Sua morte.

Athenas achou outro vingador, a pesar da cruel cautela dos Spartanos, os quaes prohibiraõ ás Cidades Gregas admittir os Athenienses, fugitivos por causa da Tyrannia. Thrasybulo á testa daquelles fugitivos accommetteo os Tyrannos, e os expulsou. O Governo foi confiado a dez Cidadãos; porém o abuso da authoridade he hum exemplo taõ contagioso, que estes mesmos chegáraõ a ser novos Tyrannos. Os Trinta reclamavaõ

Antes de J. C. 403. Thrasybulo liberta Athenas da Tyrannia.

O

o soccorro dos Spartanos. Lysandro os protegia com ardor. O Rei Pausanias marchou contra Athenas; desejando no fundo do seu coraçaõ, restabelecer-lhe a boa ordem, o socego, e a paz. Finalmente Thrasybulo acabou a sua obra. Os Tyrannos foraõ mortos, e o antigo Governo restabelecido. Humas revoluções semelhantes ordinariamente saõ seguidas de sanguinolentas consequencias. Ficavaõ ainda muitos complices da Tyrannia, e as desordens publicas tinhaõ feito infinitos culpados. O prudente libertador de Athenas comprehendeo facilmente, que em castigando se abririaõ novamente as chagas do Estado. Thrásybulo propôz hum acto célebre de Amnistia, ou Perdaõ geral, pelo qual se abolio a lembrança do passado. As discordias civis deixaõ infelizmente hum fermento, o qual naõ destroe huma salutifera docilidade, se as paixões conservaõ o seu imperio.

Acto de Amnistia, ou perdaõ geral depois da morte dos Tyrãnos.

As paixões reináraõ sempre em Athenas. O processo de Socrates servio de muito maior deshonra para aquella Cidade do que a escravidaõ. Socrates, o primeiro, diz Cicero, que fez descer do Ceo a Filosofia; que a collocou nas Cidades, e a introduzio pelas casas; que a obrigou a unir-se com os costumes, com as obrigações da vida, e com o exame do

Socrates o mais respeitavel dos Filosofos.

Tusc. V. 10.

do bem, e do mal; aquelle verdadeiro Filosofo, modelo das virtudes, que ensinava aos seus Discipulos, tinha-se consagrado, havia muito tempo, ao cuidado de instruir a Mocidade. Socrates desprezava os Sofistas, cuja vaidade, escondida debaixo da capa de huma vã ostentaçaõ de Sciencia, decidia de tudo sem saber nada, e se reproduzia em palavras, para naõ dar senaõ idéas falsas: os Sofistas foraõ pois seus inimigos. O mesmo Socrates professava a Religiaõ da sua Patria, elevando-se sobre as populares preoccupações, e dirigia unicamente a Deos as adorações, que prodigamente se davaõ ás Fantasmas de Divindades: os Supersticiosos, e os Hypocritas naõ podiaõ deixar de o aborrecer. Aquelles Homens perigosos conspiravaõ a sua perda. Já se tinhaõ servido do Pretexto da Religiaõ contra Aspasia, e Anaxagoras; pretexto, com que se córa taõ facilmente a negra maldade; serviraõ-se das mesmas armas contra o mais virtuoso de todos os Homens.

Os Sofistas, e os Hypocritas conjuraõ a sua perda.

Anyto, e Melito, nomes infames na Historia, foraõ os Chefes da conspiraçaõ. Aristofanes, cujas Comedias lascivas, e Satyricas naõ eraõ do gosto de Socrates, picado sem duvida da preferencia, que Socrates dava ás Tragedias de

Aristofanes representa Socrates no Theatro.

de Euripides, foi o primeiro que o descompôz, representando-o no Theatro. A sua sanguinolenta Obra *das Nuvens* patenteou a paciencia do Filosofo. Socrates assistio á sua representaçaõ; e soffreo com sangue frio as publicas rizadas, imaginando-se, disse elle aos seus amigos, *estar em hum festim, onde a todos divertia.* Melito, tirando depois a mascara, o accusa de corromper a Mocidade, e de introduzir novas Divindades. Socrates ensinava havia quarenta annos; todos conheciaõ a sua doutrina; fazer-lhe della hum crime taõ tarde, era hum absurdo escandaloso; porém a paixaõ, com tanto que se satisfaça, de nada se envergonha.

Melito o accusa.

O Accusado, sem querer nem advogados, nem sollicitadores, justifica-se com a simples exposiçaõ do seu procedimento: *Eu creio na existencia de Deos, mais do que os meus accusadores*, expressou Socrates valerosamente; *do que estou de tal sorte convencido, que me entrego a Deos, e a vós, a fim que me julgueis do modo que vos parecer mais util para vós, e para mim.* Socrates foi logo condemnado, sem pena determinada. O mesmo Socrates podia eleger huma multa pecuniaria; os seus amigos se encarregavaõ de a pagar. Elle recusa generosamente tomar aquelle par-

Socrates soffreo a sentença cõ valor.

Socrates he condẽnado á morte.

partido com receio de se reconhecer culpado, declarando ao Povo que elle julgava antes ter merecido pelas suas acções ser alimentado á custa da Republica. Aquella nobre altivez irrita mais os animos; vota-se segunda vez, conforme o costume; e o condemnaõ a beber a cegude: esta era a pena capital. Socrates disse tranquillamente aos seus Juizes: *Parto a morrer por ordem vossa: para o que a natureza me tinha condemnado desde o meu nascimento; porém a verdade depressa condemnará os meus accusadores á infamia.*

Socrates recusa fugir da prisaõ, e morre como Sabio.

Querendo os seus amigos tirallo da prisaõ, e convidando-o a fugir, Socrates responde, que isso sería hum attentado contra as Leis. Em o dia do supplicio, Socrates se entretem com elles a respeito da immortalidade da Alma, e dos sentimentos, que deve inspirar a esperança da outra vida; e prova que aquella verdade, ainda quando naõ fosse senaõ duvidosa, deve regular o procedimento de qualquer Homem racionavel. O mesmo Socrates os anima, e os consola, e vendo que lhe traziaõ a cegude, bebe-a sem movimento algum extraordinario; Socrates morre, dizendo a Criton, hum dos seus Discipulos: *Eu devo hum gallo a Esculapio; cumpre esta promessa por mim, e naõ te esqueças.*

Os

Arrependimento dos Athenienses.

Os Athenienses penetrados de vergonha, e de remorsos, depois de terem perdido aquelle verdadeiro Filosofo, deraõ as maiores honras á sua memoria, castigáraõ severamente os seus accusadores, e detestáraõ todo aquelle, que teve parte na sua conspiraçaõ. Commetter cul-

Absurdo do seu procedimento.

pas enormes, arrepender-se sempre dellas, e nunca já mais emendar-se era o costume dos Athenienses. Para maior loucura permittia-se aos Poetas representar os Deoses no Theatro, ao mesmo tempo que se castigavaõ os Sabios por inspirar aos Cidadãos os sentimentos dignos da Divindade. Os Trinta Tyrannos tinhaõ salvado Socrates, posto que inimigo declarado abertamente contra a sua Tyrannia. Depois de expulsos os Tyrannos (no anno 400 antes da nossa era) he que a sentença do Povo o mandou matar. Hum Povo sem freio, naõ he o Tyranno menos injusto, nem menos cruel.

A Moral mais interessãte na Historia, do que as circunstãcias individuaes das expediçóes.

Lê-se com gosto em Rollin tudo quanto diz respeito á hum Homem tal, como Socrates; porém logo causaõ tedio as suas dilatadas individuações a respeito da famosa retirada dos dez mil. A razaõ he porque a Moral executada instrue sempre e interessa, em lugar que todas aquellas outras individuações circunstanciadas, per si mesmas fastidiosas, quasi que naõ tem

uti-

utilidade alguma. Todos aprenderiaõ a Historia; todos della se aproveitariaõ, se a naõ tivessem carregado demasiadámente de cousas nada interessantes, as quaes cançaõ ainda nas Gazetas. Estude muito embora qualquer Militar por Xenofonte, ou em Rollin, a retirada dos Dez-mil, quando souber cousas muito mais essenciaes para o seu Estado. Para nós bastanos ter huma idéa daquelle memoravel successo.

Cyro, o Moço, pretende tirar o Throno a seu Irmaõ Artaxerxes Mnémon.

Antes de J.C. 401.

Os Spartanos unése cõ Cyro.

Dario II (*Nothus, o Bastardo*) era morto, e tinha deixado o Imperio a seu Filho primogenito, Artaxerxes Mnémon. Cyro, o Moço, seu Irmaõ, governava a Asia Menor. Por huma insigne culpa, deixáraõ-lhe aquelle Governo, posto que tivesse manifestado a ambiçaõ, que o devorava. Cyro resoluto a desthronisar seu Irmaõ, obrigou aos Spartanos a tomar o seu partido, dos quaes se tinha mostrado Protector; e esquecendo-se estes dos seus verdadeiros interesses, e dos interesses da Grecia, se deixáraõ enganar com apparencias frivolas. Treze mil Gregos marchaõ com Cyro, sem saber para onde. Cyro augmenta-lhe o seu soldo no caminho (1), pelos ver descorçoados de huma

(1) Cyro lhes prometteo Darico e meio por mez, isto he, segundo Rollin, quinze livras tornezas, e da nos-

ma empreza taõ perigosa. Chega-se perto de Babylonia. O Rei adianta-se com hum innumeravel exercito. Clearco, General Lacedemoniense, aconselha a Cyro, o Moço, de naõ expôr a sua Pessoà. *Pois que*, respondeo aquelle Principe, *quando eu procuro fazer-me Rei, tu queres que eu me mostre indigno de o ser!* Os dous Irmãos se enfurecem hum contra o outro na batalha. Cyro ficou morto. Com tudo os Gregos pelo seu animo, e pela sua disciplina, se mostraõ superiores áquella multidaõ de inimigos. Os mesmos Gregos declaraõ que antes haõ de morrer, do que render as armas; e por entre infinitos obstaculos, e perigos, continuamente accommettidos, e sempre vencedores, voltaõ em numero de dez mil para a sua Patria pelo Hellesponto, depois de ter corrido quinhentas para seiscentas legoas de Terra.

Cyro ficou morto no combate.

Retirada dos dez mil.

Xenofonte commandava os Gregos no fim da retirada. A sua Historia que nos deixou, parece naõ obstante suspeita a respeito de algumas cousas. Xeno-

Xenofõte muito prevenido a favor de Cyro, o Moço.

nossa moeda dous mil e quatrocentos réis. Porém as avaliações de Rollin saõ muito inferiores ao valor numerario de hoje em dia; o qual avalia o talento em mil escudos, como se fazia no tempo de Luiz XIV.: os mil Escudos fazem da nossa moeda quatrocentos e oitenta mil réis.

nofonte, naquella Historia, descreve Cyro o Moço, como hum Principe completo, sem condemnar a odiosa empreza, que lhe inspirou a ambiçaõ. Aquelle Principe o tinha encantado com o seu entendimento, e com o seu merecimento; porém acaso hum Historiador Filosofo podia dissimular os seus excessos? A rebelliaõ contra o seu Rei, o odio contra seu Irmaõ, e o furor de usurpar o Throno por meio de huma guerra civil, mancharáõ eternamente a memoria de Cyro por muitos elogios, que se lhe tenhaõ feito. Em a Carta que Cyro escreveo aos Spartanos, para lhe pedir tropas, elle se elevava muito sobre o seu competidor, louvandose de ter o coraçaõ mais real, de saber melhor a Religiaõ, e a Filosofia, e de poder tambem (o que era, sem duvida, hum grande merecimento entre os Persas,) beber mais vinho sem ficar perturbado. Toda a Carta annuncia o pouco gosto da decencia.

Ctesias, Medico de Cyro.

O Historiador Ctesias, de quem temos fallado algumas vezes, estava unido com aquelle Principe, e passou para o serviço de Mnémon, em qualidade de Medico. Focio conservou huns Fragmentos das suas Obras. Diodoro muitas vezes o copiou, e naõ podia eleger guia menos seguro.

CAPITULO V.

Agesiláo na Asia. —— Agesiláo he chamado. —— Tratado vergonhoso com os Persas. —— Republica de Thebas, até á batalha de Leuctras.

Guerra contra os Persas.

NADA he mais proprio para inspirar grandes resoluções, do que a gloria das grandes acções. A retirada dos Dez-mil tendo incitado o valor dos Gregos, elles se armáraõ novamente por causa da liberdade das suas Colonias Asiaticas, entregando-se mais que nunca ao desejo de humilhar os Persas. Agesiláo foi o principal Heroe daquella guerra. Irmaõ de Agis, Rei de Sparta, tinha sido educado, como hum simples particular, com toda a severidade dos costumes Lacedemonienses, por naõ ter direito algum á Corôa. Depois da morte de Agis, Agesiláo disputou a Corôa a Leotychides, seu Sobrinho, tido por Filho natural de Alcibiades, posto que Agis, morrendo, o tivesse reconhecido por legitimo. Agesiláo obteve a preferencia; a qual merecia por causa das suas qualidades heroicas, juntas com o talento de ganhar os cora-

Agesiláo, Rei de Sparta.

ções.

ções. Tal era para Agesiláo o amor da Naçaõ, e tal o seu credito em Sparta, que os Eforos o condemnáraõ á huma pena pecuniaria, unicamente *por se apropriar dos Cidadãos, que pertencem á Republica.* Os seus Predecessores tiveraõ disputas continuadas com os Eforos, e com o Senado; Agesiláo nenhumas teve em todo o tempo do seu Reinado. O mesmo Agesiláo sempre os respeitou; e longe de enfraquecer a sua authoridade, augmentou-a obedecendo ás Leis. Sendo coxo, sómente hum merecimento extraordinario o podia fazer taõ amavel, e taõ respeitado em hum Estado, em que se naõ perdoava o menor defeito corporal.

Antes de J. C. 396. Agesiláo faz tremer os Persas.

Agesiláo, encarregado da guerra contra os Persas, pedio trinta Capitães para compôr o seu Conselho. Lysandro, o qual tinha contribuido para o fazer Rei, foi posto na frente dos Capitães. Agesiláo prometteo quando partio, ou concluir huma paz gloriosa, ou opprimir os inimigos de modo, que naõ podessem inquietar a Grecia. Agesiláo em pouco tempo encheo a Asia de terror com as suas armas. Os Satrapas tremêraõ na sua presença; a disciplina, e a virtude de Sparta se fizeraõ admirar na sua pessoa; o fasto, e o orgulho dos Persas pareciaõ tributar-lhe homenagem nas

conferencias, que teve com os Officiaes do grande Rei. Agesiláo insensivel aos seus offerecimentos, e ás suas ameaças, via as Provincias já promptas para lhe obedecer; e propondo levar ás suas armas até ao centro do Reino, foi chamado subitamente para defender a sua Patria.

Liga dos Gregos contra Sparta.

As intrigas, e sobre tudo o ouro dos Persas, tinhaõ formado contra Sparta huma liga perigosa. Thebas, Argos, e Corintho sublevâraõ-se, naõ lhe querendo já mais estar sujeitas. Athenas seguio o seu exemplo, com a sollicitaçaõ dos Thebanos, aos quaes era particularmente devedora da sua liberdade. Lysandro que mandava no Hellesponto, correo para suffocar a liga no seu principio; e esperando de balde os soccorros, foi morto em hum combate desigual.

Morte de Lysandro.

Sua ambiçaõ.

Aquelle famoso Spartano estava indifferente com Agesiláo por causa da sua altivez, e das suas pretenções. Lysandro juntando aos grandes talentos, todos os vicios de hum ambicioso, e sendo injusto, velhaco, e perfido, zombava dos Homens, e dos juramentos. Descobrio-se, algum tempo depois da sua morte, hum projecto, que concebêra de se fazer Senhor da Corôa. O mesmo Lysandro queria abolir o direito da Successaõ; ti-

nha

nha corrompido os Sacerdotes, a fim de fazer fallar os Oraculos em seu favor; e teria feito valer depois o direito do mais poderoso, como em huma occasiaõ, em que os Spartanos, e os Argivos disputando entre si a respeito dos seus limites; disse mostrando a sua espada: *Eis-aqui o meio de ter razaõ.* Lysandro sempre foi pobre, depois de ter introduzido as riquezas em Sparta: prova singular da influencia, que tinhaõ ainda os costumes, até nas mesmas almas corruptas. Quando se soube o Estado dos seus negocios, dous Cidadãos consideraveis, os quaes deviaõ casar com suas filhas, naõ quizeraõ cumprir as suas palavras. Aquella baixeza os fez infames, e os fez condemnar em huma pena pecuniaria.

Lysandro era pobre, posto que tivesse introduzido as riquezas na sua Patria.

Em a confusaõ, em que se achava a Republica, os Eforos chamaõ novamente Agesiláo, o qual obedece sem duvidar, a pesar dos attractivos da victoria. *Eu sei*, diz elle, *que hum Commandante naõ merece aquelle nome, senaõ quando se deixa conduzir pelas Leis, e obedece aos Magistrados.* Antes da sua chegada, Conon, hum dos Generaes Athenienses, derrotado por Lysandro em Egos-Potamos, augmentou as inquietações de Sparta. Com huma frota de Persas que commandava, ac-

Agesiláo chamado da Asia, obedece ás Leis.

Conon, vencedor em Cnido.

accommetteo a frota inimiga perto de Cnide, tomou-lhe sincoenta Galeras, dissipou-lhe o resto, e fez rebellar quasi todos os Alliados de Lacedemonia. Agesiláo sabe aquella noticia em Beocia, onde se dispunha para huma batalha; dissimulando, e fingindo que se alcançou a victoria, anima as tropas com hum sacrificio de acções de graça. Dá-se a batalha nas planicies de Coronea; Agesiláo ganha a batalha, a pesar das suas fadigas, e da vigorosa resistencia dos Thebanos; de volta para Sparta, naõ se distingue senaõ pela sua modestia, pela sua moderaçaõ, pela sua temperança, e pela sua economia, como se naõ tivesse nem a idéa dos costumes Asiaticos.

Agesiláo vencedor em Coronea.

Com tudo Conon, depois de ter assolado as costas de Laconia, vem levantar novamente os muros de Athenas com o dinheiro dos Persas. Os Spartanos vem com pesar a sua competidora prompta para recuperar o seu antigo Dominio. A fraca inveja lhes faz atraiçoar a honra, e a justiça. Os Spartanos mandaõ Antalcides ao Satrapa da Lydia, naõ sómente para diffamar Conon, mas para offerecer condições de paz, as mais capazes de deshonrar a Grecia. Antalcides, inimigo de Agesiláo, sómente via este meio de enfraquecer a sua authoridade,

Conon levanta novamẽte os muros de Athenas.

Fraco ciume de Sparta.

e de suspender o curso da sua gloria.

Aqui daõ os Persas a Lei, como vencedores. O Tratado declara, que todas as Cidades Gregas da Asia ficaráõ sujeitas ao grande Rei, que as outras todas seráõ livres, e ellas mesmas se governaráõ; que o Rei ficará com as Ilhas de Chypre, e de Clazomene; que deixará as Ilhas de Scyros, de Lemnos, e de Imbros aos Athenienses, a quem pertenciaõ havia muito tempo; e finalmente que declarará a guerra aos que recusarem estes Artigos. Os Thebanos foraõ os unicos, que se lhes oppozeraõ logo com animo; porém seguiraõ o exemplo dos outros.

Antes de J. C. 387. Os Spartanos fazem hum Tratado vergonhoso cõ os Persas.

Deste modo as paixões, e má Politica dos Gregos, anniquiláraõ repentinamente os frutos de tantas victorias, e de tantas virtudes. Os Gregos unidos pelo commum interesse, tinhaõ triunfado do poder o mais formidavel, tinhaõ-lhe imposto a Lei, e tinhaõ experimentado todas as vantagens de huma confederaçaõ, da qual tiravaõ ao mesmo tempo a sua gloria, e a sua segurança. Divididos depois os mesmos Gregos, por causa de loucos ciumes, e da ambiçaõ do mando, tinhaõ-se entregado a todos os excessos do odio, e do furor; mais crueis huns com os outros, do que aquelles a quem tratavaõ de Barbaros com desprezo.

Effeitos da divisaõ entre os Gregos.

zo. Finalmente depois da ruina dos principios, das Leis, e dos costumes, occasionada pelas suas discordias, os Gregos se achaõ vís, até arrastarem-se na presença daquelles Barbaros, sem ter sido nem vencidos; até lhes sacrificarem solemnemente a liberdade das Colonias, que tiráraõ da escravidaõ. Tal foi o effeito da competencia de Sparta, e de Athenas. Que differença naõ ha entre a emulaçaõ, que excita ás grandes cousas, e a ambiçaõ, que conduz ás infelicidades por meio da injustiça?

Antes de J. C. 382. Os Spartanos se apoderaõ da fortaleza de Thebas em plena paz.

Sparta tendo recuperado o seu Imperio na Grecia, naõ usou melhor delle do que antigamente: Imperio, que Sparta exercitou tyrannicamente, sem prevêr depois de tantas experiencias, que aquella Tyrannia causaria a sua ruina. Febidas, hum dos seus Generaes, conduzia tropas para Thracia, a fim de subjugar Olyntha, cujo poder se receava, depois que tinha sacudido o jugo de Athenas. O mesmo Febidas acampado perto de Thebas, onde dous partidos se destruiaõ, favoreceo os intentos de hum dos principaes sediciosos, e apoderou-se por sorpreza da Cidadella, chamada Cadmea. Aquella violencia, em plena paz, era hum horroroso attentado.

Com tudo, quando as queixas daquel-

quelle attentado chegáraõ a Sparta, Agesiláo, infelizmente muito inclinado á guerra, contentou-se em dizer que era necessario examinar, se aquella cousa era util; que se podia, e tambem que se devia fazer de seu motu proprio, tudo quanto era conveniente aos interesses da patria. O successo provará bem que o verdadeiro interesse, como temos já observado, he inseparavel da justiça. O mesmo Agesiláo se desmentia a si proprio, quando disse a respeito do Rei da Persia: *Aquelle Rei a quem vós chamais grande, acaso póde elle ser maior do que eu, menos que naõ seja mais justo?* A Sentença dos Spartanos a respeito do negocio de Thebas he huma contradicçaõ mais offensiva. Os Spartanos pronunciaõ que Febidas será privado do mando, e pagará a multa de cem mil drachmas; porém que a Cidadella ficará em poder dos Spartanos, e que lhe poráõ huma grande, e forte guarniçaõ.

Sentença injusta pronúciada em Sparta, a respeito deste negocio.

Depois de semelhantes procedimentos, era necessario, ou ser invencivel, ou esperar por crueis revoluçóes. Mais de quatrocentos Thebanos se refugiáraõ em Athenas, com a vingança no coraçaõ. Hum Decreto de desterro ainda mais os irritou. Pelopidas era do numero dos desterrados. O seu nascimento, as suas ri-

Thebanos fugitivos em Athenas.

Pelopidas, e Epaminondas.

que-

quezas, porém sobre tudo a sua actividade, o seu animo, e a sua virtude o collocavaõ na primeira ordem dos Cidadãos. Pelopidas teve por amigo Epaminondas, igualmente nobre, e valeroso; porém pobre, Filosofo, entregue ao estudo, e a quem os oppressores de Thebas deixáraõ na Cidade, como hum particular, do qual nada deviaõ recear. Nós entramos a ver, como aquelles dous Heroes vingaõ a sua Patria, sobre as ruinas da orgulhosa Lacedemonia.

Pelopidas liberta a sua Patria.

Pelopidas, ainda muito moço, emprende a liberdade de Thebas. Inspira o seu ardor a todos os desterrados, conserva intelligencias na Cidade, onde entra occultamente com onze companheiros; e posto que transpire o segredo da conspiraçaõ, Pelopidas executa o seu intento com tanta felicidade, como intrepidez. Os principaes Magistrados estavaõ juntos em hum banquete. Hum delles recebeo huma Carta de Athenas, pela qual o instruiaõ da conspiraçaõ. Este a naõ quiz abrir, dizendo: *Os negocios serios saõ para amanhã.* Aquelles Magistrados saõ degolados ao mesmo tempo, em que se esquecem dos negocios. Depois forçaõ-se as prizões, e tudo convida para os Thebanos serem livres. Epaminondas, que até áquelle tempo tinha contido o seu

Epaminõdas une-se cõ Pelopidas.

seu zelo, com o receio de derramar o sangue dos Cidadãos, une-se com os libertadores da Patria. Todos os desterrados chegaõ no dia seguinte, e saõ seguidos de hum exercito Atheniense de sinco mil e quinhentos Homens; as Cidades de Beocia se apressaõ tambem em mandar soccorro. Finalmente a Cidadella he sitiada; os Spartanos saõ obrigados pelo resto da guarniçaõ a abrir as suas portas; elles supplicaõ, e permitte-se-lhes retirar-se para onde quizerem. O exercito de Sparta chegava com a sua fleuma ordinaria, o qual sem aquella falta de diligencia, teria salvado a Praça.

Os Spartanos saõ lançados fóra.

Os Athenienses da sua parte, com a sua inconstancia ordinaria, arrependendo-se de terem soccorrido generosamente os Thebanos, os desamparaõ cobardemente. Porém Pelopidas, contra sua vontade, acha o segredo de os reconduzir. O mesmo Pelopidas manda propôr ao Spartano Sfodrias, General imprudente, huma empreza a respeito do Pireo, cujo successo contribuia para Sparta ser Senhora de Athenas. Como a ambiçaõ justificava tudo, Sfordias abraçou o projecto com ardor; porém tomando mal as suas medidas, naõ consegue a sua empreza. Athenas queixa-se vivamente; os Spartanos negaõ-lhe a satisfaçaõ; des-

Os Atheniẽses desamparaõ os Thebanos, e renovaõ logo a sua aliança cõ elles.

de

de logo Athenas renova a alliança com Thebas; prepara huma frota, a qual ás ordens de Timotheo, Filho de Conon, insulta a Laconia, e toma a Ilha de Corcyra a Lacedemonia.

Agesiláo conduz a guerra na Beocia muito mal.

Agesiláo he mandado para a Beocia; onde adiantado na idade, naõ faz senaõ huma guerra de escaramuças, menos propria para sujeitar os Thebanos, do que para os acostumar á guerra. Antalcides vendo Agesiláo de volta coberto de feridas, lhe disse com hum modo de zombaria: *Estás, ó Agesiláo, bem pago de ter ensinado aos Thebanos o officio da guerra, que elles naõ queriaõ, nem podiaõ aprender antes de ti.* Com effeito, Pelopidas deo provas do grande proveito, que tiráraõ das suas lições; pois que no combate de Tegyra, passou por entre o exercito inimigo, tres vezes mais poderoso, que o seu. Naõ se tinha ouvido antecedentemente, que os Spartanos tivessem sido derrotados com forças iguaes. A sua insolente altivez sentio entaõ, que hum Povo livre póde chegar a ser formidavel aos Tyrannos mais bellicosos.

Os Spartanos saõ derrotados em Tegyra, posto que muito mais numerosos do que os Thebanos

Aquella guerra ateada pela ambiçaõ de hum povo injusto, fazia gemer, e murmurar toda a Grecia. Queria-se huma paz geral. Mandáraõ-se negociadores a Sparta; onde Epaminondas, Deputado de

Os Thebanos abãdonados pelos Gregos.

de Thebas, sustentou fortemente o interesse publico, e os Direitos da liberdade. Agesiláo perguntando a Epaminondas com modo imperioso, se era pois necessario deixar a Beocia independente? Epaminondas respondeo com huma questaõ semelhante, se era pois necessario deixar a Laconia independente? O Spartano muito irritado contra os Thebanos, riscou o seu nome do Tratado, que se pretendia fazer. Os outros Gregos assignáraõ o Tratado por temor, desamparando o Povo, que entaõ merecia maior estimaçaõ.

Constácia de Epaminondas.

CAPITULO VI.

Thebas poderosa no tempo de Pelopidas, e de Epaminondas.---- Sua decadencia.--- Estado da Grecia antes de Filippe de Macedonia.

THEBAS, segundo as apparencias todas, estava perdida sem recurso. Sparta vinha cahir sobre Thebas, com toda a Grecia juntamente. Porém dous Homens taes, como Epaminondas, e Pelopidas bastaõ para a Patria, quando o Patrio-

Epaminõdas General.

tis-

tismo reina em os corações. O primeiro foi nomeado General com varios Collegas. O segundo, naõ estando entaõ empregado, mandava o batalhaõ *Sagrado*, tropa formidavel, composta de trezentos mancebos Heroes, os quaes se obrigavaõ por juramento a defender-se até ao ultimo suspiro (1). Epaminondas dispunha-se para marchar, quando lhe vieraõ annunciar funestos agouros. Elle respondeo com aquelle verso de Homero: *O melhor presagio he defender a sua Patria.* Epaminondas superior ás fraquezas da superstiçaõ, sabia quanto saõ poderosas as suas forças entre o vulgo; para prevenir os seus effeitos, o mesmo Epaminondas fez suppôr agouros favoraveis, os quaes recebêraõ os Soldados com huma inteira confiança.

Batalhaõ *Sagrado.*

Sua prudencia a respeito dos agouros.

A batalha de Leuctras decidio aquella grande contenda. Os Spartanos, e os seus Alliados tinhaõ vinte e sinco mil e seiscentos Homens, contra seis mil e quatrocentos, de que se compunha todo o exercito Thebano. Aquella desigualdade naõ impedio a Epaminondas accommetter o inimigo. O mesmo que em certas cir-

Antes de J.C. 370. Batalha de Leuctras.

(1) Quando Pelopidas sahio de sua casa, sua Mulher toda em lagrimas pedio-lhe que se conservasse. *Eis-ahi o que he necessario recommendar á Mocidade*, respondeo Pelopidas, *porém aos Chefes só he necessario recommendar a conservaçaõ dos outros.*

circunstancias se chamaria temeridade, em outras he prudencia. Os Alliados de Sparta estavaő descontentes; os Thebanos estavaő acostumados á guerra, e respiravaő o enthusiasmo da liberdade; demais disso era necessario prevenir a chegada de novas tropas, que os inimigos esperavaő. O General fez disposições taő excellentes, e foi taő bem favorecido, que alcançou huma completa victoria. Nunca os Spartanos perdêraő tanta gente. O seu Rei Cleombrotes ficou morto com mil e quatrocentos Cidadãos.

Magnanimidade dos Spartanos depois da sua derrota.

Entaő se vio em Sparta hum resto tocante dos costumes antigos. A noticia do desastre chegou a Sparta, quando se celebravaő os Jogos Gymnicos. Os Eforos naő permittindo que os interrompessem, mandáraő sómente a lista dos mortos pelas casas. Sería difficultoso imaginar ás differentes impressões, que aquella lista produzio. Huns congratulavaő-se da morte gloriosa dos seus filhos; outros naő se podiaő consolar de que os seus tivessem sobrevivido á derrota. Distinguiraő-se especialmente as Mulheres por meio daquelles sentimentos, onde entrava talvez tanta ferocidade, como animo. Como varios combatentes tinhaő fugido, e as Leis declaravaő penas infames contra os fugitivos, podia-se temer que huma ri-

Os Spartanos suspêdem a Lei contra os fugitivos.

gi-

gida severidade naõ chegasse a ser funesta em hum tempo, em que a Republica naõ podia ter guerreiros sufficientes. Deose pois poder a Agesiláo para mudar as Leis, como julgasse conveniente. Aquelle Principe, achando huma disposiçaõ prudente, e sabia, disse á Assembléa, *que era necessario por hum dia deixar dormir as Leis, e dar-lhes depois todo o seu vigor.* O espirito da Legislaçaõ deve-se accommodar com as conjuncturas; porém qualquer Estado arrisca-se muito a perder as suas Leis, quando se acha no caso de as violar á favor daquelles, que merecêraõ ser por ellas condemnados. Talvez que naquelle caso se necessitasse de hum novo Legislador.

Epaminódas penetra na Laconia.

Nunca Mulher de Sparta tinha visto o fumo de hum campo inimigo, era huma especie de Proverbio, que o mesmo Agesiláo repetia muitas vezes; e teve o pesar de ser testemunha do contrario. Os Thebanos, cujo partido augmentava todos os dias, pela separaçaõ dos Alliados de Sparta, penetráraõ na Laconia, ficando esta assolada, e destruida. A prudencia de Agesiláo salvou a Cidade, onde esteve encerrado, evitando combater; porque huma derrota teria tido consequencias irremediaveis. Sparta, sem fortificações, naõ podia resistir muito tempo.

po. Porém Epaminondas temeo excitar a inveja, e o odio, se destruisse huma Republica, cujo nome sempre imprimia o respeito. Contente Epaminondas de ter abatido a sua Tyrannia, retirou-se coberto de gloria, depois de ter libertado os Messenienses do jugo dos Spartanos.

Epaminõdas poupa Sparta.

Pouco faltou que Epaminondas, e Pelopidas, seu Collega, naõ experimentassem, assim como outros muitos, a ingratidaõ Republicana. Em quanto áquella expediçaõ de Peloponneso, elles conserváraõ o mando, quatro mezes além do termo prescrito. Este foi, quando voltáraõ Epaminondas, e Pelopidas, hum objecto de accusaçaõ capital. O bem publico he a Lei Suprema, o qual fallava alta, e poderosamente em seu favor, para naõ ser attendido. O mesmo Epaminondas se defendeo, dizendo, que acceitaria voluntariamente a morte, se lhe quizessem deixar toda a gloria das suas ultimas acções, e declarar que elle as tinha feito sem approvaçaõ da Republica. Epaminondas em lugar de ser condemnado, foi admirado. Aquelle Heroe era taõ superior ás baixezas da vaidade, que servio com a maior vigilancia hum Emprego subalterno, que os seus inimigos lhe mandáraõ dar, como por insulto. *Os Empregos*, disse Epaminondas, *exaltaõ o*

Epaminõdas quando voltou he accusado juntamente cõ Pelopidas.

Epaminõdas justifica-se como Homẽ grande.

Cidadaõ; mas o Cidadaõ tambem exalta os Empregos.

Liga dos Gregos contra Thebas.

Com tudo os Spartanos humilhados imploraõ o soccorro dos Athenienses. Ou fosse compaixaõ por causa das suas infelicidades, ou fosse mais depressa ciume contra a nova Republica, Athenas promette naõ ter, senaõ hum interesse commum com elles. Diversos outros Póvos entraõ naquella confederaçaõ. Os Alliados procuraõ a protecçaõ do Rei da Persia; porque todo o sentimento de gloria cedia ás intenções de huma miseravel Politica. Thebas deputa Pelopidas para interromper os seus ajustes. A sua gloria, e os seus talentos lhe adquirem a estimaçaõ de Artaxerxes Mnémon, e lhe persuadem facilmente a favorecer hum Estado, que naõ tendo em tempo algum tido guerra com os Persas, podia equilibrar Sparta, e Athenas, suas inimigas.

Os Persas lhes negaõ soccorro.

Pelopidas Juiz de huma differença a respeito do Trono de Macedonia.

O illustre General cumprio depois huma commissaõ mais digna de hum Grego. Mandáraõ Pelopidas contra Alexandre, Tyranno de Feres em Thessalia, cuja ambiçaõ, e crueldade temiaõ todos os Póvos daquella Terra: o Tyranno naõ esperando por Pelopidas fugio. A Macedonia, naquelle tempo, estava destruida por causa das dissensões dos Filhos do ultimo Rei, Amyntas II. Disputando estes

a Co-

a Corôa entre si, chamáraõ Pelopidas para julgar a differença. A tranquillidade restabeleceo-se com a sua chegada, e Pelopidas conduzio, como em refens, trinta Meninos da primeira Nobreza, entre estes Filippe, o qual logo se verá collocado no Throno.

Pelópidas, sendo prisioneiro despreza o Tyranno de Feres.

Algum tempo depois daquelle negocio, mais glorioso para Pelopidas, e para a sua Patria, do que as sanguinolentas victorias, Pelopidas cahio por causa de huma excessiva confiança nas mãos de Alexandre de Feres; porém ainda que prisioneiro, Pelopidas o ameaçou de que havia castigar os seus crimes. Tendo-lhe o Tyranno mandado perguntar, por que razaõ procurava elle a morte? *A razaõ he*, respondeo Pelopidas, *para que tu pereças mais depressa, merecendo mais o odio dos Deoses, e dos Homens.* O mesmo Pelopidas libertado por Epaminondas, entregou-se sem cautela ao desejo da vingança; e expondo-se imprudentemente em hum combate, a fim de matar o Tyranno com a sua propria mão, espirou das suas feridas, ao mesmo tempo em que as suas tropas alcançavaõ a victoria. O cruel Alexandre foi depois assassinado: a sua propria Mulher foi a alma da conspiraçaõ.

Sua morte.

Antes de J. C. 363.

Toda a Grecia olhava com ciume pa-

Nova expediçaõ de Epaminõdas para Laconia.

para aquelles Thebanos antecedentemente desprezados, feitos em taõ pouco tempo os arbitros da Naçaõ. A sua superioridade dependia de huma unica cabeça, e logo a perdêraõ. Huma guerra civil tendo-se ateado na Arcadia, entre Mantinea, e Tegea, Thebas declarou-se pelos Tegeenses, Sparta, e Athenas pelos seus adversarios. Epaminondas, encarregado do mando, fez huma segunda tentativa contra Sparta. Penetrou até chegar á Praça pública; porém Agesiláo, o qual tinha sido felizmente avisado do seu intento, salvou a Cidade pelo seu valor, e pela sua prudencia. Entaõ o Thebano retira-se promptamente a fim de naõ ficar entre dous exercitos inimigos. Os Alliados seguiraõ Epaminondas de perto. Dá-se a famosa batalha de Mantinea, em a qual Epaminondas mostra claramente toda a sciencia militar, e combate como Heroe. O mesmo Epaminondas he ferido com hum dardo no peito; ferida que devia acabar, e coroar huma vida taõ gloriosa.

Batalha de Mantinea.

Morte de Epaminõdas.

Transportado Epaminondas para o campo em quanto a acçaõ continúa, os Cirurgiões annunciaõ a sua morte, quando se tirar o ferro da sua ferida. A sua unica vigilancia por entaõ he informar-se do successo da batalha, e do estado das suas armas. Epaminondas vê o seu bro-

broquel; ouve dizer que os Thebanos saõ vencedores, e consola os seus Officiaes desesperados: *Naõ olheis para este dia*, lhes disse Epaminondas, *como para o ultimo da minha vida, antes este he o principio da minha felicidade, e o cumulo da minha gloria. Eu deixo Thebas triumfante, Sparta abatida, e a Grecia livre da escravidaõ.* Como todos choravaõ vendo-o morrer especialmente sem filhos, Epaminondas continúa dizendo, que Leuctras, e Mantinea saõ os seus filhos, que naõ deixaráõ acabar o seu nome. Epaminondas arrancando a si proprio o dardo, logo espira.

Epaminondas foi hum dos maiores Homens da Antiguidade. A Filosofia, da qual fazia as suas delicias em o retiro, naõ o impedio para que naõ se entregasse aos negocios públicos, desde que a sua Patria para elles o chamava. A sua alma, educada com o estudo da sabedoria, pareceo mais propria para todas as funcções de General, e de Cidadaõ. As honras nunca o tentáraõ; pois unicamente trabalhava pela gloria de Thebas. Epaminondas penetrado dos sentimentos da piedade filial, disse depois da batalha de Leuctras: *A minha alegria he aquella que experimentaráõ meu Pai, e minha Mãi, quando souberem da nossa victoria.* Modesto

Qualidades admiraveis deste Heroe.

to na Sciencia, merecia o mesmo elogio, que delle se fez, que *ninguem sabia mais, e fallava menos.* Pobre com tantos meios de se enriquecer, póde-se julgar pelo seguinte passo do uso, que faria das riquezas. Epaminondas mandou hum dos seus amigos pedir da sua parte hum talento a outro Cidadaõ, tendo este vindo para saber a razaõ: *He*, respondeo elle, *porque aquelle honrado Homem se acha necessitado, e porque vós sois rico.* Em huma palavra, Cicero põe Epaminondas á testa dos Homens illustres da Grecia (1). Que elogio!

Thebas novaméte cahe no abatimento.

Thebas, antes de Epaminondas, naõ se fazia respeitar, pois que naõ era contemplada. Epaminondas, juntamente com Pelopidas, tirou Thebas de algum modo do nada, que era, para fazer a maravilha do Seculo. Thebas, depois de Epaminondas novamente cahio no abatimento. Aquella Potencia repentinamente se desvaneceo. Os Thebanos conserváraõ a sua reputaçaõ de povo estupido; o que se attribue ao ar grosso, e crasso de Thebas. A Beocia, além de Epaminondas, e de Pelopidas, teve com tudo o seu Pindaro, e o seu Plutarco. Porém, com a pro-

(1) *Epaminondas, Princeps, meo judicio, Græciæ.* Tusc. I. 4.

propria approvaçaõ daquelles Authores, a idéa que todos tinhaõ da Beocia naõ era sem fundamento. Ao menos esta he huma prova, que hum terreno ingrato póde dar nascimento ao caracter, e ao engenho dos Póvos. A cultura muitas vezes falta mais depressa do que a Terra.

A batalha de Mantinea inspirou aos Gregos o desejo da concordia; a qual já mais teriaõ quebrado, se tivessem sido sabios. Os Gregos uniraõ-se para que cada Cidade conservasse a sua liberdade, conforme o Tratado de Artaxerxes Mnémon. Como os Messenienses se comprehendiaõ naquella paz geral, Lacedemonia, naõ consentindo nella, mandou soccorro aos Egypcios rebellados contra o Rei da Persia. A mesma Lacedemonia empenhava-se imprudentemente em huma guerra estrangeira, em lugar de reparar as suas ultimas infelicidades. Agesiláo, tendo de idade mais de oitenta annos, partio á frente das tropas. Tachos, Rei do Egypto, naõ o tendo feito Generalissimo, como elle mesmo o esperava, unio-se em despique com Nectanebo, primo, e inimigo de Tachos. Depois de ter collocado este ultimo no Throno, Agesiláo morreo na Africa, para onde os ventos o lançáraõ, quando voltava para a Grecia.

Antes de J.C. 362. Paz geral na Grecia, excepto da parte dos Spartanos.

Agesiláo no Egypto.

Sua morte.

Agesiláo era amigo intimo de Xeno-

Xenofóte.

nofonte, e o tinha obrigado a mandar educar os seus filhos a Sparta, para aprenderem, dizia elle, a melhor de todas as Sciencias, que era a arte de obedecer, e de mandar. Esta a razaõ porque o Historiador parece muito prevenido em seu favor. Os elogios excessivos, que Xenofonte lhe dá, naõ encobrem os defeitos daquelle illustre Spartano, algumas vezes injusto, colerico, e altivo, sempre apaixonado pela guerra. Plutarco refere, que Agesiláo na Africa mandou formar a sua barraca de campanha em os bosques sagrados, a fim de ter os Deoses por testemunhas das suas acções as mais occultas. O motivo he admiravel; mas que necessidade tinha Agesiláo para isto dos bosques sagrados? Aquelle Heroe taõ altivo era menino com os seus meninos; pois brincava com elles. Tendo alguem apanhado Agesiláo no facto, elle lhe pedio de nada dizer, até que elle mesmo fosse pai.

Excessivo elogio de Agesiláo.

Particularidade a respeito deste Heroe.

Até as ambiciosas empresas de Filippe, os negocios da Grecia merecem pouca attençaõ: a qual he, para assim dizer, huma maquina, cujos eixos gastos, e mal unidos, se devem quebrar ao primeiro toque. Por toda a parte, o espirito da parcialidade, e o interesse particular formaõ intrigas, e anniquilaõ as gran-

Estado da Grecia até ao Reinado de Filippe.

grandes idéas. Cada Cidade quereria dominar sobre as outras, sem poder manter a boa ordem entre os seus Cidadãos. Sparta afrouxa; Thebas nada representa; Athenas se enfraquece cada vez mais. Chio, Cos, Rhodes, e Bysancio, rebellaõ-se contra Athenas. Chabrias, Ificrates, Timotheo, tres Capitães capazes, que lhe ficaõ, desapparecem em pouco tempo. O primeiro foi morto defronte da Ilha de Chio; os outros dous saõ accusados pela parcialidade de Chares, seu Collega, Homem vaõ, e indifferente para o bem publico. Timotheo desampara a sua Patria, naõ podendo pagar a condemnaçaõ, que elle naõ merecia. Ificrates faz-se absolver, armando huma tropa de mancebos, cujos punhaes intimidaõ os seus Juizes. *Eu seria bem louco*, dizia Ificrates, *depois de fazer a guerra pelos Athenienses, de a naõ fazer por mim mesmo.* Aquelle modo de fallar he proprio de hum rebelde, que insulta as Leis. Athenas dá fim ás suas emprezas, por naõ ter outros Guias, senaõ Oradores; e os Póvos, que se haviaõ levantado contra o seu Imperio, conservaõ-se pela paz, na posse da sua liberdade.

Chabrias, Ificrates, e Timotheo Generaes de Athenas.

Rhodes, e Cos naõ gozáraõ muito tempo da sua liberdade. Mausolo, Rei de Caria, as sujeitou ao seu dominio.

Mausolo, e Artemisa.

nio. Artemisa, sua Mulher, he célebre por causa das honras, que fez ás cinzas daquelle Principe. A Critica poderia exercitar-se a respeito da relaçaõ, que della fazem alguns Escritores; porque ao mesmo tempo, que huns a pintaõ em hum leito horroroso, os outros a representaõ na frente de hum exercito, e alcançando victorias. Perder-se-hia hum tempo infinito em insistir sobre aquellas individuações, e circunstancias, em que ha talvez tanto fingimento, como verdade.

Objectos pouco dignos de nos demorar.

Para naõ perder de vista os negocios geraes, aos quaes principalmente se refere o nosso estudo, supprimo outras muitas particularidades inuteis. Evagoras, e Nicocles, Reis de Salamina em Chypre, celebrados por Isocrates, a quem Nicocles encheo de beneficios, foraõ sem duvida Principes estimaveis; os quaes seriaõ quasi desconhecidos sem a Rhetorica de Isocrates. A Corte da Persia foi por muito tempo o Theatro de intrigas, de revoluções, e de crimes; porém nós veremos infinitos espectaculos semelhantes em Cortes mais interessantes. Passemos rapidamente pela Antiguidade, quando esta nos demoraria inutilmente em huma carreira taõ dilatada. Os unicos nomes pro-

proprios amontoados em as Historias antigas, escritas pelos Modernos, opprimem com o seu molesto pezo a memoria.

Fim do Tomo Primeiro.



SUM-

SUMMARIO
DAS MATERIAS
Incluidas em o Primeiro Volume.

HIS-

HISTORIA ANTIGA.

PARTE PRIMEIRA.

EGYPCIOS.

CAP.

fir-

fidonio a respeito da invençaõ do Paõ. O acaso contribuio para os descobrimentos. O uso do fogo se ignorou por muito tempo. As Artes cultivadas no Egypto desde tempo immemorial. As Pyramides. A superstiçaõ, e a Politica contribuiraõ para a construcçaõ das Pyramides. Os Edificadores abominados por causa das suas vexações. Corpos embalsamados dos Egypcios. Preoccupaçaõ a respeito da sepultura. Os Egypcios naõ tinhaõ gosto. Labyrintho. Os Obeliscos. Thebas. Industria em transportar pedras de enorme grandeza. Sciencias. As Sciencias unidas com as Artes. Necessidade da Astronomia. Anno Lunar, e Anno Solar descobertos pelos Egypcios. Até onde se estendia a sua Astronomia. A superstiçaõ lhes fazia aborrecer o mar. A Geografia cultivada no Egypto. A sua Medicina supersticiosa. Os Egypcios naõ se atreviaõ a anatomizar os cadaveres. Filosofia. Ovo, Symbolo do primeiro Ser. Invençaõ da Escritura. Jeroglyficos. Caracteres Alfabeticos. Conjectura-se, que os Caracteres Alfabeticos nascem todos da mesma origem. Os Egypcios foraõ muito admirados. Hum Moderno abate demasiadamente os Egypcios.

CHINEZES. 90

ANTIGUIDADE prodigiosa, que os Chinezes se attribuem. Quanto he suspeita a sua Historia Antiga. A sua primeira Observaçaõ Astronomica. Systema de M. de Guignes, que faz dos Chinezes huma Colonia Egypciaca. Semelhança dos Chinezes com os Egypcios. Testemunho de Anson a respeito dos Chinezes. Em a China ha bons principios, porém mal observados. Causas da antiga estabilidade do Governo Chinez. O Filosofo Confucio. Maximas de Confucio.

ASSYRIOS, E BABYLONIOS.

FENICIOS. 114

HISTORIA ANTIGA.

PARTE SEGUNDA.

LIVRO PRIMEIRO.

Desde os tempos Fabulosos, até á guerra contra os Persas.

pro-

tes,

LIVRO SEGUNDO.

Desde o Principio da guerra contra os Persas, até ao Governo do Pericles.

LIVRO TERCEIRO.

Desde o Governo de Pericles atè ao Reinado de Filippe de Macedonia.

---

traçóes de Nicias. Antes de J. C. 415. Alcibiades accuſado de impiedade antes da ſua partida. Alcibiades he chamado de Syracuſas para ouvir a ſua ſentença. Alcibiades refugia-ſe para Sparta, e ſe declara inimigo de Athenas. Expreſſaõ admiravel da Sacertotiſa Theano. Nicias comporta-ſe mal no ſitio de Syracuſas. Antes de J. C. 413. Os Spartanos fazem levantar o ſitio. Os Athenienſes ſaõ derrotados defronte de Syracuſas. Idéa geral do Governo da Sicilia. Gelon, Hieron, Thraſybulo, antigos Reis de Sicilia.

CAP. III. *Continuaçaõ da guerra do Peloponneso. ---- Expugnaçaõ de Athenas por Lyſandro.* 314

ANTES de J. C. 412. Conſternaçaõ de Athenas. A moroſidade dos Spartanos dá-lhe tempo para reſpirar. Ingratidaõ de Sparta para com Alcibiades. Revoluçóes na Perſia. Alcibiades vai ter com Thiſſafernes, e o induz para entreter a diviſaõ entre os Gregos. Diſſenſaõ de Athenas. Novo Governo. Alcibiades he chamado, e ſerve a ſua Patria. Mandaõ, que Alcibiades ſeja abſolvido pelos Sacerdotes. Alcibiades chega a ſer o Idolo de Athenas. Os Athenienſes obſtinaõ-ſe na guerra. Lyſandro derrota os Athenienſes; os quaes depóem Alcibiades. Callicratidas, Succeſſor de Lyſandro, vencido por ſua culpa no combate das Arginuſas, Athenas condemna os ſeus Generaes depois da ſua victoria, porque naõ podéraõ dar ſepultura aos mortos. Antes de J. C. 404. Os Athenienſes derrotados por Lyſandro em Egos-Potamos. Crueldade para com os vencidos. Sitio de Athenas. Athenas ſujeita-ſe a humas Condiçóes vergonhoſas.

CAP. IV. *Sparta corrompida por Lyſandro. ----- Thraſybulo liberta Athenas da Tyrannia. ----- Proceſſo de Socrates. ----- Retirada dos dez mil.* 324

AMBIÇAÕ de Lyſandro. Lyſandro introduzio as riquezas em Sparta. Eſte mal tinha chegado a ſer como neceſſario, porque os Spartanos já naõ eraõ os meſmos. Athenas opprimida por trinta Tyrannos. Perfidia dos Spartanos a reſpeito de Al-

ci-

Pe-

LIVROS *impressos por* FRANCISCO ROLLAND, *Impressor-Livreiro em Lisboa, no Largo do Loreto.*

ANNO Christaõ de Croiset, em 4. 2 Vol. 1797.
Atlas Moderno para aprender a Geografia, em 8. com 24 Mappas.
Aventuras de Telemaco, em 8. com notas.
Arte Poetica de Horacio, trad. e illuſtr. por Candido Luſitano, em 8.
Adagios, Proverbios, e Anexins da Lingua Portugueza em 8.
Amigo do Principe, e da Patria, ou o bom Cidadaõ, em 8.
Belizario de Marmontel, em 8.
Boa Lavradora, em 8.
Christaõ do tempo presente confundido pelos primeiros Christaõs, em 8. 1792.
Costumes dos Christaõs, por Fleury, em 8. 2 Vol.
Collecçaõ de Historias, Anecdotas, &c. para instrucçaõ da Mocidade, em 8. 3 Vol. 1799.
Catecismo Romano abreviado, em 8.
Cartas sobre as Modas, em 8.
Desvarios da Razaõ, em 8. 3 Vol.
Diccionario da Biblia, em 8. 1794.
Diario do Christaõ, em 12.
Discurso sobre o modo de fomentar a induſtria do Povo, em 8.
Dialogos dos Mortos, em 8.
Descripçaõ das Enfermidades dos Exercitos, em 8.
Despedidas da Marechal de . . . a ſeus filhos, em 8.
Escolha das melhores Novellas, e Contos moraes, em 8. 7 Vol.
Escola fundamental de lêr, escrever, e contar, com os Elementos da Doutrina Christã, por hum Professor, em 12.
Elogios dos Reis de Portugal, em 8.
Eſpirito do Chriſtianiſmo, em 8.
Elementos da Poetica por Pedro José da Fonſeca, em 8.
Elementos da Civilidade, em 8.

Fabulas de Esopo, com applicações moraes, em 8.
Gozo de Si-mesmo por Caraccioli, em 8. 1792.
Historia Geral de Portugal por La Clede, em 8. 15 Vol.
Historia de Portugal por Damiaõ Antonio, em 8. 17 Vol.
Historia Ecclesiastica de Ducreux, em 8. gr. 9 Vol.
Historia Universal de Millot, em 8. gr. 9 Vol.
Heroismo da Amizade: David, e Jonatas, Poema, em 8.
Homem Escrupuloso, util para as almas escrupulosas, em 8.
Historia de Carlos Magno, em 8. 2 Vol.
Historia de Theodosio o Grande, por Flechier em 8.
Historia da Virtuosa Portugueza, em 8.
Imitaçaõ de Christo por Kempis: Nova Ediçaõ, em 12.
Imitaçaõ da SS. Virgem, em 12.
Laura de Anfriso, em 8.
Livro dos Meninos: Traduzido do Francez, em 8.
Mil e huma Noites, Contos Arabicos, traduzidos em Francez por Mr. Galland, e do Francez em Portuguez pelo Traductor do *Viajante Universal.* em 12. 2 Vol. 1801.
Medicina Domestica de Buchan, em 8. 8 Vol.
Miserere exposto em pensamentos, em 8.
Miscellanea Curiosa, e Proveitosa, em 8. 7 Vol.
Naufragio de Sepulveda, Poema de Jeronymo Corte-Real, em 8.
Noites Clementinas, em 8.
Noites d'Young, em 8. 2 Vol. com estampas.
Noticia da Mythologia, ou Historia do Paganismo, em 8.
Obras escolhidas do Marquez de Caraccioli, em 8. 8 Vol.
Officio da Semana Santa: Nova Ediçaõ augmentada com Meditações, e Oracões para a Confissaõ e Communhaõ, em 12. com estampas.
Origem, e Orthografia da Lingua Portugueza por Duarte Nunes de Lyaõ, em 8.
Obras de Sá de Miranda, com a sua Vida, e Comed. em 8. 2 Vol.

Obras Poeticas de Domingos dos Reis Quita; em 8. 2 Vol.
Obras Poeticas de Valadares Gamboa. em 8.
Panegyricos, e Difcurfos Evangelicos, em 8. 4 Vol.
Paraifo Perdido de Milton, em 8. 2 Vol.
Perfeito Pedagogo na arte de educar a Mocidade; em 12.
Peregrinaçaõ de Christaõ debaixo da allegoria de hum sonho, em 8.
Pratica da Devoçaõ do Coraçaõ de Jesus pelo Padre Croiset, com a Vida da Vener. Marg. A-la-Coque, em 8. 1786.
D. Quixote, traduzido em Portuguez, em 8. 6 Vol. 1794.
Religiaõ do Homem Honrado de Caraccioli. em 8. 1792.
Reflexões fobre a Misericordia de Deos, em 8. 1786.
Reflexões fobre a vaidade dos Homens, em 8.
Regras da Verfificaçaõ Portugueza por hum Anonimo, em 8.
Retrato da morte, com hum Dialogo entre hum Vivo, e hum Morto, em 8.
Syntaxe Latina, explicada segundo o moderno systema filosofico, em 8.
Sciencia dos Coftumes, em 8.
Theatro Estrangeiro, em 8. 6 Num.
Thefouro de Pregadores em. 8. 2 Vol.
Tratado das Obrigações da Vida Christã, em 8. 2 Vol.
Tratado das Aguas das Caldas, em 8.
Viajante Universal, ou noticia do mundo antigo e moderno. Obra recopilada dos melhores Viajantes, em 8. 14 vól. 1801.
Vida de D. Joaõ de Caftro por Jacintho Freire de Andrada, em 8.
Vida de Jefus Chrifto na Euchariftia, 8.

